

elos e

paralelos

Antonia Rosangela

Nasci na Sicília, mais precisamente em novembro de 1918, data em que terminou o reinado de Carlos I, Imperador austríaco, que substitui seu tio o imperador Francisco José, fundando, então, a dinastia húngaro-austríaca. E por esse motivo recebi o nome de Francisco.

Sicília, ilha ensolarada pertencente à Itália onde nasceram grandes poetas, escritores, políticos era dominada pelas várias disputas e passava de mão em mão. O povo vivia oprimido. Os judeus foram todos extraditados como pertencentes a uma raça que só trazia desgostos e mau agouro aos reis que por lá passavam. Fomos invadidos por gregos, fenícios, árabes, normandos e espanhóis. Por vezes, a ilha, foi dividida entre dois povos até que se tornou independente.

Embora ali tenha nascido muito pouco por lá vivi, mas minha vida muito se assemelhou neste infortúnio. Muito novo fui morar em Paris onde tive a oportunidade de escrever muitos poemas e livros os quais nunca publiquei, não por falta de oportunidade, e sim por falta de vontade. Tive uma vida tumultuada e cheia de prazeres de todo o tipo que convinha a um moço rico e de poucos valores morais. Fui boêmio, namorador. Envolvia-me muito facilmente com prostitutas e gente ordinariamente igual a mim.

Madame Françoise cuidou de mim quando tive varicela depois de adulto. Chamava-me de “pintadinho” referindo-se à doença que me acometera. Entretanto, enquanto estava recolhido dediquei-me a escrever poemas que não publiquei por achá-los um tanto quanto banais. Dentre estes estava:

Entre os mais bravos, /Estou eu a cantar, /Oh! Imensidão do mar /Canta o vento
/a baixar /flores e vendas. /Vais, porque preciso viver /e assim deve ser, / porque não
mais quero sofrer. /Não, não sou eu /esse que por muito pouco /se desvenda/ a esvoaçar

caprichos /e a inocular venenos/ nas próprias veias. /para transformar /vida suprema em morte maldita /ensaio perene /de amores e solidão /que vão e vem em cadeias /que se entrelaçam /e em sonhos e devaneios /que ora se assenhora /do meio e do final /sem ter um começo /para atrair a memória e / a virtude do que partiu / Não me deixe virar pó /só e infeliz.

Precisava fazer quarentena e por isso, sentia-me oprimido. Tinha sofrido de uma doença altamente contagiosa. Aquele sofrimento abalara-me até os ossos.

Só de pensar em meus queridos amigos de noitadas, todos a cantar, beber e galhofar, era como se me roubassem a vida. Sentia falta das mulheres (elas me adoravam, perseguiam-me) e eu era orgulhoso disto.

Fui surpreendido pela vida. Apaixonei-me aos dezenove anos por uma moça, cujas prendas não deixavam a desejar. Rica, de família distinta e muito bela. Quando a vi, não dei por mim, ajoelhei-me a seus pés.

Filha de nobres senhores, educada finamente, foi me entregue em casamento badalado pelo refinamento e pompa.

Meus pais que também faziam parte de toda a nobreza, (cujo luxo e refinamento nunca me foi negado, porém muito mal conduzido), estavam presentes. A festa realizada em um dos casarões da família da noiva era de uma grandiosidade de fazer inveja a qualquer princesa. Os convidados finamente trajados passeavam pelos jardins como que embalados por sons divinos que desciam do céu para a terra como um hino de amor.

A toda hora ouvíamos homenagens de parabéns sendo que alguns vindos de pessoas que sabidamente eram amigos e de outros tantos que nem tanto assim o eram; alguns outros nem conhecíamos.

Com certeza um espetáculo. O baile em grande estilo onde homens e mulheres dançavam músicas típicas. Todos metidos em roupas um tanto quanto volumosas e cada um querendo mostrar mais do que realmente sabia. Os pares dançavam trocando olhares em “devoleios” fascinantes.

No dia seguinte seguimos para uma viagem onde visitamos a Itália e Portugal, nossos berços. Brindávamos cada momento vivido. Sorriamos e dançávamos. Não havia necessidade de música a tocar: ela reinava em nossos corações. Muitas juras de amor fiz a ela. Quanto fomos felizes! Não havia barreiras para o nosso amor...

Chovesse ou fizesse sol era tudo maravilhoso. Na Itália fizemos questão de ir até Sicília onde eu tinha nascido.

Após seis meses de grande euforia, voltamos. Todos muito animados foram ao porto para nos encontrar. Logo após descer do navio Amália caiu desmaiada. Achamos que era cansaço da viagem. Todos palpitavam até que vieram aos poucos os outros sintomas e ela foi encaminhada ao médico que diagnosticou que Amália estava grávida. Foi uma grande descoberta. Apesar dos enjôos a gravidez ocorreu normalmente.

Aproximando-se o mês em que nasceria nosso filho começaram os preparativos. Recebíamos caixas com roupas e enfeites para o bebê.

Na época era muito comum que todos torcessem para que o recém-chegado fosse um menino, porém, nós, esperávamos com ansiedade sem interferência de sexo. Desde que viesse saudável seria ótimo.

Amália teve as primeiras dores, ainda era madrugada. Ficamos em estado de alerta. Os empregados da casa andavam pra lá e pra cá, trazendo ou levando coisas.

Como Amália queria ter nosso filho em casa, providências foram tomadas para que se alguma coisa saísse errada teríamos como conduzi-la ao hospital mais próximo. A parteira era a mesma que fizera o parto da mãe de Amália quando a mesma teve seus

filhos. Uma senhora idosa que rezava muito e conversava pouco. Diziam ser abençoada, pois já colocara muitos anjinhos na terra.

As horas pareciam cochilar no relógio. A apreensão era tanta que resolvi sair para espalhar um pouco. Meu coração parecia explodir. Eu parecia um menino prestes a ganhar um novo brinquedo.

Meu sogro veio chamar-me. Estava na hora. Dali a poucos minutos nasceria meu filho ou minha filha.

Ouviu-se um choro de bebê e o silêncio se fez. Desceu as escadas a minha sogra e anunciou: nasceu... Nasceu... É uma menina.

Todos comemoraram. Pedi que me chamassem quando pudesse ver minha mulher e filha.

Todos me parabenizavam. Os empregados sorriam. A alegria tomou conta da casa.

Quando me avisaram de que podia vê-las subi as escadas correndo feito um menino. Adentrei o quarto onde as duas repousavam e vi mãe e filha juntas e não contive as lágrimas. Depois de acariciá-las, deixei-as e escrevi um poema para elas:

São dois anjos / anjos celestiais/que pousam /e repousam/ em minha vida / e eu não quero / deixá-las jamais. /Mesmo que o canto da sereia/premie o meu ser /de puro hino deslumbrante/ celeste, ordinário/não deixe eu de ser/ esse homem gentil/ sem limites / arguto e imbecil/ que ama a vida e a liberdade / acima de qualquer suspeita. Oh! Doce anjo infantil/ que mora dentro de mim /que chora a ausência de um senhorio/ a quem deva ser devotado e servil.

Minha filha recebeu o nome Josefina que foi escolhido por sua mãe. Era uma menina linda de olhos pretos graúdos. Um primor.

A menina crescia. As festas de aniversário eram lindas. Eu estava me controlando para ser um bom pai, embora o meu espírito aventureiro não me desse tréguas. Às vezes me sentia irritado.

Comecei fortuitamente, de vez em quando, buscar os lugares que costumava freqüentar quando solteiro. Amália parecia não se importar que vez ou outra eu chegasse um pouco mais tarde.

Nos finais de semana aproveitávamos para passear nos parques da cidade. Levávamos nossa pequena para uma de nossas fazendas para passear e andar a cavalo, esporte preferido por ela.

Durante algum tempo me mantive como um bom marido, e pai de família, mas aos poucos, fui voltando à libertinagem, meu ponto fraco.

Comecei aos poucos até que já nem me dava conta das vezes que chegava a nossa casa com o sol no meio do céu.

Ela sabia de meus folguedos e minha vida mundana, porém não me dava conta de que não concordasse com tal fato. Pobrezinha, sofria só e desamparada, já que sua família morava em Portugal. Traída, enganada e abandonada por mim, passava as noites sozinha enquanto eu me divertia.

O certo era que os homens eram gajos o bastante para realizarem sua galhofices, porém covardes, também o bastante, para não abandonarem seus lares. Era lá, em suas casas que eles encontravam uma cama, uma mesa farta e isso era o que lhes importava.

Mulheres, ora essas, encontravam-se às dúzias. Nossas mulheres, essas santas mulheres, nos esperavam brandamente, porém, dolorosamente abatidas pelo abandono e desprezo de seus maridos que se metiam em noitadas que só acabavam ao raiar do dia ou então se alongavam por dois ou três dias consecutivos.

As noitadas, as jogatinas, os bares e os cafés e as vagabundas eram bem mais atraentes do que nossas esposas com trejeitos de fineza e elegância em roupas convencionais elegantemente e severamente bem vestidas, com seus conceitos matrimoniais, não arredando pé do que julgavam moral e ético.

Gostávamos mesmo era das outras, daquelas que nos palpitavam o coração, deixando tudo à mostra, mesmo que não a tocássemos com um só dedo, mas eram elas a quem nossos olhos recorriam todas as vezes que passavam ou se aproximavam. Mesmo sabendo que levavam a cobiça em seus corações. Elas excitavam-nos, fazendo com que a nossa plenitude de homem se afluísse a tal ponto que havia alguns que seriam capazes de morrer por elas. E alguns morreram. Ah! Um olhar, apenas um olhar era o bastante.

Nossos lares eram santos e sagrados, apesar de todo esse excesso, nossa família existia em nossos corações. Amávamos a liberdade, mas amávamos os que formavam juntamente conosco toda a estrutura familiar, porém éramos eternos desapegados e solitários. Amargávamos um tamanho embate contra a promiscuidade, propondo a nós mesmos a fidelidade, companheirismo em detrimento dos prazeres mundanos, mas o furor do mundo era mais forte. Não conseguíamos nos apartar das rodas de amigos, companheiros e deixávamos uma lacuna, uma ferida em nossos lares. O pior é que não nos dávamos conta do quanto de mal fazíamos a nossos entes queridos.

Claro que não vivíamos somente de noitadas e cabarés, porém algo inusitado nos levava a ruína. Lembro-me, certa vez, quando estava com a pequena Josefina que me segredou que ela e sua mãe choravam juntas as minhas ausências. Aquilo foi como uma facada em meu coração. Jurei a mim mesmo que não sairia mais de casa por alguns dias, mas consegui apenas o primeiro. No outro já estava na rua sem nenhuma perturbação sentimental.

Tínhamos uma casa bonita e confortável, que fora presente de meus sogros que viviam em Portugal. Mesmo sabendo de minhas faltas para com o compromisso assumido, nada me segurava em casa e, não é que não me esforçasse, eu fazia força. Mas a rua me chamava. As luzes alteravam a minha consciência, aliás, nem sei se tinha consciência. O fato é que por mais que eu fizesse esforço, eu não conseguia ficar longe daquilo. Faltava-me algo. Reuníamos-nos: os poetas, os boêmios, e os malditos, em rondas noturnas sem hora e local para terminar. Éramos fantasmas noturnos, nas madrugadas, a assombrar nossos lares, parecendo que não tínhamos noção do estrago que fazíamos a nós mesmos e aos familiares. Era uma droga maldita, que nos viciara a tal ponto que quando o pôr- de- sol se aproximava , ficávamos ensandecidos pelas vielas.

Nada nos importava a não ser o prazer. Quantas noites sem dormir, quantos dias sem progresso. Às vezes, repentinamente, nos lembrávamos dos compromissos assumidos aqui e acolá, mas mesmo assim deixávamos relaxados e obviamente nos exilávamos de tais compromissos, deixando tudo e todos à espera.

A preocupação era o que nem sequer passava pelas nossas cabeças desavisadas de que fazíamos parte de um mundo em que ter compromisso era preciso. Nossas mulheres e filhos eram simples coadjuvantes de um episódio natural e indescritível que nós traçávamos e conduzíamos a nosso bel prazer.

Nas breves discussões conjugais, digo breve, pois quando surgia o assunto, eu fugia para não ouvir o que de fato eu já sabia. Sabia que era irreverente e irresponsável. Não tinha compromisso, pois para mim a felicidade consistia em ser liberto. Liberto de tudo: da vida, do cotidiano, dos compromissos, de tudo que era relacionado ao convencional.

Uma vez que Amália quis reclamar de minhas atitudes saí batendo a porta e dormi na rua.

No dia seguinte ao entrar em casa não encontrei Josefine dormindo em seu quarto. A cama estava arrumada. Fui até o quarto de casal e lá também a cama continuava arrumada. Corri até a cozinha e perguntei à empregada o que acontecera. Ela informou-me com os olhos rasos d'água: _ a senhora e a menina foram embora. Perguntei a ela segurando-a pelos braços quase num desespero: _ Para onde? Quando? Como? Por quê? Eram tantas as perguntas que não esperei a resposta. Fiquei como louco, alucinado. O que faria eu sem minha mulher e minha filha.

Corri para a estação de trem, podiam ainda estar por lá. Não as encontrei. Perguntei a cada chofer de carro de praça que encontrei se as tinham visto, nenhum pode ou não quis responder-me. Chorei muito. Amargurei-me. Não saberia viver sem elas. Minha liberdade tão almejada estava ali, mas o preço a pagar era muito alto. Agora compreendia que meus versos, minhas noitadas, minhas futilidades tinham sido maiores e mais importantes que elas. Sem elas me sentia pequeno, ínfimo, sem graça e quase morto. Não haveria naquele momento ser mais ignóbil e nojento do que eu.

Dediquei um poema a elas:

Estou em desalento /atento ao teu desamparo /Fujo, minha alma te espera /como espero o meu algoz /Sofro tua ausência /e desejo a minha paz.

E cheguei à triste conclusão que até no poema que fiz a elas eu pensava só em mim. Cada vez que retornava ao nosso lar era um tormento, uma dor invadia minha alma. Fiquei doente desapareci das rodas de amigos. Estranhando minha ausência das rodas noturnas Madame Sophie, conhecida dona de um bordel, veio conversar comigo. Não me reconhecia eu estava magro, fraco e infeliz, mal tinha forças para expelir uma palavra. A saudade me terminava os dias e corrompia minha alma. Tentou me

convencer de ser hospitalizado, mas eu me negara a fazê-lo. Não! Eu só queria a minha Josefina e minha Amália de volta. Elas haviam me deixado sem um bilhete, um recado sequer. Eu era um desatinado.

Madame Sophie encarregou-se de fazer a propaganda do meu estado físico e espiritual. No outro dia, eis que apareceu Eduardo, um teatrólogo que havíamos apelidado em certa ocasião de “Vodgole”, por tomar vodca sua bebida predileta de gole em gole no gargalo da garrafa e não iniciava nenhum trabalho enquanto não ingeria pelo menos uma garrafa e meia, pois ele acreditava que, não sendo assim, não teria êxito em seus compromissos de apresentações. Era ele um “bon vivant” como eu, mas de certo modo trabalhava. Ficou um pouco assustado com meu aspecto e comparou-me a um vampiro. Tentei rir, mas era dolorido, sentia muito remorso e nem tinha ânimo para nada. Tentou animar-me, mas nada me fazia querer sobreviver àquele luto. Madame Sophie estava deveras preocupada comigo e quando me visitou pela segunda vez já veio com uma solução. Eu iria morar nos fundos do bordel onde ela administrava e assim eu ficaria mais perto dela. Suas meninas cuidariam de mim. Se fosse a tempos áureos eu acharia aquela oferta uma graça divina, mas agora no estado em que me encontrava parecia sem sentido. Imaginar aquelas beldades cuidando de mim não tinha a menor graça. Será que meu destino era ser cuidado pelas madames uma vez que fora madame Françoise que me cuidara quando, ainda solteiro, e agora Sophie. Que fosse assim.

Transferiram-me para o conjugado que tinha três cômodos: uma sala, um banheiro e um quarto. Todos de bom tamanho de modo que estava apropriado para minhas necessidades. Concluí que estava muito bom pelo módico aluguel que iria pagar. Por enquanto serviria a meus propósitos. Dinheiro não me faltava, recebia todo o mês uma gorda pensão, bastante suficiente as minhas despesas, enviadas pelo meu pai. Meu pai foi um grande comerciante que agora colhia o fruto de suas negociações.

Esteve envolvido com mafiosos, que faziam da Sicília o seu ponto nevrálgico. Porém como tinham sido fiéis às leis dos grandes Papas, hoje ocupava um lugar de respeito entre eles, inclusive podendo estar livre de qualquer artimanha ou desoneração de seus desafetos. Isso não me preocupava, eu nada sabia sobre essas coisas, saíra muito novo desse ambiente até mesmo para me resguardar das influências malévolas. Minha mãe muito sabiamente me afastou do país.

Madame Sophie consultou-me para saber se podia comunicar a meus pais a situação em que me encontrava e eu fui taxativo alegando de que ninguém deveria falar nada a meu respeito a quem quer que fosse. Se perguntassem por mim deveriam dizer que viajara com a família ou coisa parecida. Eduardo vinha todo o dia, visitar-me. Contava-me algumas de suas loucuras e até me fazia rir de vez em quando. Eduardo era um teatrólogo como já falei, mas um detalhe curioso era que ele, um homem alto, másculo, bonito, jovial com uma tez rósea de fazer inveja às moças não era chegado a mulheres. Ele apreciava a companhia de rapazes para os quais, além de algumas vantagens financeiras, oferecia também por vezes papéis até ridículos, em suas incursões no teatro.

Virgílio, outro dos amigos que me acompanhavam nas jornadas noturnas era solteiro e já beirava os quarenta anos e não tinha a intenção de casar-se. Trabalhava em um jornal como crítico literário. Visitou-me quando eu já me encontrava um pouco melhor.

As meninas arrumavam tudo, traziam-me comida, roupa lavada e passada. Ajudavam-me a tomar meu banho. Colocavam-me para descansar na cadeira de balanço, e, depois eu mesmo me esforçava para deitar-me. A apatia foi passando e com a medicação à base de ervas foram me voltando as forças e o apetite. Madame Sophie, de vez em quando, vinha ter uma palavra de conforto para comigo. Dizia ela: _

conforme - se, a esperança é a última que morre. Fique curado e a procure, ela retornará para você. E eu acreditava.

Depois de dois meses de profundo desespero, melhorando dia a dia, recuperei-me da saúde física, mas não da alma.

Na primeira oportunidade que tive viajei para Portugal em busca de minha mulher e minha filha. Durante a viagem fui reinventando minha vida. Reconhecendo minhas fraquezas e procurando reequilibrar-me emocionalmente.

Chorei muito em minha viagem; o remorso me sufocava e quanto mais eu pensava em tudo que fizera e nos momentos em que Amália quis conversar e eu não a ouvia. Tudo isso parecia enlouquecer-me.

Durante a viagem conheci várias pessoas e todas elas querendo me ajudar contavam - me várias histórias como que querendo dizer-me:- olha não é só você quem sofre, cada um tem seu sofrer. Mas a história que mais me comoveu foi a contada por um rapaz que iria casar-se, pois sua amiga estava grávida. O filho não era seu. Ele nunca havia tocado a moça, mas sabendo que o pai dela a jurara de morte caso ela não tivesse quem assumisse o filho e sabendo que o pai do rebento era um homem casado e que não assumiria o caso, ele, para auxiliá-la, assumiria o feito. E quando lhe perguntei por que assumiria algo que sabidamente não tinha colaboração alguma, ele respondeu-me que amava a moça como a uma irmã e se odiaria pelo resto de sua vida se não a auxiliasse num momento tão dramático. Que não queria vê-la sofrer.

Coloquei a ele que o que faria o deixaria impedido de casarem-se quando encontrasse a sua amada. Ao que ele respondeu: de agora em diante não mais procurarei minha amada. Vou transformar aquela, que hoje assumo como um presente, como a minha amada e vou desejar sempre estar ao seu lado. Mais tarde confessou-me que despertara nele um amor repentino e delicado pela moça. Creio que já a amava e não

tinha percebido - disse-me ele. Fiquei comovido. Ele sacrificaria sua vida para salvá-la da desgraça. Creio que às vezes o destino nos dá uma mãozinha para que pensemos um pouco mais sobre a generosidade. O que não deveria ter sido o meu caso, eu amava Amália, mas não era apegado a ela, era muito estranho. Será que não havia em mim o sentimento de generosidade? De abrir mão de algumas coisas em prol de algo que eu julgasse nobre a respeito de Amália, Josefina ou outra pessoa a quem eu tivesse alguma afinidade?

Nos dias que se seguiram ouvi outras tantas histórias. A história de uma senhora viúva que seu marido morrera e que nunca chegaram a ter um relacionamento verdadeiro, pois ele era um general que vivera envolvido em grandes batalhas. E nunca podia ou tinha tempo de dedicar-se a família. Ficando ela viúva e sem filhos, portanto sem ramificações. Uma família cuja finalidade foi nenhuma.

Chegamos a Portugal, o porto estava repleto de pessoas que esperavam seus parentes amigos, filhos e outros... Esperei a população se dissipar. Peguei um carro de aluguel e fui até o hotel mais próximo. Após todo o processo de hospedagem, tomei um banho e decidi deitar-me um pouco para descansar e traçar um plano para dois propósitos: o primeiro seria encontrando Amália o que faria e o segundo se não a encontrasse. Tinha ainda o problema de encontrá-la e ela querer ou não voltar comigo. O que faria no caso de não querer? Algo me assombrou: e se ela tivesse outro? Eu seria capaz de perdôá-la?

Minha cabeça era um redemoinho. Por fim dormi. Acordei-me no outro dia por volta das quatro horas da tarde. Com a cabeça um pouco mais leve e o estômago reclamando. Resolvi tomar algo.

Sentei-me numa espécie de padaria onde serviam café com bolos e mesmo não tendo comido nada salgado o dia inteiro e também na noite anterior, comi uma bela fatia

de torta com café ao leite. Passeei pela orla e resolvi visitar um amigo em comum que poderia informar-me se Amália havia voltado para a casa dos pais. O que me incomodava era a falta de notícias. Ninguém tivera contato para dizer-me algo a respeito. Tanto minha família como os familiares dela permaneceram o tempo todo silenciosos. Abelardo não se encontrava estava de férias e não tinha informado a data de sua volta. Como ele era o dono de sua própria empresa, nunca se sabia de quanto tempo seriam essas férias.

Eu não queria chegar à casa dos pais de Amália assim sem aviso para evitar que ela não estando lá, podia acontecer deles nem sequer saberem da nossa separação. Adieei por mais um dia a visita.

À noite depois do jantar resolvi escrever para Madame Sophie a fim de dar instruções e pedir o favor de efetuar o pagamento dos empregados que estavam em minha residência já que o mês se vencia e desde que ficara doente não tinha feito os acertos deixando-os para depois de minha recuperação. Comuniquei que havia deixado com meu amigo Eduardo um montante que julgava o suficiente para tais ajustes.

No dia seguinte após colocar a carta no correio fui ter com Berla uma moça que fora empregada da família de minha esposa e que poderia ter alguma notícia a respeito.

Berla sabia notícias da família de Amália. Por um momento fiquei feliz, porém as notícias que sabia não eram nada boas. A família tinha se mudado de Portugal havia dois meses e não deixaram nenhum endereço. O pai de Amália teria sido indicado pelo governo de Portugal para assumir um cargo de extrema importância em outro país que ela não soube indicar qual seria. Perguntei a ela se saberia informar-me de alguém que pudesse saber qualquer coisa a respeito e a mesma não soube indicar. Fiquei mais alguns dias a vasculhar informações. Nada encontrei. Os parentes poderiam informar, mas não os procurei com certeza que pelo tanto que eram reservados também não

informariam nada. O fato era que eu tinha medo. Medo por mim e por Amália, eu não conhecia minha mulher, mesmo casado há seis anos. Não sabia como reagiria no tocante a comunicar seus pais a respeito de nossa vida. Na verdade eu não sabia se seus pais sabiam do que se passava em nossa casa.

Senti-me arrasado. Comecei a abater-me, mas desta vez não iria ficar doente, precisava de ânimo para encontrar Amália e minha pequena Josefina.

Dias depois resolvi voltar à França. Quem sabe teriam enviado notícias.

Ao desembarcar senti uma enorme solidão. Só em pensar de chegar a minha casa e não encontrar aqueles entes queridos era como se me arrancassem o coração.

Cheguei a casa e tudo continuava como antes: nenhuma notícia.

Fui até a casa de Madame Sophie e lá sim tinham novidades e que novidades! Eduardo, meu amigo, estava preso acusado de matar um de seus hábeis rapazinhos. Fiquei absurdamente abalado.

Madame Sophie sabia que depois de um de seus achaques por ciúmes Eduardo havia discutido com Alceu, um rapaz de dezessete anos que trabalhava em uma de suas peças e que por vez ou outra freqüentava o seu apartamento nos Champs- Elysées. Alceu conhecera uma atriz chamada Marie e por ela se apaixonou. Tal fato desgostou Eduardo que o despediu e o sentenciou na frente de todos que preferia vê-lo morto a ver com Marie.

Dias depois, o rapaz foi encontrado morto em uma viela. A única testemunha do caso era o irmão de Marie. Ele dizia ter presenciado o fato.

Contou, ele, a polícia que ao passar pela viela viu Eduardo que se esgueirava por entre os arbustos. Achando muito suspeita aquela atitude resolveu verificar o que poderia Eduardo estar vigiando ou escondendo. Com o intuito de segui-lo, porém contrariando seus sentidos foi em sentido contrário ao de Eduardo quando se deparou

com Alceu deitado ao chão pronunciando o nome de Eduardo. O irmão de Marie chamou a polícia e Eduardo foi preso no mesmo dia em seu apartamento jurando inocência.

Fui até a cadeia para visitar meu amigo. O único que me visitara constantemente quando me recuperava da perda de meus dois anjos. Era difícil para eu acreditar que Eduardo pudesse matar alguém, mas diante de tantas evidências quem não suspeitaria de que ele fosse mesmo o assassino?

O delegado, um sujeito arrogante, não me deixou conversar com ele.

No outro dia fomos, eu e Madame Sophie, e graças a ela conseguimos entrar e conversar com Eduardo que solicitou-nos que o ajudássemos a encontrar o verdadeiro culpado, pois com certeza ele não tinha matado ninguém.

O caso teve uma grande repercussão na imprensa falada e escrita. Eu fiquei tão aflito diante deste episódio que quase esqueci o meu dilema.

As noites, em casa, sempre uma grande aliada nas manifestações de desejos, promessas e dissipação de problemas. Passei várias noites ora tentando encontrar um jeito de resolver meu problema e ao mesmo tempo ajudar meu amigo. Diante da preocupação que corroía meu peito, fiquei pensando o que estava fazendo no local do crime o irmão de Marie?

Passei a observar Marie ela não me parecia abalada com o que acontecera ao namorado. O irmão dela me parecia muito bem disposto e muito bem acomodado para uma pessoa que não trabalhava. Conversei com Madame Sophie se ela tinha alguma idéia do que fazia o irmão de Marie e ela achava que ele vivia de posses. E quanto a ele estar perto do local do crime era porque ele morava naquela rua e por certo estaria vigiando a irmã.

Comecei a observá-lo com maior frequência. Como o delegado não tinha provas suficientes para que Eduardo continuasse preso foi obrigado a soltá-lo. Depois de alguns dias de descanso parti para a Itália, considerei que Amália pudesse ter ido para a casa de meus pais tentando despistar-me, pois enquanto eu pensasse que ela estivesse com os pais dela não me atreveria a enfrentá-los e ela teria mais tempo para pensar. Fui até a Sicília e não a encontrei. Meus pais ficaram surpresos com minha chegada. Quiseram saber por que não as levara comigo. Falei que estava com muitas saudades e como Josefine ainda era muito pequena não queríamos cansá-la em uma longa viagem, etc...

Mais tarde chamei minha mãe de lado e contei a ela tudo o que acontecera, inclusive que procurara por elas em Portugal. Minha mãe apenas disse: - muito estranho... Muito estranho.

Pedi a ela que nada comentasse ao meu pai. Eu sabia que se meu pai soubesse do desaparecimento de Amália ele colocaria seus homens de confiança atrás dela e isso era o que eu menos queria. Sempre fui avesso à imposição pela força. Também me sentia envergonhado de não ter mantido meu casamento e não queria ser julgado por isto. Meu pai com certeza meteria o dedo em minha cara e me insultaria por isto.

Fiquei alguns dias recolhido na casa de meus pais. Aproveitei para rever as belas paisagens de minha terra natal. Já fazia seis anos que eu e Amália estivéramos ali, parecia tão pouco tempo. Era tudo muito lindo. Senti revigorar meu coração.

Quando resolvi retornar minha mãe acompanhou-me, ela queria ver como estavam todas as coisas que eu havia deixado para trás: a casa, a fazenda...

Ela sempre foi uma mulher muito comedida e não menos esperta, mas o que ela queria mesmo era observar de perto o que acontecera e como acontecera.

A viagem foi tranquila. Chegamos à tardinha quando o sol já se punha sonolento e as luzes da cidade já começavam a brilhar. Essas mesmas luzes que me fascinavam anteriormente, hoje me deixavam entre o atônito e o fugaz.

Chegamos à casa. Tudo estava tranquilo. A casa sempre bem arrumada nos moldes em que sua dona sempre desejou. Amália era muito prendada e tinha a confiança dos empregados. Tratava-os com respeito e consideração, por isso contava com o apoio dos mesmos. Vez ou outra, quando fazíamos encontros de amigos, recebíamos muitos elogios.

Amália tinha três ou quatro amigas, dentre as quais se destacavam Alice e Beatriz.

As duas haviam sido colegas de internato e mantinham uma relação mais ou menos estreita entre elas. Beatriz era a que mais frequentava nossa casa e acompanhava sempre que podia nossos passeios pelo parque ou mesmo às saídas de Amália para as compras.

Minha mãe chegou e foi logo se inteirando dos assuntos de toda a ordem. Chamou os empregados, reuniu-os numa saleta e indagou-lhes se sabiam de sua senhora. Logicamente que alguém sabia mais do que falou. O fato era que ninguém queria falar. A copeira falou o mesmo que havia me falado, só sabia que a senhora havia ido embora. O motorista não a tinha carregado, segundo ele, ela havia contratado um carro de aluguel.

Minha mãe passou algum tempo vasculhando gavetas no intuito de encontrar algo que nos levasse a alguma pista, porém nada foi encontrado: um bilhete, uma carta, um telefone, nada.

Fomos procurar pelas amigas: Alice e Beatriz. Alice nos falou que Amália nunca havia falado nada sobre viajar e que nunca tocara no fato de qualquer descontentamento

com o casamento. Beatriz da mesma forma se dizia surpresa com o desaparecimento da amiga.

Fomos à fazenda que ficava nos arredores de Paris e aonde íamos quase que frequentemente quando Josefine aproveitava para exercitar seus dotes de cavaliariça. Ela ganhara de meu pai um cavalo árabe puro sangue que era o seu brinquedo favorito. Sempre acompanhada por mim, já que Amália detestava cavalos, passeávamos pelos arredores por horas a fio.

Quando chegamos fomos recebidos pelos caseiros que já estavam residindo na fazenda por mais de trinta anos. Eram pessoas cuidadosas e muito responsáveis. No início me pareceram um pouco apreensivos com a nossa chegada, mas aos poucos foram se descontraindo.

À noite, quando estávamos por nos recolher fomos informados pelo caseiro de que ele e sua esposa iriam deixar a fazenda e que nos sentíssemos a vontade para colocar outra família no lugar deles. Mostraram-nos uma carta que já estava escrita, inclusive envelopada comunicando a resolução e pedindo providências. Alegaram que já tinham servido a família por tanto tempo e que já estava na hora deles arranjar um lugar somente deles. O que não era de se estranhar; eles haviam comprado um pedaço de terra e queriam viver nele. O que era perfeitamente aceitável. Minha mãe concordou solicitando um tempo para a transição. Disse-lhes que concordava solicitando inclusive para que eles como conhecedores do local indicassem outra família para confiar o trabalho enquanto ela comunicava meu pai para que ele providenciasse as indenizações que no caso lhes devesse. Meu pai tinha um jeito sério, austero e meticuloso, mas sabia ser muito generoso com aqueles que lhe eram simpáticos e que lhe serviam com dignidade. E este era um caso.

Passamos alguns dias por lá e não encontramos nada que nos levasse a acreditar que soubessem de Amália. Ninguém perguntou ou fez algum comentário sobre qualquer assunto que envolvesse Amália e Josefina.

Retornamos para Paris. Minha mãe se despediu e voltou a Sicília. Solicitei-lhe que nada falasse a meu pai sobre Amália. Eu queria encontrá-la sem interferências dele.

Voltei às ruas. Procurei por Eduardo que a essas alturas nem sabia como se encontrava. Eu ficara tão envolvido procurando por Amália que nem me dera conta do tempo que passara. Encontrei-o em pleno furor com seus atores e atrizes. Iam lançar uma peça. Perguntei-lhe sobre o caso de Alceu, nada havia sido resolvido ainda. O delegado não tinha conseguido desvendar o crime e Eduardo continuava sendo considerado o criminoso.

Contei-lhe que não conseguira encontrar Amália e que já estava por desistir. A única coisa que me restava era esperar que alguém trouxesse alguma notícia. Perguntou-me porque não procurara a polícia. Justifiquei o não envolvimento da polícia no caso devido à importância do pai de Amália. Eu não queria a família envolvida em escândalos. Não era bom.

Comecei a ter pesadelos. Sonhava que Josefina estava ao meu lado e de repente se abria um grande buraco no chão e ela caía dentro. Acordava-me aos prantos. Comecei a beber mais do que o habitual. Queria espantar aquele vazio deixado por elas. Como estariam? O que teria acontecido? Essas perguntas sem resposta iam minando cada vez mais a minha triste vida. Triste e infeliz. Acorrentado a uma culpa que era minha, somente minha, pois não dera valor à família que eu tinha. Tanto quis liberdade que acabei por não tê-la.

Uma noite bebi muito além da conta, Virgílio levou-me até a porta de casa, mas eu não entrei. Quando ele se afastou eu voltei para o bar. Já era muito tarde, vi quando

Marie se aproximou de uma das mesas e conversou com um homem que estava muito bem trajado. Depois saiu e encontrou seu irmão e ambos foram em direção ao que seria da casa deles.

Mesmo estando muito bêbado não me esqueci do episódio. Na noite seguinte encontrei os amigos Virgílio, Eduardo e Zacarias. Zacarias era pra mim muito mais que um amigo. Ele me transmitia uma confiança que eu não encontrava em outros amigos. Pena que andava um pouco desaparecido. Que bom que voltara a conviver conosco. Contei-lhes que Marie estava de namorado novo. Ficamos combinados de vigiá-la, pois estávamos desconfiados de algo que não se encaixava na história anterior. Nas noites que se seguiram Marie e o sujeito (que descobrimos ser um agente administrativo de um órgão do governo) continuaram se encontrando. Zacarias era para nós uma espécie de detetive, ele tinha uma intuição que dava até medo. Contei a ele o meu caso e tudo que já tinha feito para encontrá-la e ele me assegurou que iria ajudar-me.

Continuamos no encalço de Marie e o irmão. Zacarias chegou atrasado ao nosso encontro de todas as noites, porém tinha uma convicção era hoje que Marie ia dar o golpe se é que ela era a pessoa que pensávamos que era. Disse-nos, ele, hoje saiu o pagamento do salário do sujeito e pelo que andei sabendo é quando ela arrasta a vítima para dar o golpe em seu apartamento. Os pobres infelizes assaltados não prestam queixa por vergonha de terem sido enganados por uma mulher. Ficamos a postos e começamos a pensar: no dia do assassinato de Alceu foi justamente o dia em que ele fora despedido e Eduardo o havia pagado um bom dinheiro. E ninguém falou em dinheiro quando houve os depoimentos na delegacia.

Zacarias deixou-nos à espreita e procurou o delegado de polícia. (aquele que não me deixou falar com Eduardo quando o mesmo estava preso). Contou-lhe de nossas suspeitas e combinaram de fazer uma ronda pelas redondezas do apartamento. Voltou

Zacarias para a mesa. Muito mais tarde eis que se aproxima da mesa do sujeito uma garçonete e entrega-lhe um bilhete. O mesmo o lê. Levanta-se e sai. Nós nos tardamos um tempo para que ele se afaste alguns passos e também saímos. Zacarias faz sinal a um ronda que o aguarda para avisar o delegado de que algo poderia ocorrer. Logo adiante estava Marie que veio ao encontro do namorado. Olhamos para todos os lados e não vimos mais ninguém. Quando dobraram a viela escondemo-nos atrás dos arbustos para nos certificar de que ninguém nos percebia. O delegado chegou com dois homens que ficaram com ele e mais dois que fizeram o contorno da viela pelo outro lado, para não dar chance ao criminoso. Queríamos que não tivesse para onde fugir. Ficamos à espreita.

Quando chegaram à porta do edifício que tinha três andares e não sabíamos em qual dos apartamentos Marie morava, mas isso não importava. Se alguma coisa acontecesse com certeza seria fácil de encontrar, pois era um lugar pequeno.

Quando estavam ainda do lado de fora e Marie tentava abrir a porta ela se abre e surge de dentro do edifício seu irmão que se insurge contra eles. O homem tenta fugir, mas é controlado pelo irmão de Marie que lhe passa uma rasteira. Este cai ao solo sem ter como reagir. O irmão de Marie lhe desfere uma bordoadada e arranca-lhe do bolso a carteira enquanto ela entra apressada com os objetos do roubo. Volta trazendo em seu poder uma colcha grossa que provavelmente usariam para transportar o homem dali para outro local. O delegado entra em ação e prende o irmão de Marie e conduz o homem ferido até o hospital. Marie também é presa.

Eu tremia e chorava ao mesmo tempo, não conseguia me controlar tal era a emoção de ter conseguido, juntamente com meus amigos, desvendar aquele crime. Enfim, provamos que Eduardo era inocente. Ficamos sabendo depois, no decorrer das investigações que o irmão de Marie, nunca fora seu irmão e sim seu amante. Os dois já

havia agido por muito tempo e em muitos lugares, porém nunca haviam sido descobertos.

Zacarias era uma espécie de aparece e se esconde, por vezes, passava meses que não aparecia dizia ele que estava trabalhando envolvido em desvendar casos para os quais lhe contratavam. Tinha uma qualidade excepcional: nunca envolvia os amigos em trapalhadas e estava sempre presente quando dele necessitavam. Não falava dos assuntos de trabalho. Gostava de viajar, teatro e noitadas, porém não bebia nada que contivesse álcool. Contou-nos que o pai adotivo fora alcoólatra e que muito novo falecera. Ele dizia que não bebia porque não queria morrer cedo. Mas na verdade ele temia ficar viciado e não queria que sua mãe se preocupasse com ele.

Recebi uma carta de minha mãe. Andava receosa de que meu pai tivesse uma amante. Dizia ela na carta que ele mudara alguns hábitos e que estava muito mais gentil e animado para com ela. Que nunca quisera saber por que eu teria ido até nossa casa e ela por sua vez não falara nada sobre Amália. Mas gostaria de saber as quantas andavam as minhas buscas. Mandou um depósito bancário para os moradores da fazenda e solicitou-me que fosse efetuar o pagamento dos mesmos e dispensá-los.

No mesmo dia respondi sua carta e mandei contar que ainda não tinha nenhuma notícia de Amália e o que mais me doía era a falta de minha filha.

Convidei Zacarias para irmos até a fazenda fazer o que me tinha sido recomendado por mamãe. Eduardo e Virgílio quiseram me acompanhar. Fomos os quatro mais o motorista. Conversamos sobre muitas coisas. Na fazenda depois de acertar tudo fomos andar a cavalo. Andei no cavalo que era de Josefine. Tomamos banho no lago como se fossemos crianças.

Teríamos que esperar até o outro dia para que o novo casal que tomaria conta da fazenda se apresentasse a mim e ao antigo morador a fim de recebermos as instruções necessárias ao bom andamento dos negócios de meu pai.

Acertadas as formalidades que meu pai não dispensava teriam eles de se apresentar ao advogado da família para assinar todos os documentos necessários. Estipulamos a data para cinco dias depois deste encontro e ficou acertado que por enquanto os mesmos providenciariam as mudanças.

Voltamos no dia seguinte e enquanto viajavamos falei da saudade que sentia de minha filha e de minha mulher. Todos ficaram emudecidos somente o motorista deu um suspiro bem longo e disse: - que falta faz a senhora naquela casa! Eu não disse nada.

Por longo tempo o carro andou em silêncio, Só ouvíamos o barulho suave do motor. O carro embalava-nos que até um cochilo foi possível. Acordei assustado novamente havia tido um pesadelo envolvendo Josefina. Sonhei que estávamos no campo brincando entre as árvores e que de repente Josefina desapareceu. Avistei um despenhadeiro e fui verificar ela tinha caído e eu não consegui salvá-la. Josefina estava lá embaixo e eu corria procurando um lugar para descer até ela e não conseguia encontrar um meio de ir até onde minha filha se encontrava. Contei o sonho aos outros que estavam comigo e eles opinaram que como já fazia algum tempo que eu não a via era mesmo como que se achasse entre nós um abismo e cada um deu a sua versão para o sonho.

Quando deixei meus amigos em suas casas e voltei eu e o motorista ele me disse que a copeira sabia mais coisas do que dissera na data em que minha mulher tinha desaparecido. Indaguei como ele sabia. Ele foi comentando que elas conversavam muito e que Beatriz dois dias antes de Amália ir embora tinha saído da casa com duas malas e que sem ele perguntar nada ela foi se justificando que ali continha roupas que a senhora

tinha lhe ofertado por não gostar mais. Fiquei raiva, logo Beatriz, e ela tinha dito que nada sabia.

Deixei passar um pouco da raiva que estava sentindo e fui conversar com a copeira. Ela disse-me que de nada mais sabia do que dissera, mas que recebera uma carta de Amália naqueles dias, porém a carta estava endereçada a ela e não continha no envelope nada que identificasse seu paradeiro. Mostrou-me o envelope e o mesmo não continha nada além do nome. Perguntei quem a teria trazido. Não soube responder. Ninguém viu quem a introduziu por debaixo da porta.

Na carta Amália dizia estar bem e perguntava como ia passando. Já soubera que eu andara a sua procura. Mas dizia ainda não estar preparada para recomeçar sua vida, mas que tinha uma grande novidade que contaria em nova oportunidade.

Conversei com Zacarias que já estava levantando dados a respeito do sumiço de Amália. Ele já sabia que Beatriz era a mentora de toda a fuga. Pouco a pouco vinha carregando para fora da casa as roupas e tudo o mais para que no dia fatídico Amália pudesse sair sem atropelos. Mas, Beatriz, negava ferozmente tal feito. Conversou comigo dando-me ânimo de saber que elas estavam bem e que mais dia menos dia eu já estaria de posse de todos os dados. Solicitou-me que não procurasse por Beatriz. Nos dias que se seguiram afora o meu nervosismo nada mais de novo acontecera.

Chegou o dia do acerto de contas com o pessoal da fazenda e tudo se fez a contento. Eduardo, agora estava travestido de “Vodgole”, pois já se apresentava com a peça “A marquesa e o bobo da corte” e eu ainda não tinha assistido ao espetáculo. A peça contava a história de uma marquesa que se apaixonara pelo bobo da corte. Ela uma das atrizes mais rechonchudas possíveis que Eduardo tinha conseguido, pesava por volta de uns cem quilos e o bobo da corte um rapaz miudinho que não pesava mais que sessenta quilos. Ela se jogava a todo o momento dizendo-lhe galanteios e o mesmo não

entendia achando que a Marquesa teria achaques de loucura. No final a marquesa é mandada para outro reino e o bobo se joga no mar. A peça era um dramalhão. Virgílio achava bom. Para Virgílio as peças de Eduardo eram boas porque ele era um visionário, alguém que saía daquela mesmice da mocinha e do rapazinho que se apaixonam e casam.

Naquela noite reencontrei Maribel uma bailarina do Cabaré de Madame Françoise que me segredou que a mesma andava muito doente, mas que não era para contar a mais ninguém Madame Françoise tinha conhecido um homem que se juntara a ela e os dois andaram fazendo negócios na intenção de progredir. Só que o homem era um mau caráter e tinha roubado tudo e fugido. Fiquei com pena dela e fui visitá-la. Ela tinha sido como uma segunda mãe para mim quando saí do internato em que fui colocado por minha mãe para que eu pudesse me afastar dos maus exemplos de meu pai. Ela considerava que tudo que meu pai adquirira era ilegal e nefasto. Madame Françoise estava envelhecida. Conversamos por longo tempo e quando saí deixei em sua mesinha de cabeceira uma boa quantia.

Quando nos encontramos, eu e Zacarias, ele tinha novidades. Zacarias teria subornado o carteiro para poder vasculhar a correspondência que era entregue na residência de Beatriz e encontrara o que esperava. Sem desviar a correspondência copiara o endereço de quem a enviara, no caso Amália. De posse do endereço marcamos viagem para o outro dia a fim de terminar com aquele aflitivo momento.

Pelo endereço minha mulher e minha filha estavam na Sicília, mais positivamente em Palermo, cidade onde eu nasci, porém em uma comunidade chamada Monreale. O que faria Amália em Monreale? Será que minha família sabia da presença dela lá? Minha mãe com certeza não, pois não teria vindo a Paris me acompanhando se soubesse da novidade.

Fiquei muito aflito. O que teria dado em Amália de ir logo para a Sicília? Será que sua família também tinha se mudado para lá? Bem procurei me acalmar, porque como dizia Zacarias cuidado com a luz do fim do túnel, essa mesma luz que alumia e encandeia e o faz tropeçar nas sombras que tu mesmo constrói. Um aperto em meu coração se fez: ela estava tão próxima de minha família. Eu custava a acreditar que não soubessem da presença dela. Pois bem estávamos, a mais ou menos cinco dias de descobrirmos. O trem balançava e sacudia como que embalasse seus passageiros. Os pensamentos iam e vinham às vezes mais aguçados, outras vezes mais aflitivos e vez por outra, lentos e quase transparentes. Conversávamos de tudo um pouco e quando cansávamos nos distraíamos olhando a paisagem através das janelas.

Dormia e acordava. Seguiam-se os dias e as noites até que por fim chegamos.

No porto onde embarcaríamos para a Sicília um barco esperava e a travessia não era longa.

Ficamos hospedados em um hotel em Palermo. Eu não queria que soubessem que estávamos próximos. Eu estava aflito queria logo desvendar este mistério. Zacarias solicitou-me que no dia seguinte fossemos até Monreale, pois já estaríamos descansados. Fingi que concordei.

Tomei banho primeiro com a desculpa de que enquanto ele tomava o seu eu já estaria repousando a fim de jantarmos; já era quase noite.

Ele foi até o banheiro e eu me esgueirei pela porta, fechando-a sem qualquer barulho. Fui até a rua e entrei em um carro de praça que por acaso passava no local. O endereço era fácil. Desci uma quadra antes do endereço pretendido. Isso Zacarias saíra do banho e não me encontrara, assim como não encontrou minha valise de mão onde eu sempre carregava minha arma que julgara nunca precisar manuseá-la, porém um homem prevenido vale por dois.

Zacarias se lembrou do endereço bem como também de que eu tinha boa memória. Ele correu para a rua a fim de ir atrás de mim.

A rua já estava um pouco escura. Aproximei-me da casa e vi quando um homem também chegava a casa. A porta sem abriu e ele entrou. Esgueirei-me pelo muro a fim de verificar se era Amália. Era ela mesma. O homem a abraçou e ambos permaneceram abraçados. Notei que ela estava grávida. Um furor de ódio percorreu as minhas veias e eu adentrei o recinto com a arma em punho. Ela me reconheceu e empurrou o homem, mas antes que ele fizesse qualquer coisa, atirei. Dei o primeiro tiro e vi o homem cambalear. Dei o segundo e Amália gritou: - É o teu pai!

Neste momento entrou Zacarias que me empurrou e pegou a arma da minha mão, me chamando de louco. Amália entre assustada e incrédula já estava com Josefine aos prantos e repetia sem parar: é o teu pai... É o teu pai... .

Zacarias mandou que eu voltasse para o hotel no mesmo carro que o trouxera. Os vizinhos já haviam chamado a polícia que sem demora chegaria juntamente com a ambulância.

No caminho eu não pensava em nada, não me ocorriam pensamentos. Era como se minha cabeça tivesse sido esvaziada no momento do tiro, ficando apenas o estampido gravado em minha mente. Fui para o hotel, porém fiquei com medo que o motorista do carro de praça me entregasse para a polícia e o que, no momento, eu não queria era ser preso. Assim que a notícia se espalhasse os homens de meu pai iriam procurar onde quer que eu me escondia. Pobre da minha mãe estava sendo traída pela própria nora.

Peguei o restante de minhas coisas e saí. Não tinha um lugar para onde ir. Resolvi procurar uma antiga amiga, uma prostituta que fizera parte de um dos cabarés que eram bancados por meu pai e seus amigos. Contei a ela o que se passara e a mesma

temendo que pudesse lhe acontecer algo não me deixou ficar. Porém indicou-me outra amiga para me dar refúgio.

Como eu não podia sair de casa encomendei a Zoraide, a moça que me abrigou que procurasse por Zacarias, mas não dissesse nada a ele que alguém pudesse escutar. Eu estava pesaroso de ter cometido o delito, mas também com muita mágoa de saber que minha mulher e meu pai tinham um caso. E não podia ser pior, pois Amália estava esperando um filho dele. Bem que minha mãe desconfiava que meu pai tivesse uma amante. E manteve a amante bem perto de casa. Com certeza minha mãe nem desconfiava de quem seria.

Minha mãe era uma mulher que nunca se meteu nos negócios de meu pai. Estava sempre voltada para as coisas que ele dizia que seria bom. Envolvia-se mais em obras de caridade e coisas afins. Quando notou que meu pai pretendia encaminhar-me para fazer parte da “Irmandade” tratou de enviar-me ao internato para moços. O que de certo modo não adiantou muito, pois eu não me tornei homem como meu pai queria e nem o filho que minha mãe desejou. Naquele momento: eu era o assassino do meu pai.

No dia seguinte Zoraide foi encontrar-se com Zacarias que prontamente entendeu o recado. Eu não queria de modo algum prejudicar Zoraide, então, marcamos um encontro dentro de uma igreja que ficava próximo a casa dela. Eu estaria de chapéu, caso alguém pudesse me reconhecer o que era quase improvável, mas todo o cuidado era pouco.

Conversei com Zacarias. Meu pai não havia morrido e ele e Amália nunca foram amantes. Eu não acreditava, mas não poderíamos perder mais tempo. Eu precisava ir embora dali. Zacarias providenciou as passagens e eu voltei no primeiro barco que saiu do porto. Já sabia o que fazer. Zoraide fez questão de levar-me até o porto, pois me achava muito abatido e tinha medo de que eu pudesse cometer um desatino.

Zacarias tinha os seus contatos e já providenciara uma hospedagem para mim. Chegando do outro lado havia duas mulheres, uma já idosa e outra mais nova, a minha espera. Fui encaminhado por elas ao manicômio existente naquela cidade.

Tudo era limpo e arrumado. Parecia para quem via de fora que aquele lugar era tranqüilo e aconchegante. Logo que entrei fui encaminhado a uma sala onde tive de relatar tudo que lembrava minha vida até o momento, porém sem detalhes, isto é, assim como tiras de história em quadrinhos. Os fatos mais relevantes de cada período. Foram passadas para mim as regras do lugar e enquanto eu permanecesse ali não poderia sair para nada a menos que Zacarias o permitisse. Depois de tudo devidamente esclarecido fui encaminhado a um quarto onde por enquanto eu ficaria sozinho. Havia no ambiente duas camas com lençóis muito alvos, dois criados mudos, duas cadeiras e dois armários para guardar as roupas. Ao sair a mulher desejou-me uma boa estadia e que aproveitasse o tempo para meditar sobre todas as coisas e pedisse ajuda quando necessário. Deixou-me um rosário e recomendou que rezasse.

Eu nunca em minha vida tinha pegado um rosário em minhas mãos. E rezar? Eu só me lembrava de quando bem pequenino, minha mãe me ensinado uma pequena oração que eu já nem lembrava mais.

Sentei de frente para a janela e fiquei apreciando a paisagem que era muito bela e se estendia em uma planície muito agradável. As árvores com flores coloridas davam um brilho especial para o local deixando suas flores caídas formarem um tapete natural no solo. As pessoas iam e viam como se todas elas dançassem ao som de uma música que eu não conseguia ouvir. Algumas delas permaneciam em pé e caladas. Outras sentadas nos bancos dispostos às sombras das árvores e outras mais conversavam com outras pessoas e algumas pareciam conversar com elas mesmas batendo com braços e mãos no ar. Estava embevecido pela paisagem quando ouvi um estouro. Joguei-me por

debaixo da cama e tapei os ouvidos. Eram eles os capangas de meu pai. Eles me haviam encontrado e vieram me matar. Passados alguns instantes ouvi a porta se abrir e chamarem por meu nome. Reconheci a voz. Era Graça, a mulher, que tinha me conduzido até o quarto. Perguntei o que tinha acontecido e ela respondeu-me que tinha sido uma porta que ficara aberta e tinha batido com o vento. Sai de debaixo da cama e tentei me acalmar.

Graça conversou comigo dizendo-me que eu não precisava ter medo. Ali ninguém entrava sem antes explicar a que veio. Mas mesmo assim eu estava receoso. Eu sabia que para a “Irmandade” não havia lugar seguro.

Graça vendo-me em pânico convidou-me a passear pelo pátio. Ficamos num banco conversando sobre as pessoas que ali se encontravam. Havia jovens que sofriam do mal da guerra, sofrimento causado pelo desgaste físico e psicológico e a ala dos suicidas. Outros que sofriam de esquizofrenia e outros tidos como loucos. As alas eram separadas de acordo com os casos que apareciam. Eu, no caso, estava sendo tratado diferentemente, pois não me enquadrava em nenhuma daquelas patologias. Segundo Graça alguns se diziam mortos e outros não aceitavam a condição de doentes. Perguntei à ela quanto tempo eu poderia ficar ali. Ela não soube precisar, pois isto dependeria das atitudes que Zacarias tivesse que tomar a fim de me livrar de um possível processo ou de uma caçada. Já estava na hora do jantar e todos se recolheram.

No refeitório havia mesas disposta em forma de círculo onde todos podiam observar os outros e também serem observados. As regras eram simples como rezar antes e depois comer em silêncio. Eram servidos os pratos e deixados em uma mesa maior que servia de descanso. Passava-se em uma fila mais ou menos organizada já que alguns pacientes tinham enorme dificuldade de permanecerem em seus lugares. Andava-se rápido uma vez que eram poucas as pessoas no momento.

Havia três rapazes na ala dos que tinham lutado na segunda guerra Mundial, dois rapazes que haviam tentado o suicídio e dois loucos que comigo somavam oito homens. Na ala pertencente às mulheres havia cinco sendo que três tentaram suicidar-se e duas eram tidas como loucas e internadas por seus maridos. As mulheres tinham uma ala separada das dos homens, porém as refeições e os passeios eram conjuntos. Após o jantar tivemos vinte minutos pra conversarmos entre nós. Permaneci sentado em meu lugar apenas observando os convivas. Todos estavam curiosos e eu sentia isto, porém ninguém ousou chegar mais perto. Fiquei isolado. Tereza, responsável pelo refeitório veio até mim e segredou-me que era mesmo assim. No primeiro e segundo dia eu permaneceria isolado, mas que depois eles se aproximariam de mim. Mostrou um rapaz dos que haviam lutado na guerra que se chamava José Henrico. Este moço nunca recebera nenhuma visita e nem mesmo uma carta. Jurava ter sido morto em combate e contava uma história sobre sua vida que ninguém sabia se era ou não verdadeira. Perguntei sobre as duas mulheres sentadas a minha direita à frente e que não me pareciam com aspecto de doentes. Tereza informou-me de que as duas haviam sido internadas como loucas por seus maridos, que na verdade ela deduzira que eles queriam ser livres delas por algum motivo que não se sabia.

Recolhemo-nos para nossos quartos. Era a primeira noite que passaria ali. Minha cabeça ainda não estava articulando muito que fizera no dia anterior era, assim, como um sonho tudo aquilo que havia passado. O que meu pai tinha a ver com tudo aquilo? Porque minha mulher foi para aquele lugar? Meu pai seria amante dela? As perguntas não paravam de brotar em minha cabeça. O ciúme a inveja, a vergonha e o sentimento de ter fracassado no único compromisso sério em que havia me envolvido. Talvez tivesse assumido um compromisso perpétuo ainda muito jovem. Será que o que sentia era amor? E minha filha o que ela pensaria quando estivesse com mais idade a respeito

do pai? Todas as indagações tomaram-me muito tempo. Fiquei a noite toda me virando de um lado para o outro sem poder dormir.

Pela manhã durante o café havia ainda um clima de desconforto dos outros pacientes a meu respeito. Olhavam-me e eu tinha a sensação que sabiam que por um momento eu tinha me tornado um assassino, tentando matar meu próprio pai sem nem ao menos dar-lhe a chance de explicar-se. Eu me sentia culpado. E aquela culpa não deixava raciocinar. Mesmo sabendo que só quem sabia da minha verdadeira condição era a diretora daquele lugar eu tinha a impressão de que estava sendo julgado e me sentia horrível.

Voltei para o meu quarto. Arrumei minha cama, pensativo e esperançoso de que o mais tardar no outro dia Zacarias viria me visitar trazendo mais notícias e eu já poderia sair e voltar com ele a Paris.

Perguntei a Graça onde poderia arranjar papel e lápis para escrever. Eu precisava achar algo para fazer enquanto esperava as novidades. Ela muito prontamente levou-me a Biblioteca. Não era um local grande, mas viam-se ali muitos livros bem organizados e que com certeza seria um bom lugar para a leitura. relatei o que conversara com Tereza na noite anterior sobre o rapaz que acreditava estar morto e se eu pudesse me aproximar dele creio que teríamos uma bela história para escrever. Graça disse-me que providenciaria nosso encontro, pois muitas vezes ele teria perguntado a ela quando viria um anjo para escrever o que ele tinha para contar e ela por sua vez nunca soubera responder-lhe, mas nunca o desiludira sobre tal acontecimento. Ele julgava estar no céu. E como nunca recebera assistência dos seus era como se estivesse mesmo, morto. Talvez os familiares nem tivessem conhecimento de que ele ainda vivia.

Graça me alertou que talvez a história que ele contasse fosse fruto da imaginação. Eu a acalmei dizendo que fosse o que fosse era apenas uma história e ajudaria a passar mais depressa os dias ali.

Fiquei na biblioteca lendo e rabiscando sobre um papel que havia conseguido.

O dia transcorreu normalmente. À tarde fui um pouco para o pátio e procurei me aproximar de José Henrico. Ele era arredo, porém recebeu-me bem. Sentados num dos bancos começamos a conversar e ele perguntou-me quando tinha chegado. Respondi-lhe e vi que ficou um tanto pensativo. Começou contar-me sobre o que fizera durante o tempo que estava ali e que estava esperando um anjo do Senhor o qual deveria escrever a história de sua vida. Perguntei-lhe como sabia da existência deste anjo e ele prontamente respondeu-me: sonhei! E como estou morto só posso falar com anjos. Fiquei quieto eu não sabia o que responder. Ficamos ali parados um longo tempo, depois me levantei e fui para o meu quarto. Como eu não tinha noção de quanto tempo eu ficaria ali não quis me atrever a começar uma coisa a qual não tivesse tempo de terminar.

Procurei a diretora do sanatório a fim de saber se tinha notícias de Zacarias. Ela informou-me que devido ao atraso na correspondência não sabia dizer.

A noite seguinte foi mais calma e eu consegui dormir.

Segui no dia seguinte a mesma rotina do outro dia. À tarde sentei no banco e José Henrico veio sentar-se a meu lado. Estela uma das mulheres que não me pareciam doente também se aproximou e ficamos ali conversando sobre banalidades. Aquilo para mim já estava se tornando familiar. O que eu achava mesmo falta era da música, dos folgedos, porém eu não me achava em condições de sair por aí fazendo o que fazia anteriormente, até porque foi a vida de outrora que me levou a estar naquele lugar. Combinamos que conversaríamos mais, à noite, após o jantar.

Após o jantar nos reunimos em um dos cantos do refeitório e Tereza veio até nós com um largo sorriso. Dirigindo-se a mim lembrou-me do que havia dito na noite anterior: era somente uma questão de tempo para se aproximarem. Eu estava um pouco confuso sempre ouvira dizer que nestes lugares para onde vão os doentes que apresentam algum grau de demência eram lugares geralmente vistos com grande temor. Diziam que as pessoas eram tratadas com eletro choques e outras barbaridades como amarradas e dopadas, porém ali todos eram muito bem tratados. Nada ali era parecido com o que eu ouvira falar.

Contei a eles a espécie de vida que levava em Paris. José Henrico tinha também vivido por lá a maior parte do seu tempo antes de ir para o manicômio. Estela era italiana por nascimento e casada com um homem também italiano. Não tiveram filhos. José Henrico ficou muito satisfeito ao saber que eu gostava de escrever e concordamos que se eu ficasse por mais tempo eu escreveria sua história. Mas ele tinha um pedido a fazer: a história deveria ser escrita na primeira pessoa. Concordei. Estela também queria escrever sua história. Então lhes falei do tempo que eu ficaria ali. Talvez não desse tempo de escrever as histórias. E eles se entristeceram. Para não vê-los tristes propus que eles mesmos escrevessem fatos relevantes depois, eu, os colocaria em forma de história como eles queriam. Se eu fosse embora levaria comigo os rascunhos e quando as histórias estivessem prontas eu as enviaria. Gostaram da idéia.

José Henrico chamou Graça e disse: - olha o anjo que eu te falei, ele vai escrever minha história. Graça exclamou:

_Que bom!...Que bom!

José Henrico era uma alegria só, que se eu não escrevesse sua história seria um pecado.

Mais tarde conversei com Graça a fim de que José Henrico pudesse me fazer companhia durante a noite, pois era o melhor horário para se escrever.

No dia seguinte chegou à resposta da solicitação. José Henrico mudar-se-ia para o meu quarto enquanto eu escrevesse sua história. Juntamente trazia-me uma correspondência de Zacarias que eu aguardava com ansiedade. Zacarias mandava dizer que embora ainda permanecesse hospitalizado meu pai passava bem e que não tinha falado nada em me punir pelo ocorrido. Minha mãe estava cuidando dele e que se mantinha silenciosa, portanto, não se sabia se ela tinha conhecimento da presença de Amália em Monreale. Na carta ele informava que ele ia demorar-se mais alguns dias e que por enquanto eu deveria ficar esperando por ele. Ele sabia que eu estava sendo bem tratado e esperava um bom retorno de minha parte aceitando a condição daquele lugar que com certeza iria beneficiar-me muito. Escreveu ainda que Amália estava prestes a ter um novo bebê e que dizia que o mesmo era meu filho.

Joguei a carta longe, eu não acreditava. Como poderia ser meu filho. Ela fugira de mim, estava nos braços de meu pai. Não acredito-berrei.

Olhei para Graça e ela estava ali parada me olhando com os olhos arregalados. Ao vê-la daquele estado falei-lhe do que lera. Ela perguntou-me se já tinha feito às contas do tempo que minha mulher me deixara. Se fizesse as contas poderia afirmar com certeza se era ou não. Foi como uma ducha de água fria. Sentei-me e fui pensar um pouco a respeito.

José Henrico mudou-se para o meu quarto. Temendo que sua história fosse demorar em ser escrita e que Zacarias poderia chegar a qualquer momento começamos a escrevê-la e ele começou me contando que: Não tinha a intenção de contar-me a história de uma vida inteira com pormenores que em nada contribuiriam para melhorar ou piorar alguma situação, até porque já se passou muito tempo - disse ele - desde o ocorrido. Iria

contar-me um fato vivido por ele na angústia de desvendar um segredo. E começou a sua história:

“Era filho único e seu pai o odiava. Não conseguiu viver em paz nem antes nem depois do desvendar o segredo. Existem fatos na vida que é preciso coragem para enfrentá-lo e sabedoria para vivê-lo. Não teve nada disso. Foi arrogante e covarde. Substituiu o amor pelo rancor. Lutou e conseguiu, mas não conseguiu viver para consertá-lo.

Não importa onde se nasce em que família se inseriu, o que importa mesmo é o que fazemos para vivermos nossa vida da melhor forma possível, aplainando as arestas e lapidando os temores, transformando os nossos saberes e fazeres em algo que contribua para a humanidade ser um pouco mais justa e sublime em seus interesses.

De que vale a paz conseguida com guerras que ceifam vidas preciosas de jovens que nem a si conhecem e nem ao mundo onde vivem?

Somente o homem cava o seu próprio túmulo quando fica remoendo coisas do passado, em vez de viver o presente construindo com força e coragem a transformação do perverso, do humilhante em algo maior como o amor e a fraternidade ”

Não entendi porque ele mandou-me escrever esta introdução. Como a história era dele segui seu estilo. No primeiro dia contou-me o seguinte:

“ Nasci em um dia chuvoso. A chuva era tanta que fazia barulho na sala de partos do hospital e isto foi o que me contaram. Enquanto a maioria da população nascia em casa assistido por parteiras locais: eu nasci no hospital. Aliás, em um excelente hospital, onde meu pai trabalhava.

Meu pai um homem sério, sisudo, nunca o vi sorrir; minha mãe: serena, meiga e generosa era motivo de meu orgulho. Meu pai não era dado a se meter em política, mas a mesma o atingira de cheio. Além da profissão de médico ele tinha que administrar o legado de seus pais e sogros, patrimônio este que incluía fazendas de café, chamado na época de Ouro Negro. Com a abolição da escravatura, a família se desfez dos escravos. Estes eram comprados a peso de ouro, ou seja, café. Em 1888, com a abolição, meus avós, se desfizeram dos escravos e aceitaram a proposta da imigração.

Nas terras de meus avôs havia muitos italianos que trabalhavam e trabalhavam muito. Lembro-me de meu pai preocupado com seu encarregado de negócios da fazenda fazendo contas e mais contas.

Minha mãe era enfermeira no mesmo hospital onde meu pai trabalhava. Nas férias deles, nós íamos à fazenda e eu brincava com as crianças dos arrendatários e dos empregados, mas só quando meu pai não estava por perto, ele não admitia que seu filho brincasse ou se juntasse aos empregados.

Na casa da fazenda morava uma mulata que já era quase branca que a chamavam de Nega Maria. Um dia perguntei a minha mãe porque Nega Maria era branca. Será que era porque convivia com aquela gente branca de cabelo loiro? Lembro-me que mamãe sorriu e me disse que Nega Maria era filha de um branco com uma mulata. Perguntei ainda o que era mulato, ao que ela me explicou com toda a paciência: _ mulato è o filho

de um negro ou uma negra com uma pessoa branca. É que mulato não era nem branco, nem preto. Fiquei pensando: por isso que ela é quase branca.

Além de perguntar muito, brincava bastante. Pulava aqui e acolá. As crianças italianas eram bem divertidas sempre com o nariz escorrendo e limpando na barra das roupas, despenteados e de pés descalços, pois os pais não tinham tempo de cuidá-las e eram muitas. Elas gostavam de jogar pedrinhas que jogavam para cima e tentavam pegar as de baixo, quando erravam passavam a vez para o outro. Eu errava sempre. Às vezes, até esquecíamos-nos de nos alimentar.

Quando meu pai estava por perto eu tinha de ficar sossegado. Nenhum amigo. Ficava sentado olhando figurinhas nos livros ou me balançando na cadeira que tinha sido de minha avó. Às vezes, a cadeira estalava e eu pensava que ela, a minha avó, queria sentar-se. Eu conversava com minha avó, perguntando se ela queria se sentar. E uma voz interna, na minha cabeça, respondia: pode ficar sentado, Vovó empresta. Eu dizia: obrigado, e seguia me balançando.

Um dia contei para minha mãe o que acontecia e ela me falou que isso se chamava imaginação. Disse que as crianças eram muito imaginativas, inventavam histórias em suas cabecinhas e que às vezes inventavam também amigos invisíveis. Explicou-me ainda o que significava invisível, antes que eu perguntasse.

O tempo foi passando meu pai chegava cada dia mais sério e eu achava que era porque ele era médico. E para uma criança como eu médicos não podiam sorrir. Quanto a mim ele parecia que nem me enxergava.

Minha mãe, sempre atenta a tudo e com todos. Abraçava-me e beija-me muito. Cuidava de mim.

Além da empregada da casa tinha uma moça que cuidava o tempo todo de mim. Eu a chamava de Murtinha, mas o nome mesmo dela eu nunca soube. Ela tinha o gênio parecido com o de mamãe e elas se davam muito bem.

Quando completei dez anos meu pai e minha mãe andavam muito estranhos. Às vezes eu via lágrimas nos olhos de minha mãe, mas não perguntava nada. Um dia perguntei a Murtinha o que estava acontecendo e ela deu de ombros e disse: - acho que nada, por quê?

Contei a ela que vira mamãe com os olhos cheios de lágrimas e ela respondeu que podia não ser nada e que eu podia estar enganado.

À noite, quando mamãe me colocou na cama eu perguntei a ela porque estava chorando. Ela me disse que em breve eu saberia, mas que não ficasse preocupado e que procurasse dormir.

Os dias iam passando. Às vezes eu e Murtinha íamos passear nos arredores da casa da cidade que era rodeada por árvores e jardins onde os passarinhos cantavam alegremente. Eu permanecia por horas dependurado nos galhos das árvores, enquanto Murtinha cantava ou lia.

Murtinha cuidava dos meus estudos. Levava-me para o colégio e me trazia. Ensinava-me as lições e às vezes me ajudava a fazer algumas travessuras. Éramos amigos”.

Paramos por aqui porque já era tarde. Continuamos na noite seguinte e eu sempre com a esperança de que no dia seguinte Zacarias pudesse aparecer.

Segunda noite contou - me que:

“Certo dia, mamãe convocou a costureira da família para confeccionar roupas para mim. Recomendou-nos que quando a mesma chegasse, Murtinha fosse até o hospital para comunicá-la, porém nos esquecemos e fomos passear. Logo naquele dia que a empregada da casa estava de folga.

Ao chegar mamãe indagou-nos sobre a costureira e nós não sabíamos responder. Foi o primeiro dia que eu vi minha mãe muito brava. Colocou-nos de castigo. Minha mãe brava era ainda mais bonita.

A única vez que eu a vi vestida de enfermeira foi quando fui ao hospital costurar meu pé. Eu o havia rasgado quando fiquei dependurado em um galho de árvore. Murtinha ficou para morrer de medo que mamãe ficasse braba, mas ela falou que criança tem que brincar e que aquilo não era nada. Acho que pra me consolar.

Noutro dia a costureira voltou, mas desta vez mamãe não facilitou: ficou em casa. Enquanto tirava minhas medidas e falava como eu tinha crescido, esses comentários que toda mulher faz quando vê o filho de outra, acho que falta assunto então usam as crianças para ter o que dizer, perguntou: _ quando é que ele vai?

Mamãe meio esquisita respondeu: _ assim que o navio aportar. E saiu da sala. Acho que para evitar mais perguntas, mas eu criança, não percebi, porém fiquei pensando quem era “ele”. Seria o papai? Papai iria embora? Seria por isso que mamãe chorava?

Corri para Murtinha e perguntei se ela sabia alguma coisa e ela me respondeu: _
deve ser teu pai e deu de ombros..

Papai nunca conversava comigo. Se ele fosse viajar eu nem sentiria falta dele. Ele entrava e saía de casa como se eu não existisse. Sempre com aquela pasta de médico dependurada na mão cheia de apetrechos médicos. Á noite, às vezes, o chamavam e lá ia ele. à qualquer hora, que o chamassem ele levantava e saía. O engraçado é que quando saía às ruas eu, Murtinha e mamãe as pessoas o elogiavam e mandavam lembranças. Falavam coisas boas a respeito dele, mas em casa ele parecia uma pessoa difícil.

Mamãe era diferente, estava sempre alegre e ativa. Quando entrava no portão de casa já se via que era ela. Sempre falante bem humorada. Pegava-me no colo, beijava-me tanto de deixar-me sem fôlego.

Em meados de novembro daquele ano estranhei quando fui chamado por Murtinha, para participar, na sala, de uma conversa familiar. Estavam sentados lá: mamãe, papai e o pároco da cidade. Papai mandou-me sentar. Eu sentei ao lado de minha mãe. Acho que para me proteger. Pensei logo que pecado eu tinha cometido de tão grave para chamarem o padre. Primeira frase que me ocorreu: _vou para o inferno_ que de certo modo, não estava errado”.

Terceira noite:

“O pároco começou com um discurso de como eu era um bom rapaz, ótimo filho e de como o estudo fazia bem ao homem e me encheu de conversa. Eu, sentado ali

ouvindo tudo aquilo sem poder discutir ou me defender, pois nem sabia qual nem o que estava em julgamento no momento. Já estava até com sono quando o pároco disse-me que eu a pedido de meu pai estaria estudando em uma escola, na França, mais precisamente em Marselha. Foi quando de súbito entendi que o “ele” declarado pela costureira, não era meu pai e sim eu. Eu, o próprio.

Olhei para mamãe que não esboçou nenhum sinal. Chorei, disse que não ia. Agarrei-me em mamãe, mas ela me disse que seria melhor assim. E foi a primeira vez que senti ódio dela. Cheguei a concluir que ela também não gostava de mim. Queria que eu fosse para longe.

Chamei por Murtinha e contei a ela tudo que acontecera. Ela chorou. Ficamos juntos, sentados no chão do meu quarto chorando em silêncio. Passei dias desolados. Mamãe vinha falar comigo e eu respondia educadamente, porém a vontade que eu tinha era de esbofeteá-la, perguntar por que ela fazia tudo que meu pai queria? Mas eu tinha de perdoá-la, pois eu a vira chorar durante aqueles dias e sabia que ela sofria.

Os dias pareciam sem fim. As noites longas e dolorosas. Chegou o tão inesperado dia da viagem. Papai me acompanhou. Viajamos dias e noites que nem sei quantas. Chorei, tive enjôos. Papai me medicou, afinal ele devia servir para pelo menos aquilo já que era médico. Quanto mais o navio se afastava da costa mais me doía o coração. Lembrava de minha mãe, da fazenda, das crianças italianas, de Murtinha, da nega Maria e de tantas coisas que não poderia mais ver, aquilo pra mim era à morte. Tentava conversar com papai, mas ele dizia duas ou três palavras e se calava.

Ficava imaginando, como seria o colégio. Já ouvira falar da França, já estudara o francês. Mas como era tudo, de verdade? Ficava imaginando como tudo devia ser , pois

ouvira falar nas muitas batalhas que se realizavam , adorava ouvir histórias sobre Napoleão Bonaparte e de grandes artistas. A França era venerada na época, pois estava inserida no berço da civilização ocidental.

Mas eu não vi nem pude participar de nada daquilo que era belo e maravilhoso, assim que colocamos os pés em terra firme de Marselha fomos abordados pelo Sr. Clodè D'Ávenzuer que nos encaminhou à escola onde eu deveria ficar internado até concluir meus estudos.

Era uma escola grande, bem iluminada, limpa, com muitos internos e muitas regras de conduta. Todos ali éramos tristes figuras. Todo o dia, se repetia o mesmo ritual”.

Neste momento, ele fez uma pausa e considerou que o que estava vivendo naquele momento ali no manicômio era muito parecido com o que vivera em seu tempo de escola. Uma diferença havia, segundo ele, quando estava na escola se encontrava vivo e aqui morto. Tentei dizer a ele que aqui também ele estava vivo, mas não aceitou. Ele tinha convicção séria de que havia morrido na guerra.

Deixamos o resto da história para o outro dia e combinamos que só escreveríamos à noite por ser o ambiente mais calmo. Ele concordou e assim fizemos. Durante o dia participávamos das atividades que nos eram solicitadas.

Na quarta noite continuamos a história. Ele falava e eu escrevia por vezes ele pedia para eu ler certamente para certificar-se de que eu escrevera de fato o que me dizia.

“O diretor da escola era quem determinava nossos passeios, nossas tarefas, nosso descanso. Tudo ocorria dentro de suas ordens. Se quiséssemos sair, éramos acompanhados de um monsenhor. Os dias se passavam tristes. Eu não conseguia me acostumar, sentia uma saudade imensa de minha mãe e de Murtinha. Chorava muito debaixo dos lençóis para que ninguém visse. Para mim era tudo muito triste, cinzento. O internato era um castigo.

As férias escolares duravam em torno de três meses para que desse tempo de irmos e irmos de nossos países de origem. Quando fui autorizado a vir ao Brasil, nas férias escolares, Murtinha já não trabalhava mais em minha casa. E nunca mais a vi.

A mulata nega Maria ainda continuava na fazenda, casara-se com um italiano, mas continuava a fazer as lidas domésticas como sempre.

Papai continuava sisudo e mal - humorado e mamãe mais triste e envelhecida.

Os anos foram se arrastando. Fui amadurecendo e entendendo que mamãe somente queria o meu bem. A escola era uma das melhores e mais completas. Fui me acostumando e as dificuldades de antes já pareciam menores. A saudade fui ludibriando e procurei o convívio com os colegas. Fiz grandes amizades. E imprópria também. Tornei-me amigo incondicional de Joel e Percival, bons amigos. Mas também de tantos outros que considero, hoje, colegas.

Já estava com dezesseis anos e desde o quatorze anos não visitava minha casa. Comunicávamos através de cartas e telegramas quando mais urgência tivesse.

Chegaram às férias e eu estava com muitas saudades de minha mãe e já que ela não podia vir me ver, resolvi que era a hora de eu ir vê-la.

Já escrevera uma carta para ela dizendo que eu tinha entendido que ela quisera que eu estudasse fora e que a tinha perdoado por não ter aceitado a minha proposta de não viajar. Porém havia algo, que me atormentava. Queria vê-la. Passear com ela. Ainda sentia muitas saudades de seus abraços e beijos. Lembrava-me das muitas vezes que a vi chorar.

Eu sabia que no Brasil as coisas não andavam nada boas. Havia certa indisposição dos barões do café e o governo. De vez em quando vinha à tona a velha rivalidade entre o sul e o resto do Brasil, este se considerava excluído das manobras governistas. Pelo Pacto de Ouro Fino, ficou acertado a alternância de governo entre Minas e São Paulo o que não era aceito pelos estados do sul. Essa alternância de governo contribuía para o enriquecimento de países como a Inglaterra e Portugal com o produto oficial, ou seja, o café produzido em São Paulo, as pedras preciosas e ouro em Minas Gerais e o açúcar que era produzido no nordeste. Porém com a exaustão da terra os barões do café caíram em desgraça. Culminando, com o empobrecimento de muitos fazendeiros, alguns destes suicidaram-se ou exterminaram seus familiares de tão desnorteados que ficaram”.

Neste trecho o interrompi, pois eu não sabia qual era o seu país de origem e somente neste trecho eu dei-me conta que o Brasil ficava praticamente do outro lado do mundo, claro que isso exagerando um pouco. Fiz algumas perguntas sobre o Brasil, somente por curiosidade, mas ele já não sabia muita coisa a respeito. Tinha perdido

completamente o convívio com os seus e o seu berço. Porém notei que entre eu e ele haviam três coincidências bem marcantes: nascemos em lugares diferentes dos quais fomos morar; nossas mães procuraram nos afastar de nossos pais e fomos para internatos onde não nos adaptamos.

Continuamos a história:

“Voltei ao Brasil na hora certa. Ninguém havia me escrito contando o quanto mamãe estava doente. Já nem trabalhava mais. Pouco se alimentava. Recusei-me a retornar. Fiquei para cuidar dela. Naquele ano ela faleceu. Fiquei sem meu amor. Pai eu já nem tinha, ele era um estranho para mim.

Descobri que meu pai já se desfizera da fazenda que era sua por herança, onde havia grandes cafezais. Que vendera aos próprios italianos que lá trabalhavam. Mas, ainda lhe restara a nossa casa e a fazenda herdada por minha mãe.

A morte de minha mãe deixou-me arrasado. Sofri muito.

Deixei passar alguns meses e solicitei ao meu pai que me emancipasse a fim de que eu dali pra frente pudesse sair do internato e pudesse morar sozinho. Ter uma vida mais ativa. Ele negou-me o pedido e ordenou que eu voltasse para o internato, pois afinal de contas: lá era o meu lugar. Tentei argumentar. Pioraram as coisas. Disse-me que se eu não retornasse breve para a escola não me daria mais um tostão sequer.

Fiquei indignado, mas fazer o quê? Não tinha minha mãe para me ajudar. Se ele não me mantivesse, eu viveria do quê?

Obedeci às ordens. Voltei para Marselha e fui conversar com o diretor. Ele me falou que meu pai dera ordens expressas para que me mantivesse no internato até eu me formar ou até quando ganhasse meu próprio dinheiro e pudesse me sustentar”.

Já era quinta feira e eu precisava levantar-me cedo. Não estava bem lembrado do porquê. Mais tarde acabaria me lembrando.

Fiz uma pequena pausa e continuamos:

“A raiva tomou conta de mim: pensava como um pai pode ser tão ruim para com um filho a ponto de interná-lo em um colégio e proibi-lo de ter vida própria. Que falta fazia minha mãe. Passei noites em claro. Mil e um pensamentos percorriam minha mente. Custava-me acreditar que aquilo acontecia comigo. Pensei em Murtinha que quando não sabia responder o que eu perguntava, sacudia os ombros. Sacudi os meus.

Fiquei doente e fui internado num hospital. Depois de medicado e restabelecido deram-me alta. O monsenhor que me cuidava foi ao escritório do hospital para acertar as contas. Eu aproveitei a ocasião, peguei as poucas roupas do armário e fugi me esgueirando pela janela. Dali foi um pulo para a rua.

Fugi da escola. Minhas notas não estavam nada boas. Abandonei a escola e fui viver na casa de um dos meus colegas. Criei asas. Passávamos as noites nas farras, em cafés e casa das madames.

Percival encontrou-me em péssimo estado, caído na rua, sujo e sem ânimo. Levou-me a sua casa. Sua mãe cuidou de mim até meu pai chegar.

O diretor da escola se viu obrigado a comunicar meu pai de meu sumiço. Meu pai viajou para me procurar. Fui encontrado, porque Percival comunicou ao diretor o meu paradeiro.

Quando meu pai foi buscar-me na casa de Percival discutimos muito. Falei de tudo que estava engasgado e o culpei pela morte de minha mãe. Exigi que me desse à parte que me pertencia da herança de minha mãe.

A mãe de Percival mostrou-me que era melhor eu voltar com meu pai e tentar me reconciliar com ele a fim de termos uma vida melhor. Voltei para o Brasil com ele, porém muito contrariado”.

Já estávamos muito cansados e resolvemos, naquela noite, parar por aqui. Lembrei-me que eu havia sido convidado a participar das reuniões que eram realizadas as sextas-feiras e desejava tomar conhecimento do que se tratava. Ele entre lábios murmurou algo que não entendi, mas não busquei saber o que era. Conversamos um pouco mais sobre os bares, cafés, mulheres e outras banalidades das quais eu não conseguia esquecer e nem me perdoar.

A reunião foi ótima, mas eu não entendi muito bem a finalidade. Havia uma mesa onde ficaram sentadas algumas pessoas todas vestidas de branco às quais eu nunca tinha visto. No centro da mesa havia uma vela. As pessoas permaneciam caladas e depois de alguns minutos um homem levantou-se e leu um texto que parecia ser tirado

da Bíblia. Permanecíamos em silêncio absoluto. No final perguntaram se alguém tinha sentido algo diferente e ninguém falou nada. Levantamos e saímos tão calados como chegamos. Logo na saída encontrei Clara uma das moças que ajudava na limpeza e perguntei a ela o que significava aquilo. Ela mandou-me conversar com quem tinha me convidado. Mais do que depressa fui procurar Graça e ela me explicou que aquela reunião acontecia porque aquela casa era um hospital espírita. Eu em toda a minha vida nunca havia participado de nada igual. Claro que já ouvira falar de espiritismo, porém não tinha noção do que significava. Contentei-me com a explicação e passei um de meus melhores dias. Senti-me mais tranquilo, afinal meu pai não tinha morrido e tinha me perdoado. Porém quando me lembrei da traição de Amália que precisei me controlar. Será que aquele filho era mesmo meu? Quem podia me garantir? Lembrei-me que Graça havia sugerido que eu contasse os meses os quais Amália tinha se separado de mim, mas eu estava tão confuso que já não lembrava muito bem e não queria fazer um retrospecto da vida passada para não sofrer.

Na noite daquela sexta-feira após o jantar. Vieram encontrar-se comigo todos os pacientes do manicômio, que agora eu passaria a tratar pelo nome de hospital, pois já sabiam da minha habilidade de escrever e todos queriam que eu lhes prestasse algum tipo de serviço. Elizabete queria que eu escrevesse uma carta ao marido, Pablo queria que eu escrevesse um poema para sua namorada e assim cada um tinha um interesse em comum. Conversei com eles e sugeri que esperassem eu terminar de escrever a história de José e se eu ainda permanecesse por ali escreveria o que me pedissem. Estela já tinha desistido do seu pedido e resolvera ela mesma escrever sua história e de vez em quando solicitava uma ajuda já que nos encontrávamos na biblioteca todas as manhãs. Ela tinha boa caligrafia e grande facilidade para se expressar. Quando indaguei dela se havia estudado, respondeu-me que estivera prestes a formar-se professora, porém resolvera

casar-se, pois se apaixonara pelo homem que a internara ali. O marido, segundo ela, era um homem mulherengo, tirano e sem escrúpulos. E isto me lembrava um tipo de vida que eu conhecera muito bem. Procurei desviar o assunto e falamos de outras coisas.

Depois da conversa no refeitório fomos cada qual para seus aposentos. José e eu continuamos a escrever. Já estávamos na sexta noite.

“Já não estava tão fácil viajar. Ao longo das décadas de 1920 até 1930, a segurança nacional continuou sendo a principal preocupação do governo da França. Se houvesse uma segunda guerra, a França, com certeza seria um alvo fácil, pois na primeira aliou-se aos Russos e Britânicos.

Resolvi sossegar um pouco e ver se os ânimos entre eu e meu pai melhoravam. Pior do que estava não poderia ficar. Tentei me acalmar. Fui passar alguns dias na fazenda que fora de minha mãe. Tia Joana soube que eu voltara e mandou me chamar para passar uma temporada com ela. Nós havíamos nos encontrado no enterro de mamãe. Ela era muito bem casada e muito mais moça do que o marido. O pai do marido dela tinha lutado na Guerra do Paraguai.

Tio Hernani, marido de tia Joana, gostava de contar os feitos do pai dele como se fossem seus. Eu como bom menino permanecia por horas e horas escutando as histórias.

Tia Joana era muito parecida com mamãe e às vezes no meio de algumas histórias que o marido contava ela me piscava o olho como que querendo me dizer que já era caduquice. Eu sorria e continuava a escutar. Passeávamos a cavalo. Era tudo muito tranqüilo.

Falei para tia Joana o modo como meu pai me tratava. Ela sacudiu a cabeça e ficou pensativa. Depois me disse com um olhar de interrogação: - Vocês nunca falam do passado. Assim não resolvem o presente. Fiquei olhando para ela, pois eu acabara de falar do passado. Ela não havia entendido. Deixei o assunto de lado e fui descansar.

Fiquei doente. Fiquei dias na cama, não sabia bem o que sentia. Era um vazio quase insuportável. Tia Joana providenciou chás e até uma curandeira veio me benzer. Sentia-me aflito, e ao mesmo tempo não tinha forças para reagir. Em uma bela manhã levantei-me curado.

Após muitas recomendações tia Joana deixou-me andar a cavalo. Andei muito, parece que quanto mais andava mais vontade sentia de cavalgar, conheci lugares que nem sabia que existiam. Ao voltar perguntei para tia Joana de quem eram os túmulos que estavam plantados no alto de um cerrinho. Ela falou-me que era de meu avô, de minha avó de um dos irmãos delas que havia morrido de tifo. Perguntei a ela, mas são quatro, de quem é o outro?

_ Bem..., o outro - disse ela – é de uma moça que morreu em nossa casa, mas não era da família.

Conversamos bastante sobre a família. Fiquei sabendo muitas coisas. Soube por exemplo que minha mãe e meu pai eram velhos conhecidos, que seus pais eram muito amigos. Que meu pai antes de casar-se com minha mãe tinha sido namorado de uma moça muito conhecida de todos eles e que ela tinha morrido e sido enterrada ali. Nesta parte da história tia Joana pediu-me que se comentasse algo com meu pai não mencionasse que ela tinha me contado, pois ele poderia não gostar. Interroguei-a por que e ela falou-me que como se tratava de assunto dele era bom não mencionar, até

porque se as coisas entre nós não andavam bem e podiam piorar. Não entendi muito, mas resolvi encerrar o assunto.

À noite fiquei pensando o que tinha a ver nossas brigas com a morta. Procurei dormir. Dias depois voltei para casa. Meu pai me recebeu como se eu sempre estivesse ali. Procurei comentar sobre tia Joana e seu marido, mas ele nem se interessou.

Dias depois recebi uma carta de madame Francesca. Entre os assuntos estava uma dívida que eu fizera em sua casa e solicitava pagamento. Fiquei muito chateado, mas tinha de recorrer a meu pai, não tinha outro jeito. À noite falei sobre o assunto. Perguntou-me de quanto era a dívida. Retirou do bolso mais do que o dobro e disse-me: - mantenha-se. Vou arranjar-te um emprego.

Fiquei satisfeito. Agradei e saí.”

Neste ponto eu o interrompi. Seria madame Francesca que havia me curado da catapora? Era muita coincidência! Com certeza já havíamos nos cruzado em Paris e nem tínhamos nos dado conta. Refletimos um pouco de como são as coisas: morávamos na mesma cidade e freqüentamos o mesmo lugar, porém fomos nos encontrar ali no hospital. Ao que José me retrucou:- isto aqui é o céu, te esqueceste que eu morri? E tu também estás morto, por isto é que nos encontramos. Resolvi não retrucar. contei do fato que envolvia Madame Francesca. E ele ficou muito penalizado, ela tinha sido como uma mãe para ele. Ela era uma pessoa bastante sensibilizada com quem estivesse passando algum tipo de necessidade.

Ficou muito tarde e resolvemos dormir. Combinamos que no sábado e domingo iríamos descansar.

Na sétima noite prosseguimos.

“Dois dias depois meu pai mandou que me arrumasse e me apresentasse no hospital para o diretor geral: Dr. Mallmann. Eu tinha consciência de que precisava trabalhar. Isso ajudaria a aplacar um pouco das saudades que eu sentia de minha mãe. Apresentei-me. Fui bem recebido por todos. Comecei a trabalhar no começo de julho. Eu fazia parte do corpo administrativo do hospital. O salário não era ruim e, eu estava feliz. Meu pai começava a tratar-me como filho. Já não parecia tão hostil.

Começamos uma relação muito boa. Quando ele ia para a fazenda, me levava junto e íamos conversando. Contava de quando era menino, de suas peraltices de garoto. Eu percebia que ele estava se esforçando para ser agradável comigo. Um dia perguntei a ele como conheceu mamãe e ele disse que já eram velhos conhecidos. Que estudaram juntos e seus pais eram amigos. Pensei: igual ao que tia Joana tinha me contado. Mas, eu queria saber mais. Tinha alguma coisa que eu precisava saber algo que eu desconfiava, mas não podia dizer abertamente, me sentia como se tivesse duvidando da honra de minha mãe. Isto era muito ruim; ela já nem estava entre nós.. Na verdade eu achava que ele não era o meu pai verdadeiro, desde quando tia Joana disse-me aquela frase do passado que não resolvia o futuro, tinha algo, mas o que era afinal.

Comecei por longe. Falei que queria me casar também com alguém já conhecida, porque ficava mais fácil o relacionamento. Que não queria ter muitas namoradas, para não ficar como alguns rapazes que havia conhecido na França. Depois

nenhuma moça se interessava por eles, pois as faziam de bobas. Ele só escutando. Depois de um tempo disse-me:

_ Ainda tem muito tempo para isso.

Falou-me que quando se casou com mamãe ele já era formado. E ele e mamãe trabalhavam no hospital. Perguntei a ele se era por isso que eu tinha nascido no hospital ele respondeu que não. Eu tornei a perguntar e completei:- porque o senhor disse que não?- Ele respondeu-me:- porque não! Eu não quero falar nesse assunto. Sua mãe teve um problema só isso. . . E encerrou o assunto.

Fiquei confuso, nunca ouvira falar que mamãe tivera problemas quando eu nasci. Mas se ele não queria falar eu acharia alguém que me falasse.

Num final de semana fui visitar nega Maria, ela devia saber algo que papai e tia Joana não queriam me contar. Quando eu nasci, nega Maria era criança e de criança nada escapa, ainda mais se for mestiça. Sempre andavam espionando tudo e xeretando pelos cantos da casa. Se havia algum segredo ela sabia e ia me contar. A fazenda não era mais nossa. Porém não foi difícil entrar lá. Meu pai mantivera um bom relacionamento com os italianos que agora eram donos. Os italianos tinham dividido a fazenda em vários lotes e cada família agora era dona do seu pedaço. Formaram uma espécie de vilarejo. O lugar estava muito diferente cada um trabalhava para si, mas no final eles faziam uma venda coletiva. Eles criaram uma sociedade, um tipo de cooperativa. Não entendi muito como funcionava e não me interessei em saber. Nega Maria me recebeu com um carinho especial, pois podia dizer que me viu crescer. Contei-lhe de minhas façanhas de quando estava na França. Das noitadas depois que fugi da escola.

Por sua vez ela contou-me algumas coisas a respeito da vida que levava desde que nasceu ali no campo e de sua grande vontade de conhecer a cidade. Eu disse a ela que quando quisesse poderia nos visitar e ficar alguns dias em nossa casa, afinal de contas éramos velhos conhecidos e tenho certeza de que papai não se importaria. Ela perguntou-me se papai ainda continuava mal humorado. Respondi que de uns dias para cá estava diferente e que até eu estava estranhando o seu comportamento e que tinha ido procurá-la para saber se por acaso sabia de alguma coisa a respeito de meu nascimento . Conteí a ela o que tia Joana havia me contado e com a intrigante resposta de meu pai ao responder sobre minha mãe.

Nega Maria contou-me que a mãe e a mãe da mãe dela tinham se criado ali na fazenda e o que as anteriores sabiam sobre a família, ela, a nega Maria nunca tinha visto comentarem a respeito. A única coisa que sabia é que meu pai tinha sido namorado de uma moça chamada Marília que era conhecida de mamãe e que depois tinham terminado o tal namoro e em seguida meu pai casou-se com minha mãe. Sobre meu nascimento ela sabia que segundo ouvira dizer eu tinha nascido antes do tempo e que alguns julgaram que mamãe estivesse grávida quando se casou. Que era só o que sabia, pois nega Maria só foi conhecer mamãe quando veio a fazenda depois que eu tinha nascido.

Tive de voltar, agora trabalhando não podia me demorar nos passeios. Continuava tudo muito nebuloso para mim. Lembrei-me novamente que a tal Marília era a morta, cujo túmulo estava lá junto aos meus avós e tio. Tia Joana era com certeza a pessoa que mais sabia sobre tudo, mas não queria se atritar com meu pai e, ele, por sua vez estava escondendo algo. Mas, o bom é que agora eu podia contar com ele. Fiquei preocupado quando me dei conta que num gesto arrogante de minha parte, quando

mamãe morreu ,eu pedi a minha parte na herança e depois não falei mais no assunto e meu pai também não falou nada e parecia que não tinha nenhum interesse em falar no assunto. Porém tratou de me arranjar emprego e passou a me tratar bem.

Agora eu trabalhando no hospital e tendo contato com mais pessoas de nível tão ou mais elevado que o meu, senti necessidade de me formar em alguma coisa, o fato era que ainda não tinha decidido a minha profissão. Durante a semana trabalhava e nem tinha muito tempo para ficar colocando caraminholas na cabeça. Chegava a casa cansado e às vezes nem via meu pai o que para mim era menos desgastante. Quando chegavam os fins de semana eu pensava um pouco nos assuntos de família, mas procurava passear, visitar alguns conhecidos, uma vez que não fizera amigos de infância porque meu pai não deixava e outra porque muito novo fui morar naquele internato. Hoje fico pensando como podia uma criança ficar tão longe dos pais. Como suporrei principalmente a saudade de minha mãe.

Acordei muito bem depois de uma noite de sono tranqüilo no qual tive um sonho em que alguém me mostrava uma parte do hospital em que eu nunca tinha pensado e nem passado naquele lugar. Ao chegar para trabalhar fui chamado pelo Dr. Malmann para uma tarefa muito importante: colocar em ordem todos os fichários que ficavam na ala B do hospital, uma espécie de guarda tudo. Ele solicitou-me que organizasse os fichários e prontuários em armários novos que haviam sido comprados para este fim. Colocaram-me a disposição duas pessoas para realizar a tarefa e estipulou o prazo de dois meses para que tudo ficasse em ordem. Mostrou-me a área onde estava localizado o guarda tudo e qual foi a minha surpresa, era o local mostrado em meu sonho.

Comecei a trabalhar. As pessoas que me ajudavam já tinham grande conhecimento sobre arquivos, o que me ajudou bastante e em menos de dois meses o

trabalho foi realizado com sucesso. Gostei tanto de trabalhar ali que pedi para ficar responsável por aquela área. Dr Malmann gostou da idéia e permitiu.

Uma semana depois fui chamado por Dr. Malmann para assumir outro cargo no hospital, o que me deixou muito surpreso.

À noite comentei com meu pai o fato de ter sido transferido e ele fugiu do assunto. Falou-me de outras coisas e sugeriu que em vez de continuar trabalhando eu deveria me especializar em alguma coisa. Optei por continuar no hospital e percebi que ele não gostou. Agora eu já não entendia: ele me colocou lá e agora queria me tirar de lá. Fiquei confuso, mas não perguntei a causa.

Ganhei uns dias de folga para descansar e fui para a casa de tia Joana. Seu marido estava cada vez mais alucinado pelas guerras e era só nisso que falava o tempo todo. Tia Joana saiu comigo para passearmos pelo campo.

Fomos até o cemitério. Rezamos pelos mortos e depois sentamo-nos debaixo de umas árvores perto dali. Começamos a conversar e ela contou-me muitas histórias do tempo em que mamãe e ela eram crianças. Perguntei a ela se minha mãe havia namorado meu pai por muito tempo. Ela respondeu que não. Foram somente seis meses - disse ela. Eu comentei que sempre os namorados levavam anos se namorando, depois noivando e que eu não tinha entendido porque meu pai e minha mãe foram tão pouco tempo namorados e já casaram. Disse-me, ela, foi porque teu pai tinha recebido um convite para trabalhar em um hospital em outra cidade e queria ir casado. Comentei com ela o que me tinha contado nega Maria, que minha mãe tinha casado grávida.

Tia Joana riu e concluiu: o povo não sabe o que diz. Perguntei a ela em que ano tinha morrido Marília, a ex-namorada de meu pai. Ela respondeu-me que no mesmo ano

em que eu tinha nascido. Fiquei pensando o quanto esta moça poderia ter gostado de meu pai e talvez tivesse morrido por desgosto, o que não passara por perder o noivo para minha mãe. Essas coisas que passam pelas nossas cabeças quando queremos descobrir algo sobre nossas próprias vidas. Antes que eu comentasse algo tia Joana convidou-me para irmos para casa. Saímos passeando, os cavalos estavam um pouco afastados de onde estávamos e como disse tia Joana- “Caminhar é bom”.

Enquanto os cavalos nos conduziam fiz uma pergunta bem caprichada a tia Joana: Papai me disse que minha mãe passou muito mal quando nasci, é verdade? Ela ficou ruborizada e respondeu quase imperceptivelmente que sim, porém acrescentou: ele falou isso? Quem ficou chateado agora fui eu ! Não respondi preferi fazer de conta que não escutei. Resmunguei com o cavalo para parecer que ele tinha tirado minha atenção quando ela falou.

Chegamos a casa e lá estava tio Hernani sentado em sua cadeira predileta disparando tolices a torto e a direito. Chamou-me e disparou: Adalberto já contou como você nasceu? Tia Joana veio mais do que de pressa e interferiu: venha tomar seu café Don Hernani. Ajudou-o a se colocar na mesa, mas ele não se conteve: Adalberto foi muito esperto, se ele não te contou... Tia Joana piscou o olho para mim como fazia quando o marido começava a contar histórias um pouco verídicas e outras um pouco inventadas como que querendo que eu acreditasse que era mais uma de suas lorotas. Não falei nada. Esperaria uma oportunidade que ficasse a sós com ele e lhe faria falar, qual o segredo que tanto guardavam.

À noite quando foram deitar-se tia Joana resmungou com Don Hernani e eu ouvi quando ela disse: - pare com essas bobagens, se ninguém contou não será o senhor a contar ”.

Neste ponto perguntei-lhe porque a esposa tratava o marido por Don. Ele explicou-me que este era um costume adquirido pela influência espanhola e que como as mulheres casavam com homens muito mais velhos do que elas e os tratavam por senhor. Os maridos eram chamados de “Don” e as mulheres de “dona” o que significavam senhor e senhora.

Mais uma noite e nada de Zacarias aparecer. Eu já estava ficando impaciente. José continuava e eu não entendia porque ele mesmo não escrevia sua história.

“Pela manhã Don Hernani não quis saber de conversa. À tarde sentamos embaixo de um caramanchão e conversamos sempre vigiados por tia Joana. No entardecer, quando o sol já se punha não me sofri e falei de sobressalto: - Quero saber o segredo que me envolve e a senhora vai me contar. Ela muito sabida resolveu o assunto logo, dizendo que não tinha o que contar e quando eu quisesse saber alguma coisa sobre o meu nascimento eu perguntasse a meu pai, que havia coisas que somente as pessoas envolvidas poderiam esclarecer e ainda acrescentou: as pessoas não saem contando tudo que sabem, pois ninguém conta certas coisas de sua vida a qualquer um e você já teve a oportunidade de descobrir e deixou passar.

Voltei para casa e fiquei dias pensando como deixara passar tal oportunidade? Como? Quando? Estava tão obcecado que não me dava conta do que estava bem próximo de mim. Estava ali, na minha frente e eu não enxergara. Precisou voltar a trabalhar para que o óbvio saltasse aos meus olhos. Alguém me segredou que ouvira uma discussão entre meu pai e o Dr. Malmann. Quando indaguei sobre o que discutiam

informaram –me que era sobre alguma coisa existente no fichário do hospital , onde eu organizara.Falaram sobre manter sigilo.A principio pensei que poderia ter falado algo que não deveria aos meus ajudantes ou eles teriam visto ou lido algo que não deveriam , coisas do gênero.Fiquei sabendo que era meu pai que não me queria no posto que eu solicitara a Dr. Malmann. Algo havia! Aumentou mais a minha curiosidade. Dei-me conta tinha feito tantas idas e vindas, tinha ido tão longe buscar informações a meu respeito e a respeito de meu pai e de minha mãe e eu tinha tido todas essas informações em minhas mãos. Eu era um imbecil.

Acabei aceitando o novo cargo para que meu pai ficasse descansado se era que ele tinha tanto medo que eu descobrisse alguma coisa. Mas eu não poderia perder mais tempo, neste caso, o tempo era meu inimigo mais voraz. Eu tinha medo que o fichário sobre minha vida tivesse sumido. Lembrei-me que em minha ausência Ferdinando havia ficado encarregado de colocar em ordem os novos fichários e prontuários que eram expedidos diariamente e os que eram reutilizados em casos de pacientes que estavam em contínuo tratamento no hospital, bem como os históricos de consultas efetuadas por eles. Fui conversar com ele a respeito se alguém haveria entrado lá ou solicitado algo muito estranho como um histórico muito antigo. Falou-me que não, ninguém havia solicitado nada. Conversei com ele a respeito de poder ajudá-lo nas horas vagas e ele me informou que somente com ordem de Dr. Malmann, pois tinha recebido ordem de não deixar-me mexer em nada por lá. Ao ver minha surpresa e indignação ele foi sincero: Seu pai disse a Dr. Malmann que se algo lhe acontecer aqui, ele será o culpado.

Fiquei perplexo.

Convenci Ferdinando de ceder-me a chave do almoxarifado, peça anterior, na qual havia uma porta que dava acesso a do fichário. Pela noite quando tinha pouco

movimento naquela área eu entrava e ficava procurando em meio aquela papelada algo que me levasse a obter as informações que eu tanto buscava. Nada encontrei e comecei a desconfiar que não tivesse precisado de tantos recursos para convencer Ferdinando, porque talvez ele já soubesse de antemão que eu não encontraria nada lá. Devolvi as chaves, porém um tanto contrariado, mas não fiz nenhum comentário.

Meu pai continuava me tratando bem, e eu por minha vez tentando mostrar-me um bom filho. Perguntou-me como andavam as coisas no trabalho e eu contei-lhe sobre o novo cargo. Não mencionei nada sobre o que sabia da discussão com Dr. Malmann. Falei-lhe sobre minha parte na herança e perguntei-lhe quando teria uma solução. Ele falou-me que estava providenciando, mas que havia alguns contratemplos a serem resolvidos. Muito calmo expliquei-lhe que eu gostaria de me encaminhar melhor e tendo a minha parte da herança eu poderia contar com uma renda além é claro de meu ordenado. Falei-lhe também que conhecera Judite e estava começando a me interessar por ela e que por coincidência soubera que ela também tinha se interessado por mim .

A herança de tua mãe não vai melhorar nem piorar teu relacionamento com esta moça, disse-me, já de saída. Fiquei pensando que tinha razão por um lado: sentimento não tem nada a ver com bens, dinheiro, profissão, mas por outro lado dava segurança para que se precisasse assumir um compromisso poderia contar pelo menos com um lugar certo para usufruir. Deixei de lado esses pensamentos. Lembrei-me da frustração de não ter encontrado nada a respeito de mamãe, nem de meu pai e sobre meu nascimento. Pensei em perguntar direto para Ferdinando, mas abortei a idéia.

Mais tarde, procurei a chave do cofre de minha casa no lugar onde mamãe guardava e a encontrei, ela estava intacta. Minha mãe a guardava atrás do retrato, pintado a óleo, de meus avôs. No cofre encontrei papéis referentes a morte de

mamãe. Um prontuário com muitos detalhes, porém dois detalhes faltavam: a gravidez e o parto.

Meu pai não tinha sido inteligente o bastante. Trouxera o relatório de mamãe para que eu não o encontrasse, mas esquecera um detalhe: Marília.

Resolvi ir trabalhar e deixar esse assunto para outro dia. Enquanto trabalhava um nome não me saía da cabeça: Marília. Dei um pulo da cadeira e fui pedir as chaves a Ferdinando que se negou a entregá-las. Fiquei furioso. Saí batendo a porta e encontrei Dr. Malmann que vinha pelo corredor. Perguntou-me o que estava havendo e eu simulei estar passando mal. Todo mundo correu para me socorrer. Meu pai foi chamado às pressas.

Doutor Malmann me dispensou e eu fui para casa pensar em como conseguir meu intento.

Estava trabalhando no setor que cuidava das despesas do hospital quando tive uma excelente idéia. Comuniquei a Dr. Malmann que deveriam ser trocadas algumas fechaduras e para que isso ocorresse todas as chaves deveriam ficar ao alcance do pessoal que fazia o serviço. Ele perguntou-me quem ficaria encarregado das chaves durante o período da troca e como não queria levantar nenhuma suspeita nem sobre mim, nem sobre Ferdinando se algo desse errado disse que poderia ficar com o zelador do prédio. Falei também que eram somente as chaves que estavam com problemas e eram poucas. Dr. Malmann concordou e assim se fez.

Recolheram todas as chaves das supostas portas com problema e uma delas era a porta do almoxarifado. Não se tocou na porta do fichário. Porém quando o homem foi trocar a fechadura aproveitei e pedi ao zelador que abrisse a porta que dava acesso do

almoxarifado ao fichário. Ele a abriu e deixou a chave na porta, eu fiz com que ele observasse atentamente uma mancha de umidade na parede sem entrar na peça. Ele a olhou. Então, simulei ter fechado a porta e entreguei a chave ao zelador, que a guardou cuidadosamente. Pronto estava tudo certo.

Como sempre tinha alguém trabalhando no almoxarifado durante o dia, o que me impedia de entrar, mas a noite não havia ninguém por lá. E eu ia entrar e descobrir finalmente quem era Marília.

Os dados que eu tinha era um nome e provável data da morte. Terminado o trabalho de trocas de fechadura e o testemunho do zelador e do homem que fizera o serviço de que assim como não fora trocada a fechadura das portas do fichário e nem eu entrara no local, eu estava seguro: ninguém ia saber como eu descobrira o segredo. Se é que havia algum.

Quando o homem terminou de colocar a fechadura nova do almoxarifado eu que estava com a chave velha na mão troquei-a pela nova, entregando ao zelador a chave antiga e ele a recolocou no chaveiro .

Depois de tudo entregue ao Dr Malmann por mim e o zelador e ele elogiar nosso trabalho. Simulei passar mal. E desta vez meu pai ficou tão assustado que resolveu me deixar internado. Era o que eu queria. De madrugada, aquele silêncio. Esgueirei-me pelos corredores, pronto para que se alguém me encontrasse eu dizer que teria ido pedir ajuda. Tive sorte ninguém me viu. Cheguei ao almoxarifado com o coração aos pulos, abri a porta e fechei--a por dentro. Entrei no fichário e fui direto na letra M. Encontrei Marília Nobre , olhei o final da ficha data da morte ,fechou.Coloquei a ficha dentro da roupa abri e fechei as portas , passei a chave na porta de fora e novamente me dirigi ao

quarto. Quando abri a porta deparei-me com a enfermeira que viera olhar-me e verificar como me encontrava. Disse que tinha ido ao banheiro e entrei rápido para baixo das cobertas a fim de que ela não pudesse ver os papéis. Fingi estar ajeitando os lençóis enquanto escondia o maço. Ela ajeitou-me e saiu. Coloquei os papéis debaixo do colchão. No outro dia saí do hospital e fiquei dois dias de repouso. Era mais do que eu esperava. Li os relatos sobre a doença de Marília e fiquei chocado ao mesmo tempo paralisado. Marília dera a luz a uma criança do sexo masculino e três dias depois morreria por infecção do parto. Meu cérebro não conseguia pensar era muito para mim. Lembrei-me do que nega Maria tinha dito: desconfiaram que mamãe tivesse casado grávida, porque eu tinha nascido antes do tempo. Li novamente a parte que falava sobre a criança e ainda dizia “nascido vivo”.

Ninguém na família tinha falado algo a respeito destes fatos. Meu pai não queria falar. Tia Joana não dizia nada claramente. Mas agora, diante do que estava ali escrito: eu era o filho de Marília. Não, eu não estava inventando histórias em minha cabeça. Como era possível isso? Meu pai era casado com minha mãe. Como poderia ter tido filho com outra. Era inconcebível! Só podia ser coincidência. Mas por quê... Por quê...???

Fiquei com dor de cabeça de tanto pensar. Ora pensava uma coisa, ora outra. Senti uma vontade enorme de fugir, sumir... Em vez disso fui procurar a chave do cofre que eu tinha colocado propositalmente no mesmo lugar onde mamãe guardava. E ela continuava lá. Ainda bem, pensei com meus botões. Achei o documento oficial de casamento de minha mãe com meu pai. Não havia mais dúvidas. Eu não era filho de mamãe. Era filho de Marília, com certeza. Tudo se encaixava: eu teria que ter nascido

de seis meses , se minha mãe tivesse ficado grávida no mesmo dia em que se casou.Com certeza não teria sobrevivido.

De posse dos papéis coloquei meu pai contra a parede. Não falei que tinha provas. Conte-i-lhe que de tanto pensar e analisar eu chegara a conclusão de que não era filho , mas não disse de quem porque agora a dúvida era dupla. Meu pai tentou negar, perguntou-me quem teria inventado tal sandice. Ora como eu não poderia ser filho, imagina, você está doente, perguntou-me. Disse-lhe que não estava doente e que há muito tempo vinha analisando o conjunto de informações e que de fato perante a certidão de casamento dele e mamãe, não havia dúvidas. Eu não poderia ser filho. Mostrei-lhe a certidão. Meu pai ficou branco, sentou-se e me perguntou: que mais você sabe. Respon-di-lhe: tudo.

Ele olhou-me aturdido. -Como tudo?

Retruquei: Tudo. Este tudo é inegável. Eu não sou filho!

Diante do que passei como crédito ele começou a me contar o que seria a minha história ou a dele, ou a de mamãe ou mesmo de Marília, como queiram ”.

Eu estava exausto. Interrompemos aqui nosso trabalho.

Durante o dia passei angustiado. Cheguei a pensar que Zacarias tinha esquecido de mim. Falei com a diretora e essa me tranqüilizou, dizendo que Zacarias não tardava.

Á noite chegava e a angústia se apossava de mim. Preenchia as horas escrevendo. E José continuava contando àquela história que parecia não ter fim. Tudo

naquela história me intrigava muito. Às vezes parecia que não eram a mesma pessoa o que contava e o que se encontrava ali diante de mim. José como pessoa me parecia mais rude que aquele a quem descrevia.

Continuamos a escrever:

“No tempo quando meu pai e minha mãe eram mocinhos era muito costumeiro que alguma pessoa que morava no campo e tinha filhos para estudar na cidade solicitassem a uma família conhecida para que seus filhos, principalmente as moças, ficassem hospedados, onde ajudavam em pequenos afazeres enquanto recebiam cama e mesa. Os pais de Marília, por sua vez, não eram diferentes. Mesmo que não fossem pobres eles preferiram deixar Marília morando na casa dos pais da mãe de minha mãe. Meus avôs tinham duas filhas e um filho, mas nessa época eles estavam de luto, pois o filho falecera acometido de doença grave, o tifo. Como ainda estavam convalescentes de tamanha dor da perda do filho acharam que seria bom para todos que Marília fizesse companhia não só para as meninas como diminuiria o vazio deixado pelo filho e irmão falecido. Marília tinha treze anos quando se mudou para a casa de meus avôs.

Meu pai conhecia minha mãe, pois os pais deles eram velhos conhecidos. Meu pai conhecia minha mãe desde pequeno, mas não conviviam muito. Em um baile realizado no Clube da cidade meu pai conheceu Marília e começaram um namoro as escondidas, pois os pais dela não queriam que ela namorasse enquanto não terminasse os estudos. Como meu pai não tinha a intenção de casar-se com ela, também não fez questão de contar a ninguém, mesmo porque ele estava estudando fora e estava prestes a se formar e alimentava certo interesse por mamãe.

Minha mãe, nesta época, também estudava fora e morava na casa de uma tia na mesma cidade em que meu pai estudava. Encontravam-se às vezes o que mais tarde tornou-se um namoro sério. Então meu pai mantinha um namoro sério com aquela que eu tinha como mãe. E um namoro escondido com aquela que de fato era a minha mãe.

Minha mãe, a que eu tinha como se fosse, ignorava tal fato e quando se formou retornou para casa. Neste meio tempo, Marília tinha voltado a morar com a sua família, pois seu pai não passava bem. O pai de Marília faleceu e ela ficou um tempo ainda fazendo companhia para sua mãe. Quando retornou para a família que a acolhera descobriu o namoro de meu pai e minha mãe. Ficou extremamente chocada e retornou a casa paterna sem falar uma só palavra. Tia Joana que era muito esperta fingiu não saber de nada, porém já tinha tomado conhecimento do tal namorico entre Marília e papai. Como ele assumiu o namoro com sua irmã e marcou data para o casamento determinou que o caso com Marília tivesse encerrado, até porque ela não se manifestou.

Meu pai havia recebido uma proposta de emprego em um dos maiores hospitais da América do Sul e não queria perder a chance de fazer nome, por isso marcaram o casamento e casaram - se muito rapidamente.

Vinte dias depois do casamento, Marília deu entrada no hospital para dar a luz a uma criança. Marília nunca falou que o filho fosse de meu pai, mas também não negou o fato. Quando ela me pôs no mundo fez um pedido a dona Marta. Marta era o nome de mamãe. Marília pediu que ela me adotasse como filho. Meu pai foi contra. Mas não adiantaram seus argumentos. Dona Marta não recusou e adotou-me. Segundo meu pai, ela queria castigá-lo por um erro cometido, um ato não pensado.

Marília teve uma infecção intra-uterina e não resistiu. Meu pai tornou-se amargo carregando a culpa de uma morte e um nascimento que não estavam em seus planos. Dona Marta diante do fato negou-se a viajar para o exterior, negando ao meu pai uma brilhante carreira e ele por sua vez jogou a culpa de seus desatinos em mim.

Eu passei a ser odiado por meu pai, eu era um empecilho e uma herança maldita na vida dele. Dona Marta, que eu considerava minha mãe, nunca foi de direito, mas era de fato e de coração. E meu pai eu nunca soube quem era, pois Adalberto nunca falou se era ou não. Apesar de tudo ainda amo dona Marta, posso dizer que se ela fosse minha mãe não seria tão bondosa, tão gentil, tão carinhosa como foi comigo. Nunca me disse algo que me ferisse e da vez que não discordou do meu pai da decisão de eu ir para o internato e que eu não entendi e até a odiei por isso. Agora, posso entender que ela queria me salvar do furor do ódio dele “.

Hoje já é novamente quinta-feira e eu estou louco que termine esta história de José Henrico. Estou ficando exausto e sem ânimo e também sem coragem de dizer a ele. Não quero magoá-lo.

Não vejo a hora de acabar com isto. Espero que amanhã tenha notícias de minha filha Josefina, ultimamente ela não me sai do pensamento. Cada vez que penso nela me vem à lembrança dos pesadelos que tinha com ela.

Não é fácil para mim que queria liberdade sem fim ficar aqui preso sem poder sair. Espero que Zacarias não me esqueça e venha me buscar para irmos onde quer que seja, mas que seja fora daqui. Já começo a sufocar só de pensar em ficar mais tempo por aqui.

Graças a Deus José acaba de me avisar que hoje ele termina sua história.

“Devolvi os papéis ao arquivo sem precisar fazer uso deles. Ainda penso no tanto de sacrifício que fiz para saber de uma vida, quando tudo parecia muito mais fácil de ser falado sem mágoas e ressentimentos.

Depois do dia que meu pai contou-me tudo fui procurar Dr. Malmann e contei-lhe minha história. Ele sacudiu a cabeça e me disse: Estude.

Procurei meu pai e solicitei que esquecesse a questão da herança. Eu não tinha direito a nada daquilo. Nada me pertencia. Foi quando ele me disse que o que tínhamos era apenas aquela casa. Indaguei-lhe pela fazenda que era de minha mãe Marta. Ele respondeu que tinha sido penhorada por dívidas adquiridas pelo descontrole do preço do café. Contou-me também que, no Brasil, tinha assumido Getúlio Vargas para acabar com o pacto de 1912 e promovia a instalação de uma nova sociedade.

E assim ocorreu: a partir de Vargas, o poder econômico mudou de mãos passando de uma sociedade agrária para uma sociedade industrial e comercial. Desenvolveu-se uma mescla de povos e costumes os mais variados possíveis onde se destacaram os italianos e os judeus.

Diante de tais inovações resolvi voltar aos estudos estava mais maduro e o meu interesse por Judite foi por água abaixo. Não daria certo. Voltei para a França, mas desta vez mais maduro. Procurei meus amigos mais chegados e mais corretos que, por certo, a estas alturas já estavam bem adiantados e me serviriam como contraponto em alguma dificuldade que encontrasse pelo caminho.

Já havia se passado mais de dois anos desde que abandonara o internato. Estava entusiasmado. Encontrei Percival que morava com sua mãe e que da vez que fugira do internato me acolhera tão gentilmente sem saber da enrascada em que estava se metendo. Lembro-me que quando descobriu da minha fuga ficou furiosa. Como já tinha passado um tempo nós criamos que não iria lembrar-se do fato.

Qual nada foi me ver e perguntar: - de onde foges, agora? Eu respondi em tom sarcástico: - de uma moça bonita. Ela sorriu e abraçou-me como mamãe o faria. Chorei, senti uma saudade imensa daquela que eu julgara e tinha sido minha mãe durante toda uma vida. Conteí a ela minha história e ela falou-me que era uma linda história e que valia um livro.

Comecei a estudar e levei a sério. Mas, um incidente mais do que sério agitou os Franceses: Hitler assumiu o poder na Alemanha. Começaram dias de agonia. A Grã-Bretanha e os Estados Unidos não ofereciam garantias de evitar o rearmamento alemão. A França por sua vez tentou conseguir sua segurança estabelecendo alianças com a Bélgica e com os estados da Europa oriental que poderiam ameaçar a Alemanha com uma guerra de duas frentes, caso fosse atacada. Hitler não perdoaria. A França era um alvo mais do que certo por ter participado da primeira guerra Mundial ao lado dos aliados. E ainda tínhamos um incidente político imperdoável ocorrido em 1895 que envolvia um oficial de origem judaica o qual foi acusado de ser espião do império alemão e dividiu a opinião, na França, entre direita e esquerda que passaram a se odiar mortalmente.

Até que explodiu a segunda guerra eu fiz minha inscrição como voluntário. Enviei uma carta comunicando o fato a meu pai. Ninguém ia me demover da idéia. Fui

convocado. Fiquei eufórico e ao mesmo tempo tenso. Não dormia a noite. Todos tentavam me demover da idéia. Mas eu não deixei me abater. Fui combater.

Em 1940 a França foi invadida. E os sinos repicaram durante uma semana para comemorar aquela que foi para Hitler uma vitória sem igual. Entrou pela França arrasando, usou uma estratégia nunca presenciada; um serviço de inteligência e material bélico de última geração. Nosso fim. O batalhão em que me encontrava foi dizimado. E os poucos que sobraram foram mortos à queima roupa.

E assim, eu me despedi.

Mas só para lembrar: a vida continua sempre, pois existe outra vida. “Veja por nós dois que estamos aqui e parecemos vivos”.

Comentei o fato de que na segunda guerra eu, Amália e Josefina estávamos em Portugal para fugirmos um pouco daquele tumulto e foi a nossa sorte .

Pronto! Agora era esperar notícias de Zacarias. Pedi a José que enquanto eu passava seu livro para um papel de melhor qualidade ele não fizesse comentários de que eu acabara o seu livro. Expliquei que os outros também queriam que eu escrevesse algo sobre eles e eu estava muito cansado. Ele entendeu e voltou a dormir no antigo quarto, normalmente.

Dois dias depois de terminar de escrever o manuscrito, Zacarias apareceu; veio trazendo notícias de que meu pai já se recuperara. Demorara mais do que o previsto, devido ter esperado que Amália tivesse o bebê. Era mais uma menina e se chamava Luzia. Disse-me que no dia seguinte iríamos a Palermo para uma reunião familiar onde

meu pai deveria esclarecer todas as dúvidas a respeito da transferência de Amália e Josefina para Monreale.

A diretora do hospital estava a par de tudo e convidou Zacarias para pernoitar por lá. Ele hospedou-se no meu quarto. Adorei a idéia, assim poderia ir adiantando alguns assuntos para não chegar à reunião tão alheio aos fatos. Zacarias pediu-me desculpas por não ter o que me falar e solicitou que eu aguardasse os fatos. Adiantou-me apenas que eu estivesse preparado para algumas surpresas. Alegou estar muito cansado. Tirou uma soneca antes do jantar. Eu fiquei imaginando as surpresas que me aguardavam nada me tirava da idéia o fato de que meu pai tirara para amante a minha esposa. E Luzia era filha dele e isso era a surpresa.

Avisados do jantar fomos ao refeitório. Nesta noite não fiquei para a conversa de todas as noites. Encaminhamos-nos para o quarto em silêncio. Zacarias dormiu logo e eu fiquei acordado até bem tarde, me sentia muito nervoso e agitado.

O dia seguinte era sexta-feira dia das reuniões espirituais e eu não queria chegar atrasado. Sentia-me bem depois delas. Sentia-me fortalecido. Até aquela ansiedade por sentir-me preso naquele local já havia passado eu estava me inserindo como que ali eu estivera há muito tempo. Não sentia mais vontade de sair à noite como antes. Raras vezes lembrava-me das noitadas e beberagens e das raparigas e tudo mais. .Ouvi passos no corredor e fui ver quem era: era Graça que ia se recolher. Pedi para ela que me acordasse um pouco antes do inicio da sessão. Já era muito tarde e todos dormiam.

Depois disso, dormi e acordei quando Graça entrou no quarto. Fui ao refeitório, tomei meu café e dirigi-me imediatamente à sala de reuniões. Já era a terceira vez que eu participava delas. Eram muito calmas e todos os doentes passavam por uma espécie

de benzedura. Faziam orações e de vez em quando alguém falava explicando do que se tratava para quem não entendia muito. Eu era uma dessas pessoas, nunca frequentava nada, nenhuma religião. Eu me sentia pacificado.

Quando retornei, Zacarias já me esperava sentado no banco que ficava de frente para a janela do meu quarto. Fui ter com ele. Ficamos uns quinze minutos e eu lhe contei do quanto estava gostando de estar ali. Apesar de estar cercado de pessoas que julgávamos doentes com problemas mentais e outros eu tinha encontrado verdadeiros amigos. Naquele local não havia discórdia e ninguém se atrevia a encenar uma briga ou uma traição. Todos eram por todos.

À tarde saímos para o retorno a Palermo onde participaríamos da tal reunião de família planejada por meu pai. Como Zacarias não quisera adiantar nada eu ia conjecturando o que poderia ocorrer, que surpresas me aconteceriam. A viagem era curta, pois o percurso era pequeno, em torno de duas horas. Fomos direto à casa de meus pais.

Próximo da chegada comecei a me sentir mal. Zacarias incentivou-me dizendo que quem sabe a surpresa que eu teria tornaria melhor a minha vida. Quem sabe este tempo dado para eu pensar não tivesse sido o primeiro passo de tantos que iam vir. Tentei reagir, mas eu já não tinha um bom relacionamento com meu pai e depois do episódio do tiro acreditava que não estivesse tão bem assim para enfrentá-lo.

Quando descemos do carro de aluguel Josefina veio ao meu encontro. Apertei-a sobre o meu peito. Ela estava maior e mais magrinha. Quis que eu fosse logo ver a irmãzinha. Eu a acompanhei e ela corria na minha frente e eu com as pernas travadas mal conseguia me mover. Ela gritava: venha papai, venha logo! Eu adorava minha filha, mas a outra seria mesmo minha? Atravessamos o pátio e entramos em casa. Fomos até o

quarto onde repousavam Amália e Luzia. Estava escuro. Josefine abriu um pedaço da veneziana da janela para entrar a luz e eu vi Luzia que era um bebê muito lindo. Amália abriu os olhos resmungou algo e tornou a dormir. Nem se deu conta de que eu estava ali.

Ao sair do quarto encontrei minha mãe. Abraçamo-nos e fomos para a cozinha tomar algo. Neste momento reparei que me afastara de Zacarias e não mais sabia onde ele estava. Mamãe alertou-me de que ele fora ter com meu pai nos preparativos da tal reunião. Perguntei a minha mãe sobre do que tratariam e ela disse-me:

_ sei tanto quanto você. Disse-me que, nós dois, conhecíamos muito bem meu pai e, portanto, não era de se admirar tanto mistério.

Conversando, perguntei a ela desde quando meu pai conhecia Zacarias já que pareciam tão íntimos. Ela respondeu-me que de muito tempo, mais do que eu pudesse julgar. De fato eu já desconfiava que ele pertencesse à Irmandade.

Pela noitinha chegaram meu pai e Zacarias. Meu pai apertou minha mão sem muito entusiasmo e continuou conversando com Zacarias como se ele fosse o seu filho e não eu. Confesso que fiquei um pouco enciumado. Porém eu não podia pedir nada além daquele frio aperto de mão, pois o tinha alvejado sem dar-lhe a possibilidade de defesa. Eu tinha sido um covarde e com certeza ele me diria isso na reunião.

Na hora do jantar silêncio total à mesa, só se ouvia o barulho dos talheres. Eu não tinha coragem para olhar o meu pai. Amália não desceu. Ficou no quarto com o bebê. Josefine não se desgrudava da irmãzinha e ficou por lá também. Eu me sentia um peixe fora d'água.

Após o jantar fomos para a biblioteca. Meu pai começou contando como Amália e Josefina foram parar em Monreale. Beatriz incentivara a Amália de enviar uma correspondência aos sogros, solicitando ficar por hospedada em sua casa a fim de colocá-los a par da situação em que se encontravam mãe e filha, praticamente abandonadas por mim. Meu pai autorizou Beatriz a providenciar todos os pormenores para a dita transferência das duas na mais perfeita surdina. Neste caso nem minha mãe sabia de nada. Durante sua explanação eu nem respirava. Ele virou-se para mim e considerou:

_ “Não se preocupe, meu filho, eu não o estou repreendendo, pois o culpado de tudo isto sou eu mesmo que nunca te dei a educação certa! Logo que você começou a ficar maiorzinho eu e sua mãe mandamos você para o internato e deixamos que os outros tomassem conta por nós. Nem parece que eu também tinha passado pela mesma situação”.

Eu já estava mais aliviado, pois ele tomara para si a culpa de eu ser um perverso. E, ele continuou falando:

_ “Quando eu tinha a idade que você casou conheci uma moça muito linda e a cortejei por muito tempo. Quando os pais dela acharam que o namoro estava longo demais me pressionaram a casar e eu como um bom moço, marquei a data e realizei o sonho deles.”

Olhei para minha mãe com um olhar funesto.

_ Acalme-se -disse ela- eu já sei disto.

E ele prosseguiu:

_ “Meu casamento durou muito pouco, uns dois a três anos mais ou menos e minha primeira esposa sofreu muito. Eu era igual a você queria apenas festa e beberagem. Não tinha um mínimo de possibilidade para ser um bom marido e bom pai. Foi, então, que meu pai, o teu avô, fez comigo o que eu fiz contigo. Levou minha mulher para morar com eles obrigando, assim, eu tomar uma atitude em relação a minha vida. Eu, no entanto, não fui covarde o bastante para atirar em meu próprio pai, você foi.”

Disse-lhe que estava escuro e eu não o reconheci que me encontrava apavorado de perder minha mulher e filha e que não as encontrava. Falei-lhe tudo, que tinha viajado para encontrá-las e não tinha conseguido. Pedi a minha mãe para dizer que estivera também juntamente comigo à procura das duas. Ele ouviu pacientemente sem me interromper o que já era um milagre.

Continuou ele a sua história:

_ “Eu também me desesperei quando perdi minha mulher e filho”.

Filho? Ele falou filho? Eu seria filho dele com outra mulher? Minha mãe não era minha mãe? Mil e um pensamentos enchiam minha cabeça. Esta era a surpresa da qual Zacarias se referira quando solicitou que viesse com ele.

Meu pai continuava sua história:

_ “Tornei-me um ser que não tinha sossego cheguei a achar que não teria como viver sem eles, mas sobrevivi. Foi, então, que decidi que não queria viver aquela vida em

família. Fui procurar os amigos de outrora pensando na boa vida que levava, mas meu pai me deixou sem nada. Cortou-me a gorda pensão que me mandava. Seu avô mandou que eu procurasse os meus amigos, aqueles cuja amizade eu dedicara e não só amizade, mas também tempo e dinheiro que muitas vezes emprestei e nunca mais recebi. E qual não foi a minha surpresa: estes não me acolheram e eu perambulei sem ter o que comer e nem onde ficar. Resolvi voltar para casa e trabalhar. Teu avô me acolheu na Irmandade, esta mesma Irmandade que você tanto abomina. Esta que me dá suporte para te manter até hoje sem precisar fazer esforço e nem sequer mexer um dedo.”.

Ele falava e eu esperava o desfecho sobre o filho.

_ “Seu avô continuava cuidando de minha mulher e do meu filho com todo amor e carinho. Como eu tenho feito cuidando de Amália e Josefina e que recebo em troca? Desconfiança e agressão”.

Agora eu já tinha quase certeza que o filho não era eu, porque se fosse ele se referiria não a minha mulher e meu filho e sim a sua mãe e você. O filho era outro e por um relance cheguei a pensar em José Henrico. Nós havíamos nos afinado tanto que parecíamos velhos conhecidos. Logo passou este pensamento estapafúrdio.

_ “Um dos cavaleiros da Irmandade, certo dia, veio falar comigo e seu avô para desposar a minha ex-mulher. Dizia ele que se apaixonara por ela e não seria digno de sua parte manter uma relação amorosa sem o meu consentimento uma vez que ainda continuávamos casados. Perguntei-lhe se assumiria ela e o filho e ele respondeu que

sim, então abri mão dela. Depois disto conheci tua mãe e até hoje que eu saiba nos damos bem.”

Eu já nem o ouvia mais. Eu não me agüentava de curiosidade sobre quem seria o outro filho. Ele estava furioso e nem sabia da desconfiança de minha mãe sobre dele ter uma amante e eu de ele ser amante de Amália. Preferi esperar aquele desfecho. Todos estavam em silêncio e eu não queria ser o único a interrompê-lo.”

E continuava:

_ “O tempo passou e só voltei a ver meu filho muito tempo depois quando ele foi apresentado à Irmandade. Já estava formado e possuía muitos atributos. Pelo fato de não ter convivido conosco não tinha a obrigação de saber que era seu irmão e só veio a sabê-lo quando você o envolveu na história de ajudá-lo a encontrar Amália.”

Nossa! Eu estava estupefato. Não queria acreditar. Zacarias era meu irmão. Olhei para ele com uma cara tão assustadora e levantei-me da cadeira enquanto ele dava dois passos para trás, acho que temendo uma agressão. Perguntei-lhe porque não havia me contado. Aquilo era uma história e tanto, mas ele não tinha que me explicar nada já havia ajudado muito a encontrar a solução para muitos problemas meus e ademais ele também não sabia ser meu irmão. Falei-lhe que eu já desconfiara que ele trabalhasse para a Irmandade devido a grande agilidade que tinha para arranjar qualquer coisa que quisesse e no trato com as autoridades. Era muito respeitado e possuía grande credibilidade. Dei-lhe um grande abraço e ele correspondeu. Meu pai era muito mais orgulhoso de um filho que não tinha sido criado por ele e era justo. Eu não merecia tanto. Zacarias era um grande homem.

Passado o elemento surpresa meu pai entrou na situação de Amália. Explicou que nada tinha acontecido entre ele e ela. Que o fato de Amália ter se achado grávida do segundo filho e abandonada por mim no aspecto afetivo comentara com Beatriz e esta aconselhara procurar por ele. Como o caso era parecido com o que ele já havia passado resolveu então fazer uma transferência de residência dela e Josefine, como que para subjugar-me a tomar uma atitude em relação a elas. Como foi uma estratégia traçada entre Beatriz e meu pai que fizeram tudo às escondidas, mas claro que com o consentimento de Amália que já não suportava aquela vida solitária que levava. De luxo, mas solitária. Minha mãe de nada sabia e se sabia pelo menos me disse que não, inclusive viajando comigo a fim de ajudar-me a encontrá-las. Eu creio que não sabia mesmo ao ponto de acreditar que as fugidas de meu pai se tratavam de uma amante. Pelo que conheci de minha mãe ela jamais iria atrás para saber se realmente havia uma amante nesta história. Segundo ele, quando Amália chegou a Monreale já estava de três meses.

Depois desta reunião todos nos recolhemos e deixamos o caso de Amália para o outro dia. Fazia pouco que ela tinha ganhado o bebê e queríamos evitar uma recaída.

Durante a noite rememorei tudo que meu pai havia contado e cheguei a conclusão de que dentro deste contexto havia uma grande ameaça: ou eu tomava um rumo ou então não teria nem mesada nem apoio dele. E o mais grave se ele não me apoiasse ninguém me daria auxílio, pois na Irmandade era assim: se alguém fraquejasse automaticamente era banido. Uma vantagem era que eu não pertencia à Irmandade, porém era filho e irmão de pessoas que pertenciam a ela e tinha por obrigação ser cumpridor de meus deveres. Para a Irmandade não contavam os laços sanguíneos. Acabei perdendo o sono e só fui dormir pelas cinco da manhã.

Às nove horas levantei-me. Depois das dez horas fui ver minhas filhas Josefina e Luzia que ainda estavam no quarto, acompanhadas de Amália.

Amália ao ver-me entrar encheu os olhos de lágrimas, mas discretamente os limpou. Conversamos um pouco e contei as descobertas que havia feito na noite anterior e ela ficou muito surpresa ao saber que eu tinha um irmão mais velho e que justo este irmão era quem me ajudara a encontrá-la.

Quando saí do quarto tive uma sensação muito estranha. Amália não significava mais nada para mim, senti que ela representava apenas a mãe de minhas filhas e comecei a me repreender. Como alguém podia ser tão apaixonado e pouco tempo depois não reconhecer nela a mulher dos seus sonhos, a minha amada a quem ali mesmo na Sicília eu tinha feito tantas juras de amor. Era uma sensação de quase vazio. Meu coração estava despedaçado só em pensar que Amália quisesse voltar a viver comigo.

Zacarias agora andava pra cima e pra baixo com meu pai. Eu não podia contar com ele para desabafar. A impressão que eu tinha era de que ele tinha me abandonado. Na verdade eu tinha ciúmes de Zacarias porque ele havia progredido e eu por causa de minhas futilidades e perversão estava ali sem eira nem beira. E se meu pai cumprisse a ameaça de me deixar sem nada? Segundo o que ele contou o pai dele havia cumprido o prometido. Aliviou-me um pouco a preocupação porque ele não havia dito diretamente isso, ele apenas tinha contado o que meu avô fez com ele, porém isto não seria uma ameaça indireta. Pois que fosse. Eu já começaria desde logo a pensar em uma solução.

Mais tarde escrevi uma carta para Vodgole pedindo a ele que procurasse Madame Sofie que detinha uma procuração minha. Eu a havia dado para prevenir-me sobre os pagamentos que deveriam ser efetuados em minha ausência, pois não saberia

precisar quanto tempo ficaria fora. Deveriam retirar dinheiro no banco a fim de pagar os empregados que ainda mantinham nossa casa em Paris e os empregados da fazenda nos arredores. Escrevi também uma outra carta madame Sophie solicitando que desse o dinheiro para Vodgole fazer tais pagamentos.

Meu pai e Zacarias não apareceram para o almoço. Pela tarde enviei as cartas e voltei rapidamente para casa. Procurei Josefine para que pudéssemos brincar um pouco juntos. Nossa casa em Palermo era muito grande e tinha muito espaço, inclusive cavalos para passeios pela propriedade.

Solicitei que fossem selados dois cavalos mansos e saímos a passear. Josefine sempre muito ativa e sorridente. Contou-me muitas coisas e eu percebi que ela não lembrava que era eu quem atirara no seu avô. Ela me tratava na história como se fosse um a outra pessoa chamando-o de “um homem”. Acreditei que não tinham contado a ela que tinha sido eu o autor dos disparos. Andamos a cavalo e no final quando estávamos chegando de volta ela disse-me:

_ Sabe papai, nós não vamos mais voltar pra morar com o senhor.

Perguntei quem havia dito aquilo e ela respondeu-me que sua mãe havia conversado com ela e ambas tinham feito um trato de não mais voltarem para Paris.

Diante disto fiquei mais sossegado o meu medo era que eu não querendo mais conviver com Amália pudesse prejudicar Josefine, mas muito pelo contrário, Josefine se mostrava muito mais determinada que eu.

À tardinha meu pai e Zacarias chegaram. Fiquei olhando os dois quando desceram do carro tentando decifrar algo que fizesse com que os dois se parecessem

como pai e filho. Como eu não tinha percebido antes o mesmo corte de cabelo, estatura e modo de andar os tornavam muito parecidos.

Depois do jantar fomos para a biblioteca e meu pai perguntou-me se havia conversado com Amália sobre nós. Respondi-lhe que ainda não tínhamos conversado sobre isto. Você está esperando que eu fale por você?- disse ele. Fiquei constrangido e Zacarias interveio em meu favor dizendo que meu pai esperasse um pouco, afinal tínhamos tempo suficiente para resolvermos tais questões. Meu pai asperamente intimou-me a fazê-lo no dia seguinte, pois Zacarias poderia ficar quanto tempo quisesse em sua casa, entretanto eu tinha só dois dias ali e fosse arranjar onde ficar depois disto. Ainda comunicou-me que se Amália não retornasse comigo, a casa em Paris seria alugada e a fazenda vendida. Quanto a pensão deu um prazo de seis meses para eu arranjar um trabalho acrescentando que não ia sustentar vagabundo. Olhei para minha mãe e ela com os olhos rasos d'água tentou argumentar em meu favor usando as próprias palavras dele na noite anterior que eles eram os culpados por não terem me dado a educação necessária. Ele não queria saber e foi incisivo em suas justificativas demonstrando a mim e aos demais que eu já estava bastante crescido para dar um rumo na minha vida. Não fiquei mais chocado do que estava acostumado.

No fundo todos nós sabíamos que meu pai tinha razão eu vivera até o momento sem fazer coisa nenhuma e a única vez que precisei ter responsabilidade eu falhei. Minha vida até ali tinha sido de mentira. Nunca em lugar algum me senti tão bem como no hospital onde Zacarias tinha me deixado. Eu apenas não entendia porque Zacarias tinha me hospedado naquele lugar.

Quando nos retiramos para dormir conversei com Zacarias a respeito do Hospital e ele me relatou o seguinte: o hospital fora criado por meu pai e seus amigos

para abrigar pessoas que eram familiares ou conhecidos dos componentes da Irmandade. O mesmo servia para amenizar algumas dores de alma daqueles que se encontravam necessitados. Era mantido com dinheiro da Irmandade, porém não tinha nenhuma ligação de negócios com a mesma. O hospital era apenas um refúgio para todos os que necessitassem de um tratamento médico - espiritual e poderiam pertencer a qualquer religião ou credo, bem como classe social.

Zacarias explicou-me que papai atendia ao pedido do médico que cuidara de sua mãe que sofreu por longo tempo de alucinações. Ela foi desenganada por vários médicos que sugeriram sua internação num hospício para loucos. Diante da recusa de meu pai e seus irmãos, o médico que a tratou por último e que se chamava Joseph Gabriel sugeriu a criação de um centro de terapia baseado não só na medicina, mas também no tratamento do espírito através de massagens e controle emocional sem o uso de choques e medicação intravenosa que deterioravam as ondas cerebrais. Meu pai sabia que esta terapia não era muito conhecida e até certo ponto não era aceita pela maioria dos médicos da época, porém acreditando que sua mãe só teria a piorar devido às circunstâncias em que se encontrava e como a medicina tradicional nada mais podia fazer por ela, resolveu criar o centro que mais tarde passou a se chamar Hospital Espírita como todos o conheciam. Sua mãe melhorou bastante com o tratamento passando inclusive a reconhecer seus familiares. Infelizmente ela faleceu três anos após a sua internação, mas o hospital continuou seu compromisso.

Apesar de não concordar com muitas das atitudes produzidas pela Irmandade as quais se tinha conhecimento não poderia deixar de reconhecer uma das qualidades de meu pai a de querer ajudar algumas pessoas a se encontrarem. Indiscutivelmente aquela era uma das melhores ações produzidas por meu pai.

Contei a Zacarias o bem que me fizera aquelas três reuniões que tinha presenciado. Contei-lhe também a minha decisão de não mais querer ficar casado com Amália e solicitei que conversasse juntamente comigo com meu pai. Zacarias deu-me a entender que não queria intrometer-se mais do que já havia feito entre eu e meu pai.

_ Isso é um problema só seu meu irmão - disse-me, dando um tapinha com a mão espalmada em minhas costas, afastando-se logo depois.

Por um momento fiquei triste por ele me abandonar no exato instante em que eu julgava estar necessitado. Mais tarde, pensando a sós em meu quarto pude perceber que ele tinha razão. Eu apenas não entendia porque sentia tanto receio em enfrentar meu pai. Eu não era mais um menino de calças curtas, hoje eu era um homem feito, pai de duas meninas, mas me julgava um pobre coitado e enquanto eu me sentisse assim com certeza seria tratado da mesma forma. Decidi naquele momento que não mais seria assim.

Conversei com Amália sobre o que eu tinha decidido a nosso respeito e perguntei-lhe de sua proposta. Ela também estava determinada a se afastar de mim. Falou-me todas as suas razões e eu tive que concordar que era o mais justo para com todos nós. Ela permaneceria com as crianças e morando em Monreale e eu conversaria com meu pai a respeito da manutenção dela. Mais conformado fui conversar com meu pai que fumava um charuto apoiado na parte interna da janela como se estivesse espiando alguma coisa. Entrei na sala e fiquei parado para não atrapalhá-lo. Ele voltou-se e chamou-me até onde estava para também observar a cena. Estavam Zacarias e Josefina a brincar no gramado. Considerando o que víamos eram como se fossem duas crianças. Papai virou-se para mim e disse:

_ Nunca seremos velhos o bastante para não conservarmos o espírito de criança que há em nós.

Fui obrigado a concordar.

Começamos a conversar em um clima muito cordial. Coloquei a ele a decisão tomada por mim e Amália de nos separarmos. Ele considerou uma atitude muito justa e concordou em mantê-la e às crianças até que eu pudesse sustentá-la por meu próprio esforço.

No dia determinado para minha partida Zacarias foi comigo até o porto. Conversamos sobre o que pretendia fazer. Eu havia decidido voltar ao hospital e ficar por lá uns quinze dias para eu ter certeza de fato que o que eu iria fazer dali para frente. Ele foi muito gentil dizendo que se por acaso não tivesse onde ficar quando voltasse a Paris poderia hospedar-me em sua casa, pois ele passava a maior parte do tempo viajando e mantendo contatos com os diversos membros da Irmandade em vários pontos do país. Disse-me estar muito feliz de ter sido reconhecido como irmão por mim. Eu também estava feliz por ele, mas o que me incomodava era me afastar de Josefina.

Zacarias firmou compromisso de estar sempre atento e mandar-me notícias dela e de Luzia. E eu sabia que podia acreditar por que ele era de confiança de meu pai e era meu irmão. Enquanto aguardávamos meu embarque revelei a ele um outro assunto que me angustiava e que se chamava José Henrico. Havia algo na história que me contara que me incomodava: como uma pessoa poderia pensar que estava morta estando viva. Eu queria de algum modo ajudá-lo, mas não sabia como. Meu irmão pediu-me paciência e que eu aguardasse sua chegada para uma visita assim que terminasse o trabalho que estava desenvolvendo para papai. Despedimo-nos e eu parti.

Passados não mais que duas horas cheguei a meu destino. Na porta do hospital encontrei Graça sorridente. Ontem pensei em você – disse-me ela. Comentei com ela como tinha sido a viagem e me dirigi a sala da diretora. Agora estava me dando conta que ali não tinha nenhuma pessoa do sexo masculino que trabalhasse até mesmo os jardins eram cuidados por mulheres.

Conversei com a diretora e solicitei a ela para que eu permanecesse ali a fim de fazer algumas reflexões e participar das reuniões as sextas - feiras. Ela me pareceu bastante favorável, mas entregou-me algumas tarefas que deveriam ser cumpridas com a finalidade de contribuir para o bom andamento da mesma. Como a hospedagem não era paga os que ali se encontravam tinham sempre que dar uma contrapartida em serviços prestados. As tarefas me eram convenientes. Ao sair comuniquei que Zacarias viria logo para encontrar-se comigo. A diretora perguntou-me qual a minha ligação com Zacarias ao que respondi que éramos irmãos, mas que somente dois dias atrás havíamos descoberto. Ela pareceu sorrir.

Retirei-me e encontrei José Henrico que me pareceu bem saudável e não me reconheceu. Quando o cumprimentei ele não respondeu e passou por mim sem me dar a mínima atenção. Fiquei preocupado com sua atitude. Será que ele tinha se arrependido de ter me contado sua história e estava envergonhado. Não fiquei pensando no caso, embora ficasse intrigado.

Descansei um pouco. Logo após o almoço os pacientes vieram ter comigo e ficamos conversando por muito tempo no pátio, porém José Henrico nem perto chegou. Ficou sentado sozinho em outro banco como que perdido. Estela estava entusiasmadíssima já acabava de escrever o tão sonhado livro e ia solicitar para a diretora do hospital para imprimi-lo. Eu continuava a não entender José Henrico.

Mais à noite, conversei com Graça que me contou que José Henrico não se chamava assim, seu nome verdadeiro agora era Baltazar e tudo que ele tinha dito antes não passava da história de outra pessoa que por pressuposto havia morrido na guerra e que esta, sim, se chamava José Henrico. Perguntei-lhe como tinham chegado a esta conclusão ao que ela passou a relatar-me que na sessão da última sexta - feira, a qual eu não estava presente, o espírito que o acompanhava havia se apresentado dizendo que não precisava mais dele. E que quando perguntado por que o usara por tanto tempo o mesmo havia dito que já havia conseguido o seu objetivo. Fiquei boquiaberto. Eu não entendia nada de espíritos e ainda mais a possibilidade de um acompanhar por tanto tempo uma pessoa. Era duma incredulidade a toda prova. Graça disse-me que no momento em que ele ficou sem saber qual o seu nome verdadeiro os médiuns providenciaram chamá-lo Baltazar e o rebatizaram até que se encontre o seu verdadeiro nome. Pedi-me que deixasse Baltazar quieto por algum tempo até ele se acostumar com a idéia de ser a pessoa que era e de estar vivo. Ele estava tão acostumado com a idéia de estar morto que a era um choque para ele ter certeza de suas responsabilidades terrenas.

Graça sabia que Zacarias tinha muita influência e era um bom profissional e segredou-me que quando ele viesse visitar-me, a diretora iria pedir para que ele encontrasse a família de Baltazar. Eu já tinha desenvolvido certa intimidade com Graça que dava tranqüilidade para perguntar-lhe qualquer coisa. Então, comentei o fato de só trabalharem mulheres no hospital. Ela muito gentilmente explicou-me que como a primeira paciente do hospital era uma senhora e os parentes da mesma eram pessoas influentes e tinham posses contrataram somente mulheres para tocar o hospital, mas que nada tinham contra os homens. E indagou-me por quê? Era somente curiosidade -

respondi-lhe. Ela por sua vez não falou mais nada e nem eu falei que se tratava de minha avó. Ela retirou-se e eu deitei-me já era tarde.

Os dias se passavam lentamente e José Henrico que agora era Baltazar andava cada vez mais triste. Procurei a diretora do hospital e fiz-lhe a proposta de que todas as tardes por volta das três horas tivéssemos algumas horas para recreação que envolvesse todos os pacientes, por exemplo: a dança, o desenho, o canto e outras atividades. Ela considerou o assunto e propôs que naquela noite após o jantar falaríamos a todos sobre a proposta.

Durante a conversa ainda surgiram outras propostas que ficaram para serem discutidas em outras reuniões.

No dia seguinte participei da sessão espírita normalmente e no final fiquei para fazer algumas perguntas que pululavam em meu pensamento.

Nos domingos todos se reuniam pela manhã para assistir uma breve missa com o pároco da comunidade. No que tangia a religiosidade nada era obrigatório. Tirei a manhã para passear pelos arredores. Tinha uma vista muito linda com um perfume extraordinariamente silvestre, notava-se que a terra era de muito boa qualidade dado o viço com que se apresentavam os arvoredos e as flores. Havia muito espaço para ser explorado. Tudo era muito aconchegante apesar dos moradores não serem tão sadios como se desejava. Comecei a refletir que eu deixara por completo todos os vícios que me conduziram aquela condição que me levou a descobrir aquele lugar. Já não me importavam as bebidas, mulheres, noitadas e tudo aquilo ao qual eu dei mais importância do que para minha família. Apenas ficou em mim a saudades de minha filha Josefina.

Depois do café da manhã, da segunda-feira fui à biblioteca e encontrei Baltazar folheando um livro.

_ Bom dia! - cumprimentei-o.

Respondeu-me um pouco desanimado.

Peguei um livro e comecei a lê-lo. Baltazar iniciou uma conversa perguntando se eu sabia o que tinha acontecido com ele na minha ausência. Eu fiquei em dúvida se contava ou não o que tinha sabido por conta de Graça. Nunca se sabe da reação das pessoas quando o assunto é de foro íntimo. Fiz um breve sinal com a cabeça que não se entendia nem por sim, nem por não. Então ele passou a me contar sua história que agora julgávamos fosse verdadeira. Começou dizendo-me que a história que eu tinha já escrito para ele não era verdadeiramente dele. Ele também não tinha noção do tempo que ficou sendo tratado como José Henrico e agora se sentia vazio. Era como se tivessem arrancado sua alma. Estava se sentindo um idiota.

_ Imagina – disse-me - quanto tempo mais eu ficaria assim se você não tivesse aparecido por aqui para ajudar aquele louco.

Eu tentei fazer com que entendesse que a história que havia me contado tinha sido um ótimo remédio para a minha solidão, pelo menos eu me entretinha escrevendo e só não entendia por que ele sendo um rapaz estudado ele mesmo não tinha escrito a história. Ele não respondeu, sugeri a ele que em todas as manhãs após o café fossemos até a biblioteca para que pudéssemos fazer um retrospecto de sua vida antes dele ir para a guerra. Agora eu já não sabia o que era realidade ou invenção. Terminamos o assunto por que entraram outras pessoas no recinto. Saí da biblioteca e fui até a diretoria para me inteirar do que mais sabiam sobre Baltazar. Agora eu podia falar abertamente sobre

o assunto uma vez que ele mesmo era quem me relatara. Antes eu não teria condições de fazê-lo devido ter sido informado por Graça e com certeza a diretora não iria gostar que seus funcionários andassem dando informações sobre os pacientes mesmo que com a intenção de ajudá-los. Essa não seria a melhor forma de tratar os assuntos internos. Preferi não expor Graça, ela que era tão minha amiga.

A diretora do hospital falou-me que fazia seis meses que José Henrico, hoje Baltazar, havia chegado ali vindo de um outro Hospital onde estivera internado por muito tempo. Uma pessoa o tinha encontrado perambulando pelas ruas sem saber quem era e de onde vinha. Como ninguém procurou por ele acreditou-se que se tratava de algum soldado que durante a guerra tivesse adquirido algum tipo de paranóia o que é muito comum. Porém o que ele tinha apresentado até agora era o que eu já tinha conhecimento. Depois que descobriu ser outra pessoa e não aquela que pensava ser, tornou-se rebelde e solitário. Contei a ela o que tinha acertado com ele e ela considerou muito bom. Podia ser que comigo ele tivesse maior abertura e até conseguisse recuperar parte ou toda a memória perdida porque se sentia confiante. Explicou-me que às vezes a memória perdida fica como que escondida e vem à tona de relance ou então a pessoa começa a ter flashes como um sonho como também dependendo do caso poderia ficar assim para o resto da vida. Neste caso nunca se saberia quem de fato era ele.

Conversamos um pouco mais e a diretora mostrou-se muito satisfeita com o resultado que estava ocorrendo durante as tardes que aconteciam os eventos que tínhamos planejado. Aproveitando a ocasião perguntei para ela quanto tempo fazia que conhecia Zacarias .Ela respondeu-me prontamente:-de toda a vida dele. Deduzi que ela o vira nascer. Já havia feito tantas perguntas a ela que resolvi encerrar o assunto. Já estava quase na hora do almoço.

Naquela tarde como o combinado pela manhã, eu e a diretora, realizamos uma reunião para sabermos dos outros pacientes se eles queriam continuar com os projetos de dança, desenhos e outros que funcionava como havíamos planejado anteriormente. Para nós havia sido um sucesso, pois preencheram um vazio que havia às tardes, onde nada se fazia, ou seja. Passeava-se pelo pátio ou dormia o que tornava os pacientes ociosos e isto contribuía para agravar algumas doenças. Estando ocupados tinham menos chances de pensar em bobagens. Todos estavam satisfeitos e ainda fizeram algumas colocações muito boas, sendo uma delas a de Baltazar que queria construir uma horta nos fundos do terreno do hospital. A idéia dele foi muito bem aceita por todos, inclusive pelas mulheres.

No dia seguinte começamos a planejar a horta e eu percebi que Baltazar tinha grande noção sobre horticultura. Tinha agilidade no manuseio de materiais como a enxada, o ancinho, a pá e outros. Comecei a observá-lo.

Conversei com a diretora a fim de pedir permissão para ir até o local mais próximo onde vendessem sementes para plantarmos na nossa horta. Ela disse-me que eu poderia sair à hora que quisesse, pois eu estava prestando um serviço para aquela comunidade e tinha liberdade para me locomover como me aprouvesse. Eu mesmo não tinha percebido a minha condição naquele ambiente. Eu não estava doente eu apenas estava hospedado como que fugindo de meus problemas, enquanto eu estivesse ali me sentia como que protegido. Além disso, me sentia importante auxiliando os demais, principalmente aquela criatura que ora era um, ora outro e que nem mesmo nós sabíamos quem era o verdadeiro.

Saí e na rua senti-me a vontade. Comprei as sementes e voltei logo. Quando vinha adentrando o recinto ouvi uma voz que me pareceu familiar. Era a voz de

Zacarias. Corri para me certificar de que era o meu irmão que havia chegado. Nos demos um forte abraço. Ele, em tom de gozação, apresentou-me a diretora do Hospital dizendo:

_ Já se conhecem?

Eu o olhei com espanto. O que tinha dado em Zacarias, será que ele também tinha perdido a memória?

Ele retomou o diálogo dizendo:

_ Apresento Leonor, minha mãe!

Levei um susto. Aquela senhora era a ex-mulher de meu pai. Eu estivera ali por tanto tempo e nem desconfiara do fato. Ela era uma mulher bem apessoada, não parecia velha. Sorrimos os três. Por conseqüência poderíamos ser parentes. Eu era irmão do filho dela. Conversamos por longo tempo sobre os últimos acontecimentos.

Zacarias aproveitou para entregar-me uma carta que havia recebido contando sobre a morte de madame Françoise. Dizia na carta que Virgílio escrevera: “a pobrezinha ultimamente não tinha mais vontade de viver. Foi definhando aos poucos e nada que se fizesse fazia com que se animasse”. Fiquei muito triste, mas fazer o quê?

Zacarias ficaria no mesmo quarto que eu e poderíamos conversar mais.

Zacarias trouxe-me o convite para irmos a Monreale onde aconteceria o aniversário de Josefina. Ela faria sete anos. Teríamos mesmo que festejar, nenhum de seus aniversários deixou de ser festivo. Fiquei eufórico. Queria comprar um presente

bem bonito para ela. Perguntei a Graça o que deveria dar para minha filha na ocasião.

Graça respondeu-me:

_ Depende de quanto dinheiro você tem. E continuou: no meu caso ou faço a festa ou dou o presente. Não tenho dinheiro para os dois.

Depois sorriu.

Cada pessoa que eu conversava dava uma opinião e eu já nem sabia o que dar. Tinha tempo para pensar. O aniversário se realizaria duas semanas adiante. Conteí a Zacarias a história de Baltazar. Ele ficou muito curioso. Comentou comigo que Baltazar poderia ser agricultor; havia muitos camponeses por ali que estavam empobrecidos devido ao regime.

O fato era que ele apresentava grande desenvoltura e conhecimento da arte de manusear a terra. Meu irmão interessou-se em descobrir quem era de fato aquele moço. Com o trabalho na terra, Baltazar, começou aos poucos falar de sua vida no campo, como eram seus hábitos. Só não lembrava quem era de fato e nem quem eram seus familiares.

Eu e Zacarias passamos a passear juntos até que chegou o dia de irmos a Monreale. Pedi a Dona Leonor para que Baltazar pudesse nos acompanhar. Ela concordou. Baltazar não cabia em si de tão feliz que ficou.

Quando soube da notícia correu para arrumar suas coisa. Quem o visse pensaria que ele estaria voltando para sua casa.

Quando nos despedimos de Leonor ela reafirmou seu pedido para que eu continuasse participando das atividades do hospital. Como ela mesma dissera o hospital

estava bem mais movimentado depois que cheguei por aqui. Eu não sabia ainda se queria ficar ou não e prometi pensar sobre o assunto. Assim que voltássemos, tomaria uma decisão.

Fomos e eu não levei nenhum presente. Não tinha conseguido atinar o que melhor seria para uma menina de sete anos. Pediria a minha mãe para comprar algo. Chegamos a Palermo e fomos direto a casa de meus pais. Faríamos um pernoite e no dia seguinte seguiríamos para Monreale, pois era muito perto.

Ao cair da tarde chegamos a Palermo. Apesar de tudo que havia acontecido eu gostava de minha casa. Era uma casa grande, porém aconchegante embora não parecesse quando se olhava pelo lado de fora. Para quem a via somente pelo aspecto arquitetônico ela era um prédio pomposo e frio. Pintada de cinza claro não representava todo o abrigo que proporcionava para seus habitantes.

Baltazar achou o máximo e quando entrou no portão que dava acesso a entrada da casa exclamou:

_ É um palácio!

Zacarias pediu que se acalmasse e que aproveitasse o máximo de sua estadia por ali, pois no dia seguinte iríamos a Monreale para a participação na festa de aniversário e depois retornaríamos direto para o hospital. Baltazar estava emocionado.

Estávamos em casa. Meu pai recebeu muito bem meu amigo Baltazar. Após o jantar fomos dar uma volta pela cidade. Porém antes conversei com minha mãe sobre o presente que não havia comprado e como todas as mães ela o havia providenciado, pois

segundo ela já sabia que eu não tinha muito conhecimento nessa área. Foi muita gentileza dela.

Na manhã seguinte fomos todos para Monreale. Embora tivesse combinado com Amália de mantermos uma boa amizade meu coração estava apertado e eu não sabia como explicar aquela sensação.

Quando chegamos, Josefina foi a primeira a correr e se jogar nos meus braços. Dei um forte e longo abraço. Perguntei se tinha saudades do papai, ao que ela respondeu que sim, fazendo sinal com a cabecinha. Já estava estudando. Falou sobre a irmãzinha e adorou que tio Zacarias tinha vindo. Simpatizou muito com Baltazar e logo foi dando a mãozinha para os dois conhecerem Luzia que estava já com seus dois meses.

A festa foi muito linda. Vieram muitos convidados, pessoas geralmente ligadas às atividades de meu pai e amiguinhos de escola acompanhados de seus familiares. Quando o sol já se punha e ainda restavam poucos convidados, as crianças resolveram andar a cavalo. Amália não estava com muito gosto por aquela atividade, mas não a impediu.

Diante de tamanha vontade, nos vimos na obrigação de levá-los ao hipódromo que havia ali perto, onde seria mais apropriado para a atividade. Avós, tios e outros convidados foram ajudá-las a montar. Estavam todos muito alegres.

Conseguimos que nos arrandassem três cavalos que já estavam aposentados das corridas e de um tempo para cá eram considerados mansos. As crianças andavam sendo puxadas por um de nós. Somente Josefina não aceitou tal condição. Por mais que tenhamos falado e tentado convencê-la de não andar só; não adiantou. Teimosa ficou sem apoio e o cavalo ao ver-se livre com toda uma reta a sua frente julgou estar sendo

montado por um jóquei e tomou em disparada. Josefina gritava desesperada e todos gritavam e corriam sem saber o que fazer. Quando derrepente a menina caiu com um grito que ecoou em nossos ouvidos. Quando chegamos ao local onde ela caíra não restava mais nada a fazer. A pobrezinha havia quebrado o pescoço. Havia entre toda aquela gente um médico que era pai de um de seus coleguinhas e foi quem deu o diagnóstico. Estava morta. Mesmo assim levamô-la ao hospital mais próximo, mas ela estava mesmo morta.

As mães e seus filhos ficaram horrorizados e todos que ali se encontravam não sabiam como levar a notícia a Amália que ficara em casa cuidando de Luzia. Eu entrei em estado de choque. Fiquei atordoado, para mim aquilo não tinha acontecido, era um pesadelo. As pessoas iam e vinham, passavam por mim e eu não tinha reação alguma, parecia anestesiado.

Zacarias e meu pai providenciaram tudo. Contaram a Amália o que acontecera e esta entrou em desespero. Velamos nossa filha e a enterramos. Foi o que no momento pudemos fazer. Após o enterro todos, inclusive Amália, fomos para Palermo.

A mãe continuava em estado de choque e eu não sabia o que fazer: não sabia se o melhor era ficar com ela ou deixá-la só. Conversei com minha mãe e ela aconselhou-me a procurar por Amália e perguntar a própria se me aceitava ali nem que fosse por algum tempo.

Procurei por ela e propus dar-lhe o apoio necessário durante algum tempo até que ela se restabelesse do choque. Porém, ela não aceitou e ainda ficou profundamente irritada. Quando tentei argumentar de que eu seria um companheiro para suas horas de tristeza e que eu saberia respeitar suas decisões quais fossem elas, parece

que aflorei nela os mais odiosos sentimentos. Afrontou-me dizendo do significado que tive em sua vida, de minhas atitudes para com ela, da minha insignificância para ela e tudo que eu já tinha conhecimento porém nem para mim ousava revelar. Eu sabia que era covarde, mimado e sem responsabilidade, mas o que mais me abalou foi quando ela disse-me com todas as letras: - você achava que tinha uma filha, pois tinha. E era sua única filha. Luzia não é tua filha, nem nunca vai ser.

Embora eu tivesse algumas dúvidas a respeito da paternidade de Luzia eu ainda no fundo de minha alma tinha a esperança de que fosse minha. Agora eu estava furioso e solicitei a ela que me contasse a verdade, se Luzia era minha irmã por parte de pai. Ela, no entanto, foi contundente dizendo que Luzia era filha de Giovanni.

Começamos a discutir quem era esse Giovanni. E ela não respondeu. Perguntei se eu o conhecia e a resposta foi positiva. Mas eu não lembrava de nenhum conhecido com esse nome. Ela aproximou-se de mim e repetiu:

_ Ela não é filha de seu pai. Deixe de ser ridículo!

No momento não me ocorria ninguém com este nome.

_ Quem poderia ser Giovanni?

Mais uma vez perguntei a ela se tinha certeza do que estava dizendo. Aos soluços confirmou e eu saí pela porta para nunca mais voltar. Daquele momento em diante eu não tinha mais compromisso algum, o elo que me unia àquela mulher havia se desfeito com a morte tão violenta de minha filha. Meu coração estava de fato despedaçado.

Voltei para a casa de meus pais e lá estavam Zacarias e Bernardo esperando por mim. Chamei Zacarias para um canto e perguntei quem era Giovani, eu tinha a impressão de já ter ouvido falar dessa pessoa. Seria alguém da Irmandade. E foi justamente isto que perguntei para Zacarias. Ele responde-me que havia sim um membro da sociedade chamado de Giovani, mas não conhecia Amália. Isso ele tinha certeza. Zacarias lembrou-me de que Amália já havia chegado a Sicília com dois meses de gravidez. Era alguém que convivera com ela em Paris.

Minha cabeça rodava. Estava perdido em minhas lembranças, quando Baltazar chegou para mim e disse que diante de tudo o que aconteceu e o choque que levou começou a lembrar-se de quem realmente era e de onde vinha. Falei-lhe que naquele momento eu não estava com cabeça para tratar daquele assunto. Baltazar procurou entender-me. Pedi desculpas por não poder ajudá-lo e o encaminhei para Zacarias.

Pensei em procurar meu pai e contar o que Amália tinha me falado, mas se ela tivesse com raiva de mim e tivesse inventado aquilo só para me ferir? O que eu ganharia se caso fosse verdade o que ela tinha me falado? Eram apenas perguntas que iam e vinham sem respostas.

Esperamos a missa de sétimo dia e voltamos para o hospital. Baltazar estava ansioso para terminar com sua história desvendada. Eu pela primeira vez senti falta de conversar com Graça, minha companheira e confidente. Durante a cerimônia eu e Amália não nos falamos.

Minha mãe perguntou-me o que acontecera e eu despistei dizendo que me sentia muito culpado pela triste vida que tinha proporcionado a minha família, e, não era mentira. Eu me sentia triste, magoado e ao mesmo tempo traído e arrependido de tudo

que fizera. Zacarias se aproximou e colocou seu braço por cima de meus ombros e saímos. Meu pai tentou me consolar embora também precisasse de apoio, pois tinha sido um excelente avô. Josefina era apaixonada por ele.

Quando nos afastamos meu pai virou-se e disse com voz trêmula:

_ Mandei sacrificar o cavalo. Este não mata mais ninguém.

Olhei para Zacarias e não deixei de comentar que achava errado sacrificar o animal. Ele não tinha culpa estava seguindo seu instinto. Nós tínhamos errado ao deixar uma criança de sete anos determinar seu destino dizendo-nos o que fazer e quando fazer. Comecei a chorar e Zacarias levou-me para casa.

No dia seguinte voltamos ao Hospital. De longe Leonor e Graça já desconfiaram de alguma coisa não muito boa pelo estado em que nos encontrávamos. Mal tínhamos ânimo para caminhar. Eu estava a ponto de sentar-me em qualquer lugar e morrer.

Leonor e Graça estavam nos esperando à porta. Entramos e elas nos auxiliaram dirigindo-nos palavras alegres. Zacarias contou o que acontecera e elas foram solidárias conosco. Baltazar apesar de silencioso, respeitando nosso luto estava ávido por dar um fim em sua história e pediu a Leonor para ficar ali com ela. Leonor pediu a ele que aguardasse e dirigiu-se conosco para nos acomodar. Graça providenciou roupas de cama limpas e um saboroso chá. Eu deitei e só fui acordar no outro dia.

Quando acordei Zacarias não estava mais em sua cama. Procurei por Baltazar e me informaram que ele tinha saído com Zacarias. Passei o dia triste e abatido em meu quarto, mas de vez em quando alguém vinha me visitar. Estela veio confortar-me e num tom muito sereno: - Deus dá, Deus leva. -disse-me. Na verdade eu nunca havia parado para pensar nestas coisas.

À noitinha chegaram Baltazar e Zacarias ambos muito satisfeitos com os resultados de suas pesquisas. Baltazar havia lembrado alguns episódios de sua vida os quais condiziam com sua natureza. Zacarias tinha descoberto que ele era filho de camponeses que haviam migrado para o Brasil no início dos anos quarenta porque seus pais temiam a guerra. Como a Itália estava metida no conflito temiam que ele fosse convocado para lutar. Passado os anos de guerra Baltazar que não se chamava por este nome e sim Benvenuto Coradini retornou à Itália para reaver documentos referentes às terras deixadas pela família em Turim.

Chegando à cidade, Benvenuto foi atropelado e ficou inconsciente. Levado ao hospital foi deixado pelos que o conduziram. Como as pessoas que o internaram de nada sabiam em sua ficha constava no lugar do nome a palavra “desconhecido”. Quando acordou depois de algum tempo internado foi considerado inabilitado e transferido para o hospital onde nos encontrávamos. Agora eu sabia por que ele não escrevera aquela, que tomava como sua própria história, ele era analfabeto. Nunca tinha ido à escola. Vivera a vida no campo fazendo os trabalhos de agricultor.

Quando perguntei como haviam descoberto tudo aquilo em tão pouco tempo Zacarias disse que tinha recorrido ao setor de imigração, uma vez que Benvenuto tinha se lembrado que estava morando no Brasil.

Fiquei intrigado esse rapaz já tivera em pouco tempo três nomes: José Henrico como se apresentara para mim; Baltazar após saber-se que não era quem dizia ser e agora descobrira ser Benvenuto. Eu confiava em Zacarias. Ele, com certeza, sabia o que estava fazendo.

Perguntei a Benvenuto se ele lembrava-se da história que fizera eu escrever. Ele respondeu-me que em parte. Perguntei a ele se tinha inventado tudo aquilo e se queria de volta o manuscrito, pois afinal eu já não sabia o que fazer. Disse-me que permanecesse comigo e que ele pressentia que ia descobrir de onde tirara tudo aquilo e que quando descobrisse mandaria me dizer.

Zacarias ia acompanhá-lo até Turim e resolver juntamente com ele todos os trâmites legais a respeito de suas terras e depois ajudaria a retornar para o Brasil. Sabíamos que ele perdera todo o dinheiro que trouxera, então colocamos dos nossos para auxiliá-lo. No início ficou um pouco chateado de pegá-lo, mas não tendo outro remédio, aceitou. Despedimo-nos e eles se foram.

Procurei agora que estava só, isto é, sem meus melhores amigos dedicar-me as poesias novamente que ficaram esquecidas. Meu anjo amado estava morto e o outro não me pertencia. Eu apesar de tudo naquele momento eu era um homem sozinho. E escrevi.

Um véu negro surge / nas patas do animal / levando quem mais se ama / sem querer lhe
fazer mal./ Minh'alma chora o pranto / que derrama em meu lençol / não é só angústia
nem só dor / é mais que falta de sol / é escuridão profunda, negra / que só quem sente
sabe o valor / de amar com amor / amor sem igual / amor que não se define / como amei
e amarei / meu anjo, Josefina.

Estava voltando a minha veia artística e do que fui anteriormente era a única coisa que eu queria conservar.

Perguntei a Leonor, como poderia participar de reuniões como as que aconteciam as sextas-feiras, porque eu estava interessado em participar mais, estudar um pouco mais sobre o que acontecia após a morte. Eu não tinha tido muito contato

com religião. O que eu sabia era que a gente rezava quando estava em perigo e algumas coisas que me foram ensinadas por minha mãe quando ainda era pequeno. Depois que fui para a escola não tive mais contato com esses preceitos.

Leonor considerou interessante a minha colocação e convidou-me para participar do centro espírita que ela freqüentava. Explicou-me que o espiritismo não era uma religião e sim uma doutrina. No início não entendi muito, porém com o passar do tempo aprendi.

Vinte dias depois de Zacarias ter viajado acompanhando Benvenuto recebi uma carta comunicando que não tinha tempo para voltar. Ele precisava ir à França a fim de vender a fazenda e a casa que eu morara, bem como tudo que nelas havia e explicava que dera certo o que fora fazer em Turim. Benvenuto já viajara para o Brasil a fim de encontrar-se com os familiares e assim que chegasse providenciaria para alguém escrever uma carta para nós. Ficamos muito satisfeitos de saber que Benvenuto havia se reencontrado. Zacarias pedia que eu o esperasse. Ele voltaria com novidades. Ele era bom nisso.

Eu e Graça começamos a frequentar o Centro Espírita que Leonor indicara. Eu gostava da companhia de Graça e ela por sua vez também sentia afeto por mim, mas nenhum de nós nos atrevia a declarar. Em uma das sessões fomos compelidos a estreitar os laços e assim sem mais nem menos saímos de lá namorando.

Começamos um namoro muito tímido, quase às escondidas. Passados alguns dias resolvemos contar a Leonor nossa façanha. Ela mostrou-se amável e após algumas recomendações passou a nos apadrinhar. Eu estava feliz.

Às vezes ficava pensando no que Amália havia dito sobre Luzia e me entristecia. Pensava um pouco mais e chegava à conclusão de que Amália também não fora a mulher que eu esperava que tivesse sido. Ela havia me traído. Com certeza servi de chacota para os empregados e todos que sabiam a respeito. Eu que sempre me considerara tão malandro e esperto, servira a um papel ridículo, o de marido traído.

Quando pensava estas coisas ficava profundamente tenso e sem brilho. Olhava-me no espelho e me enxergava sombrio. Todos aqueles anos jogados fora. Quando olhava para trás não via nada de útil que tivera feito em minha vida. Tudo que fiz foi por iniciativa dos outros. Ainda bem que no hospital eu estava sendo útil. Havia conseguido muitas coisas: as oficinas; a horta que continuava embora nosso amigo “trinominal” tivesse ido embora e Graça. Parecia que tudo estava melhorando. A saudade de minha filha já estava amenizando. Eu passei a compreender que a morte não existe e passei a entender a introdução da história de José Henrico.

As coisas no hospital estavam bem encaminhadas já tínhamos formado um coral e um corpo de dançarinos.

O médico, que nos visitava uma vez no mês, aprovou todas as idéias e nos parabenizou pela iniciativa. Leonor ficou muito satisfeita e apresentou-me como se fosse seu segundo filho. Explicou ao médico que eu era irmão de seu filho por parte de pai, mas que se afeiçoara tanto a mim que já me considerava como filho.

_ Um filho meio grande não acha - disse o médico.

E todos rimos.

O médico estava de aniversário, naquele dia, e nós havíamos programado uma surpresa para ele. Além do bolo e o suco de frutas do pomar, ambos confeccionados por Tereza e Clara, se apresentou o coral e os dançarinos. O médico se emocionou muito. Foi uma linda festa.

No final, já deixamos planejada uma festa para os aniversariantes.

Zacarias desceu do carro de aluguel na hora exata em que eu recebia uma carta de Madame Sophie. Larguei a carta na mesa e corri para abraçar meu irmão eu tinha que de algum modo agradecer o tanto que me ajudara até mesmo quando nem sabia do parentesco. Ele trazia mais cartas: de Eduardo, de Virgílio, de Suzana uma das bailarinas, do motorista de minha casa e outras mais. Fiquei satisfeito em vê-lo com saúde e em saber que ainda era lembrado.

Estava muito cansado. Prometi-lhe que o deixaria descansar, mas que no dia seguinte me contaria todas as novidades.

Pela manhã fui trabalhar na horta com meus companheiros e só encontrei Zacarias na hora do almoço. Estava mais corado. Mas seus olhos estavam ainda um pouco inchados pelo excesso de horas viajando. Não sei como ele aguentava viver de lá pra cá e daqui pra lá o tempo todo. Precisava gostar muito do que fazia.

Entre tantas coisas que me contou estava a que eu não esperava: descobrira quem era Giovani, o suposto pai de Luzia, segundo o que Amália teria dito. Começou fazendo lembrar-me da viagem que fiz até a fazenda para tentar encontrar vestígios dela. Lembrou-me de que os antigos empregados da fazenda tinham um filho e que este se chamava Giovani. Era verdade. Quando fui à fazenda com minha mãe eles estavam muito esquisitos, pareciam assustados e nem tocaram no nome de Amália e Josefine

para não chamar nossa atenção. Nossa! Agora eu tinha à minha frente um quadro formado: quando íamos à fazenda ele sempre estava por perto. Eu considerava que eles se revezavam em cuidar Josefina. E como Giovani era filho do casal que meu pai tinha em mais alta conta eu considerava que ele queria apenas ser hospitaleiro e prestativo. Quantas vezes eu mesmo mandei Amália para à fazenda a fim de descansar e tomar um ar mais saudável, sem saber que a estava jogando na boca do leão. Estava sendo enganado há quanto tempo? Mas eu merecia, por ter sido tão cego.

Zacarias deixou que eu me lamentasse por quanto tempo eu quis. Depois começou a falar-me que era normal se ficar assim tão angustiado principalmente quando as peças do tabuleiro já estavam todas encaixadas. Depois que as coisas acontecem tudo se justifica e toma a forma que tinha antes. Tudo fica fácil de perceber. Quando temos o final de um episódio é muito fácil descobrir o enredo.

_ Não te culpes meu irmão. Jogo é jogo e no jogo da vida só são perdedores os que não sabem recomeçar.

Falando em recomeçar contei a ele que eu e Graça estávamos iniciando um romance. Abraçou-me e desejou-me boa sorte. Mas eu ainda queria saber por onde andava o tal Giovani. Zacarias não sabia e pelo que constava ninguém mais sabia, tinha desaparecido. Quando ele soube da gravidez de Amália fugiu sem dizer para onde ia. Deixou seus pais sem avisar nada e nunca mais deu notícias. Perguntei a Zacarias se ele tinha certeza que meu pai não sabia de nada disto. Como que um filho ia deixar a família assim de repente e sem mandar uma notícia sequer. Zacarias arregalou os olhos e exclamou: você não pensa que nosso pai ...

Não ousei completar a frase dele. Eu já não sabia mais nada, mas fosse o que fosse o passado para mim havia morrido. Sei que havia plantado uma semente para ser investigada por Zacarias. E isto era com ele.

Leonor veio até nós e Graça trouxe-nos um chá.

Mais tarde sairíamos nós quatro para jantar.

Durante o jantar Zacarias e Leonor planejaram tirar umas férias. Eu e Graça resolvemos ficar noivos. Voltamos um pouco tarde.

No dia seguinte, eu e Leonor participamos de uma reunião com Zacarias. Comunicou-nos que não conseguira vender a casa e a deixara alugada e o dinheiro referente seria enviado a Amália por ordem de meu pai. Quanto à fazenda ele tinha vendido, e parte do dinheiro estava me entregando para que eu adquirisse uma casa para morar e o restante do arrecadado ficaria para ser usado no hospital sob as ordens de Leonor. Fiquei assustado com tanta generosidade de meu pai para comigo. Eu sabia que ele nunca me deixara faltar nada, mas daí a mandar-me dinheiro para comprar uma casa; mesmo sabendo que estava agora sem família. Isso era comovente.

Zacarias tinha mais novidades: meu pai mandara dizer que se eu quisesse continuar trabalhando no hospital, Leonor estava autorizada a me pagar um salário igual ao recebido pelos demais auxiliares que trabalhavam ali. Eu notei que Leonor tinha ficado contente com a proposta. Eu acolhi a sugestão.

Comecei a ler as cartas que havia recebido e percebi que todos estavam bem e que as únicas novidades eram que Marie tinha sido solta da prisão e que Madame Sophie tinha trazido mais duas moças para trabalhar com ela. O motorista de minha casa

sempre lamentando a falta da senhora Amália (creio, agora, que ele curtia um amor platônico por ela). Mais nada daquela vida pregressa me chamava a atenção. Tinha tomado à decisão séria de mudar e estava começando.

Eurico chegou ao hospital, era o mais novo paciente. Era indócil e às vezes era preciso usar da força para contê-lo. Não aceitava nada de ordens e se recusava a tomar a medicação. Leonor chegou a dizer-me que bendita tinha sido a hora que resolvi ficar trabalhando ali. Eurico era tão agitado que conseguia tirar qualquer um do sério. Os outros pacientes tinham medo dele.

Leonor estava de malas prontas para viajar com Zacarias. Com chegada de Eurico ela já pensava em desistir. Chamei-a e combinei que ficaria tomando conta de tudo enquanto viajasse. Que ela fosse tranquilamente, nada iria acontecer. Meio contrariada aceitou a sugestão. Ela era uma pessoa muito responsável, mas eu já tinha um plano para colocar Eurico nos eixos.

No mesmo dia em que recebi o convite de casamento de Virgílio recebi também a notícia do falecimento de Madame Francesca, pobrezinha tinha sido tão boa para comigo, mas estranhamente não fiquei pesaroso.

Eurico começou a gritar e agitar-se. Fui conversar com ele. Graça aplicou-lhe uma injeção que o fazia dormir por umas cinco horas. Enquanto isso, eu ia coordenar as demais atividades do hospital. Tudo teria de andar bem até a volta de Leonor.

Procurei me inteirar sobre o que acontecera a Eurico antes dele vir para o hospital.

Eurico pelo que constava era um homem de boa família, responsável e casado pai de três filhos, mas que de uns tempos pra cá vinha apresentando uma série de problemas de comportamento não muito adequada para a sociedade em que vivia. Era funcionário público e estava faltando muito ao trabalho, fato este, que o levou a ser demitido. Tinha sido considerado um ótimo funcionário, mas de repente começou a ter surtos de fúria que se alternavam com momentos de tranqüilidade. Os médicos diagnosticaram “ataque dos nervos”.

Conversei com Graça para que na próxima sessão espírita que houvesse no hospital o levaríamos conosco. Qualquer coisa que não desse certo estávamos dentro do próprio hospital e não corríamos riscos como no caso de levá-lo para o centro que freqüentávamos fora dali. Era mais perigoso.

Conversamos com ele logo que acordou e pregamos uma pequena, mas benéfica mentirinha. Dissemos que aquele ritual do qual ia participar fazia parte do tratamento. E ele confiou.

Na sexta-feira estávamos na primeira fila. A sessão começou e ele não estava entendendo nada até agora, pois como eu nunca tinha frequentado aquele tipo de tratamento.

Logo que se iniciaram os trabalhos se apresentou a mesa uma entidade que se dizia ser o irmão de alguém. Perguntado o nome disse que se chamava Thomé.

Perguntado a Thomé o que gostaria de falar, ele iniciou a contar uma história que deixou-nos boquiabertos.

Contou que tinha um irmão que ele amava muito, mas este nunca lhe teve afeto. Ele julgava o irmão como sendo quem provocara o acidente que o matou.

Quando a entidade falou sobre o acidente Eurico deu um salto da cadeira onde sem encontrava sentado e começou a gritar:

_ É o meu irmão... É ele. Como vocês fazem isto?

Tentamos acalmar Eurico para que não atrapalhasse os trabalhos. Retiramo-lo da sala e o levei para o seu quarto. Pedi a Graça que retornasse e conseguisse os maiores dados possíveis da entidade. Mas Thomé já tinha se ido e o que mais disse era que não o perdoava e por isso ia continuar infernizando sua vida.

A sessão terminou sem maiores destaques. Todos tomaram um passe e voltaram às suas rotinas.

Quando terminou a sessão convidei os médiuns a uma conversa no gabinete de Leonor. Foi solicitado um tratamento especial para Eurico. Entendemos que ele se sentia culpado pela morte do irmão e com isso sua mente tornava o seu campo magnético suscetível aos tormentos da alma. Feitas as considerações marcamos uma sessão reservada na qual comunicaríamos para Eurico como e quando iria ocorrer.

Enquanto trabalhávamos para saber a realidade dos fatos e ajudar Eurico a entender o que estava acontecendo, iríamos condicioná-lo a se perdoar ou arrepende-se do que julgava ser nefasto e prejudicial e que de algum modo pudesse ter contribuído para ceifar a vida de seu irmão. Assim que tivéssemos um quadro mais claro a respeito nos reuniríamos novamente e assim ficou combinado.

O dia no hospital foi agitado. Eurico teve de ser medicado novamente e eu fiquei monitorando seu sono.

Os outros pacientes andavam muito agitados e alguns pareciam atormentados.

Solicitei a Clara e Tereza que me auxiliassem no entretenimento intensificando as aulas de canto e dança. Eu nos últimos dias tinha abandonado a horta. Mas, mais valia uma vida humana que meia dúzia de hortaliças apesar das duas espécies começarem por H. Que ironia!

A vida é cheia de ironias e nós somos todos os dias surpreendidos por ela. Vejamos o meu caso: fui amado quando não amei o suficiente; tive a liberdade que queria e não soube aproveitar; fui justo e injusto nos tempos errados; fui traído quando achava que traía; minha filha me deixou antes de eu deixá-la e agora eu que nunca acreditara em nada me aproximava do espiritualismo. Eu que nunca dera importância ao trabalho, hoje, estava exercendo um trabalho e ainda conseguia sentir prazer. Um prazer muito maior e mais dignificante que o de passar em orgias diuturnas.

Estava pensativo quando Eurico acordou. Continuava sonolento. Falou-me que havia tido um sonho estranho. Na verdade o que ele tinha por sonho era o que acontecera verdadeiramente na sessão que participara. Acompanhei-o até o banheiro. Fomos bem devagar. Não tínhamos pressa. Eu estava tentando acomodá-lo da melhor maneira possível a fim de que não houvesse maiores tumultos. Aquele lugar tinha sido até a chegada de Eurico um local de tranquilidade e amor. Todos os pacientes eram fáceis de tratar. Comportavam-se dentro das regras e ajudavam no que podiam.

Ninguém era autorizado a fazer as refeições no quarto, porém, Tereza trouxe-lhe o jantar, uma vez que ele por estar dormindo não havia almoçado e estava faminto. Queríamos também evitar qualquer constrangimento a ele. Não por nós, mas pela própria diferenciação do caso. Todos que ali estavam internados tinham algum tipo de moléstia o que os tornava mais suscetível a tomar atitudes por vezes indesejadas. Se

peessoas normais agem esporadicamente cometendo algumas gafes pode se imaginar o quanto isso acontece entre pessoas que perderam parte do senso crítico.

Esperiei Eurico terminar sua refeição. Ele continuava sonolento e eu perguntei se queria continuar dormindo. Respondeu-me que não. Ele gostaria de saber o significado de seu sonho, se ele falara de fato com seu irmão morto.

Expliquei a ele que aquilo não tinha sido um sonho. Que havia mesmo acontecido tudo aquilo.

Ele parecia incrédulo. Achava que uma pessoa era que nem um animal morria e acabava. Como seu irmão iria falar com ele assim ao vivo. Era muito difícil explicar e como ele não entendia nada sobre espiritualismo e eu muito pouco, resolvi explicar como se explicaria para uma criança. Disse-lhe que a pessoa que falara com ele era como se fosse um artista que ensaiava uma peça de teatro. Só que em vez de decorar uma fala que antes estivera escrita em um pedaço de papel, o artista falava o que lhe vinha à cabeça. Era como se o irmão dele que estava morto tivesse entrado no ator e falasse através do dele. Eurico fez uma cara de quem não tinha acreditado no que eu falei. Indagou-me como o artista sabia que ele era culpado pela morte do irmão se ali ninguém sabia sua história. Argumentou que não havia contado para nenhuma pessoa o que acontecera.

Era muito difícil explicar a uma pessoa como isso acontece, mas pelo menos tentei. Bem, depois de argumentar muito perguntei se desejava conversar novamente com seu irmão a fim de tentar encontrar uma solução para o problema. Eurico ficou furioso, mas não fez escândalo, mas não queria. Solicitei que se aconchegasse e

dormisse. Esperei que ele dormisse e fui encontrar Graça, Clara e Tereza que tinham tomado conta de tudo.

Estavam exaustas, porém estava tudo acomodado. Benito e Giorgio haviam discutido entre eles enquanto Giovanna um das suicidas voltara a falar no assunto.

As mulheres tentaram me acalmar eu não estava acostumado a tratar com aquele tipo de gente. Minha vida tinha sido sempre de alegrias e falta de compromisso, agora eu estava com um grande papel a ser desempenhado. Eu, de maneira nenhuma, podia deixar aquele lugar se transformar em um manicômio como eu sempre imaginara. Mas a pergunta que me fazia era se eu teria forças e ânimo suficientes para controlar aquele lugar. Será que conseguiria assegurar o bem estar daquelas pessoas? E a noite foi passando. Quando me dei conta o Sol estava batendo na vidraça e como que me dando uma resposta formou-se um arco de luz diante de meus olhos.

Em meu pensamento brotou o seguinte: o Sol nasce em todas as manhãs com força e esplendor diante de tantos problemas que existem no mundo e ele não se deixa abater por um só segundo, pois mesmo que chova ele está lá, impávido e mesmo que não o vejamos, ele não se importa com isso. Ele segue em frente iluminando a todos.

Era muito eu querer ser tão resplandecente como o Sol, mas eu não iria esmorecer. Iria, sim, tirar dele a lição de estar sempre fazendo o meu papel da melhor forma possível.

Mesmo não tendo dormido durante a noite me encontrava disposto, apenas um pequeno enjôo fazia parte de meu dia.

Após o café da manhã chamei Benito e Giorgio e os alertei de que não mais devia ocorrer incidente entre eles. Ali todos deveriam viver em comunhão. E isso queria dizer sem brigas ou discussões. Estavam calmos e aceitaram bem o sermão. Benito ao sair perguntou-me se podia trabalhar na horta e eu autorizei.

Chamei, também, Giovanna e a encaminhei para o médico. Quando não era dia de atender os pacientes no hospital, ele fazia as consultas em seu consultório após o expediente desde que devidamente agendado. Giovanna era pretensiosa e atrevida, porém não dei muita ênfase ao que falou de modo que por ela mesma resolveu se calar.

Retornamos aos trabalhos normais, mas eu sempre preocupado em resolver o problema de Eurico. Ele me parecia triste e pensativo. Eu receava de falar sobre o assunto do dia anterior e ele tivesse uma nova crise.

Conversei com Graça a respeito tentando convencê-la de que sendo mulher quem sabe estaria mais apta a arrancar a história que havia entre o irmão morto e Eurico. Cheguei a lembrá-la que a mulher por ser designada a ser mãe está em melhores condições para lidar com assuntos que um homem não consegue. Tudo em vão ela não quis e eu não podia obrigá-la a fazer. Talvez não fosse a hora.

Lembrei-me do Sol. Havia uma nuvem escura, mas ele estava lá. Eurico era a minha nuvem. Os dias passavam e eu não conseguia entrar no assunto que tanto incomodava Eurico.

Andei pelo pátio conversei com os pacientes um a um. Estavam cordatos e pareciam muito calmos. Aqueles que eram considerados como loucos continuavam conversando com as árvores e alheio ao que se passava. Raras vezes tinham um surto mais agudo. Os rapazes com síndrome do pós-guerra eram assustados, tinham tremores

e suavam muito. Quando começavam a apresentar os sintomas quem estivesse por perto tratava de pegá-los pela mão e conversar tirando-os daquele desatino. Por vezes mostrávamos os pássaros pousados nas árvores e só os que estavam pousados, porque os que voavam pelo céu lhes causavam medo. Creio que eram confundidos com aviões ou coisa parecida. Eles nunca falavam o porquê dos pássaros voando lhes causar tanto medo.

Já não mais tinha tempo para mim de tão envolvido que estava e só me dei conta disso quando recebi a carta de Virgílio, dando notícias de seu casamento. Estava feliz. Virgílio já era quarentão e a moça com que casara; eu não a conhecia. Mandava lembranças de Madame Sophie que gentilmente devolvia a procuração que lhe dera antes de sair de Paris. Contava que Beatriz fora morar no interior da França, para cuidar de sua mãe que estava doente.

Nossa! Meu sangue ferveu só em lembrar-me das mentiras ditas por Beatriz. Voltou a minha mente todo um passado que eu queria esquecer. Eu que confiara nela, nunca pensaria que ela pudesse me esconder à verdade. Tenho certeza, agora, do seu envolvimento no romance de Amália e Giovani. Não queria com tudo isto pensar na morte tão prematura de minha filha, mas não há como não fazê-lo. A vontade que eu tinha era de entregar-me por inteiro ao choro, as lamentações e a tudo o mais desde que tivesse a certeza de poder trazê-la para perto de mim. Eu sabia que isso não seria mais possível aqui neste mundo em que vivemos. Engolia tudo isso e dedicava-me ao trabalho.

Lembrei-me do dinheiro que Zacarias me entregara pouco antes de se embrenhar na viagem com sua mãe. Tinha guardado na gaveta do armário e não mais tinha tocado nele. Um calafrio correu por minha coluna só de pensar: se ele tivesse desaparecido.

Não que eu desconfiasse das pessoas, mas sempre que se trata de dinheiro devemos ter o máximo de cuidado. Fui até meu quarto abri a gaveta e lá estava ele como eu o havia deixado. Dei um suspiro bem grande para refazer-me do susto.

Senti um vulto que se aproximava. Era Graça chegou e recostou-se na porta olhando - me de um jeito estranho parecia assustado. Corra -disse-me ela - Eurico está tendo uma crise.

Saí apressado. Entreguei o pacote de dinheiro em suas mãos e pedi que guardasse.

Entrei no quarto de Eurico e ele me parecia em transe. Tomei o seu pulso e estava muito alterado. Comecei a chamá-lo pelo nome e ele não atendia ao meu chamado. Clara estava junto a mim e começou a ficar preocupada. Pedi que corresse e chamasse o médico.

Graça providenciou bacia e água limpa para quando o médico chegasse. Ele faria a higiene das mãos antes de atender o paciente. Eu não entendia nada sobre aquele tipo de manifestação. Eu já não sabia se era um surto ou uma convulsão. Uma voz interna mandou que eu o virasse de lado e que o deixasse naquela posição. Dizia a voz: _ Coloque um pano na boca para ele morder.

Seu corpo todo tremia e eu já estava tremendo junto. Como não tinha experiência nenhuma fiz tudo que me veio à cabeça.

O médico veio rápido e encontrou-se com o doente que já estava melhorando. Senti um grande alívio quando o médico falou que tínhamos agido bem. Tudo estava

dentro dos parâmetros para aquele caso. O que tinha a fazer era esperar. Eurico voltou ao seu estado normal. Ficamos aliviados.

Perguntei ao médico que havia acontecido. Ele disse-me que o paciente estava muito nervoso e tinha passado por uma espécie de espasmo. Indaguei se poderia voltar a se repetir e ele disse que não era provável, naquele dia. Nestes casos o doente tem um ataque desses para que o corpo entre em relaxamento total. Era como se a pessoa levasse um choque. Após a descarga elétrica que é produzida pelos nervos que estão em colapso, esses mesmos nervos se distendem e o paciente tende a permanecer mais calmo. Porém, enquanto o problema que o está transtornando não for resolvido pode este problema voltar a se repetir daqui a algum tempo.

O médico saiu e Eurico ficou dormindo. No dia seguinte, seria sexta-feira e Eurico não participaria da sessão espírita, eu não tinha conseguido prepará-lo para encontrar-se com o irmão, caso viesse acontecer de novo. Ele estava muito fraco.

Durante o jantar encontrei - me com Graça e perguntei onde havia colocado o dinheiro que eu entregara a ela. Sorriu e disse que tinha enterrado no fundo do quintal para não perdê-lo e que se não encontrasse mais o lugar, um dia quem sabe seus netos poderiam achá-lo. Olhei para ela com um jeito tão estranho que fez com que ela desse uma gargalhada. Chamou-me de bobo. Imagina que ela ia enterrar o dinheiro. Ela o havia guardado. Aconselhou-me a procurar um banco para depositá-lo. Isso me poupou um tanto de preocupação. Era muito dinheiro para ficar exposto em qualquer lugar.

No hospital tinha um cofre, mas estava fechado e somente Leonor sabia a senha e, eu não me atreveria a tentar abri-lo mesmo que outra pessoa soubesse. Leonor não tinha autorizado ninguém a mexer no cofre.

Tudo estava calmo. Após o jantar, em que Eurico não compareceu porque ainda dormia, aproveitamos para conversar um pouco. Todos sentaram em uma grande roda. Expus a todos que Eurico era uma boa pessoa e que estava passando por um período um pouco dramático de sua vida, mas que logo se resolveria e ele, com certeza, voltaria a fazer parte do nosso convívio. Era questão de tempo.

Sélvio um moço que muito pouco falava, mas desenhava muito bem me indagou se era verdade que Eurico tinha matado o irmão como tinha sido relatado na sessão da sexta-feira anterior. Expliquei-lhe que não sabia nada a respeito e como Eurico não estava passando bem, não tinha tido a oportunidade de explicar. Portanto deveríamos aguardar e não ficar tirando conclusões apressadas. Falei-lhes que ali no hospital todos tinham histórias em suas vidas e que nem sempre todas eram contadas. Algumas vezes guardamos alguns segredos. Todos concordaram.

Giovanna havia voltado do médico e estava com boa aparência. Benito contou-me que estava gostando de trabalhar na horta e que tinha convidado Giorgio para acompanhá-lo. Marisbel, que era considerada louca pelo marido, queria também trabalhar na horta, mas pedi que continuasse a cuidar do jardim até o dia seguinte, para que eu pudesse pensar em como resolver a questão sem magoá-la. Não queria que ela ficasse a sós com os dois. Era perigoso. Nunca se sabia o que podiam aprontar.

Tereza pediu-me uma ajudante para a cozinha e eu solicitei que aguardasse a chegada de Leonor.

Todos se retiraram e eu pude namorar um pouco com Graça. Ela entregou-me o dinheiro e novamente recomendou-me o depósito. Relatei a Graça, que quando Leonor chegasse, eu e ela, procuraríamos uma casa para morar. Ela sabia minha história e não se importava em vivermos juntos. O que importava para ela era viver com alguém de quem a gente gostasse muito. Nós não éramos propriamente apaixonados. O que se sentia era um apego gostoso de sentir, quando se está junto. E que quando se está longe um do outro não dói, nem machuca, mas se sente falta.

Tereza serviu o prato para Eurico e o deixou enrolado em cima do fogão para que continuasse aquecido. Quando ele acordasse comeria.

Antes de deitar-me fui até o quarto de Eurico que ainda dormia.

Ouvi um estalido como se uma porta ou janela tivesse sendo aberta.

Percorri a ala dos homens e Homero não se encontrava na cama. Homero era um dos loucos. Mas antes de procurá-lo fui também à ala das mulheres para me certificar de que todas dormiam.

Tudo estava bem. Saí para o pátio, a lua estava entrando na fase minguante e ainda mantinha alguma claridade, mas por precaução levei a lanterna.

Vasculhei pelo jardim e não encontrei ninguém. Lembrei-me que não tinha procurado no banheiro, ele podia estar lá. Voltei para dentro do hospital e ele não estava lá.

Retornei para fora e ouvi uma voz que me chamava:

_ Doutor suba aqui. Ô doutor...

A voz vinha de cima. Alumiei e vi Homero sentado em cima do telhado. Solicitei-lhe que descesse, pois era perigoso de cair. Ele recusou-se e pedia para eu subir. Perguntei-lhe como ele havia subido. Ele indicou-me uma escada que estava encostada à parede que dava acesso ao lugar onde ele se encontrava. Expliquei a ele que eu não poderia fazer aquilo e que eu não era doutor. Retrucou-me dizendo que eu era doutor e que devia subir no telhado, que se eu não subisse, ele se jogaria. Eu temia de subir e ele me empurrar e de não subir e ele cair ou se jogar. Fiquei indeciso e aflito.

Fiquei conversando com ele até que tivesse uma idéia do que fazer. Ele me dizia em tom provocante que eu era medroso e eu tentava argumentar inventando algo que me acontecera e que fazia com que eu não pudesse subir. Foi em vão. Ele estava decidido de não sair dela enquanto eu não o acompanhasse.

Comecei a subir os degraus da escada pensando sempre no próximo passo ao mesmo tempo em que tentava equilibrar as idéias e contornar a situação sem me aproximar muito dele.

Quando já estava no quinto degrau da escada perguntei a ele se já ouvira falar de um homem que tinha o mesmo nome que ele e fora um grande personagem da história grega. Continuei no quinto degrau, enquanto contava para ele sobre os grandes feitos de Homero. Ele disse que não queria saber de nada, ele queria que eu subisse mais. Fizemos um trato eu subiria se ele concordasse que eu contasse para ele sobre a poesia de Homero e porque Homero tinha escrito tantas coisas bonitas. Ele concordou que eu contasse.

Então contei que Homero era um poeta grego que escrevera muitos poemas, sendo que os mais famosos foram Ilíada e Odisséia. Ele interrompeu-me e se chegando

mais para perto, perguntou-me se a Odisséia que eu falava era prima dele que morava em Gênova. Eu não podia rir, então, me contive. Respondi-lhe que o nome da prima dele era o mesmo da poesia, talvez os pais dela tivessem lido o livro e achado o nome bonito e então colocaram na filha. Disse-me que tinha entendido. Eu ainda continuava no quinto degrau e não pretendia subir mais. Continuei falando que Odisséia falava de deuses, e de guerras que era muito comum quando Homero viveu.

Ele se chegou para mais perto e perguntou-me sobre o outro livro. Eu disse que só contava sobre o outro livro quando ele descesse para o chão.

_ Eu desço se a história for bonita – disse-me.

Neste momento, lembrei-me que a história em Ilíada tinha muito a ver com a história de vida dele, mas disse-lhe que era linda e ele ia gostar muito. Homero aceitou descer. Eu estava aliviado por tirá-lo dali, porém precisaria de uma boa desculpa para não contar-lhe o enredo do livro. Eu tinha medo de como reagisse.

Aquele Homero com quem eu conversara era casado com uma mulher que se chamava Helena. Helena segundo constava era uma mulher muito linda e caprichosa. Ele tinha tido um amigo que era seu confidente e freqüentava sua casa. Certo dia, o Homero comunicou que viajaria a negócios e despediu-se do amigo, porém a viagem foi cancelada momentos antes e ele voltou para casa. Ao chegar em sua casa o encontrou querendo seduzir sua mulher para fugir com ele. Homero não perdoou tal ingratidão e desse dia em diante ficaram inimigos. Se dependesse de Homero teria partido para o duelo. Os duelos haviam acabado.

Outro dia quando ao voltar para casa não encontrou Helena. Em cima da mesa encontrou apenas um bilhete onde Helena lhe dava adeus e informava estar apaixonada

por seu inimigo. Tinham fugido juntos. Esse incidente deixou Homero transtornado, atirando-se à bebida e passando a viver nas ruas. Quando foi encontrado pelos familiares não dizia coisa com coisa e foi diagnosticado como louco.

Homero havia descido e eu estava num beco sem saída. Ilíada era uma história muito forte para ele. Fui despistando conversando sobre a lua e coisas e fui entrando pela porta. Quando já estávamos dentro do hospital mandei que ele olhasse as horas e compreendesse que já era muito tarde. Ele queria saber mais. Então combinei que outra hora contaria, mas que hoje eu estaria muito cansado. Fiz um chá para nós dois e no dele coloquei uma gotas para dormir.

Fomos nos deitar. Eu não via a hora de Leonor chegar. Não havia pensado que naquele lugar tivesse tanto trabalho assim.

Dormi logo e acordei cedo. A sessão de espiritismo transcorreu normalmente. O dia também foi calmo. Eurico se alimentou no mesmo horário que os outros e parecia estável no comportamento. Benito se aproximou dele e puxou conversa. Ele falou algo que não ouvi e saiu para o pátio.

Fomos todos para o pátio. Sentei-me no mesmo banco de Eurico. Ficamos calados por longo tempo. Eu tentava encontrar palavras para entrar no assunto que tanto oprimia Eurico. Ele olhou-me e comentou:

_ Foi um acidente.

Perguntei se ele queria falar sobre aquele assunto. Ele fez com a cabeça que sim. Convidei-lhe a vir até a sala de Leonor para conversar-mos.

Sentamo-nos e ele começou:

_ “Éramos cinco irmãos e morávamos no campo. Eu era o mais novo e Thomé o mais velho. Sempre saíamos para caçar. Thomé sendo o irmão mais velho achava que podia mandar em mim e eu não gostava disto. Eu não gostava que ele me mandasse, mas eu gostava muito dele. Eu o achava um grande companheiro, mas ele não entendia isto. Estava sempre me repreendendo e queria que eu aprendesse algumas coisas com as quais eu não concordava.

Quando eu reclamava para meus pais eles sempre davam razão a ele e, muitas vezes tive raiva. Nada que me levasse a querer de fato matá-lo. Isto eu nunca faria.

Um dia saímos para caçar só nos dois e cada um levava uma arma. Depois de muito andar eu estava cansado e então resolvemos sentar debaixo de um arvoredor. Coloquei minha arma encostada no tronco de uma árvore com o cano encostado no chão. Ele vendo aquilo chamou minha atenção que deveria sempre colocar a arma com o cano virado para cima. Eu não compreendia por que deveria ser assim. Ele respondeu-me que era assim que devia ser sem dar-me muitas explicações. Desvirou minha arma e continuamos ali sentados. Eu havia ficado de mau humor. Tudo que eu fazia parecia estar errado. Não falei mais com ele.

Saímos daquele local e tínhamos que atravessar um riacho que passava por nossas terras. Ele era mais alto que eu. A água atingia na cintura dele. Em mim a água batia na altura dos ombros. Antes de entrar ele me explicou como deveria levar a arma para que a mesma não encharcasse. Deveria levá-la na horizontal e acima da cabeça. E eu fiz o que ele me mandou. Só que ele esquecera de dizer que não deixasse o cano

virado para o lado onde ele estivesse e mantivesse a arma desencatilhada. Eu fiz tudo errado. Quando estávamos quase chegando à margem tropecei e a arma disparou.

Quando consegui levantar-me o corpo dele ia com a correnteza. Comecei a gritar e pedir por socorro e ninguém me atendia. Não havia ninguém por perto. Tentei correr dentro do riacho e depois na margem e não tive forças.

Caí desmaiado não sei por quanto tempo. Quando recobrei os sentidos não conseguia atinar em que margem eu estava. Atravessei umas três vezes o riacho até que me dei conta de olhar o arvoredo onde estivemos sentados. Corri para lá e consegui chegar a um descampado onde avistei alguém que vinha naquela direção. Era meu pai que ficara em casa e como achava que nós estávamos demorando resolvera ir verificar o que acontecera.

Vendo-me cambaleante tal um bêbado correu ao meu encontro e perguntou-me sobre meu irmão. Eu não tinha forças nem fôlego para responder.

Meu pai ficou aflito e apavorado sacudiu-me freneticamente e eu consegui dizer: no lago. Ele saiu correndo e eu fiquei jogado no chão. Não conseguia chorar. Parecia ter perdido minha alma.

Depois de horas encontraram o corpo de meu irmão. Desde então eu nunca esqueci os olhares que todos me dirigiam. Era como se dissessem: _ Assassino... Assassino!

Eu sabia que jamais eu faria aquilo. Mas a teimosia e falta de experiência tudo contribuía para um momento trágico. Jamais me perdoei. Deveria ter sido humilde e procurado perguntar mais, querer saber, aceitar que meu irmão sabia mais que eu.

Os anos se passaram, mas esta cena nunca sai de minha mente. Todo o dia convivo com ela. Tenho medo que meus filhos não entendam o que aconteceu e me condenem por este ato. Minha esposa diz que sou bom marido e bom pai, mas eu não acho. Minha consciência me condena.

Meus colegas de trabalho não sabem de minha história e eu morro de medo que algum conhecido de minha família também seja conhecido deles. Quando me convidam para ir a casa deles eu não vou, tenho medo de encontrar alguém que saiba de minha história.

Tem dias, quando acordo pela manhã, recordo toda aquela cena e não tenho coragem de ir trabalhar. Fiquei desempregado. Ajude-me, por favor.”

Ele segurou o tempo todo em minhas mãos e eu não tive coragem de interrompê-lo.

Agora estava mais calmo pedi que me dissesse por que não mencionara sua mãe durante a narrativa.

Ele contou-me o seguinte:

_ Minha mãe era empregada como cozinheira na casa de uma família na cidade e só retornava para casa nos finais de semana. Tínhamos que esperá-la na estrada e ajudá-la a carregar os pacotes que trazia. Ela já aproveitava e trazia algumas guloseimas para nós. Toda sexta-feira era dia de festa para nós. Nós estávamos acostumados e já estávamos grandinhos. Thomé estava com vinte anos e eu com dezesseis. Meus outros dois irmãos tinham dezessete e dezoito.

Quando contaram para minha mãe, eu não sei. Só sei que ela entrou em desespero. Não acreditava no que havia acontecido e culpou meu pai por haver deixado duas crianças usarem armas. Meus irmãos me apoiaram o tempo todo, dizendo que eu não tinha culpa no que havia acontecido. Tinha sido uma fatalidade. Eu me considerava culpado.

Pensei em fugir. Mas para onde qualquer lugar que eu fosse não seria longe o bastante para acalmar a minha consciência. Resolvi que só acabaria com isto tirando minha vida.

Enquanto estavam entretidos velando meu irmão fui até uma casa que havia nos fundos da que morávamos e montei ali uma forca bem amarrada a um dos caibros que existiam. A casa não era forrada e eles ficavam a vista.

Para não chamar a atenção de ninguém voltei para a casa onde velavam Thomé. Sentei-me no chão e fiquei chorando, porque eu chorava muito. Meu pai estava tomando conta dos trâmites legais e minha mãe chorava em um quarto escuro. As pessoas, que eram poucas, só gente da redondeza e alguns familiares entravam e saíam. Olhavam para mim como se olhassem alguma coisa muito extraordinária e sussurravam coisas que eu não sabia. Vi quando meus irmãos que eram os únicos que ainda me davam algum conforto saíram e entraram no quarto onde estava a nossa mãe. Então, saí da sala e me encaminhei para a casa onde a forca me esperava. Coloquei um banco de três pernas, que era muito comum nas casas, embaixo da corda para que eu pudesse subir e colocar a cabeça no laço, que eu mesmo tinha armado.

Quando já estava quase pronto para chutar o banco, ouvi passos e desfiz todo o processo. Tirei a cabeça do laço e fui verificar o quem andava por ali. Não encontrei

ninguém. Voltei para dentro e fiquei olhando aquela corda dependurada. Ela parecia me chamar. Comecei a pensar que poderia dar errado e eu ficar ali dependurado por horas, asfixiado. Eu iria sofrer muito; queria morrer logo e acabar com aquela agonia. Já havia sabido de gente que tentara isto e acabara não morrendo e ainda passando por covarde. Mas a corda me chamava e minha consciência doía. Eu não tinha coragem de enfrentar meu pai e minha mãe.

Olhava através da janela da casa e via as pessoas cabisbaixas, caminhando de um lado para o outro como a perguntar:

_ Como pode um irmão matar o outro? Como pode ser tão cruel?

E os pensamentos iam e vinham aos borbotões e eu não tinha força para contê-los. Voltei a subir no banquinho, coloquei a cabeça no laço e empurrei o banco com o pé. Senti um puxão no pescoço e não vi mais nada.

Lembro-me que quando acordei. Estava deitado na minha cama e muita gente estava em volta de mim. Meu pescoço doía, minha garganta estava como que esmagada. Minha cabeça não raciocinava.

Trouxeram-me um chá e eu acabei dormido.

Quando acordei estava tudo calmo. Já tinham levado meu irmão. Minha mãe e meu pai não se falavam. Meus irmãos estavam tristes e sentados em cima de suas camas com as pernas encolhidas e o queixo encostado aos joelhos. Não choravam, mas viam-se, claramente, seus rostos sombrios.

Passaram-se os dias e eu continuava com o corpo doído e o pescoço adormecido.

Minha mãe continuava sem falar, agora se fechara com todos. Meu pai foi morar

na casa dos fundos nos dias em que ela estava em casa. E, eu e meus fantasmas continuávamos morando num mesmo corpo.

Quando minha mãe voltou a trabalhar, perguntei aos meus irmãos quem tinha me encontrado no dia que tentei me enforçar. Jonas explicou-me que nossa mãe tivera um pressentimento de que algo grave iria me acontecer. Hoje eu sei que não era pressentimento, era medo mesmo. Então, ele e Gabriel, meu outro irmão, resolveram me seguir o tempo todo.

Os passos que eu ouvira eram eles, que se esconderam para eu não os perceber. Eu não os tinha visto. Ao se distraírem por instantes ouviram o baque do banco no chão e correram.

Quando entraram, eu estava suspenso e me debatendo. Jonas que agora era o mais velho dos irmãos suspendeu-me, enquanto Gabriel tentava afrouxar o nó. Vendo tamanho alvoroço, na casa velha como a chamávamos, mais gente correu para ver o que acontecia. E assim, foi que me salvaram”

Depois de todo esse relato mostrou-me a marca da corda que ainda teimava em lembrá-lo de seus feitos.

Conversamos um pouco mais e ele ainda relatou que a mãe dele não trabalhava descansada por medo de que em sua ausência acontecesse nova tragédia. Foi quando seus patrões tiveram a feliz idéia de trazer os rapazes para morarem com ela. Era uma casa nos fundos do casarão principal, numa rua bem movimentada. Os patrões da mãe tinham posses e quiseram que ele, Jonas e Gabriel estudassem. E assim mais tarde ele arranjou emprego como funcionário público. Depois de dois anos sua mãe e seu pai voltaram a se entender. O pai veio trabalhar como jardineiro da família. Venderam as

terras que tinham e cada filho recebeu sua parte para adquirir um bem. Ele comprou a casa que abrigava Dolores sua mulher e seus três filhos: de cinco, de três anos e um recém chegado com seis meses. Como ele ficara desempregado e doente Dolores mudara-se preventivamente para a casa de sua mãe até que ele melhorasse.

O sol declinava na linha do horizonte: por certo, não tardava o anoitecer, mas Eurico precisava falar e eu não queria perder nada de sua história. Ele lembrava algumas coisas e queria contar na ânsia de tirar a angústia de seu peito. Sentia-se, no modo como falava que fazia assim uma limpeza da alma. Eu entendia que aquilo era preciso. Perguntei-lhe o que Benito havia falado a ele quando ainda estavam no refeitório. Respondeu-me que Benito havia dito que quem não deve não tem.

E foi diante desta recomendação que resolvera contar-me sua história.

Por mim eu continuaria ouvindo sua história por mais tempo, porém o jantar estava sendo servido e tínhamos que ir.

Depois do jantar permanecemos no refeitório um pouco mais. Quando nos retiramos para os nossos quartos perguntei a Eurico se ele gostaria de participar de uma sessão com os médiuns em que pudesse conversar com seu irmão. Expliquei que já que ele estava mais calmo seria muito bom para o esclarecimento da situação. E que depois de tudo esclarecido, seu irmão descansaria em paz e com certeza ele, o Eurico, se sentiria bem melhor. Ouviu tudo e concordou desde que pudesse ser no dia seguinte, sábado. Segundo ele próprio, para não dar tempo de se arrepender. E assim se fez.

A sessão foi fechada. Estávamos presentes, além dos médiuns, eu e Eurico. Tudo aconteceu com a maior tranquilidade possível e Eurico suportou tudo com grande força de vontade e coragem. Saímos os dois fortalecidos e com a convicção de que de

agora em frente Eurico estava curado. Aguardaríamos a presença do médico para que ele tivesse alta.

Procurei por Clara. Graça havia me comunicado que ela queria falar comigo. Encontrei-a limpando o corredor que dava acesso à ala das mulheres. Era Homero que queria saber o resto da história que eu havia contado a ele.

Na hora do almoço encontrei-o e cuidei de deixar para mais tarde a história; temia que Homero achasse que eu queria fugir dele e ao mesmo tempo temia pela história. Agora era eu que me condenava por que tinha inventado logo aquele personagem e por que não um outro. Bem não podia ser outro afinal: Homero por Homero os dois eram. O problema era a Helena. Como eu contaria aquele trágico rapto sem trazer, à tona, velhos traumas de nosso Homero.

Ele compreendeu que não era possível naquele instante. Sélvio já vinha comigo pelo braço e insistia para que eu o visitasse em seu quarto para ver o retrato que ele tinha feito do casarão que abrigava o hospital. Era um desenho muito bonito, não deixara escapar nenhum detalhe. Fiquei pensativo, olhando aquele desenho me senti um completo alienado. Havia detalhes no desenho que eu nunca percebera. Perguntei para ele como sabia de tantos detalhes. Ao que ele me respondeu:

_ Percebi olhando, doutor.

Mais um a me chamar de doutor. E não adiantava dizer que não era; depois que resolviam promoverem alguém era inútil querer consertar. Deixei assim. Elogiei o trabalho e fui para o pátio. Andei um pouco pelo jardim, dei uma olhadela na horta que apesar de não ter tido tempo de cuidar estava muito bem.

Benito e Giorgio vieram correndo, quando me viram parado diante dos canteiros e como se tivessem ensaiado um coro os dois disseram a uma só voz:

_ Está bonita, não está, doutor?

Fiz com a cabeça que sim. Benito virou-se para Giorgio e num tom reflexivo falou:

_ O doutor não gostou da horta.

Saí de meu estado mórbido e retruquei:

_ Está uma beleza. Eu é que não estou muito bem.

Ao que os dois fizeram um “Ah!! Bem!

Pela primeira vez desde que chegara naquele local estava com sono no meio da tarde. Fui para o meu quarto e cochilei por breves minutos. Acordei-me assustado, não tinha noção de que horas eram.

Homero cruzou por mim no corredor e sentenciou:

_ Se não me contar o resto da história vou subir de novo no telhado.

Fiquei quieto e segui meu caminho.

Falei com Graça a respeito de Homero. Ela achava que eu deveria contar, mas na biblioteca do hospital tinha alguma coisa sobre esta história e ela ia procurar. A solução era mandar-lhe que lesse. Ele sabia ler.

Ela trouxe-me um livro que continha a história e inclusive alguns trechos do poema. Chamei Homero e entreguei-lhe o livro recomendando que ele mesmo o lesse. Homero devolveu-me o livro dizendo que já tinha lido. E sabia por que eu não queria contar aquela história. Ele relatou que tivera conhecimento da história bem antes de conhecer Helena, sua mulher, Segundo ele, seu pai lhe tinha colocado esse nome em homenagem ao Homero, o grego. Perdi. Fiquei parado olhando ora para ele, ora para Graça. Eu não sabia o que dizer. Ele era louco, mas não tanto.

O que eu mais admirava naquelas criaturas era a gama de conhecimento que alguns traziam. Eles não tinham preguiça para nada. Concentravam uma energia inimaginável. Aqueles que eram considerados loucos faziam tudo com uma rapidez fora do comum e não se importavam com o que acontecia depois. Não aceitavam críticas, mas adoravam criticar os outros. Implicavam uns com os outros e discutiam severamente a ponto de acharmos que iriam se pegar no tapa. Mesmo quando as discussões eram mais acirradas nunca chegaram a tanto e o mais que ficavam emburrados entre eles era de poucas horas. Tinha dois tipos de loucos: os que eram agitados e falavam, brigavam e se opunham aos comandos e os que eram introspectivos e não externavam o que sentiam. Estes eram os mais perigosos.

À noite eu, Graça, Tereza e Clara sentamo-nos num dos bancos do jardim. A noite não estava muito clara, mas a luz que refletia das janelas era suficiente. Durante nossa conversa externei a minha vontade de voltar aos bancos escolares. Estava com vontade de fazer um curso na área da saúde. Talvez fizesse enfermagem. As mulheres consideraram que era uma boa idéia, mas não queriam que eu me afastasse do hospital.

Continuamos nossa conversa. relatei que eu e Graça iríamos morar juntos em uma casa que em breve compraríamos. Estávamos apenas aguardando a chegada de

Leonor e a escolheríamos nas redondezas para ficarmos próximos do emprego. Eu faria o curso á noite.

Tereza achava muito desgastante morar no próprio trabalho, mas o dinheiro que ganhava ajudava a pagar os estudos de seu filho que morava na casa da madrinha. Foi aí que fiquei sabendo que Tereza era viúva. Contou-nos que ficara viúva dois anos depois de ter casado. Logo após o casamento seu marido começou a sentir-se tonto e, por vezes, perdia o sentido. Teve várias vezes internado sem que descobrissem a enfermidade. A mãe dele nunca havia contado sobre o estado de saúde do rapaz embora desde pequeno apresentasse alguns sintomas anormais para uma criança. Talvez não tivesse contado para não assustá-la ou talvez porque os médicos não davam um diagnóstico preciso e a mãe ficava esperançosa que não fosse grave.

Quando da última vez de sua internação, os médicos chegaram à conclusão que ele tinha um tumor no cérebro. Chamaram os familiares e não deram garantia de vida em nenhuma das hipóteses. Operando ou não, a garantia era a mesma. Optou-se por não operar. Após três meses ele faleceu.

Tereza revoltou-se contra os parentes de seu marido por não tê-la colocado a par da situação e cortou relações com eles. Hoje ela já pensa de outra forma, após ver tantos problemas apresentados por nossos pacientes internados no hospital.

Após a morte do marido e não tendo o amparo dos familiares uma vez que os seus eram pobres e não tinham condições de sustentar mais duas bocas, ela optou por trabalhar. Como já conhecia Leonor contou a ela o que estava passando e esta a convidou para ser cozinheira.

Quando veio trabalhar só havia dois pacientes: um já faleceu e o outro que foi curado. Neste momento, perguntei se ela tinha conhecido minha avó e se era ela o paciente que havia falecido. As três falaram ao mesmo tempo:

_ Avó?

Eu fiquei impressionado. Já fazia um bom tempo que estava ali, tinha ido e vindo e elas não sabiam nada a meu respeito. Conteí a elas que aquele hospital tinha sido construído para abrigar minha avó que ficara doente e viera depois a falecer.

Então é seu pai que é o dono desse hospital? -indagou Tereza.

_ Bem – disse eu – dono... Dono, ele não é. Esse hospital é mantido por uma associação de pessoas e é por isso que aqui não falta nada.

Não mencionei muitos detalhes. Nem falei do casamento entre meu pai e Leonor embora a língua enrolasse na boca para dar mais detalhes. Mas, eu me manteria firme. Não revelaria mais nada a não ser aquilo.

Ficaram tentando saber mais. Mandei que perguntassem para Leonor. É claro que quando eu e Graça fôssemos morar junto eu contaria a ela e, com certeza, as outras ficariam sabendo. Mas isto era outra história.

Clara que não contara nada a seu respeito e somente ouvira o tempo todo estava com sono. Entramos e nos despedimos. Todos nos recolhemos.

Quando abri a gaveta para pegar meu pijama, algo caiu no chão. Era uma carta. Alguém tinha recebido e colocado bem em cima das roupas para que eu abrisse a gaveta

e a encontrasse. Olhei para ver de quem era. Era do nosso amigo “trinominal” Benvenuto. Fiquei tão contente que resolvi ler naquele momento.

Iniciava a carta contando que quem estava escrevendo era uma sua conhecida que era escritora de cartas. E logo explicava que, no Brasil, existiam pessoas que por uns trocados escreviam cartas para os outros. Como muita gente não sabia ler e escrever, e este era o seu caso, se valiam dessas pessoas para mandarem notícias aos que estavam longe. Mandava dizer do quanto era agradecido do tempo que passou conosco. Perguntava por todos e tudo o mais que dissesse respeito. Pedia que eu agradecesse a Zacarias pelo auxílio que lhe prestara e desejava boa sorte a todos. Depois que assinou a carta colocou um: P.S. “Comecei estudar esta semana. Segui seu conselho. Mais tarde quem sabe escrevo meu próprio livro”. Mandava abraços.

Quanta gentileza dele em enviar uma carta. Fiquei emocionado. Lembrei-me que estava muito negligente, nesta parte, eu ainda não tinha respondido nenhuma das cartas que havia recebido.

Era domingo e o que me preocupava neste dia era que nenhum paciente recebera visita depois que eu tinha vindo parar. Será que era assim o tempo todo?

Naquele domingo fui à missa. Depois fui para biblioteca ler um livro que eu tinha encontrado por acaso. Era *A Montanha Mágica* de Thomas Mann lançado em 1924.

Este livro contava a história de um homem que fora visitar seu primo em um sanatório e por ironia adquire uma doença grave e tivera que ficar internado. Era até onde eu sabia. Teria de ler o livro, que era um pouco volumoso, mas eu não tinha pressa. Leria aos poucos.

A tarde estava linda, o sol batia nos galhos das árvores e espalhava desenhos de sombras no chão. A grama verdinha em contraste com as flores que enfeitavam os canteiros e o céu azul dava vontade de sonhar.

Apesar de alguns dias de muito trabalho em desacordo com outros bastante calmos não afetava a beleza do lugar nem a natureza mágica que o mesmo transmitia.

Sentei-me com o intuito de ler.

Quando comecei a leitura, Clara e Tereza vieram conversar. Perguntei por Graça:

- Ela já vem – disse Tereza.

Olhei para Clara e vi que tinha chorado. Deixaria que ela mesma contasse se quisesse.

Olhei para a porta do hospital e vinha saindo Graça que trazia em suas mãos uma bandeja. Levantei-me para ajudá-la, mas as duas não deixaram. Esperei que ela chegasse. Era uma surpresa para mim

Dias antes eu tinha falado que andava com saudades de comer Crustóli, umas tirinhas feitas de farinha de trigo, rum e manteiga, fritas em óleo quente, que se desmanchavam na boca. E era isto que vinha na bandeja. Acompanhava os Crustólis um delicioso suco de frutas. Quase chorei de tão emocionado.

Chamaram todos para apreciar as guloseimas ali mesmo no gramado. Tereza e Clara foram buscar o restante que ficara na cozinha. Foi uma festa. Gostamos tanto da idéia que alguns domingos depois repetimos o feito.

Mais á tarde eu e Graça saímos para dar um passeio pelas redondezas. Não podíamos nos afastar muito. Conversamos sobre a compra da casa. Indaguei de Graça se ela ainda queria ficar comigo. Respondeu-me que sim e perguntou se eu estava arrependido. Justifiquei que não estava arrependido, mas sim preocupado pelos dias quando não lhe dispensara maior atenção.

Disse-me ela: _ Não se preocupe tanto, logo Leonor chegará e teremos mais tempo para nós.

Olhamos-nos e nos beijamos.

Desculpei-me por manter-me um pouco afastado dela durante o trabalho. Era que eu não queria misturar as coisas. E não sabia se Leonor permitiria namorar em serviço. Eu mesmo achava que o local não era o mais apropriado para demonstrações de afeto entre um homem e uma mulher. E ela concordou. Nem mesmo ela que trabalhava ali há muito tempo achava bom. Fiquei aliviado.

Caminhamos de braços dados enquanto voltávamos para o Hospital.

No caminho decidimos que Tereza e Clara deveriam sair, quem sabe ir ao cinema. Assumiríamos a cozinha por esta noite.

Quando comunicadas, por nós, acharam o máximo, mas não iriam ao cinema. Iriam passear olhar vitrines e comer um belo pedaço de torta.

Enquanto trabalhávamos fazendo o jantar, perguntei a Graça o que tinha feito Clara chorar.

Graça contou-me então que Clara nasceu em uma família de quatro irmãos, sendo ela a única mulher. Seu pai era um homem rude e bebedor. Batia na mulher e nos filhos. Clara queria estudar, mas não tinha condições, então se empregou de babá em uma casa de família.

O pai e os irmãos não aceitaram sua decisão e a expulsaram de casa. Ela mudou-se para a casa dos patrões e nunca mais entrou em contato com a família. Conseguiu concluir um curso inicial. A família a quem servia mudou-se e ela ficou sem ter onde morar. Neste ínterim havia conhecido Tereza e a procurou.

Tereza interessou-se pelo seu caso e arranhou trabalho para ela, no hospital.

Graça falou-me que uma vez ou outra ela chorava de saudades da família e pela falta de notícias. Nada que não fosse contornável.

Quando fomos deitar Tereza e Clara não haviam chegado e como haviam levado chave fiquei descansado.

Na manhã seguinte quando estava me preparando para ir à biblioteca ouvi um barulho de motor. Fui até a porta me certificar se era quem tinha pensado. Era Leonor. Ela estava chegando. Fui ajudá-la a descer do carro. Zacarias não estava com ela, mas suas malas sim.

Abrçou-me e eu dei-lhe as boas vindas. Entramos carregando um pouco das bagagens e fui buscar o restante. Quando falei que não esperávamos por ela naquele dia, ficou surpresa, pois havia mandado avisar através de correspondência. Expliquei que a mesma não havia chegado.

_ O que interessa é que cheguei. – disse-me.

Estava cansada da viagem, mas não quis repousar sem antes saber de Eurico. Conteí a ela que ele estava bem e ela pareceu satisfeita. Saímos pelo Hospital e todos vinham cumprimentá-la.

Durante o almoço saudou a todos em geral e disse ter gostado de encontrar tudo em ordem.

Pela tarde recebemos sua carta e uma carta de minha mãe.

Depois que descansou chamou a mim, Clara, Tereza e Graça para saber das novidades. Contamos tudo que havia acontecido sem esconder um só pormenor. Inclusive que eu deixara para ela resolver a vontade de Marisbela que queria deixar o jardim pela horta e de Tereza que solicitava uma ajudante.

Agradeceu nossa colaboração e esperava contar conosco sempre. Ficamos lisonjeados. Eu fiquei mais contente, acabava ali uma etapa, que não fora fácil para mim. Eu não tinha nenhum tipo de experiência e assumira uma responsabilidade enorme. E pelo que parecia, havia me saído bem.

Pedi a palavra e agradei a todas que me ajudaram nesta árdua tarefa, que só foi possível cumpri-la devido ao companheirismo e Leonor por ter confiado em nós, principalmente em mim, que era novato.

Leonor nos contou que se divertiu muito, que tinha renovado uns vinte anos. E estava com ótimo aspecto. Eu queria saber de Zacarias.

_ Bem, Zacarias, assim que chegou colocou-me no carro de aluguel e disse-me que voltava à tardinha.

Já era noite serrada e nada de Zacarias. Eu comecei a ficar preocupado.

Queria contar-lhe a novidade sobre Benvenuto.

Eram dez horas quando ele chegou. Tivera que resolver um assunto particular do qual não falou mais que isto. Nos demos um grande abraço. Estávamos saudosos.

Ele queria saber se eu tinha comprado a casa e que tal era. Contei-lhe resumidamente o que acontecera e que não tinha tido tempo de procurá-la.

_ Que bom -disse-me - vamos procurar juntos.

Falei-lhe que tinha combinado com Graça que íamos juntos e não queria desfazer o trato.

_ Não tem importância. Vamos os três.

Concordei, mas falaria com Graça antes.

Mostrei-lhe a carta de Benvenuto. Ele riu e disse:

_ O morto descobriu que está vivo e até escreve carta.

Leonor nos liberou dois dias depois para procurarmos a casa.

As casas que havia nas redondezas eram caras para o tamanho que tinham. Zacarias tinha habilidade para qualquer coisa que fazia. Mandou-nos pensar bem qual mais agradara a nós dois e que o resto era com ele.

Retornamos e a noite depois do jantar eu e Graça nos reunimos para decidir. Mas a casa que Graça gostara não era a mesma que eu. Portanto decidimos que iríamos novamente visitar as duas para depois decidir.

Depois que terminamos nossas tarefas diárias eu e Graça voltamos para verificar as condições de cada casa. E decidimos por uma que tinha duas peças separadas nos fundos já com intuito de levar Clara e Tereza para morar nelas. Ficava independente da casa e, portanto não haveria problema algum.

Comunicamos a Zacarias da decisão e entreguei-lhe o dinheiro para efetuar o pagamento e dar providência nos papéis.

Nos dias que se seguiram: O médico ficou muito satisfeito com a recuperação de Eurico e deu-lhe alta. Ninguém comunicou nada a ele porque queríamos fazer-lhe uma surpresa.

Conforme eu tinha conversado com Leonor no dia anterior me preocupava bastante aquelas pessoas que ficavam dias ou até anos no hospital e não recebiam visita de nenhum familiar e aquilo me deixava angustiado. Era como se tivessem morrido, mesmo estando vivo. Como dissera meu amigo Benvenuto, quando se passava por José Henrico: “Que ele continuava vivo mesmo estando morto.”.

Diante de minha preocupação, Leonor, achou que deveríamos montar uma estratégia para que os familiares viessem visitá-los. Sabíamos que não seria fácil, mas tentaríamos. Começaríamos enviando cartas a todos os familiares contando algo de interessante sobre o seu ente querido que ali se encontrasse. Os que respondessem nossa carta, numa próxima seriam convidados a visitá-lo.

No caso de Eurico era diferente. Enviariamos um mensageiro que comunicaria a sua pronta recuperação e um convite para uma festinha endereçada à esposa e demais familiares. E assim ocorreu.

Isto significava o início de uma nova era no hospital.

Imagine quem foi o mensageiro? Ora só podia ser Zacarias.

Estava tudo pronto e arrumado. Convocamos Eurico para uma conversa na sala da diretora. Ele entrou e fechamos a porta.

Sua esposa, sua mãe e seu pai vieram. Sua esposa não trouxe os filhos, porque achou melhor preservá-los e nós concordamos.

Leonor acompanhou Eurico até o refeitório onde ele pode encontrar-se com os seus. Quando ele os avistou ficou muito emocionado. E a emoção de todos foi tamanha que não cabia em nossos corações. Parece que se expandia pelo ar.

Os pacientes começaram a bater palmas e todos se abraçavam e choravam e riam. Foi um grande e inesquecível momento.

A alegria tomou conta do ambiente e víamos que os outros pacientes cochichavam e por vezes se ouvia que eles almejavam também ter contato com os seus familiares.

Mais tarde, conversamos para avaliar o quanto fora interessante aquele momento e vimos que estávamos certos. Começaríamos uma nova fase.

Foi enviada a correspondência, tal qual, como havíamos combinado anteriormente. Ficamos na expectativa das respostas. Por enquanto, ainda era segredo,

para não causar dor, nem decepção naqueles que por ventura não fosse possível o reencontro.

Um carro de aluguel parou diante do hospital, naquela tarde de sexta-feira. Não esperávamos ninguém. Desceram duas jovens portando malas. Esperei que entrassem no recinto. Ao se aproximarem não notei nenhum vestígio de que se tratasse de novas pacientes.

Apresentaram-se. Uma se chamavam Edésia e a outra Celínia. Solicitei a ambas que aguardassem acomodadas na salinha de espera, pois Leonor estava conversando com um de nossos pacientes. Ofereci um chá, enquanto aguardavam.

Leonor estava conversando com Marisbela.

Marisbela saiu da sala de Leonor sorrindo e disse-me que tinha conseguido o que almejava, ou seja, trabalhar na horta juntamente com Benito e Giorgio. Eu observara o quanto eles tinham melhorado em seu tratamento, depois que foram trabalhar com a terra.

Fi-las entrar. Leonor as recebeu e notei que ela já as esperava. Cumprimentaram-se e a porta se fechou. Continuei meus afazeres.

Logo a porta se abriu e Leonor chamou por mim e Graça. Procurei por Graça e a encontrei na cozinha auxiliando Tereza. Dirigimos-nos à sala de Leonor.

Leonor nos apresentou Edésia que seria a ajudante de cozinha para Tereza e Celínia que seria faxineira juntamente com Clara. Leonor frisou que as mesmas já possuíam experiências nos trabalhos que iriam assumir. Ficamos felizes com a chegada de novos membros. Melhoraria e muito para todos.

Graça se encarregou de mostrar os quartos aonde iriam se acomodar.

Zacarias tinha chegado e me esperava. Saí da sala de Leonor e encontrei-me com ele. Estava tudo preparado para a compra da casa faltava apenas eu assinar os papéis. Entregou-me o que sobrara. Admirei-me pela quantia. Ele tinha conseguido um belo desconto. Deixamos para o dia seguinte.

Quando falei-lhe que sobrara um bom dinheiro e isso era muito bom, ele fez questão de lembrar-me:

_ Vai precisar dele para os móveis - disse-me.

Encontrando-me com Zacarias, Leonor entregou-me uma carta. As moças tinham trazido uma correspondência de meu pai que as apresentava em nome da Irmandade e outra para mim. Na carta vinha um recado muito significativo. Meu pai dizia que eu procurasse me manter o melhor possível e que não me apegasse tanto ao passado. Que a vida era feira de futuros. Saiba também, – escrevia ele – na casa de seus pais seu lugar ficará insubstituível. Venha sempre que quiser.

Meu pai demonstrava naquele trecho que me amava e se importava comigo, o bastante, para estar preocupado. Meus olhos ficaram rasos de lágrimas. Leonor me abraçou.

E Zacarias, como sempre, sorriu solidário e discreto.

Continuamos nossa conversa, mais tarde. Leonor queria reunir-se com todos os seus auxiliares para organizar melhor os trabalhos.

Durante a reunião conversei com Leonor e ela autorizou que eu saísse. Ficou acertado que durante os primeiros quinze dias as moças novas iriam auxiliar nos serviços, mas a partir daí seríamos distribuídos por turnos de trabalho. Leonor estava preocupada. Prestes a receber mais dois pacientes considerava que Tereza, Graça e Clara estavam trabalhando muito.

Na segunda-feira saí com Zacarias para resolver o assunto da casa. No caminho conversamos sobre a carta que meu pai enviara.

Voltamos logo.

Conversei com Graça solicitando-lhe que fizesse uma lista com o que precisaríamos para mobiliar nossa casa. Ela me perguntou se comprava algo para os quartos de Clara e Tereza. Respondi que não, isto seria feito depois.

Graça havia conversado com as duas na possibilidade das mesmas morarem em outro lugar. Elas queriam, mas não tinham condições de pagar aluguel. Segundo ela não havia entrado em detalhes sobre o assunto.

_ Foi somente uma conversa. Levei em consideração o nosso caso e procurei saber do que pensavam a respeito – disse Graça.

Eu não me importava se ela tivesse contado. Eu só não queria criar uma situação difícil para Leonor.

Passados os dias de adaptação das moças, começamos a trabalhar em turnos.

Graça e eu ficamos em turnos diferentes devido à natureza do trabalho.

Para podermos comprar nossos móveis conseguimos que Clara ficasse no lugar de Graça, naquele dia. Andamos praticamente o dia todo. .O que ficasse por comprar dar-se-ia um jeito de adquirir nos dias seguintes, após o expediente.

Nossa! Eu não tinha noção de quanta coisa precisava-se para uma casa. E olha que a nossa era uma casa modesta.

Zacarias viajaria para Palermo, no dia seguinte, então me apressei em escrever para minha mãe e dentro coloquei um bilhete para meu pai agradecendo tudo que havia feito por mim e pedindo desculpas pelas vezes que não fui quem ele gostaria que eu fosse.

Leonor chamou a mim e Graça para contar-nos que recebera três correspondências que remetiam a uma grande satisfação. Os familiares dos pacientes diziam-se muito contentes de terem recebido notícias. Eu considerei pouco, mas Leonor dizia que aquilo representava muito.

_ Imagine – disse-me ela – faz quase trinta anos que estou aqui e nunca nenhum paciente recebeu sequer um bilhete.

Era inacreditável! Mas se ela dizia.

E continuou:

_ Os hospitais que tratam deste tipo de paciente sofrem muito com o preconceito. Ninguém admite que tenha um louco ou um doente com algumas síndromes na família e, portanto, o jeito é escondê-los a qualquer custo. Escondem em lugares como aqui, ou nas próprias residências em quartos bem guardados, ou , por muitas vezes, nos porões.

Olhando para mim disse:

_ Só mandei as cartas por propósito teu. Ainda bem que está dando certo. É o que sempre digo: Faça o que queres e dê certo ou errado não importa. Você pelo menos vai ter a certeza de que não deixou a oportunidade passar sem ter feito nada. E se nada fizer nunca saberá qual será o resultado. Arriscar é o mandamento.

Logo veio em meu pensamento que eu estava novamente arriscando, casando-me com Graça. Agora era diferente: eu e ela éramos maduros e já tínhamos conhecimento suficiente dos riscos que corríamos. Mas a vida é um constante arriscar. Nada é igual e nem se repete da mesma forma. Já havíamos conversado sobre isto. Não éramos apaixonados um pelo outro, mas sentíamos uma grande e doce afeição que, naquele momento, era suficiente.

Fiquei distraído e Leonor percebeu e considerou que eu estava triste. Disse-lhe que não. Eu estava refletindo sobre suas palavras.

No mesmo dia respondemos as cartas que havíamos recebido e já efetuamos o convite para a visita que seria no segundo domingo de cada mês. Depois quando estivesse dando certo seria estendida para mais outro domingo e assim por diante.

Nos dias em que houvesse visitas o coral e os dançarinos poderiam se apresentar. Algum outro paciente que não pertencesse a nenhum dos grupos poderia ler uma poesia ou contar uma história que antes tivesse sido revisada. Teríamos de fazer esta ressalva, porque alguns perdiam o senso crítico e eram capazes de proferir algumas bobagens.

Como dentre os convites que enviamos estava à família de Sélvio, tivemos a idéia de emoldurar seus desenhos e colocá-los na parede do refeitório, por ser este, o lugar onde estariam as mesas dispostas. Cada paciente sentaria com sua família.

Neste dia seria providenciado um lanche.

Edésia era uma cozinheira e tanto. Estava se saindo muito bem. Ela e Tereza traziam a cozinha e o refeitório brilhando. O que dava uma excelente impressão para quem chegasse.

Clara e Celínea não dispensavam a vassoura. O chão era um brilho só.

E isto não era porque receberíamos visitas, isto era sempre.

Chegou o tão esperado dia para nós porque para os pacientes era uma surpresa. Para nossa alegria vieram as três famílias: de Sélvio, de Benito e de Marisbela. Novamente todos se emocionaram muito. Os visitantes passearam pelo hospital, pelo jardim, pelo pomar e pela horta. Marisbela e Benito não se cansavam de falar que eles trabalhavam nela.

Sélvio ficou tão contente que resolveu desenhar sua irmã que veio acompanhar os pais.

Benito e Marisbela resolveram dar um maço de hortaliças como lembrança.

Passamos uma das mais belas tardes no hospital.

Mais a noitinha, reunimo-nos para avaliar o encontro e ficamos satisfeitos. Ficou decidido que continuaríamos enviando cartas com notícias até mesmo àqueles que não haviam respondido.

Celínea disse-nos algo muito interessante que creio tenha tirado da Bíblia: todo aquele que pede, recebe; o que busca, acha e a quem bate abrir-se-lhe-á.

Fiquei admirado com tão sábias palavras. Era isto mesmo que estávamos fazendo. Pedíamos atenção, buscávamos compaixão e iríamos insistir em abrir os corações mais empedernidos para que acolhessem os seus doentes com o mesmo amor que dedicavam aos sadios.

Continuávamos batalhando por dias melhores para nós e para eles.

Nossa casa estava mobiliada e Graça já tinha comprado o restante do que faltava. Avisamos Leonor com antecedência de que iríamos morar juntos. Ela não só concordou como nos abençoou.

No dia que nos mudamos para a casa nova não pretendíamos fazer nenhuma comemoração, porém Leonor e os outros e dentre eles estava Zacarias fizeram uma festa para nós e nos deram uma passagem de ida e volta para Veneza.

Nossa! Meu coração disparou, quase tive uma síncope. Veneza eu sempre tivera vontade de conhecê-la, mas sempre deixei em segundo plano. Era um lindo e extraordinário presente.

Seguimos viagem. O hospital estava em boas mãos.

Nossa casa nos esperava.

Clara e Tereza iriam morar conosco. Elas eram a nossa família.

Eu e Graça voltaríamos a estudar.

Estávamos felizes e sentíamos que os que nos rodeavam também estavam encontrando seus caminhos.

A felicidade é um bem que precisa ser conquistado e depois de conquistado mantido e alimentado para que consiga dar flores e frutos que saciem a vontade de sermos libertos sem, no entanto, deixar de prestar atenção em todas as coisas sejam boas ou más. A felicidade é efêmera. Cuidar dela é cuidar da alma.

Uma alma tem que aprender a ser feliz sem precisar de subterfúgios. É mais fácil ser vítima do que assumir os erros. Eu não queria assumir meus erros, mas agora faço questão de lembrá-los para que não venham a se repetir. Hoje o que me faz feliz é olhar em volta e ver que a felicidade não tem hora, nem lugar, nem preço. Ela está guardada dentro de nós, esperando a oportunidade de fluir.

Foi preciso quase uma tragédia para dar-me conta de quanto é pequeno o mundo e que não existe nada que impeça o ser humano de ser bom ou mau; basta ele escolher.

Não é preciso fortuna para se operar transformações. É preciso, apenas, juntar as idéias de todos e torná-las uma única.

Ninguém vive só. Somos seres que necessitamos de companhia, essa companhia é que nos faz sentirmos melhores.

Ninguém é melhor ou pior do que o outro. Somos perfeitos no que somos e como somos.

É necessário haver o bem e o mal para que haja o perfeito equilíbrio.

As somas de todas as energias governam e dirigem o mundo dos bons e dos maus.

O diferente não tem que ser você, mas você pode fazer a diferença.

A liberdade tem de ser conquistada de dentro para fora e não imposta e isso só acontece quando encontramos nossa própria alma.

Mas, em vez de ficar conjecturando eu precisava apreciar a viagem.

Nossa lua de mel havia sido maravilhosa, porém como tudo que começa; acaba. Não havia como adiá-la, pois a data da volta fora definida desde o início.

Eu e Graça fizemos novas amizades e, dentre elas, encontramos um velho conhecido que morava em Paris. O mesmo era dono de comércio na rua mais movimentada da cidade. O menino (chamo-o assim por termos mais ou menos a mesma idade) era um grande comerciante e de origem judia.

Contara-me em certa ocasião que seus pais haviam fugido da terra natal por medo da repressão e da guerra. Como os homens eram proibidos de sair do país, sua mãe o tinha vestido de menina e ele viajou o tempo todo como se fosse uma. Tinha ele doze anos na época. Agora aproveitava a visita a Veneza para consagrar sua lua de mel.

Descobri que ficara viúvo por três anos até que conhecera Lucinda.

Lucinda era bonita de olhos claros e cabelos longos cacheados, alta para o porte da maioria das mulheres, porém não me pareceu um tipo confiável. Pareceu-me, a primeira vista, um pouco vulgar, mas procurei ser discreto. Afinal, a mulher nada tinha a ver comigo, eu apenas conhecia o seu marido, portanto, não tinha o direito, nem

conhecimento a respeito dela para que pudesse formalizar algum conceito. Era apenas uma dedução pelo porte físico e modo de se comportar.

As pessoas, assim. Como eu tem a mania de julgar pelo exterior.

Eu sabia que não se devia julgar o semelhante, mas minha parte humana me reservava ainda alguns vícios.

Nossos passeios de gôndolas eram o que tinha de mais gostoso.

Após nos distanciarmos da gôndola em que Lucinda e Jacó se encontravam, eu e Graça, conversamos a respeito de como o mundo parecia pequeno. Imagine, disse-lhe:

_ Eu saí da França e continuo ligado a ela seja por laços familiares como por amizades.

Graça parece não ter gostado da referência e mudou de assunto.

Aquela gôndola navegando, tão vagorosamente, parecia deslizar tão suave como se estivéssemos entre nuvens; era como se flutuássemos. Dava-me a impressão de nos embalar. Aquele balanço suave fazia com que eu me recordasse dos braços de minha mãe que rodeavam meu corpinho de criança e sentia grande emoção.

Comentei com Graça aquele sentimento gerado em mim. Ela disse-me que também sentia mais ou menos a mesma sensação.

O contato com a água gerava, em mim, uma sensação de leveza, liberdade e limpeza espiritual.

Procurei esquecer qualquer referência à França.

Com a proximidade do dia de voltar, minha cabeça, já começava a dar sinais de lembranças sobre o trabalho e a agitação do hospital,

Fiz um grande esforço para não lembrar-me de nada que pudesse nos tirar a paz, afinal, tão cedo não iríamos ganhar outro presente tão inusitado.

Quando anoitecia e o sol refletia na água com raios maravilhosos. Era de arrepiar.

Graça aconchegava-se ao meu peito e íamos aproveitando aqueles momentos. Nossos corpos mornos e o balanço da gôndola eram uma conjugação perfeita e nos anestesiava.

A gôndola chegava à margem e nós nos encaminhávamos abraçados até o hotel.

A noite não tardava e tudo parecia ainda mais belo.

Acordávamos pela manhã com o sol claro e insinuante. Saíamos da cama como duas crianças. Corríamos à janela a fim de apreciar a paisagem maravilhosa. Lindos pássaros revoavam por toda parte. O sibilar de seus cantos harmoniosos e singulares faziam a gente sonhar.

Chegou o dia de retornarmos, juntamos nossos pertences.

Mais tarde fomos nos despedir de Jacó e Lucinda, pois eles se encontravam hospedados no mesmo hotel onde estávamos. Aproximamo-nos da porta do apartamento que ainda dormiam nenhum barulho vinha de dentro do mesmo. Afastamo-nos e não mais retornamos.

Chegava a hora de nossa partida.

Procuramos aproveitar o máximo durante o nosso retorno e quando chegamos tudo nos esperava: a casa nova e as pessoas que tanto queríamos bem.

Chegamos cansados e a primeira providência foi de tomar um banho e nos refrescar, logo mais faríamos uma lauta refeição que já estava sendo preparada por Tereza. Clara estava no trabalho e quando chegou abraçou-se aos nossos pescoços que quase impediu-nos de respirar.

_ Que saudade -disse ela- parece que faz séculos que não nos vimos.

_ Que exagero! – retrucou Tereza.

Clara continuou contando de como estava gostando de morar na casa.

_ Parece que me libertei pra a vida _disse ela.

_ Ah! Sim , vocês nem sabem o quanto ela se libertou, arranjou até namorado – completou Tereza.

Graça achou ótimo que Clara estivesse namorando.

_ Daqui alguns dias Tereza também estará namorando ou não?- insinuou Graça.

Tereza não falou nada, abaixou a cabeça, e continuou o que estava fazendo.

Ela me pareceu um tanto triste ou preocupada, porém continuamos nossa conversa em tom tão animado quanto antes.

Clara contou-nos da internação dos dois novos pacientes que já eram esperados por Leonor.

_ O resto vocês saberão quando começarem a trabalhar ou vão querer passar só namorando? _ disse-nos em tom de brincadeira.

Eu interfeiri quando Graça quis falar e disse:

_ Não podes estar com ciúmes, já tens pretendente. E, por falar nisto, quero conhecê-lo para ver se aprovo esse romance.

Rimos.

No dia seguinte começamos a trabalhar. Estávamos bem descansados e com muita vontade de ajudar aquelas pessoas. Os pacientes que haviam chegado estavam ainda isolados e permaneceriam assim por mais uma semana.

Pesquisei os relatórios médicos dos dois pacientes e eles tinham vindo de um hospital onde já haviam sido repetidas vezes internados pelos mesmos motivos.

A moça se chamava Regina e tinha vinte anos. Ela apresentava sinais de que fosse portadora de alguma síndrome. Tinha baixa estatura, rosto triangular na face e crânio normal o que fazia contraponto com o restante do corpo, parecendo que a cabeça fosse maior do que realmente era.

A menina tinha acessos de fúria alternados com completas ausências. Constava em seu diagnóstico que a mãe era ausente. A mesma não se submetia as ordens do pai.

O homem se chamava Joseph. Era um sujeito exemplar em sua conduta, mas que fora abandonado pela mulher. Não apresentava nenhuma doença incapacitante, mas não conseguia se restabelecer emocionalmente pela perda. Estava ali internado para que pudéssemos ajudá-lo a compreender seu estado de espírito.

Leonor estivera muito ocupada durante o tempo em que ficamos fora e parecia mais magra e um tanto abatida.

Conversamos sobre os pacientes antigos e nada de mais tinha acontecido.

Perguntei a ela se tinha conhecimento de que Clara estava namorando e se conhecia o rapaz. Leonor disse-me que de nada sabia, mas notara que ela andava mais animada. Confessei a Leonor que temia que Clara se apaixonasse por alguém que não a merecesse. Eu a considerava muito e não queria vê-la sofrer.

Leonor disse-me que não me preocupasse com Clara, porque às vezes um pouco de sofrimento fazia bem as pessoas. E complementou:

_ Olhe pelo próprio prisma, meu caro.

Sim eu sofri muito por erros cometidos por mim. Clara já era quase uma irmã pra mim o que é bem diferente.

Leonor complementou:

_ Não. A única diferença é que ela é mulher, porém os erros são os mesmos. Ao não sabermos escolher nossos parceiros estamos fadados a espiar mais tarde alguns caprichos do passado, isto para quem acredita.

_ Como assim? Perguntei meio constrangido por não ter entendido.

_ Cada um faz sua escolha na vida e nós não devemos interferir. Um conselho aqui ou acolá pode ser dado, mas jamais se deve dizer ao outro o que fazer ou pensar. Não podemos decidir pelos outros. E as mulheres parecem fracas e submissas, mas

quando querem demonstram muito mais força e discernimento, mais até do que qualquer homem.

Mesmo continuando a não entender muito sobre o que ela falava, dei a conversa por encerrada e fui para o pátio.

Pablo tinha engordado e estava bem calmo. Ele era um dos rapazes que lutara na guerra e sofria de tremores e suores. Disse-me que o médico tinha encontrado outra medicação mais apropriada para sua doença e que tinha conversado sobre a possibilidade de poder voltar ao convívio da família dentro de alguns meses.

Perguntei-lhe se continuava frequentando as sessões espiritualistas. Respondeu-me que sim e que quando saísse do hospital iria vir para assisti-las, pois se sentia muito bem quando participava delas.

Comentei que achava ótimo e me retirei.

Quando tinha dado alguns passos ele me chamou de volta e perguntou-me se podia me dar um abraço. Respondi-lhe que sim.

Ele me abraçou e disse-me que gostaria de ser feliz como eu.

Fiquei emocionado e respondi-lhe que ele também poderia ser feliz. Foi quando ele respondeu-me:

_ Não posso mais.

_ Todos podemos ser felizes, por que achas que não serás feliz? _ perguntei a ele.

Com os olhos mareados e limpando o nariz com o dorso da mão não quis responder. Eu não insisti.

Saí dali e fui conversar com Leonor sobre o caso.

Leonor contou-me, então, que Pablo estava apaixonado por Marisbela e desde que descobrira que ela era casada vivia pelos cantos a choramingar.

Marisbela por sua vez não admitia que ele chegasse perto. Estava sendo muito difícil lidar com a situação. Leonor já havia contatado com o médico do hospital para ver da possibilidade de transferir um dos dois pacientes para que se evitasse um desfecho não muito agradável. O médico não queria nem ouvir em mandá-los embora.

Leonor comentou que considerava esquisita a reação do médico quando se falava em dar alta a qualquer paciente.

_ Veja. _ disse-me_ Eu estou com um grave problema e ele se recusa a me ajudar. Outro dia foi um custo separar Pablo e Marisbela depois de um desentendimento.

Eu acreditava que deveria ter sido muito difícil separar duas pessoas em estado de fúria total. Eu que tinha ficado alegre por vê-lo melhor, agora estava entristecido. Não era fácil para uma pessoa sadia estar apaixonado e ser desprezada. E para uma pessoa no estado de Pablo devia ser muito pior.

Leonor vendo-me triste alertou-me sobre o outro caso. O caso do novo paciente. Ele não aceitara que a mulher o abandonara e íamos ter muito trabalho para convencê-lo.

Os dias se passavam muito rapidamente. Graça alertou-me que na semana seguinte voltaríamos aos bancos escolares. Também me avisou que Clara resolvera estudar. Achei ótimo e perguntei por que Tereza também não aproveitava o ensejo para se aprimorar.

_ Falei com ela a respeito, mas ela não tem interesse – disse-me.

Pensei em falar, porém as palavras de Leonor brotaram em minha cabeça: _ Ninguém tem direito de intrometer-se na vida alheia. Cada um é dono do seu destino. Esperes que te peçam um conselho e só neste caso poderá interferir.

Decidi não falar nada. Tereza já era bem grandinha para saber o que fazia.

À noite conversei com Graça a respeito de Tereza, pois desde que chegamos fiquei cismado com suas atitudes. Falava o mínimo necessário e me parecia deslocada. Ela que fora uma das primeiras pessoas a me acolher quando cheguei ao hospital, agora me parecia distante.

Graça não sabia o que estava acontecendo e também não ia perguntar. Sabíamos que nada tinha a ver conosco, pois quando chegamos já se encontrava naquele estado. Com Clara ela também mudara. Ninguém estava entendendo e ela não tinha o hábito de contar seus problemas.

_ Se for algo grave, ela vai se obrigar a nos contar. Talvez ela esteja cansada. _ argumentou Graça.

Zacarias chegou de viagem. Foi nos visitar, porém quis se hospedar no hospital como sempre fazia. Estava empenhado em nova investigação e não poderia permanecer por mais tempo entre nós. Ficaria somente por dois dias e retornaria.

No hospital nos encontramos mais duas vezes e ele confidenciou-me que estava investigando alguma coisa que tinha a ver com um paciente do hospital. Quis saber de quem se tratava e ele pediu-me que aguardasse mais um pouco, pois o que tinha coletado de informações eram muito superficiais. Ele não queria levantar suspeitas ou ser indelicado a ponto de levantar suspeitas infundadas sobre quem quer que fosse.

Em minha cabeça passaram uma dezena de pensamentos. Sabia que a respeito de Leonor não era, pois se tratava de paciente, este poderia ser tanto homem como mulher.

Desisti de pensar no assunto, afinal, investigações eram com nosso amigo Zacarias.

Era sexta-feira, dia de sessão. A maioria dos pacientes participava das reuniões e nesta houve uma palestra sobre os cuidados com o corpo físico. Algo ilustrativo já que tínhamos alguns pacientes que se recusavam a tomar banho ou realizar outros tipos de higiene.

De vez em quando se ouvia um ou outro cochicho, mas não passava disto.

Após a reunião Benito veio convidar-me para ir até a horta com ele e me pareceu que queria falar-me algo pela maneira como apresentou o convite, porém Marisbela saiu correndo atrás e nos alcançou. Estava ofegante.

_ Por que não me convidaram? – perguntou ela num tom nada amável.

_ Não a encontrei. – disse Benito.

_ Como não me encontrou se eu estava ao seu lado na reunião? Por acaso está ficando cego? - perguntou num tom irônico.

Antes que Benito continuasse aquela conversa, ou melhor, discussão, que levaria a lugar nenhum.

Eu resolvi interferir e virando-me para Marisbela disse:

_ Estás aqui, não estás? Pois, então, continuemos em paz.

Comentei como estava bonito o pomar. Indaguei sobre Giorgio. Eu não o tinha encontrado na reunião. Marisbela comentou que Giorgio estava emburrado e não queria mais trabalhar na horta, porque achava que Estela e Benito conversavam muito.

Lembrei-me que Giorgio era um paciente com o qual teríamos de ter um cuidado especial ele já havia tentado o suicídio por se achar muito solitário e que não tinha sido amado o suficiente por seus pais. Até o presente momento nunca havíamos tido nenhum tipo de problema com ele, mas nunca se sabe do que são capazes. Assim como estão bem, podem estar passando por confusões mentais extraordinárias, sem que ao menos percebamos. Esses sinais, às vezes, são tão sutis que passam despercebidos por nossos sentidos que quando chegamos notá-los já estão em estágios bem avançados.

Voltei da horta e fui verificar como se encontrava Giorgio. Estava sentado no pátio com um livro na mão, mas percebia-se que não lia. Olhar fixo na página. Sentei-me ao seu lado e fiquei quieto esperando uma reação.

_ Eles vão fugir! _disse-me, num balbucio.

Tentei saber quem ia fugir. Giorgio sorriu e disse estar falando dos personagens do livro. Fingi que acreditei.

Fiquei pensando que ele ouvira alguma conversa entre pacientes combinando algo. Seriam Benito e Estela que iriam fugir? Por que conversariam tanto? Seria, isto, fruto de sua cabeça doentia, ou seria verdade? Talvez ele estivesse com ciúme dos dois e tivesse inventado uma história para prejudicá-los.

Permaneci pensativo. Será que a investigação de Zacarias tinha a ver com isto? Quem ele investigava e por quê?

Decidi contar para Leonor o episódio ocorrido. Ela acalmou-me dizendo que já tinha conversado com Giorgio e os outros a respeito do assunto e que de nada suspeitava. Apenas, Giorgio, estava enciumado, porque antes de Estela trabalhar na horta, ele e Benito andavam para cima e para baixo sempre juntos e agora Giorgio achava que a relação não era mais a mesma. Na verdade, ele não tinha ciúmes de Estela, ele tinha ciúmes de Benito, que por muito tempo tinha sido seu único amigo dentro do hospital.

Leonor alertou-me que, pelo sim ou pelo não, devíamos permanecer atentos.

Marisbela sabidamente não era louca. Era uma pessoa lúcida e até então eu não entendia porque ela e Estela, que tinham condições iguais, ambas abandonadas por seus maridos e metidas no hospital por serem consideradas loucas, ainda permaneciam naquela condição.

Nem Leonor, nem o médico faziam qualquer esforço para mudar aquela situação. Essa era a visão que eu tinha, naquele momento. Também não entendia porque as duas sendo tão jovens e inteligentes permaneciam naquela condição sem reclamar ou fazer qualquer objeção. Cheguei a comentar com Graça a respeito disto, porém ela achava que cada um tinha os seus motivos. Como os maridos das mesmas tivessem os

seus motivos e talvez aquela situação tivesse se tornado suficientemente boa para todos os envolvidos.

Eu não via nenhum motivo para ambas permanecerem ali, mas na condição de funcionário, nem me atreveria a mencionar tal fato a Leonor. Ela tinha demonstrado tanta confiança em mim quando fiquei tomando conta do hospital e eu não queria decepcioná-la.

Ao lembrar-me, deste tempo, me ocorreu a lembrança de Eurico. Como estaria atualmente? Teria encontrado um emprego a altura de seus conhecimentos? Teria se livrado de verdade da culpa que tanto mal lhe tinha feito? E a família como estaria? E perdido em meus pensamentos nem observei que a hora de ir-me havia chegado .

Encontrei Graça, que vinha pelo corredor. A partir daquele momento ela assumiria. Indagou-me sobre as ocorrências. Contei-lhe sobre Benito, Giorgio e Marisbela e Estela e fiz-lhe as recomendações que Leonor tivera indicado.

Não fui direto para casa. No caminho resolvi dar um passeio pelo centro da cidade que ficava a poucos quarteirões de nossa casa. Enquanto caminhava pensei o quanto eu tinha mudado naquele pouco tempo desde que fora abandonado por Amália.

Os erros cometidos, as noites de festa, as situações embaraçosas que por vezes me metia, as artimanhas do destino e tantas coisas que quando me dei conta estava na frente de uma banca de jornal. Chamou-me a atenção uma nota em letras garrafais: “Breve Eduard Morrissè”. Perguntei ao jornaleiro de quem se tratava. Ele respondeu-me que se tratava de um artista que fazia sucesso na França com peças teatrais nada convencionais e que viria se apresentar no novo teatro que estava sendo construído.

Agradei a informação e saí falando sozinho pela rua, como que tentando me convencer do que ouvira, pois me parecia quase impossível o que tinha lido e ouvido. Não tinha dúvida, eu precisava me convencer de que se tratava de “Vodgole” e a França a me perseguir.

Os pensamentos vieram com mais força. Lembrava-me das luzes, das fanfarras, dos dias e das noites nos cafés e cabarés, das mulheres e de tudo o mais que me levava quase à ruína.

Senti-me fraco, não parecia ser eu. Até alguns minutos atrás nada daquilo tinha importância. Eu pensara que havia esquecido o passado, mas me dava conta, neste momento, de que ele estava escondido dentro de mim pronto a aflorar. Aquele desejo misturado a sentimentos era como uma semente que se encontra na terra esperando a chuva cair e que ao receber a água brota com uma força incontrolável rasgando o chão e saindo para respirar. “Vodgole” era a minha chuva. O simples contato com aquele nome germinara em mim, toda aquela vontade de retornar a boemia que outrora tinha sido o meu oxigênio. Aquilo era mais forte do que eu.

Parei na calçada a ponto de entrar num café e tomar algo mais forte, porém lembrei-me da morte de minha filha e de quanto sofri quando fui separado de Amália. Com um esforço sobrecomum juntei forças e apressei o passo para me livrar daquele pesadelo indesejado.

Voltei pra casa. Sentia-me cansado.

Ao entrar em casa senti-me satisfeito por ter vencido a vontade de ficar na rua. Procurei deitar-me. Em breve voltaria a estudar e estaria ocupado o bastante para não pensar bobagens.

Passei horas tentando dormir. O sono havia me abandonado e eu só pensava naquela vida que levava: iam e vinham pensamentos que borbulhavam em meu cérebro como bolhas de sabão que logo se dissipavam no ar. Lembrava-me da boa vida e ao mesmo tempo envergonhava-me de coisas que havia feito.

Resolvi levantar-me. Fiz um chá e comecei a tomá-lo.

Olhei pra o calendário grudado à parede e percebi que estaria fazendo aniversário da morte de minha filha.

Graça retornou do trabalho e encontrou-me sentado à mesa olhando fixamente para a xícara de chá e os olhos rasos d'água. Olhou-me espantada e indagou-me o que acontecera. Apenas apontei o dia no calendário. Ela sentou-se ao meu lado e não falou uma palavra sequer.

Continuamos ali sentados por algum tempo.

Levantei-me e me dirigi ao nosso quarto e ela me acompanhou. Ficamos deitados até que o sono tomou conta de nossos corpos.

Naquela noite sonhei que Josefina brincava comigo em um campo cheio de flores. Ela estava vestida do mesmo modo de quando havia morrido e chamava-me para encontrá-la.

Pela manhã comentei o sonho com Graça. Ela interpretou com sendo um aviso de que a menina estava bem. Eu ainda era um pouco cético. Achava tudo muito estranho. Esses eventos de se comunicar com espíritos, embora, já tivesse tido a experiência de Eurico, eram inimagináveis para mim. Há um tempo não muito distante eu nem tinha conhecimentos destas coisas espirituais, era razoável que ainda

permanecesse incrédulo, mesmo participando deles. Essas coisas não são fáceis de entender, pois transcendem e embaralham a nossa capacidade inteligível sobre o além.

Os ensinamentos a respeito da natureza humana de como fomos criados, inseridos ou supostamente surgidos na face da terra continuavam não sendo muito fáceis de entender. As diversidades, às vezes, fantasiosas a respeito de tais acontecimentos deixavam muitas dúvidas pairando no ar. A história da criação do homem vista das diversas facetas teóricas mais radicais, outras mais burlescas e ainda outras e mais outras, tornavam-nos cada vez mais cétricos, não sabendo em que acreditar.

Diante de tantas opiniões, quer de âmbito religioso, quer científico, se tornavam muito difíceis quase impossíveis de se acreditar nesta vida terrena quanto mais em vida após a morte. E isto só se tornaria possível mediante a fé em qualquer que seja a crença em que se confie. Seja creditando a criação a um ser supremo, ou uma energia extremamente criadora, ou em seres extraterrestres, tudo era válido dentro da fé.

A minha fé não era muito grande e continua não sendo.

Somente a fé dá a credibilidade ao fato.

Eu estava passando por um momento crítico em que tudo era novo para mim e eu ainda conservava muito dos velhos ensinamentos adquiridos quando criança de que quando se morria ia direto falar com Deus. Para mim, Deus, era uma pessoa que ficava esperando por cada um de nós.

Dentro dos processos pelos quais minha vida espiritual e humana estava passando eu considerei normal que em alguma hora e de alguma forma eu pudesse

entrar em choque de mim para comigo. Era complicado para uma pessoa que tivera uma vida em que a religião não fizera parte de seus propósitos; aceitar, assim de pronto, todos esses conhecimentos a respeito da espiritualidade. Na minha vida até pouco tempo não existia lugar para as filosofias e pieguices religiosas, eu nem mais lembrara de que tinha uma alma. Eu esquecera totalmente de onde vim e para onde ia, enquanto vivia aquela vida mundana em Paris. Naquela época, se alguém falasse de religião, doutrina ou assemelhados com certeza eu iria rir. Para mim era muito difícil falar dessas coisas, pois deste assunto eu guardava apenas a lembrança de minha mãe que quando eu ainda era muito pequeno me ensinando a rezar. Relacionar algumas coisas referentes a Deus e o meu passado era quase uma piada.

Passei tempo demais pensando, precisava me apressar. O trabalho me esperava.

Enquanto me dirigia para o hospital agradei aos céus que Graça não tinha percebido a minha angústia pela falta das orgias de antigamente, pois eu nem ousara falar no nome de Eduardo. Ela pensara que eu estava triste somente por minha filha.

Eu não tinha a certeza de minha total recuperação. Volta e meia, durante o trabalho, vinha a minha mente cenas peculiares as quais eu tentava esquecer. Era impossível esquecer o passado.

Durante o trabalho procurava manter-me ocupado e envolvido com os pacientes.

Naquele dia Leonor sofreu uma tontura e o médico foi chamado. Não era nada demais, porém ele recomendou um dia de repouso.

Eu também estava um pouco desanimado. A noite não havia sido tão boa e ainda bem que Graça não tinha feito mais perguntas. Eu não saberia como explicar que voltara a saudade do meu passado.

Um pouco mais tarde, Giorgio aproximou-se de mim e eu perguntei se queria falar. Ele disse que não. Indagou-me como passava Leonor . Ele me pareceu um pouco acelerado e eu fiquei angustiado, pois podia estar prestes a ter uma crise. Aconselhei-o para que fosse dormir um pouco.

Ele saiu em direção ao seu quarto.

Eu me dirigia para o pátio quando fui interpelado por Celinia que vinha correndo com ar estabonado, pedindo pra eu acompanhá-la apontando para o lado da biblioteca. Estava tão nervosa que esquecera o nome do local.

Corri, juntamente com ela, e ouvi barulhos estranhos que soavam como batidas de madeira.

Entrei na biblioteca e vi Sélvio quebrando seus quadros, batendo-os sobre a mesa que lá existia.

Parei diante da porta e fiquei olhando aquela cena dantesca. Ele parecia tão enfurecido que não me via.

Fiquei ali parado e mandei Celinia procurar por Leonor que havia melhorado e estava em sua sala.

Sélvio continuava sua destruição, enquanto eu tentava achar um meio de chamar a sua atenção. Nada me ocorria no momento.

Leonor chegou logo e entrou em cena. Pegou um dos quadros que já se encontrava semi destruído e jogou-o com muita força. Fez um barulho que eu diria quase anormal. Sélvio ao ouvir aquilo parou e ficou olhando para Leonor como se tivesse visto um fantasma.

Leonor falou-lhe, com voz serena, porém, enérgica, que o que ele acabara de fazer não era correto que fosse o que fosse que o irritara ele não poderia ter descontado sua raiva nos quadros que ele mesmo tinha tido o trabalho de desenvolver. Ele respondeu-lhe agressivamente. Disse a ela que os quadros lhe pertenciam e ele poderia fazer o que bem quisesse com eles.

Leonor continuava calma e solicitou que ele juntasse todos os pedaços de madeira que se encontravam jogado ao chão e em cima da mesa. Sélvio estava enraivecido. Disse que não cumpriria a ordem e ainda atirou mais um dos seus quadros ao chão.

Leonor fez-me um sinal para que eu me afastasse dali. Eu não entendi porque ela queria que eu saísse. Para mim, o mais correto era que eu ficasse para ajudá-la em caso de ter que pegá-lo a força.

Afastei-me um pouco e fiquei esperando à hora de novamente entrar em cena. Eu temia que em um acesso de fúria Sélvio pudesse agredi-la.

Ouvia-se somente um murmúrio do corredor, porém não era possível entender o que Leonor dizia. O certo é que depois de algum tempo, Sélvio estava juntando os materiais e saiu acompanhado de Leonor.

Acompanhei-os de longe. Vi que estava enganado, não era preciso o uso da força para conseguir que Sélvio se acalmasse. Fiquei pensando se esse método serviria para todos os loucos como Sélvio, mas isto eu iria aprender convivendo com eles.

Era dia de o médico ir ao hospital visitar os doentes. Como Sélvio estava dormindo perguntei a Leonor se devia acordá-lo para uma consulta. Ela me orientou que o deixasse em paz. Explicou-me que Sélvio estava enraivecido porque sua família não tinha vindo no domingo visitá-lo. Ele se achou abandonado pela mesma e fez todo aquele estrago.

Considerarei-me um pouco culpado pela façanha, pois a idéia das visitas tinham sido de minha autoria. Leonor considerou que ali ninguém era culpado de nada que fizesse para o bem e, ainda acrescentou que nós somos vítimas de nossos próprios planos.

Quando as coisas saem muito certinhas ficam parecendo sem graça- disse-me ela, com um sorriso.

Naquela tarde fui para casa sem olhar para os lados temendo me desviar do caminho. Eu não estava bem certo de que não teria também um daqueles retrocessos.

Em casa procurei me distrair. Continuei a ler o A Montanha Mágica, livro que tinha começado a ler antes da viagem. Em certo ponto do livro do qual não lembro muito bem, meu pensamento se desviou para a vida normal e eu lembrei que mesmo morando praticamente na mesma casa e trabalhando no mesmo local já fazia dias que eu não via Tereza e Clara. Como elas estariam? Tereza andava tão triste em contraponto com a felicidade de Clara.

Dirigi-me até o pátio e bati na casa delas. Nenhuma se encontrava. Lembrei-me que quando eu saía, elas chegavam e então o mais certo era perguntar por elas para Graça.

Resolvi fazer o jantar naquela noite.

Graça retornou e a mesa estava posta. Ela alegrou-se muito.

Jantamos, conversamos um pouco mais e nos recolhemos mais tarde.

Graça contou-me que Tereza ainda continuava tristonha, mas ninguém tinha descoberto o que acontecia.

Clara ainda estava de namoro com o tal rapaz, mas parecia que não andavam muito bem. Ele teria viajado e demorava mais do que se esperava. Clara estava ficando preocupada.

Zacarias escreveu uma carta para Leonor. Na carta ele solicitava que Leonor retardasse o máximo possível o encontro dos pacientes novos com os demais. Dizia, ele, que ainda não tinha concluído suas investigações a respeito de um dos pacientes e assim queria evitar um desgaste para Leonor.

Leonor não especificou de qual paciente se tratava e eu por minha vez não indaguei. Agora eu sabia que eu estivera errado quando pensei que se tratasse de pacientes antigos.

Na carta ainda dizia que dentro de no máximo duas semanas estaria com o resultado de sua pesquisa. Mandava lembranças a todos.

Os dias se passavam. Eu estava em casa, em meu horário de descanso, quando recebi um chamado de Leonor.

Fui até o hospital e Leonor e todos que estavam de plantão não encontravam Estela e Benito.

Já havia revirado o hospital por todos os cantos e nada de encontrá-los. Fiquei cismado Giorgio tinha alertado que eles iam fugir, porém como Giorgio costumava ouvir vozes tinha suspeitado que fosse invenção dele, até porque ele estava enciumado.

Leonor encarregou eu e Clara para procurá-los.

Andamos por quase toda a cidade, ora a pé, ora de carro. Nada.

Tentamos fazer um roteiro que mais ou menos tínhamos idéia de que os dois pudessem ter feito.

Deixei Clara em casa para descansar e fui para o hospital a fim de conversar com Giorgio. Ele podia saber algo sobre a fuga.

Conversei com Leonor e ela concordou. Chamei Giorgio e perguntamos a ele como sabia que Benito e Estela iriam fugir. Giorgio confessou que monitorava as conversas de Estela com Benito. Ela queria sair dali para encontrar o marido. Prometeu a Benito que ele ficaria com ela depois que os dois eliminassem o marido. Perguntei-lhe como seria feita essa eliminação. Ele não soube precisar. Eles tinham combinado tudo enquanto trabalhavam na horta. Ele sabia apenas que Estela não queria mais o marido e desejava vê-lo morto.

Com certeza tínhamos um grande problema em nossas mãos.

Procurei na ficha de Estela o local onde o marido morava e na ficha de Benito onde morava ele. Assim, eu, poderia procurá-los. Em algum lugar deveriam estar escondidos para por o plano em prática, se é que tinham um, em andamento.

Era noite alta quando cheguei à casa de Benito. Era tudo silêncio. Bati na porta e alguém me atendeu olhando pela janela. Perguntei se era ali que morava Benito. A voz me respondeu que morava, mas não se encontrava. Indaguei fazendo-me de desentendido, se podia falar com ele, pois lhe trazia um recado.

A pessoa que estava à janela respondeu-me que era impossível, pois ele estava viajando. Pedi desculpas e expliquei que o recado era de extrema urgência e que eu ficar na cidade até o amanhecer, por isso, o adiantado da hora. A pessoa informou-me que de fato ele não se encontrava e que não sabia precisar, apenas sabia que ele estava internado num hospital, pois se encontrava doente. Agradei e sai.

Ali com certeza não estavam. A pessoa que falou comigo não pareceu que mentisse.

Voltei para casa. No dia seguinte iria procurar por eles próximo a casa de Estela. Sua casa ficava no campo.

Nem consegui dormir naquela noite. Antes de o sol levantar-se no horizonte eu já estava de pé. Preocupava-me duas pessoas irresponsáveis sem rumo perdidas por aí pensando em praticar algo do qual eu não tinha a menor idéia. Apesar de a palavra eliminar, significar matar, nada era improvável, podia ser qualquer coisa. Para isto eram necessárias artimanhas, mentiras e outras coisas prejudiciais não só a quem pratica tal ação como também a quem nem sequer suspeita o envolvimento. Eu era prova viva disto, na noite anterior tivera que mentir para tentar encontrar Benito.

Voltei ao hospital para conversar com Leonor a respeito de que precisava alugar um carro para ir ao campo verificar se Estela estava em sua casa. Leonor aconselhou-me a levar Clara comigo. Comentei com ela que era uma pena que Zacarias não estivesse ali para irmos juntos. Zacarias tinha muita experiência e saberia como fazer as coisas. Eu não me achava muito bom nisto. Leonor disse-me que era bobagem eu pensar assim, pois era fazendo as coisas que a gente aprendia e que no momento não poderíamos contar com Zacarias.

Eu estava nervoso. Falei com Clara e rumamos para a suposta casa de Estela. Não era muito perto viajamos por várias horas. Ainda bem que Clara foi prevenida e levou uma cesta com frutas e outros petiscos.

Chegamos a casa por volta do meio dia. Quem nos atendeu foi uma senhora distinta de meia idade e bem alinhada.

Quando a vi tive a certeza de que a conhecia de algum lugar. Mandou que entrássemos e nos apresentamos. Dissemos que trabalhávamos no hospital e que estávamos ali para uma visita.

A senhora pareceu-me muito apreensiva e convidou-nos a conversar na biblioteca. Perguntou-nos como ia passando Estela e solicitou que se encontrássemos o esposo de Estela não comentássemos que éramos do hospital, pois, segundo ela, o mesmo não queria mais ouvir falar o nome da esposa.

Perguntei-lhe se era parente de Estela. Ela disse-nos que era a governanta da casa e que visitara Estela, no hospital.

Agora eu lembrava era ela quem tinha visitado Estela e eu pensava que fosse sua mãe.

Falei-lhe a verdade porque estávamos ali. A mulher pareceu desorientada.

Após refazer-se do choque contou-nos o que Estela era uma moça de família muito rica. Seu pai havia falecido e sua mãe casou-se novamente com um homem que parecia muito bom. Este homem tinha um filho moço que não morava com ele. O filho fora criado pelos avôs. Quando Estela fez dezesseis anos o padrasto resolveu que era hora da mesma casar-se. Ele e a mãe de Estela resolveram procurar entre os rapazes conhecidos um que tivesse em condições de casar-se com ela e dar-lhe uma vida boa. Durante essa procura o padrasto apresentou seu próprio filho como o melhor pretendente. Como a mãe de Estela não conhecia o rapaz acreditou nas pretensões do marido. Enganada a mãe de Estela deu a mão da filha ao rapaz que logo marcou a data do casamento. Mais tarde, a mãe de Estela descobriu tudo. Já era tarde. Tanto o marido da mãe como o da filha eram dois trapaceiros que ficaram com tudo que era delas. A mãe de Estela morreu de desgosto por ter metido a filha numa cilada. O padrasto mais o filho internaram Estela como louca a fim de se apossarem da herança. Falou-nos que sentia muita pena de Estela que era ainda uma menina indefesa que ficara a mercê de dois bandidos.

Quando estava terminando de contar história ouviu-se um tropel de cavalos chegando. A mulher olhou pela janela e observou o marido de Estela chegando. Solicito-nos que a acompanhasse para outro cômodo onde poderíamos fazer as refeições sem sermos vistos.

Dissemos-lhe que não havia necessidade de se incomodar já que o carro de aluguel estava nos esperando e tínhamos pressa de encontrar Estela e Benito antes que cometessem algum engano.

A mulher sugeriu que dispensássemos o carro de aluguel que mais tarde ela mesma queria nos acompanhar por um passeio pelas redondezas, pois sabia onde poderiam Benito e Estela se esconder. Depois ela mesma nos conduziria a cidade.

Ela afastou-se da sala e eu e Clara conversamos a respeito do assunto e resolvemos dispensar o motorista.

Clara entregou-lhe um pouco das guloseimas para que ele se alimentasse e dispensou-o.

Ficamos reclusos no quarto de Leontina depois dela desaconselhar-nos de falar com Adalberto.

Depois de longos minutos, ela apareceu trazendo uma lauta refeição. Perguntamos se o marido de Estela não tinha notado a presença de estranhos e ela confirmou que não. Disse-nos que a casa era muito grande e ele se restringia entre a cozinha e a cozeira, quando estava em casa. Segundo ela, ele viajava muito e tinha várias namoradas.

Vimos quando o homem se afastou da casa.

Clara sussurrou-me que tinha a impressão de já te-lo visto, mas como ele estava de costas não tinha muito o que determinar sobre sua fisionomia.

Leontina veio até nós e convidou-nos para o passeio. Comentei que não poderíamos ficar até muito tarde, pois demandava tempo para chegarmos à cidade.

No caminho comentei que não era possível que Benito e Estela chegassem ali a pé, pois era muito longe e que eles não tinham meios de pagar alguém para trazê-los, já que não dispunham de dinheiro.

_ Está enganado, meu senhor! – disse-me.

Perguntei-lhe porque afirmava que eu estava enganado. E ela afirmou-me que quando fizera a última visita deixara um envelope com dinheiro para Estela prevendo que um dia ela sairia e então poderia retornar para casa sem a necessidade de solicitar ajuda.

_ A senhora deveria ter entregado o dinheiro a diretora do hospital! – comentou Clara em tom de indignação.

_ Mas se o dinheiro era de Estela, porque eu deveria dá-lo a um estranho e não a ela?- indagou-nos também com um ar de severidade.

Clara não respondeu e nem eu. O mal já estava consumado e nenhuma discussão iria mudar o rumo das coisas.

Chegamos a uma espécie de palhoça, uma cabana. Era uma casa que ficava bem distante. Escondida entre o matagal e quase não se enxergava da estrada. Podia ver-se de apenas alguns metros.

Chegamos devagar temendo que eles estivessem ali e pudessem com nossa chegada se assustarem e até poderem causar um acidente. Continuava abandonada,

embora estivesse mobiliada e pronta para ser ocupada. Apesar da localização estava limpa e arrumada como se esperasse por habitantes.

Diante de nossa surpresa pela conservação; ela explicou-nos que toda a semana ia pessoalmente fazer a limpeza do local, pois tinha certeza que se um dia Estela resolvesse votar o primeiro local para onde iria seria aquele.

Visto o local retornamos e nos dirigimos à cidade. Deixou-nos próximo do hospital e desejou-nos boa sorte. Solicitamos a ela que se obtivessem notícias de Estela não tardasse a nos comunicar.

Estávamos exaustos. Graça estava em casa e nos avisou que Benito e Estela continuavam desaparecidos.

Eu não tinha mais noção de onde poderia estar Benito e Estela. Agora se sabia que dinheiro eles tinham, portanto, necessidades não passariam. Já era noite e estávamos muito cansados para continuar nossas buscas.

Tereza estava na nossa casa esperando por nós, parecia mais alegre. Tinha recebido uma carta de seu filho comunicando que viria passar as férias com ela.

_ Vir morar aqui foi muito bom –disse-nos – agora posso receber meu filho, num lugar decente.

_ Por acaso você acha o hospital um lugar indecente? - perguntou-lhe Clara.

_ Deus me livre. Eu não quis dizer isto. – disse Tereza.

_ Mas foi o que pareceu! – comentou Clara.

_ Você sabe muito bem que eu jamais ia dizer isto do lugar onde trabalho – falou Tereza que não estava gostando do tom da conversa.

Clara resmungou qualquer coisa e Tereza interpelou-a:

_ Olhe para mim, Clara. Você acha que eu ia chamar de indecente o lugar de onde tiro o sustento de meu filho? Você de sã consciência vai admitir que eu sabendo quem fosse você, eu ia levar-te pra trabalhar se não considerasse um bom lugar? Já não é de hoje que você anda de implicância comigo. E eu nem imagino o motivo.

Aquela conversa estava tomando um rumo não muito adequado. Graça resolveu que ambas deveriam sentar-se e resolverem suas questões em suas casas. Elas se retiraram e nós nos recolhemos.

Contei para Graça que a mulher que pensávamos ser a mãe de Estela era a governanta da casa. Graça ficou ligeiramente preocupada.

Ao conversar com Graça lembrei-me da história escrita por Estela. Teria, ela, dado alguma indicação daquela fuga ou do que pretendia fazer com o marido?

Pela manhã, dirigi-me ao hospital com o intuito de encontrar o manuscrito.

Eu e Leonor reviramos tudo no quarto dela e nada encontramos. Perguntamos a Celinia se tinha encontrado alguma coisa no lixo. Ela disse-nos que havia muitos papéis rasgados na lixeira e que pareciam ter sido escritos pela própria Estela. Eles deveriam continuar no saco de lixo que não tinha sido recolhido ainda.

Fomos verificar. Tentamos encontrar os pedaços e juntá-lo, porém ela não rasgara os papéis na ordem. Isto fez com que se tornasse praticamente impossível de decifrá-los em tão pouco tempo.

Eu estava desorientado, não sabia como procurá-los.

Felizmente, eu estava de sorte. Eis que chega Zacarias.

Contei-lhe que as aulas haviam começado e eu não tinha conseguido freqüentá-las.

Entreguei-lhe um relatório verbal sobre o que havia feito até o presente momento e combinei com ele e Leonor que eu poderia continuar auxiliando no que fosse preciso, mas não me achava competente o bastante para continuar aquela investigação.

Zacarias já era acostumado e saberia como encontrá-los. Eu me encontrava meio perdido.

Quando Zacarias perguntou-me de que modo eles tinham saído do hospital, por onde, etc. , logo vi que tinha começado de um modo não muito correto. Disse-lhe que nem tinha passado pela minha cabeça de encontrar essa resposta. Ele disse que agora não tinha a menor importância. Ele começaria a investigar do seu modo e aproveitaria tudo que eu já tinha conseguido de informações para montar seu esquema.

Decidiu que primeiro iria descansar. No dia seguinte, então, começaria as buscas. Leonor concordou e eu por minha vez não tinha nada a dizer.

Leonor agradeceu a minha disposição em auxiliá-la e ratificou que eu iria permanecer no caso para ir aprendendo, a fim de que quando houvesse novos casos, se houvesse. Eu, no entanto, estaria pelo menos um pouco mais experiente.

Eu, Graça e Clara iniciamos nossos cursos. Clara entrou para o colegial e eu e Graça no curso de enfermagem. Sabíamos que não seria fácil para nós trabalharmos e estudarmos, mas iríamos tentar.

Clara andava aborrecida, pois o namorado havia sumido e estava desencantada com Tereza que sem mais nem menos começava a implicar com ela.

As nossas idas para o colégio seriam boas para que saíssemos da rotina e conhecêssemos novas técnicas de trabalho e novas amizades. A escola era ótima. O clima era muito bom e as pessoas muito sérias e ao mesmo tempo divertidas. Com certeza era um lugar que nos animava bastante.

Zacarias perguntou-me se tinha uma escada no hospital. E eu respondi que sim, pois fora com ela que Homero tinha subido no telhado daquela vez que resolvi contar-lhe a história do Homero, o grego e quase não soube sair bem da situação. Daquela vez fui salvo pelo próprio Homero que já tinha conhecimento da história. E não foi só daquela vez comecei a considerar de todas as vezes que fui acolhido e socorrido na hora em que mais me achava desamparado.

Zacarias explicou-me que não queria a escada. Ele queria saber se ela existia, pois segundo seus estudos Benito e Estela tinham pulado o muro. Para que isso ocorresse era necessária uma escada. Conforme o que ele pensara tinha duas maneiras deles saírem do hospital e as duas envolviam a escada e numa delas alguém teria de ajudá-los.

Pensamos em Giorgio, mas este não os ajudaria, porque sentia muito ciúmes daquela amizade entre Benito e Estela.

Fui verificar onde se encontrava a escada e não a encontrei. Perguntei a Homero se a tinha visto e ele respondeu-me com um sonoro: “Não”.

Deu-me as costas e saiu. Entre mim pensei que ele pudesse tê-los ajudado e não queria se comprometer evitando assim ser interrogado a respeito.

Eu e Zacarias resolvemos verificar no pátio que ficava ao lado do hospital se a escada estava por lá. Em nenhum local se encontrou a escada. Chegamos a primária conclusão de que eles teriam escondido a escada em outro local.

Zacarias comentou comigo que encontrar a escada significava um indicio como eles raciocinavam, ou seja, se eram mais espertos ou menos e, então ele, saberia como dirigir as investigações. Saberia também se alguém tinha ajudado na fuga. Quem tivesse ajudado com certeza teria idéia do que Benito e Estela teriam tramado.

Zacarias avisou-me que iria sair juntamente com Leonor.

Mais tarde Leonor retornou e contou-me que tinham ido a delegacia dar queixa do sumiço dos dois a fim de se isentar de algum problema que pudesse ocorrer.

Achei bem legal da parte deles , pois afinal, eram duas pessoas doentes que andavam as soltas. Apesar de Estela não apresentar características de doente tinha, no hospital, um relatório que justificava sua presença ali . Benito como já tinha atentado contra a própria vida não se sabia do que mais poderia ser capaz.

Lembrei-me que Zacarias tinha mandado dizer na carta anterior a sua chegada que só retornaria quando tivesse chegado a uma conclusão sobre um outro assunto que o estava intrigando. Com a confusão que estávamos eu não tinha perguntado nada a ele e, se tivesse perguntado talvez ele não me dissesse nada . Zacarias era uma pessoa reservada.

Decidi que me manteria longe de indagações e deixaria as coisas acontecerem dentro de seus próprios ritmos.

Pablo amanheceu com muita febre e delirando. Chamava por Marisbela. O médico foi chamado e veio o mais rápido que pode. Ao examiná-lo sugeriu que fosse transferido para um hospital, pois apresentava sintomas de pontada.

Providenciamos a remoção do doente que ficou internado.

A noite Zacarias e Leonor se reuniram na sala dela e eu não pude comparecer a reunião porque tinha aula. Ficou acertado que no dia seguinte eu ficaria sabendo das novidades.

Zacarias tinha descoberto que Marisbela era a mãe de Regina , a paciente que permanecia em fase de recuperação e que o pai tinha internado a menina por descobrir que a mesma estava grávida.

Comunicou a Leonor que o médico que, atualmente, atendia os pacientes do hospital seria dispensado dentro de dois ou três dias e no lugar dele assumiria um jovem médico que já vinha na companhia de sua esposa que era sua enfermeira. Ambos morariam próximo ao hospital e seriam encarregados de todo o serviço do mesmo com exclusividade. Eles não dariam atendimento a outros pacientes.

Leonor achou muito estranha a atitude de substituição do médico atual , porém não entrou no mérito da questão. Isto era problema da Irmandade. Zacarias deixou bem claro que não tinha autorização para falar nada antes da apresentação do substituto. A única coisa que podia adiantar que os motivos para a demissão do atual eram bem fundamentadas e que o mesmo já tinha conhecimento .A Irmandade era uma instituição séria e tinha seus motivos para substituí-lo a hora que considerasse conveniente. Assim como a qualquer um dos que trabalhavam para ela.

Zacarias queria que mãe e filha se encontrassem em um lugar apropriado e que ambas tivessem o acompanhamento de Leonor até que pudessem ser encaminhadas ao novo médico , o qual decidiria por suas permanências ou não no hospital.

Leonor estava preocupada , pois agora tinha conhecimento da gravidez da moça e não sabia como contar para Marisbela . Zacarias, com aquela paciência de sempre, sugeriu que não falássemos nada e deixasse que mãe e filha se entendessem.

Disse ele:

_ Ao se reencontrarem ambas terão grande necessidade de conversar. Deixe-as a sós , mas não as perca do controle. A filha poderá contar coisas para a mãe com as quais a deixara muito chocada e até mesmo enraivecida.

Com certeza uma mãe saber que sua filha, tão nova e doente, estaria grávida e sabe-se lá de quem, seria muito chocante e deveria causar-lhe certo desconcerto.

Considerou-se que o melhor lugar para a primeira apresentação seria a sala de Leonor. Depois, então, deixaríamos mãe e filha juntas, no mesmo quarto, para que

pudessem conviver durante o maior tempo possível. E não teria problema algum já que o quarto de Leonor era praticamente ao lado.

À tarde fui sentar-me no pátio a fim de conversar com Isabele e Giorgio que pareciam ter se desentendido. Os dois discutiam e estavam muito agitados. Quando perguntei o que acontecia Giorgio ficou gaguejando e disse que só interessava aos dois o assunto em voga. Fiz com que compreendessem de que um assunto entre os dois e que não ficasse bem resolvido seria prejudicial ao bom andamento dos trabalhos e envolvia a todos.

Giorgio parecia bastante irritado com Isabele. Ela por sua vez não estava nenhum pouco preocupada com os insultos que ele proferira.

Isabele olhou para mim e contou-me sua história:

_ Quando nós ainda não estávamos aqui, fomos amantes! Hoje ele faz que não lembra e ainda me insulta. Eu sei que ele tem vergonha de mim, mas eu não fiz nada de mal a ele. Ele sabia de minha condição.

Perguntei a ela porque insistia em querer que Giorgio lembrasse de um passado do qual ele queria esquecer. Ela respondeu-me que tinha horror de saber que estava morta, no sentido, de não existir no sentimento das pessoas. Contou-me que quando tentou o suicídio teve a sensação de que não mais existia, nenhum dos homens com os quais tivera casos de amor lhe davam qualquer importância. Ela via suas companheiras de jornada ganharem presentes, carinhos e todo o tipo de agrados que ela esperava também ser merecedora, porém o mais que recebia eram flores e cobranças de dedicação aos que a procurassem.

Giorgio era um assíduo freqüentador do bordel onde ela trabalhava e os dois haviam tido um caso por muitos anos, mas ele não queria recordar-se do passado para não sofrer e ela insistia no assunto como que para contrariá-lo.

Comentou comigo que viu muitas moças que levavam a vida como ela a contraírem matrimônio com homens de grande poder aquisitivo. As moças apoiadas pelas madames donas de bordéis usando de artimanhas pouco honestas para conseguir o que almejavam, porém ela como era mais honesta e não usava de subterfúgios para tirar vantagens; fora esquecida.

Cheguei a conclusão de que Isabele tinha inveja das mulheres que conviveram com ela . A inveja a estava matando. Ela percebia isto como uma coisa que vinha de fora para dentro, porém era o contrário: quem se matava era ela mesma corroída por um sentimento cruel.

Giorgio já não se encontrava sentado no banco, quando ela relatou-me este pedaço de sua vida. Ele havia se dirigido para a horta.

Conversei com Isabele e solicitei que não perturbasse Giorgio. Tentei convencê-la que, algum dia, quem sabe, saindo do hospital ela poderia vir a ser feliz. Disse-lhe que poderia encontrar alguém que pudesse amá-la conforme merecesse e que às vezes temos que passar por intempéries em nossa vida para valorizar mais o que temos e o que somos. Muitas vezes descobrimos nosso verdadeiro valor depois que deixamos de nos mover por sentimentos como os ciúmes, a inveja, a ganância e outros. Considerei que pudesse freqüentar mais as reuniões espiritualistas e conversar mais sobre estes assuntos. Isabele continuava desinteressada dela mesma. Tinha desistido de lutar para

melhorar. Ela queria que os outros a valorizassem, sendo que ela mesma achava difícil ser valorizada pelo que tinha sido.

Na verdade, ela não aceitava sua condição de ter sido prostituta.

Deixei-a sentada no banco para que refletisse um pouco.

Fui atrás de Giorgio. Há tempos eu vinha prestando atenção em seu comportamento e ele não pareciam bem. Andava sempre solitário e pensativo. Continuava achando que seu amigo o abandonara e ele se sentia perdido.

Encontrei-o sentado a beira de um canteiro riscando com um pauzinho no chão. Havia desenhado um coração e dentro do mesmo havia colocado as iniciais G e B. Não fiz nenhum comentário a respeito.

Ao olhá-lo percebi que Giorgio amava Benito. Seria ele um homossexual? Não havia como responder esta pergunta, porém algo me dizia que tinha algum fundamento.

Ao sentir a minha presença elevou a cabeça para me olhar e disse-me:

_ Não precisa me seguir, doutor. Eu não vou me matar.

Expliquei-lhe que não o estava seguindo. Que apenas tinha ido até a horta para ver como estavam as hortaliças, pois naqueles dias tinha chovido e eu não tinha podido acompanhar o trabalho.

_ É mesmo, doutor. Eu acho que o Pablo teve pontada por isso. Eu falei pra ele que não viesse para a horta.

Fui surpreendido pela informação.

_ Quem autorizou Pablo a trabalhar na horta? – perguntei.

_ Isso eu não sei, mas ele veio, disse que Benito tinha fugido e ele ia ficar no seu lugar, para que um dia pudesse fugir também e pudesse voltar para guerra.

Perguntei se Pablo não sabia que a guerra tinha acabado.

_ Sabe sim, mas ele disse que a vida é uma guerra. Que todo dia há uma batalha a ser vencida.

Eu não tive palavras para dizer o quanto aquilo tinha de verdadeiro. Ficamos mais um tempo conversando até que ao me levantar da pedra onde estava sentado avistei o telhado do hospital e eis que enxerguei a escada. Ela estava em cima do telhado. Agora precisava saber como ela tinha parado lá.

Não fiz nenhum comentário. Retornamos para o pátio e Isabele já tinha se recolhido.

Seguimos pelo corredor e Giorgio me falou que não mais agüentava o assédio de Isabele. Tinha mesmo vivido uma espécie de romance com ela quando ainda era muito jovem , mas que fora só isso. Ele tinha sido um jovem muito rico e considerava que Isabele fora apaixonada por ele e que ela tinha esperanças de que a retirasse do bordel. Mas para ele era muito difícil, pois vivia as despesas do pai e para dar-lhe uma vida digna seria quase impossível. Ele não era dono de nada, tudo que falava eram gabolices, coisa de rapaz que não tinha responsabilidade. Os seus pais nunca se importaram com ele . Preferiam gastar em longas viagens, enquanto ele ficava a mercê dos empregados. Quando ele se envolveu em demasia com prostitutas e bebidas e viram que estava num caminho sem volta e sem amigos , sem o apoio da família considerou

que o melhor seria se suicidar. Diante de uma situação tão trágica e com medo de serem expostos perante a sociedade eles trataram de enviar-me para o hospital. O doutor amigo deles deu-me um passaporte para a loucura.

_ Como podes afirmar isto? Indaguei

_ Esse médico do hospital interna quem pagar melhor, aqui todos sabem disto, ou o senhor não sabe?

Fiquei boquiaberto. Lembrei-me de Estela e Marisbela que foram internadas como loucas e não aparentavam sinais.

Entramos em seu quarto e continuamos a conversa eu achava que estava ficando interessante e pretendia saber mais. Ainda tinha que aproveitar a ocasião que Giorgio estava disposto a falar. Se deixasse para depois ele se fecharia em copas e eu não conseguiria mais nada.

Sentei – me ao lado e ele sentou-se recostado no espaldar da cama.

_ Você acha que este médico não é de confiança? – perguntei.

_ Eu não acho, eu tenho certeza. Eu vi quando ele disse a meu pai que para internar-me ele precisava receber certa quantia.

_ Ele falou a quantia? _ indaguei fingindo não estar interessado.

_ Não sei, mas era bastante, porque ouvi meu pai fazer:- ULalá! E ele só dizia isto quando se tratava de algo muito grandioso.

Argumentei que quem sabe o médico estaria cobrando pelo tratamento particular que dera a ele antes de ser internado. Mas Giorgio estava convicto de que nada disto havia acontecido. Ele afirmava que o médico cobrava pela internação dos pacientes no hospital.

Isso era um caso a ser investigado, pois ali tudo era gratuito.

Despedi-me de Giorgio, pois acabara o meu expediente naquele dia.

A noite Graça chegou com a novidade que Benito tinha sido encontrado. Estava hospitalizado no Hospital Geral, onde estava Pablo.

Perguntei a ela se sabia o que tinha acontecido a ele. Ela respondeu-me que Benito tinha sido atropelado e não conseguia falar devido aos ferimentos sofridos.

Zacarias andava as voltas com o caso Estela. Tinha ido ao hospital, mas não conseguira falar com Benito. Já sabia que Estela estava hospedada numa casa que fora sua nos arredores da cidade e que por hora estava abandonada. Nesta casa tinha morado sua mãe com o marido que também era seu padrasto e sogro.

Após ter ficado viúvo, o homem sumiu e ninguém ficou sabendo o que acontecera. A casa ficou abandonada e vez ou outra Estela mandava limpar na esperança de que um dia ele retornasse e assumisse o controle do imóvel já que o mesmo pertencia à família.

Zacarias estivera na casa, mas Estela não estava mais lá. As pessoas que a tinham visto disseram que um automóvel havia chegado a casa e ela tinha saído nele. Ninguém tinha percebido a placa, mas o modelo sim.

Quando Zacarias falou-me o modelo do carro identifiquei-o como sendo o mesmo em que eu e Clara tínhamos sido conduzidos por Leontina quando fomos à fazenda de Estela, mas como na época havia poucos carros e quase a totalidade eram da mesma marca, pairava aí uma dúvida: seria o de Leontina?

Contei a Zacarias as duas novidades: a primeira da escada no telhado e a segundo o que dissera Giorgio sobre o médico.

Zacarias respondeu-me que sobre o médico nada era novidade, pois era justo ele a quem estivera investigando depois que eu havia conversado sobre Estela e Marisbela não aparentarem a loucura pela qual tinham sido internadas.

A escada mostrava até certa inteligência por parte dos fugitivos, pois atrasaram as investigações, mas agora já não tinha tanta importância assim.

Benito estava fora do jogo. Se ele estava contratado para matar o marido de Estela não mais o faria, pois estava hospitalizado.

Perguntei a Zacarias se não havia a possibilidade dele já ter cometido o delito e por isso ter sido atropelado. Talvez quisessem que ele morresse para não contar o que vira ou não ser preso.

_ Bem - disse-me Zacarias - temos que trabalhar com as várias hipóteses, até mesmo de ter outra pessoa envolvida nisso.

No dia seguinte estava planejado o encontro de Regina com a mãe. Leonor já havia falado com a moça a fim de orientá-la para o encontro. A menina falara sobre a gravidez, porém não entrara em detalhes.

Tereza tinha melhorado um pouco o humor, parecia mais alegre. Continuava estranhada com Clara por conta da discussão do outro dia. Fez um pudim e serviu-me um pedaço e solicitou-me a gentileza de entregar um pedaço para Zacarias.

No dia seguinte entreguei o embrulho para Zacarias que apreciou muito. Era o seu doce preferido.

Quando nos encontramos com Tereza ele fez questão de agradecer e eu vi pela primeira vez um grande sorriso no rosto dela.

Zacarias saiu novamente e recomendou-me que tirasse a escada do telhado, ele já sabia como tinham fugido e ia atrás de Estela.

Mãe e filha se encontraram e ouviu uma grande comoção. Marisbela ficou furiosa por seu marido ter internado a filha no hospital. Quando a moça colocou que estava grávida Marisbela desmoronou. Foi um choque tão grande que mal conseguiu ficar em pé. Sentou-se e teve uma espécie de desmaio.

Após recuperar-se quis saber quem era o pai. A menina saiu correndo e trancou-se no quarto, deixando claro que não pretendia falar.

Leonor acalmou Marisbela e a deixou em seu quarto para dormir.

O médico novo chegou trazendo consigo a esposa. Ambos eram jovens e tinham uma postura de refinamento.

Apresentaram-se para Leonor que os encaminhou pelo hospital para que conhecessem o ambiente onde iriam trabalhar.

Depois de olhar e analisar tudo o médico disse que só iniciariam os trabalhos após a palavra de Zacarias. Ele iria dizer-lhes o momento de assumir, por enquanto, estavam apenas tomando conhecimento do ambiente e fazendo a mudança para uma casa mais ou menos perto do hospital. Eram sabedores de suas tarefas, inclusive que, por vezes, seriam chamados em madrugadas altas por motivo da saúde de seus pacientes.

Leonor disse que compreendia e que, no momento oportuno, certamente Zacarias iria lhes comunicar o início das atividades. Despediram-se e saíram.

Era sexta-feira, dia das costumeiras reuniões espiritualistas. Giorgio sentou-se bem na frente e Isabele não compareceu.

Nesta reunião havia um novo médium com o qual ninguém, ainda, havia se encontrado. Era uma pessoa tranquila que passava uma paz e que me parecia familiar.

Ao final da sessão quando pude me aproximar melhor do cidadão pude perceber que se tratava de Eurico.

Contou-nos que depois do que acontecera a ele por ocasião de ter passado pelo hospital se convencera de ajudar os mais necessitados e passara a frequentar as reuniões espiritualistas, onde se descobriu médium. Estava feliz na sua nova jornada e tinha readquirido o seu emprego de volta. Sua família estava bem e seus amigos tinham compreendido a sua história de vida. Descobriu que muitos de seus amigos também tinham problemas dos quais muitas vezes se envergonhavam, porém não haviam deixado se abater por isto.

Sua esposa e seus filhos também estavam frequentando as reuniões juntamente com ele. Essas reuniões eram as que eu e Graça íamos com Leonor antes de nos casar e que depois como estávamos estudando tínhamos abandonado, deixando para assistir somente no hospital.

Foi muito bom reencontrar Eurico e saber que estava bem. E, melhor ainda, saber que podíamos ter contribuído para sua pronta recuperação em todos os sentidos.

Disse-nos, ele ao se despedir que era muito grato por tudo que tínhamos feito por ele e que por este motivo fazia questão de participar das reuniões do hospital . Ele queria retribuir o bem que tínhamos feito a ele.

Conversamos por tempo suficiente para reafirmar que nós apenas tínhamos encaminhado a sua recuperação, mas o passo mais importante quem tinha dado era ele mesmo aceitando a sua condição de médium. Que sabíamos que ele não se arrependeria de auxiliar os mais necessitados.

Despedimo-nos com um grande abraço ensejando nos encontrarmos na próxima reunião.

Zacarias já tinha comunicado a polícia do aparecimento de Benito e o estado em que se encontrava .Ele e os policiais iriam verificar onde andava Estela.

Quando Zacarias voltou já era noite estava cansado e todo sujo.

Quando chegaram a fazenda encontraram Leontina sentada na varanda fazendo crochê. Quando perguntaram a ela onde se encontrava o marido de Estela, ela havia respondido que desde o dia anterior não tinha aparecido em casa e que ele costumava desaparecer sem comunicar.

Discorreu ainda que de vez em quando acontecia dele viajar e não comunicar o tempo que ficaria fora.

Perguntada se Estela tinha aparecido por lá, ela respondeu que não tinha conhecimento. E que dias antes já tinha vindo uma moça e um rapaz para procurá-la, dizendo que a mesma tinha sumido do hospital, mas que depois disto nada demais tinha acontecido. Inquiriram-na se por acaso Estela podia estar pela fazenda, se tinha algum lugar onde ela pudesse permanecer escondida? Ela prontamente sugeriu a cabana. E fez questão de acompanhá-los até lá. Entrou em seu carro seguida por um investigador e Zacarias que a acompanharam, enquanto o outro carro, os seguia.

Ao chegarem perto da cabana avistaram rastros de pneus. Ela justificou que seguidamente vinha limpar a casa, pois Estela poderia querer ficar ali quando retornasse. Zacarias indagou-lhe porque tinha tanta certeza de que Estela iria querer ficar ali e não na casa grande? Ela disse que Estela adorava aquele lugar e como o marido não a queria mais em casa era bem provável que Estela se escondesse para poder recuperar-se e colocar seu objetivo em prática. Ela considerava que Estela tivesse coragem para matar o marido, porém não tinha certeza. E para ilustrar o que dizia comentou que nunca se sabia do que seriam capazes as pessoas.

O investigador que acompanhava Zacarias indagou se ela, Leontina, seria capaz de matar alguém pelo mesmo motivo? Ela pensou e respondeu-lhe que nunca faria isto.

Chegaram à cabana e havia rastro de sangue. Leontina começara a correr envolta da casa como se procurasse por alguém. Entraram na cabana e havia mais sangue. Deitada no chão estava Estela, inconsciente com um tiro no peito. O investigador chamou por ela e ela não atendeu, mas deu para notar que ainda respirava.

Colocaram-na no carro e a enviaram para a cidade, enquanto procuravam por outros vestígios a fim de entender o que tinha acontecido ali.

Leontina se encontrava desesperada e perguntava constantemente se Estela poderia se salvar. Explicaram que não podiam precisar coisa alguma, não eram médicos, e a distância poderia piorar o seu estado de saúde.

Entraram no carro de Leontina que começou a dar voltas pelo campo como que soubesse que ia encontrar mais alguma coisa.

Zacarias perguntou o que procurava.

Demonstrando grande preocupação comentou que o marido de Estela, era a única pessoa, que poderia ter atirado nela. Que ainda poderia ainda estar por ali.

Zacarias argumentou que ela havia contado que não o via desde o dia anterior.

Ela respondeu que sim, mas isto não queria dizer nada.

Complementou que ela não o tinha visto, mas quem podia garantir que ele não estava na cabana esperando por Estela.

Procuramos por mais algum tempo e depois nos dirigimos à cidade. No caminho continuaram com algumas indagações.

Realmente eles estavam desconfiados, mas certeza não tinham. Era melhor não levantar nenhuma dúvida a respeito, pois podia espantar a caça antes de alvejá-la. Dissimulando, Zacarias, começou a indagar outras coisas que pouco tinha a ver com o caso.

Leontina dirigia com grande desenvoltura e pensava bastante antes de responder qualquer indagação.

Ela estava muito preocupada com o desfecho do caso. Parecia temerosa a respeito da saúde de Estela e o paradeiro do marido .

Não tinham encontrado nada que pudesse levá-los a uma conclusão qualquer. Tinham uma mulher esperta, uma ferida e rastros que não eram dos pneus do carro de Leontina. Ainda tinham Benito passando muito mal por ter sido atropelado.

Como já era tarde, Zacarias averiguou se ela tinha onde passar a noite, pois devido o avançado da hora não seria adequado que retornasse. Ela declarou que ficaria na casa de uma amiga.

O investigador que viera no mesmo carro entendeu muito bem o que Zacarias queria. Ele observaria o local onde a mesma se hospedaria. Deixaram-no na frente da delegacia. Ele fez que entrou. Imediatamente tomou um dos carros e a seguiu.

Leontina era uma mulher corajosa. Mal os deixou e retornou para a fazenda. O investigador voltou e pegando um auxiliar, a seguiu.

A noite estava clara e eles se arriscaram viajar o tempo todo de faróis apagados para não levantar nenhuma suspeita.

Quando amanheceu Leontina pegou o carro e saiu. Os investigadores a seguiram. Ela fora até a cabana. Limpou o sangue e voltou para a fazenda.

Os investigadores retornaram para a cidade , estavam famintos.

Zacarias parou sua história por ali. Sua missão fora cumprida, pois Benito e Estela estavam em lugar seguro. O resto era com a polícia.

Mas havia outro assunto que esperava um desfecho.

Eu estava muito ansioso para saber por que o médico antigo ia ser despedido, principalmente depois que Giorgio havia decidido abrir o bico. Tinha muita verdade no que dissera, pois até mesmo Zacarias que não era de falar tinha dado alguma pista quando não contrariou o que comentei com ele.

Porém, Zacarias não quis entrar em detalhes. Disse-nos que o médico precisava ser dispensado, pois há anos vinha prestando auxílio no hospital e era chagada a hora dele descansar. Eu não entendia porque Zacarias não contava a verdade. Estava mais do que claro que algo o incomodava enquanto falava.

Comunicou a Leonor que daria a ordem para Dr. Mancinni apresentar-se.

Deveriam ser encaminhados para que ele fizesse exames em todos os pacientes e que Dr. Mancinni iria decidir quais os pacientes deveriam permanecer hospitalizados.

Leonor comentou sobre Marisbela e Regina. A moça não queria falar com a mãe com receio de ter que contar quem era o pai do filho que esperava.

Zacarias solicitou, mais uma vez, que tivessem prudência ao falar do assunto e que Leonor mantivesse os olhos bem abertos em relação às duas mulheres. Leonor comentou que achava interessante que Graça cuidasse das duas, pois era sempre muito cordial e concordata, parecia que seria uma palavra conciliadora.

Zacarias não concordou e nem discordou enquanto eu estava junto a eles, porém quando fui dispensado deve ter dado sua opinião. O fato é que Graça não assumiu a tarefa.

Graça nunca dava opinião a respeito dos trabalhos do hospital e mantinha um relacionamento harmonioso com todos.

Na nossa casa, quando eu perguntava algo sobre o hospital, ela, respondia o estritamente necessário. Agora parecia um pouco distante. Eu considerei que estava um pouco triste, porque muitas vezes ela auxiliara Dr. Pelegrinni, o médico antigo, em suas intervenções e também com ele tinha grande amizade. Fora ele que conseguira a vaga para ela. Com certeza ela tinha razão de estar um pouco chateada de perdê-lo de vista.

Não conversei com ela a respeito, deixei que por ela mesma voltasse à vida normal.

Na nossa sala estudava uma moça de uns dezoito anos, mais ou menos, e que me chamou a atenção por parecer-se muito com uma das mulheres que me haviam cuidado quando morei no bordel de madame Françoise. Não comentei nada com Graça, ela parecia não gostar que eu falasse do meu passado. Ela, por sua vez, nunca falava. Era como se a vida tivesse começado, para ela, no momento em que foi trabalhar no hospital. Tudo o que eu sabia a respeito dela se resumia em que fora indicada pelo médico e como tinha sido sua vida a partir do dia em que nos conhecemos, no porto, quando ela e Leonor foram me esperar.

Depois de Leonor e Dr. Pelegrinni determinei que fosse a terceira na ordem de chegada, mas nunca a interpelei sobre o assunto. Eu não tinha contado tudo a meu

respeito. Também não costumava querer saber do passado de quem me era simpático, apenas tomava como amigo e deixava a vida encarregar-se do resto.

Como não tinha certeza de nada não me atrevia a falar com a moça, pois a mesma não me reconheceria. Ela era muito pequena quando morei no bordel e mesmo assim as mulheres que tinham aquele tipo de vida geralmente não criavam os filhos. Elas davam para outras pessoas criarem. Somente providenciavam o sustento. Era assim no bordel de madame Francesca , Françoise e no de Sophie. Eram raras as vezes que os pais das crianças assumiam seus papéis dando além do sustento. Mais raros os que encaminhavam para os estudos e até retiravam as prostitutas do ambiente onde se encontravam e montavam casa para elas. Isto era uma das coisas em que Isabele, a interna, julgava que tinha sido injustiçada. Em sua vida pregressa ela almejava esta condição, mas não foi contemplada e por isso tinha tentado se suicidar como um modo de chamar a atenção de Giorgio ou outra pessoa qualquer que ficasse com pena e a aceitasse como era.

Mas, a vida, nem sempre era como se queria. Eu julgava que tudo fazia parte do merecimento de cada um.

Eu precisava manter-me em movimento para que novamente não entrasse em crise revivendo o meu passado que não era nenhum motivo de orgulho.

Lembrei-me que naqueles dias estivera tão envolvido com o caso de Estela que nem havia tido tempo para conhecer Joseph.

Joseph era calvo tinha os olhos claros , tez rosada e continha na face a tristeza da alma.Quando olhei para ele senti a sua dor. Eu também passara por aquela situação.

Era uma pena que se tivesse que passar por dores tão arrasadoras em nossas vidas. Depois, da morte de minha filha eu considerara aquela a pior dor.

Viviam-se tempos com uma pessoa e de repente se descobria que não conhecíamos suficientemente aquele ser. Toda a confiança, o amor, a dedicação e o cuidado que se tivera até mesmo as angústias e mágoas que causamos nos vêm à mente como um tormento que devora-nos por dentro e marca-nos por fora. Não somos mais aquele que fomos.

Sentei-me no mesmo banco que ele e apresentei-me. Ele estendeu a mão para apertar a minha. Aquela mão estava gelada como se estivesse morto. Tentei conversar sobre diversos assuntos, mas ele parecia que não estava disposto a me ouvir.

Convidei-o para ir até o pomar comigo. Fez um esforço sobrecomum para levantar-se do banco.

Dirigimo-nos para o pomar. Considerei um grande passo, pois segundo Leonor desde que chegara não havia falado sequer uma palavra e permanecia ali sentado por horas, olhando o nada.

Mostrei-lhe o quando cuidávamos do pomar e que mais adiante o levaria para conhecer a horta. Apenas seu olhar respondia. A boca permanecia serrada e os lábios ressequidos.

Ele estava muito abatido. Eu pelo menos, quando Amália fugiu, reagi e fui atrás de notícia. Ele me parecia querer se castigar por alguma coisa que tinha feito, não reagia e não falava no assunto. E isto piorava muito as coisas.

Se pelo menos ele contasse o que havia acontecido se dissesse de quem se tratava.

Andamos um pouco e retornamos para o pátio.

Zacarias fez-me um sinal para que entrasse. Certamente teria novidades a respeito de Estela.

Entregou-me uma carta de minha mãe que acabara de chegar.

Deixei para ler em casa.

Eu e Zacarias fomos para o refeitório e Tereza serviu-nos um delicioso chá com bolo. Comentei com Zacarias que Tereza tinha andado triste mas que agora estava melhor e que não tínhamos ficado sabendo qual o motivo. Que também andava estranhada com Clara. Zacarias disse apenas:

_ Coisas da vida. Um dia se está triste, noutro...

Entrou Leonor e ele não completou a frase. Vinha ela com uma notícia. O estavam chamando na delegacia de polícia para reconhecer um cadáver que fora encontrado cavalgando pelos arredores da cidade.

Quando Leonor terminou a frase , achei que estava de brincadeira. Mas, ela complementou que fora assim que recebera o recado trazido pelo policial.

Fiquei pensando como um cadáver poderia cavalgar? Mas , se podia...Podia.

Zacarias saiu apressado, voltando meia hora mais tarde.

Os policiais achavam que era o marido de Estela que havia sido morto ou se suicidado e se encontrava deitado de atravessado no lombo de um cavalo. O corpo já se encontrava em estado de putrefação, dando a entender que o fato acontecera no mesmo dia em que encontramos Estela na cabana.

Zacarias não podia reconhecer o corpo, pois não conhecera o marido de Estela. E ninguém que se soubesse, além de Leontina, o conhecia.

Lembrei-me que Graça tinha tido contato com ele quando trabalhava com D,r. Pelegrinni. Fomos tentar convencê-la de verificar se tratava-se da mesma pessoa.

Graça ficou muito confusa e convidou Clara para acompanhá-la.

Ao chegarem ao necrotério Graça começou a passar mal. Clara até, então, desconhecia quem era o morto.

Como Graça não se encontrava bem entramos todos para o reconhecimento. Graça não teve certeza se era o marido de Estela .Clara, ao olhar para o morto, desmaiou.

Retiramo-la da sala e ela voltou a si. Perguntada o porquê do desmaio respondeu:

_ É ele. É ele...

Eu sabia que Clara não havia conhecido o marido de Estela. Quando fomos até a fazenda ela o vira pelas costas quando já se encontrava longe. Era impossível aquele reconhecimento. Cochichei com Zacarias que ela devia estar delirando.

O policial perguntou à Clara a quem ela se referia. E ela respondeu que era o seu namorado que estava desaparecido.

Ficamos todos desnorteados. Era verdade, nenhum de nós conhecia o moço.

Não havia nada que identificasse aquele corpo. Tínhamos que chamar Leontina, uma vez que doutor Pelegrinni não se encontrava na cidade. Só ela poderia nos dizer a verdade.

Voltamos para casa com Clara em prantos. Ela ficou incomodada, dizendo que quando tinha encontrado um bom moço o mesmo aparecia naquelas condições.

Ninguém ousou falar nada, mas todos tiveram a certeza que Clara estava sendo enganada. Aquele era mesmo o marido de Estela, que a tinha enganado o tempo todo.

Clara e Graça foram deixadas em casa e eu e Zacarias fomos para o hospital.

Zacarias não costumava comentar sobre os casos em que se envolvia para investigar, mas este envolvia muita gente conhecida e que teríamos que nos envolver de qualquer jeito. Enquanto nos encaminhávamos para o hospital ele contou-me que Estela fora internada como louca no hospital num conluio efetivado pelo Dr. Pelegrinni e o marido a fim de afastá-la, enquanto eles cuidavam de transferir todos os bens para outra pessoa. Estela era considerada incapaz. O pai de Adalberto estava desaparecido desde a morte da mulher e não tinha sido encontrado. Perante a lei já havia sido considerado morto. Julgavam que havia sido assassinado.

Zacarias me pareceu bem preocupado com tudo que acontecia, mas quando quis me aprofundar no assunto ele não quis falar. Partiu para um assunto mais leve.

Eu não entendi porque o marido de Estela tinha interesse de passar os bens dela para outra pessoa se ele era o principal herdeiro.

_ Lembra-se quando me falou que a felicidade era efêmera?_ perguntou-me.

Disse-lhe que me lembrava e que eu também tinha dito que a felicidade dependia da libertação da alma para o belo e o generoso. Ele continuou:

_ Pois bem, refleti muito sobre isto e , pois fiquei em dúvida achei que nossa felicidade dependesse também das ações de outras pessoas. As pessoas que vivem ao nosso redor interferem na nossa felicidade, ou não?

- Olhando friamente, sim. Mas se olharmos sob o ponto de vista espiritual não.

_ Não entendi_ disse-me ele arregalando os olhos.

Comecei a comentar com ele que planos, quer de trabalho ou de vida cotidiana, sempre irão depender de outras pessoas. Nós não vivemos sós no mundo. Há milhares de pessoas ao nosso redor, portanto milhares de pensamentos favoráveis e contraditórios que afetam muito as nossas ações. E, portanto, afetam a nossa felicidade e por isso ela é efêmera. Ela vai e vem de acordo como as coisas se voltam para nós. Isso no campo material e, portanto, a resposta é sim. Mas se olharmos sob o ponto de vista imaterial pode ser transformado em não, porque nós somos seres espirituais e podemos nos manter espiritualmente inalterados. Mantendo nosso eixo espiritual centrado não seremos abalados na nossa essência. O mundo pode estar em guerra e sermos um combatente, mas se você se mantiver calmo e sereno na missão assumida mantendo o equilíbrio estará bem consigo mesmo e nisto consiste a felicidade. A nossa felicidade depende apenas de nós mesmos. A ninguém foi dada a missão de fazer o outro feliz,

mas mantermo-nos em estado de vigília para alertar os outros para a felicidade e construirmos a nossa passando por cima da mesquinhez, ciúmes, inveja e tudo o mais que possa alterar nosso estado de consciência. quando estamos bem espiritualmente nada nos pode afetar.

Zacarias ficou pensativo. Despediu-se e foi falar com Leonor.

Eu por minha vez também fiquei pensativo. O que estaria acontecendo de tão grave? Eu nunca vira Zacarias tão preocupado.

Desconsiderei aquela conversa e voltei ao trabalho.

Encontrei Joseph sentado no mesmo banco que o encontrara no outro dia. Cumprimentei-o e perguntei se podia sentar ali.

Ele concordou e perguntou-me se eu era casado.

Respondi-lhe eu sim. Duas vezes comentei.

Ele olhou-me espantado.

_ Como se pode casar duas vezes? Ah! Sim o senhor ficou viúvo e casou-se novamente?

_ Não. Eu não fiquei viúvo, eu me separei da primeira esposa.

Ele olhou-me como se encontrasse em mim a resposta para o seu problema. Perguntou-me se quando eu me separara havia ficado triste. Eu lhe respondi que ficara muito triste e contei-lhe algumas coisas as quais deduzi que seriam importantes para justificar que aquilo pelo qual ele estava passando não era nada que não pudesse

melhorar. E que não era somente ele que passara por apuro igual ou maior. Mostrei-lhe que era possível passar por cima de algumas coisas e manter-se numa vida mais ou menos saudável. Que ainda dava tempo de procurar ser feliz.

_ O que sinto na verdade é muita vergonha de meus familiares, eles haviam me alertado, muitas vezes, antes de casar-me que Lu..., minha mulher, dizendo que ela não prestava _ disse-me.

Continuei conversando com ele e falei que o fato dos parentes terem avisado de que a mulher não era boa companhia não tinha nada a ver. Ele era quem tinha de decidir e quando se está apaixonado não se vê defeitos no outro. Nossos sentidos nos enganam.

Continuamos conversando sobre os reveses da vida. Graça tinha chegado. Começava seu expediente.

Despedi-me de Joseph e fui para casa.

Eu ainda evitava passear. Tinha receio de que alguma coisa pudesse estragar meu convívio com Graça.

À noite quando eu, Graça e Clara retornávamos da escola lembrei-me que Joseph tinha pronunciado o início do nome de sua mulher, eu não havia encontrado na ficha dele o nome que ele pronunciara. O nome que constava era outro.

Como Graça se negava a falar nos pacientes, fiquei calado. No dia seguinte, iria verificar qual era o nome da mulher de Joseph.

Logo ao chegar ao hospital recebi uma carta de Virgílio. Mandava lembranças e convidava eu e Graça para visitá-lo. Já estava de volta a Paris.

Virgílio era um bom amigo, pois já se passara tanto tempo e ele se lembrara de escrever-me.

Zacarias fora chamado e precisava voltar para Palermo. Respondi rapidamente a carta de minha mãe que desta vez era bem curta, pois Zacarias era o portador de maiores novidades. Ela também havia escrito bem pouco da última vez.

Antes de sair , Zacarias alertou que Leontina tinha reconhecido o corpo encontrado como sendo o do marido de Estela e que Clara deveria ser chamada para depor, pois tinha mantido um relacionamento com a vítima.

Clara ficou assustada, porém Zacarias falou-lhe que era de praxe. Ela deveria contar o que realmente ocorrera. Não havia necessidade de ficar nervosa.

Saiu dizendo que retornaria assim que o delegado lhe mandasse notícias sobre o crime ocorrido com o marido de Estela e tão logo resolvesse o que nosso pai estava solicitando.

Após a saída de Zacarias fiquei pensando no que ele dissera sobre uma terceira pessoa a quem o marido de Estela estaria tentando passar os bens . Seria Clara ?

Trabalhei o dia todo na horta com Giorgio e Isabele que não andavam bem, mas tinham dado uma trégua. Acabei me esquecendo de procurar o nome da mulher de Joseph.

Já era tarde da noite quando vimos um carro parar na frente da casa. Levantei-me e vi quando uma mulher se aproximou.

_ Graça mora aqui? – perguntou ela a alguém que a tinha recebido.

_ Sim. – foi a resposta.

Pela voz pude reconhecer que era Clara quem respondia.

_ Posso falar com ela? _perguntou a mulher com voz extremamente baixa.

Esforcei para saber de quem era aquela voz, mas não a reconheci. Clara respondeu que àquela hora era imprópria para conversar e se a mulher queria deixar algum recado. Mas ela disse que procuraria Graça no dia seguinte. Estava muito escuro e a mulher trajada de negro não deixava pistas para o reconhecimento.

Quando entrei no quarto, Graça, perguntou-me o que acontecera. Não sei por que naquele momento inventei que a mulher viera falar com Clara. Acho que era para que Graça não se preocupasse, pois afinal aquilo não eram horas para se falar com alguém.

_ Deve ser a antiga patroa dela _ disse-me.

Estava me deitando e respondi que poderia ser. Fiquei por longo tempo tentando ver se conseguia juntar a voz ao vulto e de certa forma formar uma imagem. Fiquei pensando porque Clara não havia chamado Graça, porque eu tivera escutando tudo e não atinei de chamá-la. Quem seria? O que queria? Seria urgente? Achei que não se tratava de coisa urgente, pois provavelmente se fosse a mulher teria insistido. Não consegui dormir.

Logo que amanheceu não me aguentei na cama. Levantei e fiz um café. Clara também já estava em pé. Perguntei a ela quem era a mulher e ela não soube responder. Sabia que a voz não era estranha, mas não conseguira distinguir. Comentei com ela o

que tinha dito para Graça. Clara disse que eu fosse trabalhar descansado. Ela mesma se encarregaria de contar para Graça.

_ Nem vai adiantar mesmo _ disse-me _ ninguém reconheceu a mulher.

Não soube como Graça recebera a notícia, pois quando saí, ela ainda dormia.

Encontrei a ficha de Joseph e constava o nome de sua esposa como sendo Marie.

Automaticamente, lembrei-me de Marie e de seu amante. Ela, eu, sabia que tinha saído da cadeia. Virgílio em sua carta não mencionara nada a respeito. Teria, ela, se regenerado?

Eu tinha certeza que não era a mesma pessoa, pois Joseph era italiano e provavelmente sua mulher também o era.

Recebemos a notícia de que Pablo sairia do hospital dentro de dois dias.

Estela e Benito continuariam no Hospital Geral, pois os casos deles eram mais graves. As notícias não podiam ser melhores sobre a saúde deles, porém uma novidade abalou a nossa alegria. Soubemos que por duas vezes quando Estela foi visitada por Leontina tinha passado mal e seu quadro revertera.

Leontina havia sido proibida de entrar no hospital.

Estela ainda continuava sem poder falar direito, o que tornava difícil entender o que falava. Com certeza se recuperaria logo.

Leonor sabia das novidades através do Dr. Mancinni que continuava observando os pacientes, tanto no hospital espírita, quanto no Geral.

Estava chegando a hora de ver meu sonho realizado: Marisbela e Estela finalmente seriam consideradas livres daquele estigma de loucas. Era o que eu considerava, pois Dr. Mancinni nada havia comentado. Dona Carmita, sua esposa e enfermeira, também era muito séria, centrada e discreta.

Quando Clara chegou ao hospital para cumprir seu expediente comentou comigo que falara à Graça sobre a mulher que a procurara e ela não havia expressado nenhuma reação.

Perguntei a Clara que tipo de reação ela esperava ao que ela respondeu:

_ Pelo menos de surpresa pelo adiantado da hora.

Expliquei que, Graça era assim, às vezes não expressava nada era como se tudo fosse muito normal, talvez por ser espírita havia muitos anos já tivesse aprendido a conviver com todo o tipo de problemas e fosse muito centrada.

Clara não concordou, nem discordou. Somente complementou, dizendo que não mencionara que eu ouvira a conversa.

Agradei e me afastei.

Giovana vinha pelo corredor cantarolando.

_ Estou muito feliz –disse-me ela.

Perguntei o porquê e ela respondeu-me como sempre :

- Por que devo dizer ? Vai mudar alguma coisa, se eu disser ou não?

Eu já não sabia se Giovana era atrevida ou mal educada. Deixei pra lá e fui verificar como estava Homero que há dias eu não o via.

Homero estava muito bem. O médico havia considerado seu estado ótimo e estudava um modo de inseri-lo no trabalho.

Convidei-o para trabalhar na horta com Giorgio, pois Benito ainda se recuperava. Ficou de pensar.

Era o domingo das visitas no hospital. Já havíamos conseguido que mais duas famílias se interessassem por seus entes.

Tudo transcorreu normalmente, mais uma vez a família de Sélvio estava presente e ele ficou muito feliz.

Graça estava indisposta e solicitou para Leonor que a deixasse fora do expediente.

Tereza que andara melhor se fechara novamente sem ter quê, nem por quê.

Eu começava notar que toda vez que Zacarias viajava. Tereza mudava seu comportamento. Talvez eu estivesse enganado, mas fora o apresentado nas duas últimas vezes que Zacarias tinha se afastado.

Clara estava se recuperando do golpe que recebera ao identificar seu namorado no marido de Estela.

Benito estaria saindo do hospital Geral, nos próximos dias.

Marisbela e Regina estariam começando a se entender, porém ainda era um grande mistério quem seria o pai da criança.

Leonor não andava bem de saúde, parecia cansada e precisou se afastar por uns dias deixou-me novamente em seu lugar. Como eram poucos dias aceitei a incumbência.

Estava chegando o dia da apresentação de Eduardo, o Vodgole. Eu não tinha comentado nada com Graça. Na verdade eu estava temeroso de uma recaída.

Eu sentia que eu também não me sentia firme em relação a minha vida pessoal. Peguei-me muitas vezes, nestes tempos passados pensando em Amália e Luzia.

Algumas perguntas ainda bailavam em minha cabeça.

Zacarias com certeza andava investigando o paradeiro de Giovani. Ele não podia ter sumido assim sem deixar vestígio. Se ele fosse mesmo o pai de Luzia deveria assumi-la. Amália não deveria deixar assim.

Era o último dia de substituição à Leonor e recebi uma carta de meu pai.

Fiquei muito perturbado. Meu pai não costumava escrever cartas. Não devia ser coisa boa.

Deixei para abrir a carta em casa estava curioso e ao mesmo tempo preocupado.

Joseph veio conversar comigo a respeito de sua separação. Contou-me que se julgava bem casado, mesmo que os parentes tenham lhe insinuado algumas coisas sobre sua mulher , as quais ele não dera ouvidos, .porém ainda era apaixonado pela esposa e não conseguia tirá-la de sua memória.

Expliquei-lhe que a principio era assim mesmo. A pessoa que é abandonada se sente muito mal, pois não está preparada para o pior e quando isto acontece é como que se desmoronasse o mundo em suas costas. Perde-se o rumo.

Indaguei-lhe que quem sabe ela estivesse só e quisesse voltar. Percebi que ele estava disposto a qualquer sacrifício para consolidar novamente sua relação.

Como ele havia me procurado para conversar achei que não seria indiscreto em querer saber mais sobre o assunto e indaguei como era o nome de sua esposa e o que ela teria feito para romper a relação. Eu sentia que ele precisava conversar.

Ele relatou-me que conhecera sua mulher em uma das viagens que costumava fazer a fim de comprar mercadorias para sua loja de artefatos. Por muito tempo continuaram viajando juntos até que ele a pediu em casamento.

No inicio tudo corria bem. Quando ele viajava, ela cuidava dos negócios.

Em uma destas viagens ela decidiu que deveria acompanhá-lo. Ele não se opôs, pois já estava acostumado a viajar com ela.

Nesta viagem sua mulher o abandonou. Disse-lhe que sairia do hotel onde se hospedaram para ir à cabeleireira e nunca mais voltou. Buscou-a em muitos lugares, onde pensara de encontrá-la, porém o que encontrou foi uma carta que lhe fora entregue por uma vizinha de quarto. A mulher dizia não querer mais viver com ele, pois tinha encontrado alguém com quem já tivera um caso amoroso e estava disposta a tentar um novo romance.

Quando retornou da viagem tivera que se refazer de todo o trauma e enfrentar a família que tanto tinha lhe alertado sobre o comportamento nada condizente de sua esposa durante as suas ausências.

Era uma moça de modos muito avançados para a época.

Ele achava natural que ela tivesse um comportamento extravagante e nada convencional, pois era acostumada a viajar e trabalhava acompanhando senhoras em suas longas viagens.

Quando em desespero começou a coletar informações sobre a dita cuja e ficou sabendo que não se tratava somente da senhorita de modos não tradicionais, mas, mais do que isso, era perversa, pois mantinha romance com vários homens.

Encontrou nas gavetas várias correspondências que ela recebia de toda parte do mundo.

Entre essas correspondências estava a do comerciante por quem ela o havia abandonado e que tinha grande comércio em Paris. Ele considerava que a mesma residisse por lá.

Leonor chegou e interrompeu nossa conversa.

Fiquei sem saber o nome da moça. Eu estava curioso, pois na ficha apenas constava Marie, mas em conversa ele começara a falar outro nome.

Ao voltar para casa abri a carta de meu pai. Minhas mãos tremiam. Teria acontecido algo? Como estaria mamãe? E Luzia? Mesmo considerando que Luzia não fosse minha filha eu conservava um carinho especial por ela.

Embora cada vez que eu olhasse para Luzia lembrasse a traição confessada, tenho certeza que teria adotado a menina se Amália tivesse me pedido.

A carta era bem curtinha mandava dizer que Zacarias estava em Paris e que todos estavam bem. Meu pai solicitava minha presença pra efetivar um compromisso.

Embora ele tentasse me tranquilizar continuei preocupado, pois meu pai não era dado a escrever cartas. Havia algo no ar.

Conversei com Graça e mostrei-lhe a carta. Após um grande intervalo silencioso ela pronunciou-se.

_ Vá ver do que se trata. Não perca tempo, vá logo.

Ela me pareceu zangada.tinha em sua voz algo que tomei como uma certa irritação. Parecia que nem se importava com o que me acontecesse. E pela primeira vez tivemos uma discussão.

Fiquei triste e preocupado. Graça andava muito diferente em todos os sentidos. Clara já não era a mesma pessoa que eu conhecera. Tereza andava também triste e sombria. Todos me pareciam aborrecidos. E, eu, também já tinha tido motivos para me desconhecer. O que estaria acontecendo? Após os incidentes da fuga de Estela e Benito parecia tudo desmoronar. Era como se uma nuvem negra se mantivesse sobre nossas cabeças.

Agora quando eu precisava de Graça ela parecia que estava a ponto de ver-se livre de mim. Seria eu, o motivo de tantas tristezas?

Mostrei a carta a Leonor. Esta me tranqüilizou e até fez uma sugestão. Como ela andara doente, quem sabe meu pai não estaria pensando em substituí-la no cargo.

Considerei pouco provável, mas quando se tratava de meu pai tudo poderia acontecer.

Leonor aconselhou-me a empreender a viagem rapidamente. Meu pai não era de esperar.

Sai pensando que quem sabe Leonor já soubesse de algo, mas não me quisera adiantar. E se fosse para assumir o hospital. Valeria à pena? Eu quereria? Como Leonor se sentiria perdendo seu lugar de diretora? Era um redemoinho na minha cabeça.

Quem sabe tinham encontrado Giovanni , pai de Luzia e me chamava para entregar Amália como fizera meu avô com meu pai ,quando de seu caso com Leonor?

Não via a hora de desvendar o mistério. Meu pai nunca me chamara para algo que realmente não fosse extraordinário.

Talvez,ele quisesse que eu participasse da Irmandade? Eu suava. Tentava afugentar os pensamentos, mas parece que eles teimavam em reaparecer.

Cheguei ao destino. Como sempre meu irmão, muito gentilmente me esperava.Nem adiantava perguntar nada. Mesmo que ele soubesse não trairia a confiança de meu pai.

Andamos até a casa sem maiores comentários. Perguntei se havia novidades sobre o caso do marido de Estela.

Zacarias comentou que tinha vagas notícias, mas assim que retornasse tomaria pé da situação. Mas sabia que o delegado estava muito perto de desvendar toda a trama.

Ao chegar todo o passado voltou-me a memória, principalmente o dia em que retornamos do enterro de Josefine.

Senti uma imensa saudades de minha querida filha. Limpei os olhos e encontrei mamãe que vinha ao meu encontro.

_ Quanta saudades, meu filho!

Eu a abracei e a rodopiei no ar, como fazia com minha filha.

_ Menino, não faça isto! Não estou acostumada a esses gracejos- disse-me ela.

Entramos sorrindo.

Meu pai estava à porta e abraçou-me efusivamente. Disse-me que estava com saudades. Agradei e concordamos que deveria ter vindo um pouco antes, porém eu não omiti que não fizera por medo de encontrar-me com Amália.

Dirigi-me para o quarto que sempre fora meu. O quarto sempre limpo e arrumado como mamãe gostava. As toalhas dobradas na forma de triângulo e deitadas sobre a cama.

Os lençóis sempre muito alvos e bordados em flores minúsculas na barra superior.

Da janela eu visualizava algumas das árvores que me fizeram companhia nas jornadas de menino. Por um tempo viajei pelo espaço e me encontrei menino brincando nos galhos como se fosse um macaco. Sentia-me livre, quase um pássaro.

Enquanto em minha mente se passavam cenas de um passado muito distante, porém parecendo tão próximo, fui despertado pela voz que vinha do corredor. Era a voz de uma criança. Eu estaria ficando louco? Naquela casa não havia crianças!

Retornei do meu passado. Abri a porta e avistei uma menina de aproximadamente três anos que brincava com uma boneca. Era sem sombra de dúvidas, Luzia.

Se Luzia estava ali, sua mãe com certeza também.

Pé, ante pé, retornei para o meu quarto. Meu coração batia em descompasso. Porque motivo estaríamos todos reunidos novamente naquele local?

Coloquei minha roupa no armário, mas não a retirei da mala. Não tinha a mínima noção de quanto tempo ficaria ali.

Era muito esquisito. Aquela casa fora onde eu nasci e vivi até ser internado no colégio. Ela ao mesmo tempo que familiar; me era estranha. Havia lugares que eu nunca tinha entrado. Eram como salas secretas para mim. Assim havia sido minha vida . Muitas salas secretas em minha vida, uma delas era aquela afeição que eu tinha por Luzia.

Apesar de ter sido fruto de um romance que me fizera tanto mal eu não deixava de ter uma grande afeição por ela .No primeiro momento que a vi, ainda recém nascida, em um quarto escuro, eu a amei.

Vendo aquela menininha ali no corredor brincando deixou-me um tanto agitado. Queria colocá-la em meu colo e vê-la sorrir para mim. Mantive-me. Ela não me conhecia e poderia assustar-se.

Terminei o que fazia e deitei-me um pouco para descansar.

Pensei em Amália que estava escondida em um de meus quartos secretos. Como não mais a vira, não tinha noção do que permanecia sentindo por ela. Graça era outro quarto secreto. Apesar de estarmos juntos há bastante tempo eu ainda não tinha conseguido saber quase nada a seu respeito.

Durante o jantar estavam presentes eu, meu pai, minha mãe e Zacarias.

Meu pai perguntou-me porque não trouxera Graça comigo.

Expliquei-lhe que Graça teria de ficar trabalhando enquanto eu me afastava. Não podíamos sair os dois, visto que éramos detentores da mesma função.

Foi, então que me falou de que Leonor pedira que indicasse alguém para substituir Graça. Ela pedira férias.

Fingi que sabia das férias de Graça.

_ Ah, sim! Quando eu retornar ela deverá entrar _disse, meio sem graça.

Zacarias nem me olhou, pois percebeu que eu mentia.

Mamãe falou-me do quanto eu estava mudado. Não era mais aquele menino que ela estava acostumada.

Estava curioso para saber o que Luzia fazia naquela casa e porque Amália não se encontrava no jantar, mas calei-me.

Conversamos algumas amenidades. Passamos para a outra sala a fim de que meu pai fumasse seu charuto. Foi nos servido um licor.

Mamãe saiu da sala para atender um chamado .

Ficamos os três homens sentados nos sofás que se espalhavam.

Levantei-me e fui até a janela onde vira pela última vez minha filha a brincar com Zacarias.

Meu pai também se aproximou e depois de um suspiro disse:

_ Parece que foi ontem .

Pois parecia. Até conseguia visualizar a cena com nitidez. E novamente ouvia a frase de meu pai:

— “Nunca seremos velhos o bastante para não conservarmos o espírito de criança que há em nós.”

Apesar de meus tantos anos eu ainda permanecia uma criança. Sentia no fundo de minha alma que precisava de meus pais , mas era, também, orgulhoso o bastante para ir vê-los somente quando chamado.

Sentindo-me como uma criança desobediente resolvi perguntar a meu pai o porquê de seu chamado.

Após um breve silêncio ele adiantou-me que era um assunto para ser resolvido durante o dia e com muita calma.

Zacarias bateu-me no ombro e fez um gesto com a cabeça pelo qual entendi que não devia insistir no assunto.

Despedi-me e fui deitar.

Zacarias veio ter comigo mais tarde. Segundo ele também de nada sabia.

Amanheceu um dia lindo. Eu e Zacarias saímos a passear. Mais a tarde, nos encontraríamos para conversar com nosso pai.

Zacarias tinha chegado de viagem no mesmo dia que eu. Disse-me que tinha ido a Paris e de lá trouxera notícias não muito agradáveis.

Procurara pela família de Giovani e soubera que o mesmo não mais retornara depois de se tornar desertor. Tinha mudado de país e mudara de nome. Segundo seus familiares se casara com uma viúva e já tinha filhos. Pelo conhecimento que conservavam podiam afirmar ser pouco provável que o mesmo tivesse se envolvido com Amália, pois pelos cálculos ele sumira antes de ela ter engravidado.

Luzia não poderia ser filha de Giovani. Diante desta descoberta, fiquei feliz, ela poderia ser minha filha com grande probabilidade e isto poderia explicar aquela afeição que eu sentia pela pequena.

Zacarias alertou-me que em momento algum estava afirmando algo. Ele apenas expressara o que a família de Giovani tivera respondido diante de suas interpelações. Ele mesmo não tinha a menor idéia. Somente Amália era detentora da verdade.

Perguntei a ele porque Luzia estava na casa de meus pais. Ele afirmou-me que de nada sabia.

Retornamos por volta do meio dia.

Depois do almoço comentei com minha mãe sobre Luzia e ela explicou-me que a menina estava em nossa casa, porque Amália precisara se ausentar por uns dias e eles acharam por bem que a menina permanecesse com eles. E concluiu dizendo:

- Foi excelente a idéia, não poderia ter sido melhor. Deixá-la conosco foi providência divina...

Não entendi o que de tão excelente seria deixar uma criança aos cuidados dos avôs, mas não quis ficar indagando, até por que falar em Amália não era propriamente meu passatempo predileto.

Depois das quinze horas, meu pai chamou-me para uma conversa e junto veio Zacarias que não poderia deixar de faltar. Meu pai parecia ter uma predileção por ele, mas isto não me incomodava, uma vez que mesmo quando eu não sabia que ele era meu irmão também tinha me apegado a ele.

Zacarias era uma pessoa amável, tranqüila e que te passava uma grande segurança. E, isto, o tornava indispensável.

Entramos para o escritório e a porta fechou-se atrás de nós. Isto dava vistas que a conversa seria muito séria.

Meu pai não era homem de rodeios. Começou falando do envolvimento do Dr. Pelegrinni no incidente do marido de Estela. Contou que descobrira que o mesmo havia

por, muitos anos, trabalhado desonestamente, mesmo que para isto precisasse emitir laudos falsos . O caso de Estela e Marisbela eram dois casos bem definidos . Agora também a filha de Marisbela havia sido internada e isto indicava sérias complicações já que se suspeitava que o pai do bebê que a menina esperava seria o próprio pai que para sufocar uma falção resolvera interná-la em conluio com o médico. Para meu pai a história já estava definida, tanto que os membros da Irmandade haviam destituído Dr. Pelegrinni do cargo e o mantinham fora de seus quadros .

Eu ouvia tudo aquilo de boca aberta , sem saber o que falar e o que pensar. Em um momento lembrei-me da relutância da moça em informar quem seria o pai de seu filho.

Falou-me claramente que eu devia estar preparado para muitas surpresas que deveriam começar a acontecer. A polícia dava sérias pistas de que mais pessoas estavam envolvidas nestas trapaças e que eu poderia vir a me decepcionar muito. Advertiu-me que eu pensava conhecer muito bem as pessoas que lá trabalhavam e que na verdade não tinha sequer idéia de que poderiam representar.

Logo vieram a minha cabeça as pessoas de Clara que tivera um romance com o marido de Estela e Tereza que de uns tempos para cá andava com algumas características irreconhecíveis. Lembrei-me, também, de Graça que mantinha uma amizade com Dr. Pelegrinni , mas esta sempre estivera acima de qualquer suspeita. Ela se mantivera muito séria em seus afazeres e em todas as questões que envolviam o hospital.

Contou-me que Estela já estava para sair do Hospital Geral, mas ele interferira para mantê-la por mais tempo internada, a fim de que o delegado pudesse dar cabo às

investigações. Segundo ele Leontina tivera tudo a ver com os acidentes e incidentes ocorridos e esse encontro não seria nada saudável.

A polícia havia descoberto uma ligação afetiva de Leontina com seu ex-patrão do qual nascera um filho. Leontina era de fato amante do pai do marido de Estela.

Então, suspeitava-se que os bens de Estela estavam aos poucos sendo repassados para Leontina e quando Estela deu-se conta do que acontecia foi tratada como louca.

Meu pai tinha razão, era um história e tanto.

Perguntei-lhe: _ Por que eu deveria saber tudo isto? Se no caso , não devia ser Leonor que deveria estar ali?

Ele respondeu-me que, em breve, eu saberia porque minha presença era importante . E mais uma vez pensei que poderia , ele, me solicitar para dirigir o hospital. Um frio percorreu as minhas veias. Eu não queria de maneira nenhuma magoar Leonor.

Não deu-me tempo para pensar. Havia outro assunto em pauta.

Meu pai perguntou-me se estava pronto a assumir a paternidade novamente?

Respondi-lhe com uma outra pergunta:

_ Graça está grávida e eu não sei? È isto?

_Não tem nada a ver com Graça _ disse-me.

E continuou:

_ Amália contou-me algo muito interessante, quando nossa querida Josefina morreu ela ficou sentindo-se culpada por não ter impedido a menina em sua jornada . Foi contra aquela investida , mas não o suficiente para evitar a tragédia. Então, diante daquela gama de sentimentos de remorso e impetuosidade e ainda querendo puni-lo por tantos sofrimentos que a causou, resolvera omitir que Luzia também era sua filha.

Num de repente uma dor me adentrou o coração como uma facada. Como uma mãe podia usar da própria filha como subterfúgio para ferir e magoar um pai? Deixando-o por tantos anos separado de uma criança por puro egoísmo, baseando-se em mentiras. Ela fora muito cruel.

Não suportei aquele descalabro. Saí da sala como um furacão.

Zacarias saiu atrás de mim. Procurei por minha mãe para saber onde andava Amália. Eu precisava encontrá-la e dizer-lhe de todo aquele sofrimento que sentira. Perguntar o porquê de tantas mentiras, tanto ódio, tanta maldade?

Zacarias veio até mim. Ele estava preocupado com minha reação. Não encontrei minha mãe. Sentia-me pequeno, humilhado.

Pedi a Zacarias que me deixasse só. Ele não se aborreceu e disse-me que quando precisasse era só chamar.

Fiz que sim com a cabeça e ele se afastou.

Eu precisava chorar. Meu peito parecia explodir. Não sei se de raiva ou felicidade. Era um misto de sentimentos.

Mal podia acreditar que Luzia seria mesmo minha filha. Não concebia a idéia de Amália ter mentido para mim. Não era justo o que ela fazia. Privou sua filha da companhia do pai durante três longos anos. Ao mesmo tempo sentia uma grande alegria de saber que aquela criança que eu amara mesmo sem saber que era o pai, era minha filha.

Concentrava-me para mudar o rumo dos pensamentos, porém eles teimavam em me machucar. Quão duro estava sendo o retorno de minha ousadia de outrora. Sim. Eu tinha sido um libertino, mas jamais julgara que seria tão amarga a cobrança posterior. Pois bem, estava sendo.

Estando prestes a conversar com Graça para providenciarmos um herdeiro, eis que surge este anjo. Eu sabia que Graça não ia querer um bebê. Ela já me dissera algumas vezes que não tinha o instinto materno. Eu, porém, considerava que era somente uma questão de tempo e que quando isto acontecesse Graça se tornaria uma mãe ardorosa. Como ela se mostrava, ainda, contrária a idéia, eu não tinha insistido mais. Mas, eu não tinha desistido do objetivo.

Será que eu seria capaz de amar Luzia com o mesmo fervor que amara minha filha Josefina? E se Amália mais uma vez estivesse mentindo? Quem mente uma vez pode mentir várias vezes.

Nada mais importava. Agora eu queria estar bem para encontrar minha filha, afinal, ela não tinha culpa das decepções sofridas nem pela mãe, nem pelo pai. Ela era uma criança, um anjo.

Quando esfriei a cabeça lembrei-me do impacto que a notícia me trouxe e eu nem fiquei sabendo o porquê de Luzia estar na casa de meus pais. Eu esquecera este detalhe. Eu sabia que Amália teria viajado, mas por quê?

Porque Amália teria viajado e deixado a pequena? Seria algo grave? Ou ela estava se desvencilhando do passado? Eu teria que levar comigo Luzia e terminar de criá-la? Graça teria condições de recebê-la? Seria conveniente? Como eu faria para convencê-la de que deveria aceitar minha filha, conosco? Novamente fui pego de sobressalto. Teria de retornar ao assunto com meu pai para ficar a par das questões. Não adiantava fugir. Eu sabia que minha vida dali pra frente não seria mais a mesma.

Meu pai havia saído. Busquei por Zacarias e ele me pareceu bem triste.

Perguntei-lhe se eu o teria magoado, quando pedi-lhe para deixar-me só.

Ele respondeu-me que nada tinha a ver com o que eu falara. Mas, tinha a ver comigo, sim.

Eu já tinha sido metralhado por notícias infelizes que mais uma não me faria tanta diferença.

Pedi-lhe que me contasse o que se passava.

_ Leia a carta - disse-me.

Peguei a carta em minhas mãos e não reconheci a letra. Estava endereçada a meus pais. Olhei o remetente. Era a mãe de Amália.

Algo grave acontecera para que a mãe dela escrevesse. E era. Amália sofrera um grave acidente e estava entre a vida e a morte. O trem em que viajava havia descarrilado

e ela ficara entre as ferragens. Os médicos a haviam desenganado. Foi quando me dei conta do que minha mãe havia dito sobre Luzia ter ficado na casa dos avôs.

Minha mãe sabia e não me dissera nada. E eu sabia o porquê, pois toda vez que ela começava a falar em Amália eu a interrompia e pedia que não me falasse nada.

Ela seguiu meu conselho e nada me falou. E eu nem dera tempo para meu pai falar.

Fiquei sentado ao lado de Zacarias e nenhum de nós falou nada. Era triste demais e todo aquele ódio antes sentido por mim em relação a ela se transformou automaticamente em piedade. Eu nunca desejaria mal a ela, eu sentia revolta e mágoa, mas jamais desejaria que lhe acontecesse algo tão avultante.

Permanecemos longo tempo sem palavras. Levantei-me, bati na perna de Zacarias com a palma da mão como que a dizer-lhe:

_ Vamos de nada adianta ficarmos parados.

Ele soergueu o braço e de soslaio tocou o meu como que a me dizer:

_ Já vou. Deixe-me com meus pensamentos.

Sai da sala e notei que já havia anoitecido.

Minha mãe havia acabado de chegar. Indaguei dela porque não havia me contado sobre o que acontecera com Amália. Ela respondeu-me:

_ Nem se quisesse poderia. Você me proibiu de falar nela. Falei o que pude.

Eu não poderia discutir aquilo era a mais pura verdade. Abracei-me a ela e chorei. Ela chorou comigo.

Depois que cessou o choro perguntei se tivera mais notícias.

Respondeu que eram as piores possíveis, não haveria de salvar-se. Perguntei a minha mãe o que me aconselhava.

Eu estava cheio de dúvidas: deveria ir ao encontro dela ou não?

Mamãe respondeu-me faça o que disser seu coração.

Meu coração dizia que sim, mas a razão, essa que move os homens, dizia que não. E dizia não, não por mágoa nem por rancor, mas por insegurança. Eu sabia que não suportaria vê-la em estado tão fatal. Talvez ela quisesse falar comigo, dizer-me da paternidade. Eu estava cheio de dúvidas.

Zacarias era muito comedido, tinha sempre algo de bom a aconselhar. Pedi seu conselho e ele disse-me para não ir. Se ela quisesse mandaria me chamar. Talvez ela nem estivesse em condições de receber-me, de falar. Seria inútil empreender uma viagem. Orientou-me a cuidar de minha filha.

Meu pai retornou para casa muito tarde, naquela noite. Deixei para ver minha filha no dia seguinte, quando eu estaria mais calmo. Não esperei meu pai e dormi.

Na manhã seguinte o céu estava claro. Não havia sequer uma nuvem no céu.

Levantei-me e fui ter com meu pai, antes que ele saísse. Contei-lhe que tomara conhecimento sobre o acontecido e do conselho de minha mãe e de Zacarias. Ele olhou-me profundamente e disse-me:

_ Quando irás crescer meu filho? Por que não toma as rédeas de tua vida?

Fiquei atordoado, sem saber o que pensar. Cada um dizia uma coisa e eu ficava cada vez mais perdido em meus sentimentos. Meu pai apesar de não querer me magoar, continuava duro a meu respeito. Eu sabia que guardava mágoas a meu respeito, eu sabia disto. Ele não me perdoara pela agressão a qual eu o submetera justo por Amália.

Ele me julgava um imbecil.

Perguntei-lhe se havia algo mais a me dizer. Ele inclinou-se por sobre a mesa e falou:

_ Que mais quer que eu lhe diga? Não posso decidir sua vida!

Bastou. Saí da sala e fui para junto de minha mãe que passeava com a neta para distraí-la, enquanto a babá esfriava sua sopa.

Pela primeira vez cheguei a temer por tocar Luzia, era algo extraordinário, aquela sensação. Eu a vira pela primeira vez recém nascida e depois por volta de dois meses. Agora já estava caminhando com suas próprias perninhas. Ela se locomovia de um lado para o outro numa rapidez invejável.

Luzia não se parecia com a irmã. Lembro-me que Josefina era meiga e afetiva. Não era tão estabanaada. Luzia era irrequieta, não parava nunca. Tentei segurá-la ao colo, mas ela logo desceu e pôs-se a correr. Fiquei a olhá-la e não me atrevi a segurá-la novamente. Ela teria de acostumar-se comigo aos poucos. Eu a conhecia, mas ela não tinha a menor idéia de quem fosse eu.

Eu já me acostumara com a idéia de ser o pai de Luzia, pouco importava se era mesmo eu. O que me assustava era ter de enfrentar Graça levando a notícia da incorporação de um bebê à família, para ela desconhecido. Com certeza não iria ser fácil.

Meu pai já dera pistas que eu deveria cuidar de minha filha, caso Amália morresse. Minha mãe apesar de ter condições financeiras para atender Luzia, não fazia questão. Ela era idosa e não poderia arcar com tamanha responsabilidade.

Senti até mesmo nas palavras de Zacarias que o compromisso era meu.

Com certeza, Graça não acharia nada de bom em ter de cuidar de um bebê. Pensei que Clara e Tereza, apesar de seus problemas, pudessem me auxiliar nesta missão.

O dia passou-se tão rápido que mal tive tempo.

Á noite, na hora do jantar meu pai comunicou a mim e Zacarias que recebera notícias do processo que envolvia o marido de Estela.

O delegado havia declarado a inocência de Clara e condenara Leontina por seus crimes. Dr. Pelegrinni havia sido indiciado, mas se encontrava fora do país.

Pensei logo que Leonor estaria apavorada, pois nunca que se pensara que aquela senhora tão bondosa era uma assassina e que o doutor seria seu cúmplice.

Estela já pudera sair do Hospital Geral e voltar para o nosso hospital, para mais tarde ser liberada.

Meu pai trouxera a notícia de que Benito e Pablo já tinham dado alta do Hospital Geral. Leonor estava atarefada, pois Graça pedira licença para viajar, eu me encontrava fora e o filho de Tereza havia adoecido e ela estava afastada.

Dr Mancinni e a esposa estavam auxiliando nos afazeres. Tinham praticamente se mudado para o hospital.

Fiquei tranqüilo, pois até que Graça retornasse já teria arranjado uma solução. Podia acontecer de Amália ficar boa e querer ficar com a filha e assim eu teria ficado preocupado à toa com o rumo de minha vida. Deixaria para pensar nisto mais tarde. Por enquanto estava treinando as primeiras interações com Luzia. Ela era muito bonita, andava na ponta dos pés. Por vezes me pegava comparando-a com Josefina, mas em nada era parecida. Cada criança é um modelo único. Não podia compará-las, eu estaria cometendo o mesmo erro de meu pai que notadamente preferia Zacarias a mim. Eu nunca o vira levantar a voz para Zacarias ou repreendê-lo como fazia comigo.

Um dia quando comentei com Zacarias a preferência de meu pai para com ele, Zacarias, me disse:

_ Nosso pai se sente culpado de ter me entregue para ser criado por outro homem. Depois que descobriu que o mesmo era alcoólatra e que muito jovem fiquei sem pai pela segunda vez. Ele pode até sentir vontade de fazer comigo o que faz com você, mas sua culpa não o deixa. Você viveu anos com ele, ele te criou e isto o deixa a vontade para ser mais ríspido e ter mais intimidade.

Explicou-me também que quando somos unidos como uma família é mais fácil de dizer coisas que possam magoar, pois sabemos mais de perto o que o outro necessita

de ouvir ou fazer para melhorar seu modo de ser. E somos melhores compreendidos e até desculpados pelos excessos.

Percebi que de certo modo Zacarias se sentia meio que fora da família, mesmo que estivesse se inserido nela e todos o tratassem como sendo dela. Minha mãe nunca tinha se importado com a presença dele naquela casa e tratava-o bem.

Do mesmo modo eu era tratado por Leonor. Havia algo mais entre todos. Era o respeito.

Decidi seguir o conselho de Zacarias e não ir ter com Amália. Nenhuma notícia havia chegado nos últimos dias e eu não queria me enfrentar com os familiares dela. Nada eu sabia a respeito do que ela teria dito aos seus e eu não me achava em condições de enfrentá-los.

Com meu pai eu já havia decidido que não mais tocaria neste assunto. Isto era muito ruim para nossa relação.

Luzia ainda não me reconhecia como pai e eu continuava a brincar de gato e rato com ela. Estava tentando uma aproximação sutil.

Perguntei a babá sobre alguns hábitos que Luzia pudesse ter e que me ajudasse na aproximação. Indaguei também se poderia viajar e continuar os cuidados de Luzia , no caso de acontecer de eu ter de levá-la comigo.

A babá ficou de pensar e me dar uma resposta assim que tivesse consultado sua família.

Vi que a babá era muito jovem e isto me fez lembrar a jovem que estudava em minha sala e que eu metera na cabeça ser filha de uma das bailarinas do cabaré de madame Francesca.

Às vezes durante as aulas eu ficava pensando em perguntar-lhe como era o nome de sua mãe , mas não tinha coragem suficiente. Isto deveria ser feito quando Graça por algum motivo não fosse a aula, para evitar constrangimentos. No dia em que eu mencionei o fato, Graça não falou nada, mas notei que não tinha gostado do assunto.

Pensando bem Graça nunca gostava quando eu falava do passado. Talvez ela também tivesse algo no passado dela que a fizesse ficar nervosa. Eu nunca tinha entrado nesta questão, na verdade eu não sabia nada sobre o passado de Graça. Eu sabia que sua mãe tinha sido governanta da casa dos Pelegrinni e que por este motivo o médico tinha-lhe grande afeição.

Dr. Pelegrinni havia sido casado com uma mulher estéril. Ele pensara muitas vezes em adotar alguma criança que era deixada nas rodas dos rejeitados mas sua esposa nunca aceitou tal idéia e ele a respeitou.então quando Graça nasceu passou a ser tratada como uma filha.

A mulher do Dr. Pelegrinni morreu cedo e ele não casou-se novamente Era tudo que eu sabia sobre Graça naquela família.

Numa tarde chegou a notícia que ninguém desejava: Amália havia morrido.

Todos ficamos muito aborrecidos. Minha mãe chorou muito. Zacarias estava desconsolado.

Quando ficamos a sós ele confessou-me que havia desenvolvido um sentimento muito puro em relação à Amália desde o primeiro dia em que a vira, mas respeitando a mim sufocou-o. Confessou-me que após a nossa separação, se nosso pai tivesse considerado seu pedido ele a teria desposado.

Nosso pai não aceitara sua proposta tendo em vista que eu ainda não sabia das mentiras sobre a paternidade de Luzia. Podia que sabendo ficasse mexido e terminasse meu romance com Graça e retornasse para Amália. Ela também havia confessado, que mesmo depois de tanto sofrimento, continuava me amando.

Não fiquei muito surpreso com a novidade.

Eu já havia notado, por parte dele, certo interesse nos assuntos referentes à Amália e o quanto havia ficado triste quando soube da notícia do acidente.

Consolei meu irmão dizendo que haveriam mais “Amálias” no mundo. Isto era uma questão de tempo. Eu me considerava curado da paixão que por ela sentia até bem pouco tempo.

Queria consolá-lo e quase confessei o que havia pensado sobre Teresa a seu respeito. O fato estava consumado Amália já estava em outro mundo e aqui estavam a minha espera Luzia e Graça.

Eu ainda esperava surgir à coragem de enfrentar Graça para assumir a maternidade da pequena. Sabia que não seria fácil. Já havíamos conversado amplamente sobre filhos e Graça não se interessava pelo assunto.

Conversei com minha mãe para que continuasse os cuidados de Luzia até eu resolvê-lo. Deu-me alguns dias. Segundo ela agora que sabíamos da paternidade eu

deveria assumi-la para todo e sempre. Eu também não queria magoar meu pai que por mais irresponsável que ele me julgasse me amava do seu jeito. Eu não haveria de dar-lhe mais motivos. Na verdade, queria que ele me amasse pelo fato de ser seu filho, mas já que as coisas não eram assim, então era melhor seguir as regras.

Empreendi viagem de retorno.

Eu sabia que Graça já estava por retornar de suas férias e eu precisava me apressar para a solução do caso de Luzia.

Leonor já fizera muito em esperar todo aquele tempo que fiquei ausente. Ela estava na porta quando entrei pelo portão e me recebeu com um sorriso, porém apresentava certa amargura, que era possível perceber a olhos vistos.

Abraçamo-nos e entramos pra sua sala. Conversamos sobre a morte de Amália.

Perguntei sobre os pacientes que agora tinham aumentado e os que estavam no hospital já haviam retornado e aguardavam o veredicto do médico para serem dispensados.

Regina e Marisbela já haviam se entendido como mãe e filha. Estavam bem controladas, porém a moça ainda se recusava a dizer de quem seria o filho que esperava. Por mais que tivesse vontade, controlei-me e não comentei o que meu pai e os outros suspeitavam. Não seria por mim que saberiam da paternidade.

Estela aguardava a volta para casa. Não era aconselhável sair antes que o delegado autorizasse já que corria algum risco de morte.

Indaguei sobre o caso e Leonor sugeriu que era melhor eu conversar com o delegado e saber detalhes por eu mesmo.

Leonor era mesmo assim. Ela não gostava de se intrometer em assuntos que não lhe diziam respeito, por isto nem pensei na surpresa que me aguardava.

Tereza e Clara estavam aflitas por minha chegada. Queriam conversar sobre as suas estadas na casa. Estavam confusas quanto ao retorno de Graça. Iniciaram uma conversa que para mim nada tinha a ver. Sugeriram que Graça não mais retornaria ao nosso convívio.

Comecei a ficar confuso sobre o que falavam e estava muito cansado para entrar em detalhes. Resolvi cortar o assunto e deitar-me para descansar.

Fiquei por muito tempo deitado sem poder dormir. Havia alguma coisa estranha em toda aquela perturbação apontada pelas duas mulheres. Tudo que eu sabia a respeito de Graça era muito pouco para tirar conclusões. Será que ela tivera algum envolvimento no atentado contra Benito e Estela?

Pensando um pouco mais lembrei o seu envolvimento com Dr. Pelegrinni e se eles fossem cúmplices? Nunca passara tão horrível pensamento por minha cabeça. Talvez amantes? Eu estaria cego? Não teria desconfiado das vezes que ela teria passado até altas horas ajudando-o? Dele eu não podia esperar muito, pois meu pai já me dera pistas de que o doutor não era boa pessoa, mas Graça? Ela parecia tão de confiança. Tão comedida.

No dia seguinte resolvi antes de tudo verificar com o delegado qual a verdade a respeito dos fatos ocorridos durante a minha viagem. O que poderia ter acontecido a Graça? Se ela estava ou não envolvida no caso?

O delegado não mediu palavras e o que descobrira deixou-me estupefato. Graça não era amante do Dr. Pelegrinni, mas filha. E para piorar a situação apontou-me que a mesma era filha de Leontina.

Leontina era governanta na casa de Dr. Pelegrinni e mantinha um caso com ele às escondidas. Leontina incitada por Dr. Pelegrinni mantinha um caso conjugal com o marido da mãe de Estela.

Quando a mulher do Dr. Pelegrinni morreu de tristeza eles planejaram de comum acordo o casamento de Estela com o filho do amante já com o intuito de segurar toda a herança para eles.

Dr. Pelegrinni sugeriu a Leontina que mantivesse em segredo sua legitimidade de pai e fizesse com que o marido da mãe de Estela acreditasse ser o verdadeiro genitor.

Leontina mantinha o amante através de chantagens periódicas.

Quando o amante começou a desconfiar de que não era o verdadeiro pai passou a importunar não pagando mais os subornos cobrados. Dr. Pelegrinni e ela sumiram com ele.

Durante os depoimentos ela confessou que Dr. Pelegrinni a título de fazer-lhe um tratamento, introduziu um comprimido de veneno mortal entre as pílulas que deveriam ser ingeridas pelo mesmo. Leontina encarregou-se de mantê-lo sob vigília. Após a morte, ela mesma com a ajuda de Dr. Pelegrinni, levaram-no até próximo às

margens do rio e lá o dissecaram e jogaram as vísceras na água e as outras partes do outro lado do rio onde seriam devoradas por animais ali existentes e o distante suficiente para não ter problemas . O corpo automaticamente não emergiria.

O doutor Pelegrini tinha influência sobre a maioria da população, pois era considerado o melhor médico das redondezas e de alguns pacientes nada cobrava por seus serviços. Pessoa humanitária.

O marido de Estela, filho da vítima, estava alheio a tudo. Procurou por um tempo pelo pai e depois deixou o caso com a polícia que nada na época suspeitou ou investigou.

Como o amante nada tinha de seu para compartilhar já que a mãe de Estela era quem detinha o patrimônio, então, era necessário ver-se livre de Estela. Combinados, incitavam Adalberto para interditá-la internando-a como louca no hospital.

De início, não foi fácil convencê-lo, porém com tantas artimanhas armadas por Leontina ele passou a acreditar piamente que a esposa estivesse deveras doente e acabou aceitando. Enquanto Estela se encontrava no hospital Leontina que continuava cuidando da casa articulava toda a rede de informações.

Não me contive e indaguei qual o papel de Graça, neste episódio?

O delegado continuou sua história. Com o passar dos meses Graça foi se afeiçoando ao meio irmão e ele começou a cortejá-la.

Envolvida pelo rapaz teve um papel importante para manter Estela sob cuidados específicos. Continuava administrando-lhe os medicamentos que a deixavam em estado

de amortecimento, dando a impressão de que estava constantemente tendo crises de vertigem e assim se mantinha presa ao hospital esperando a melhora que nunca vinha.

Graça tinha interesse não só material como sentimental. Tornou-se amante do meio irmão.

Leontina não aceitava essa relação, mesmo sabendo que não havia entre eles qualquer parentesco. Ela não suportava ver que Graça ficaria perdida caso fosse possível Estela ser considerada curada pelo médico que substituiria Dr. Pelegrinni.

Então Dr. Pelegrinni e Leonina articularam um plano: matar Estela.

A morte deveria ser acidental e não poderia ocorrer dentro do hospital.

Promoveriam a fuga do hospital e usariam Graça para facilitar.

Graça suspenderia a administração dos medicamentos que com o passar do tempo causaria confusão mental, pois a mesma já estaria viciada e não suportaria a suspensão tão rápida. Enquanto a suspensão era efetuada Leontina fazia visitas a Estela e colocaria a mesma em desacordo com o marido, transmitindo a ela a idéia de que Adalberto a estava traindo com várias mulheres.

Ela sabia que Estela tinha gênio forte e não deixaria isto por menos.

A retirada de Dr. Pelegrinni antes do esperado causou um pequeno transtorno que foi solucionado mais tarde quando o marido de Estela se aproximou de Clara e iniciou um namoro.

Neste momento dei-me conta da implicância de Tereza com o namoro de Clara com o tal rapaz. Graça e Tereza tinham alguns segredos e tomando ao pé da letra, elas

estavam sabendo que aquele romance não daria em nada. Com ciúmes Graça não só colocou as colegas em atrito, mas como uma vingança aceitou a minha corte até montar casa comigo.

Agora eu estava entendendo que Graça não era aquela mulher certinha que eu havia conhecido e se mantivera como tal até ali.

Tereza, também, não era tão boazinha como queria parecer e Clara era ingênua. Compreendi também porque Graça estava sempre querendo que Clara nos acompanhasse a todos os eventos, inclusive na escola. Ela tinha receio que o amante a deixasse por Clara.

Pelas evidências do delegado Graça estava em lugar ignorado até o presente momento. Havia indícios que a incriminavam. Era suspeita. Estava sendo chamada a prestar depoimento.

_ Talvez tenha se assustado pelo fato de estar envolvida no caso. – disse-me o delegado.

Pressenti que ele queria me deixar tranqüilo. Eu não tinha tanta certeza assim.

Perguntei a ele porque Leontina tinha sido proibida de visitar Estela no hospital geral?

Ele respondeu-me que por duas vezes Leontina tinha tentado sufocar Estela. Como não conseguira então passou a usar Graça como sua fiel escudeira.

Lembrei-me da noite em que a mulher procurara por Graça. A mulher era Leontina. Lembrei-me que Graça havia pedido dispensa do serviço no outro dia. As duas haviam se encontrado para arquitetarem seus planos.

_ Ela estava mesmo disposta a matá-la. – disse-me sem rodeios.

Quanto à morte do marido de Estela ficou muito claro que ambos estavam no casebre quando Leontina apareceu de arma em punho e alvejou Estela. O marido colocou-se a frente e foi alvejado também. Lembrei-me que Zacarias contara da preocupação dela procurando pelo campo. Zacarias tinha achado aquela atitude muito estranha.

Fiquei conjecturando: Ela queria que o salvassem? Ou queria ter certeza de sua morte?

Lembrei-me também da preocupação que ela havia denotado a respeito do estado de Estela, sobre sua possível sobrevivência. Parecia mais um desespero. Seria pela vida ou pela morte?

Os fatos que o delegado apresentava sugeriam que seria mais apropriada a morte de Estela. Leontina a desejava.

Eu não conseguia acreditar que Graça era cúmplice de tudo isto.

O delegado informou-me que havia enviado uma diligência para captar informações sobre o paradeiro de Dr. Pelegrinni e de Graça.

Segundo ele Graça seria a terceira pessoa na linha da herança. Ou seja, tudo seria passado a ela após a morte de Estela.

Se o marido de Estela permanecesse vivo e ela não tendo filhos seria fácil a transição da herança. Era só casar-se com ele. Entendi o porquê dela nunca ter se referido ao casamento, mesmo quando decidimos ficar juntos. Eu considerava que toda a moça sonhava com um casamento e ter filhos o que não parecia ser importante para Graça, porém o que mais admirei nela foi este desprendimento. Agora entendia que este desprendimento era meramente falso. Mais cedo ou mais tarde ela me deixaria de qualquer forma.

Segurei as lágrimas e continuei ouvindo a história.

O delegado continuava contando Adalberto fora encontrado atravessado na sela do cavalo. Alguém o colocou naquele animal? Esta era a pergunta que se fazia o delegado.

Leontina não teria forças suficientes para colocá-lo. Alguém a teria ajudado. Isto ainda estava por ser revelado.

Perguntei sobre o caso de Benito e ele respondeu-me que tudo na sua hora seria esclarecido.

Voltei para casa com minha cabeça doendo. Tereza parecia incomodada. Clara estava para a escola. Eu já havia abandonado o curso.

Não comentei nada do que sabia para Tereza. Não queria me indispor.

Os dias transcorreram sem notícias de Graça.

Leonor estava apreensiva com todos os acontecimentos.

Contou-me que Joseph havia recebido a visita da pessoa que ele indicara como sua esposa.

Regina e Marisbela já se entendiam e iam dar alta.

Confessei a Leonor que não estava com serenidade suficiente para trabalhar. Contei-lhe o que ocorrera com Amália e o caso de minha filha Luzia. Ela deu-me razão, pois minha situação não era confortável. E, ainda mais o caso de Graça.

Leonor entregou-me algumas correspondências que haviam chegado durante minha ausência. Virgílio me comunicava que seu casamento já frutificara. Nascera um menino o qual dera o nome de Francisco, segundo ele em minha homenagem. Dizia que Eduardo "vodgole" fazia grande sucesso e estranhara a minha ausência na sua apresentação no teatro. Porém, não me procurara por estarem às voltas com outras apresentações que lhe tomavam todo o tempo.

Havia uma carta de minha mãe com data atrasada.

Benvenuto também escrevera. Já havia um longo tempo que ele não enviava notícias. Contava muitas novidades e solicitava que eu lhe enviasse os manuscritos com a história de José Henrico. Disse-me, na carta, que encontrara alguém que conhecera um sujeito que tinha uma história parecida com a que escrevemos juntos.

Achei muito comovente que Benvenuto ainda se lembrasse de mim e mantivesse o apreço que demonstrava em suas simples palavras. Lembrei-me que a bem pouco era analfabeto.

Meus amigos se mantinham fiéis. Eu era um pouco desleixado. Fiquei lembrando que quando cheguei ao hospital fui confundido com "um anjo do senhor"

por Benvenuto, que na época era tratado por José Henrico. Desde aquele momento até então não tinha tido a sorte de um verdadeiro anjo. Estava mais para alguém que precisava de um. O meu anjo de guarda e eu andávamos um tanto afastados. Era o que eu deduzira.

Pois bem, mais tarde, ficamos sabendo da verdadeira identidade dele. Pelas mãos Zacarias tudo ficou esclarecido, aliás, menos a história contada por ele.

Minha vida tomara um rumo totalmente diferente do que eu planejava. Quando resolvi formar família com Graça pensei que pudesse planejar um futuro com filhos e tudo o mais que um casal pudesse esperar de uma relação duradoura. Porém, Graça me enganara o tempo todo se passando por boa moça e agora eu estava ali tentando reaver os pedaços deixados por ela e por Amália.

Amália apesar de sua mentira sobre Luzia tinha sido muito mais fiel do que Graça. Esta última já me causava mais que ira. Eu a estava odiando, naquele momento. Eu já odiara a Amália, hoje a compreendia.

Sabia que não sentia um grande amor por Graça, mas a respeitava e queria bem.

Minha filha estava ainda com a avó à espera de um pai que ainda não tinha como cuidá-la. Na hora em que mais precisei de Graça ela não estava para me auxiliar.

Leonor tinha recaído da doença que a acometera e não tinha condições de ficar o tempo todo sendo incomodada por coisas que não lhe diziam respeito.

Apesar de Clara andar assustada com tudo que havia acontecido resolvi pedir a ela uma sugestão. Ela disse-me que se não estudasse poderia auxiliar-me, mas não

queria deixar o curso, aonde ia tão bem. Sugeriu-me uma colega de sala que tinha o hábito de cuidar de crianças.

Lembrei-me que a moça era aquela que eu desconfiava ser filha da mulher do cabaré de madame Francesca. Pedi para que falasse com ela.

Suzana era o nome dela. Contou-me que cuidava de crianças para manter seus estudos já que não podia contar com a família. Sua mãe morrera quando ainda era muito jovem. Ela não tivera a oportunidade de conhecer seu pai.

Neste encontro não me admiti a fazer qualquer pergunta sobre sua mãe. Haveria, certamente, próximas oportunidades.

Contratei a moça e juntos iríamos buscar Luzia , assim que Leonor melhorasse.

Leonor não me parecia bem. Estava cada vez mais abatida. Procurei Dr. Mancini que não me deu muitas explicações sobre o que agravava a saúde de Leonor.

O hospital estava cada vez mais cheio de pacientes.

Marisbela e sua filha deram alta e não se ficou sabendo quem de verdade era o pai do filho de Regina, pois a moça recusava -se a falar. O marido de Marisbela assinou um termo de compromisso com o hospital se inteirando de que a mesmas não sofriam de mal algum.

Mais tarde, ficamos sabendo que o marido havia se desfeito de grande parte dos bens da família aproveitando-se do diagnóstico expedido por Dr. Pelegrinni e que parte deste patrimônio caíra exatamente nas mãos do doutor..

Eurico de vez em quando aparecia para uma reunião ou outra. E pude me aconselhar com ele sobre o que acontecia comigo. Ele muito paciente explicou-me sobre o carma. Disse-me que talvez eu precisasse confiar mais em mim mesmo.

Dias depois encontrei a ex-esposa de Joseph, quando a mesma veio fazer-lhe uma visita e qual não foi a surpresa: - era Lucinda .

Durante uma breve conversa perguntei-lhe se tinha interesse em retornar ao convívio com Joseph. Respondeu-me que não, pois estava muito bem casada com Jacó e, inclusive ele a estava acompanhando naquelas visitas e ficava sentado em um dos bancos da praça que circundava a rua frontal a fim de não atrapalhar o tratamento. Contou-me que Dr Mancinni a havia convocado para as reuniões com Joseph. A esposa do doutor que era assistente dele acompanharia as tais reuniões como mediadora.

Lucinda lembrou-se de Graça e indagou-me sobre ela. Disse-lhe que estava de férias. Pedi licença e me retirei.

Encontrei-me no corredor com Giorgio que vinha assoviando. Eu já sabia que ele e Isabele haviam começado namorar e Leonor estava a par e consentia, pois formavam um bonito casal e além do mais Dr.Mancinni havia dado o seu aval.

Mais tarde quando me encontrei com doutor Mancinni ele mesmo comentou sobre a grande melhora dos dois.

Indaguei dele porque a mulher de Joseph se chamava Lucinda e na ficha médica estava como Marie . era simples ela se chamava Marie Lucinda.

Encontrei-me mais tarde com Joseph que veio a meu encontro sorrindo.Estava realmente feliz.

_ Não vais me indagar porque estou alegre? –disse-me , em tom de brincadeira.

Eu deduzira que ele estava assim por ter tido contato com Lucinda e ainda guardava esperanças dela voltar para ele. Fiquei um pouco constrangido , mas levando em consideração que era ele mesmo quem me interpelava resolvi fazer o jogo dele.

_ Ah, sim . Já ia perguntar-lhe: - porque estás tão alegre – disse-lhe.

_ Amanhã retornarei ao convívio familiar .

Levei um susto , pois acabara de saber que Lucinda não queria saber dele, embora ela tivesse enumerado muitas qualidades a sua pessoa . Ela não o amava e isto era suficiente.

_ Vais dar alta ? _ indaguei.

_ Sim. O doutor disse que já estou bom e posso perfeitamente reconstruir minha vida com outra pessoa . A propósito foi o que aconteceu com o senhor. Lembro-me de nossa conversa.

_ Ótimo . Desejo-lhe muito boa sorte – disse-lhe.

- Posso lhe dar um abraço? - perguntou-me.

E nos abraçamos fortemente. Eu me alegrava por ele. Ainda bem que se recuperara e eu no fundo de minha alma desejava que ele fosse mais feliz do que eu.

Como Leonor não melhorava solicitei a minha mãe que trouxesse Luzia para morar comigo e assim ela também ficaria para passar algumas informações a babá.

Passados alguns dias chegaram minha mãe, Zacarias e Luzia.

A alegria tomou conta da casa . Teresa e Clara ficaram comovidas com a beleza da menininha.

Era uma criança maravilhosa. Falava pelos cotovelos e já me chamava de papai.

Para mim isso era o máximo.

Suzane recebeu a menina que logo se afeiçãoou a ela.

Como não poderia deixar de acontecer minha mãe trazia uma notícia não muito boa por isto estava acompanhada de Zacarias.

A família de Amália solicitava a guarda da menina. Alegavam ser ela a única lembrança deixada pela filha.

_ Eu quase não acreditei no que falaram . Nunca tiveram preocupação conosco , nunca nos visitaram e agora queriam tirar de mim a minha filha? Era inacreditável.

Conversamos bastante sobre o assunto e apesar da minha indignação eu acreditava que eles também tinham suas razões. Cheguei a concordar que estaria melhor com eles do que comigo , pois eram uma família completa enquanto eu

Contei a minha mãe que Graça não era a pessoa que eu imaginara e estava desaparecida. Com certeza, não voltaria para continuarmos nossa relação e diante de tantas coisas que aconteciam eu não tinha certeza se ainda estava viva. Diante do quadro pintado pelo delegado ela pertencia a uma quadrilha.

Zacarias já tinha dado pistas para minha mãe sobre o acontecido, a fim de evitar surpresas.

Assim que no momento eu estava desamparado.

Minha mãe quis visitar Leonor e pedi-lhe que não mencionasse o que tinha comentado por ela estar doente.

Elas ficaram longo tempo conversando. Elas tinham uma amizade muito boa.

Eu e Zacarias conversamos bastante e fomos ainda conversar com o delegado para saber do andamento do processo.

Soubemos que Dr. Pelgrinni tinha saído do país e provavelmente Graça teria ido com ele. Leontina continuava desaparecida.

Um funcionário da fazenda de Estela fora preso pois fora ele quem atropelara Benito e auxiliara Leontina no episódio do descarte do corpo de Adalberto.

O delgado continuava as investigações.

Zacarias deu-se por satisfeito. Eu só o acompanhava.

Comentei com Zacarias a carta que Benvenuto havia me enviado. Ele ficou muito contente e considerou que Benvenuto era uma pessoa muito simples e boa.

_ Uma pena que more tão longe. - disse-me num tom emocionado.

_ Acho que estou ficando velho _disse-me _agora dei de ficar comovido.

Comentei que não era para menos eu sempre me comovia quando me lembrava de Benvenuto e tudo que ele passara.

Benvenuto tinha passado a ser um irmão para nós embora não fosse da família.

Falei sobre Leonor, afinal, ela era mãe dele . Eu estava preocupado com o estado dela. Indaguei se papai estava sabendo que ela estava adoentada.

Parecia que não. Pelo menos Zacarias não sabia de nada.

Pedi-lhe que promettesse não comentar nada com Leonor.

Uma noite, levamos mamãe para conhecer a cidade e resolvemos ir a um restaurante que freqüentávamos.

Quando já estávamos de saída encontramos Lucinda e Jacó, meu amigo de Paris. Convidaram-nos para celebrar com eles o desenlace do episódio com Joseph. Eu me senti constrangido. Como eu poderia festejar algo que não me agradava nenhum pouco. Eu não gostaria que Graça estivesse comemorando o afastamento de mim pelo motivo que fosse. Seria uma traição para com Joseph? Afinal eu não sabia se ele tinha mesmo aceito aquela separação ou se passava por um momento que mais tarde viesse a se arrepender.

Inventei uma desculpa e me afastei com meus pares.

Claro que para o casal era um momento feliz, mas seria para Joseph?

Eu sabia que o que ele mais queria era ser feliz e considerava que esta hora estava chegando. Preocupava-me porque ele se inspirara no que havia acontecido comigo. Mal sabia ele que eu tinha sido abandonado pela segunda vez. Eu sinceramente desejava que a felicidade batesse a sua porta.

Sua situação levou-me mais uma vez a fazer minha reflexão e remexer no meu baú interior.

O que mais doía não era o amor que sentia por Graça, isto não era verdadeiro e nesse quesito nos igualávamos o que doía era sentir-me traído.

Eu tinha uma grande afeição por ela, mas não a amava. Desta vez eu me isentava de culpa, tinha deixado de fazer muitas coisas para não magoá-la. Eu sabia que ela não apreciava poesias. Então, não mais as escrevi. Minha veia artística foi dissecada bem como secara a fonte de prazeres que tanto me incentivaram no passado. Eu tinha construído uma nova vida. Tinha minha filha comigo e eu já não sabia por quanto tempo. Também tinha noção da grande responsabilidade que era cuidar de uma criança.

Sei que podia contar com o auxílio de Clara e Tereza , mas não sabia por quanto tempo.

O filho de Tereza estava por chegar. Já estava ficando moço e Tereza tinha comentado que talvez se mudasse a fim de dar-lhe assistência mais de perto. O que considerei bastante razoável. Como não conversávamos muito não sabia das condições econômicas dela. O que sabia era o que havia me contado sobre a doença do marido e de mais nada.

O medo que ela tinha de que o filho tivesse herdado a doença do pai já havia sido dirimido. Após os exames feitos ficou comprovado que o menino nada tinha.

Descobri, mais tarde, que todas aquelas preocupações que eu tivera a respeito dela , quando se encontrava parecendo irritada e que eu julguei inclusive que estivesse interessada por Zacarias , nada tinha a ver. Ela estava esperando os resultados dos exames médicos do filho e, então, demonstrava-se insegura, o que a deixava apreensiva e nervosa. Como ela não se desligava do problema e também não fazia comentários parecia estar sempre de mau humor.

Quanto a alegria que sentia cada vez que Zacarias aparecia era normal , pois era ele quem lhe trazia notícias boas a respeito dos exames e nada mais gratificante para uma mãe do que encontrar alguém que lhe auxilie com seu filho.

Clara já estava calma e não mais chorava pelos cantos. Tudo estava voltando ao normal naquela casa . Só faltava Graça.

Acredito que o Universo conspirou para que Graça tivesse se afastado por um tempo a fim de que Luzia pudesse vir morar comigo sem causar nenhuma ruptura no nosso relacionamento, e, mais tarde, isto viesse a me causar um problema de consciência.

Se Graça continuasse ali, eu não poderia estar com minha filha e muito menos considerar de adotar como babá de Luzia, a moça que lhe causava tanta desconfiança, só pelo fato de ter alguma identificação com meu passado nebuloso. Ela odiava quando eu falava a respeito de minha vida na França e já demonstrara sua indiferença às crianças.

O que importava agora era que eu estava adorando a idéia de estar com minha filha. Além do mais eu tinha conseguido que Suzane viesse morar conosco. Clara e ela iam para a escola no mesmo horário e tudo tinha se acomodado melhor do que eu esperava.

Luzia parecia ter gostado de tudo. Eu estava tão feliz e queria aproveitar o tempo que ela estava ali presente.

As lembranças de minha filha, Josefina, ainda pairavam em meus pensamentos e eu só desejava que ela estivesse bem. Andava tão ocupado e apreensivo que não mais sonhara com ela.

Em uma das conversas que tivemos, eu, mamãe e Zacarias, ficou acertado que não se daria resposta alguma sobre o acolhimento de Luzia pela família de Amália. Deixaríamos que as coisas acontecessem de maneira natural.

Os dias se passavam chegou uma carta de Benvenuto onde relatava que por coincidência as terras onde eles se alojaram pertencera a uma família que se assemelhava com a história contada pelo nosso personagem, porém não havia como saber mais detalhes, pois o hospital onde o médico trabalhara sofrera um incêndio e todos os documentos estavam perdidos.

Segundo alguns o médico havia enlouquecido e a mulher dele morrerá. Assim que não se podia ter certeza absoluta se a história era verdadeira ou não. No que se sabia, no entanto, era muito parecida.

Mostrei a carta para Zacarias e ele achou muito interessante, porém não acreditava no que não podia tocar, segundo ele.

Conversamos sobre Leonor, ela fora afastada do hospital por ordens de Dr. Mancinni. Zacarias teria de encontrar alguém para cuidá-la enquanto estivesse convalescente.

Havia algo que me incomodava. Este algo era meu pai.

Eu nunca tivera coragem para perguntar que espécie de coisas ele fazia. Eu sempre soubera que ele mantinha um segredo que eu por mim mesmo chegara à conclusão que a irmandade a que ele pertencesse fosse uma legião de mafiosos perversos e sanguinários, pelos quais eu não nutria nenhum tipo de interesse.

Porém, eu não entendia como uma pessoa podia pertencer a um grupo tão mal recomendado e ao mesmo tempo ser tão dedicada aos outros como meu pai tinha demonstrado nos casos de Leonor, Amália e tantas outras pessoas que eu o vi auxiliar e até mesmo no caso do hospital. Comecei a pensar mais ainda sobre o assunto logo depois que soube que Dr Pelegrinni fora afastado por não manter uma conduta ética de acordo com as normas da Irmandade. Pelo que eu sabia da máfia a ética não era levada em tanta conta. A traição, sim não era perdoada entre eles, mas quanto às benesses que adquirissem não estavam preocupados com a procedência.

Na eminência de assumir o posto de Leonor eu estava apreensivo.

Agora que tudo estava mais calmo resolvi abrir o jogo para esclarecer com mamãe e Zacarias sobre este assunto. Eu queria conhecer mais minha família e um pouco mais sobre meu pai.

Foi então que minha mãe contou-me que quando conheceu meu pai também pensara que ele pertencia a uma dessas irmandades secretas como a máfia.

Ele era e continua sendo um senhor elegantemente vestido ostentando ar de superioridade, e isto leva-nos a acreditarmos que ele esconda algo muito estranho.

Porém, ele não pertence à máfia, nem nunca se envolveu com nada que pudesse sugerir tal interesse. Meu pai e outros membros da família pertencem a outra legião secreta que somente trabalha para o bem comunitário. É uma espécie de doutrina filosófica secreta, onde as mulheres não têm acesso e não se sabe absolutamente nada a seu respeito a menos que se faça parte dela. Zacarias sabia disto, porém não podia quebrar seu sigilo. Mas pode me assegurar com certeza que sempre estivera certo da severidade com que eram tratados os membros do conjunto, porém incorreto no termo.

Eu estava surpreso e contente. Meu pai não era um mafioso como sempre pensara. Eu começava a entender que o julgara muito mal e o olhava sempre com grande receio e até com certo medo o que me impedira por tanto tempo de apreciar as qualidades de sua personalidade e caráter. Todas aquelas coisas que eu vira e ouvira de meu pai passavam a ter outra significação. De repente eu passei a pensar do tempo que eu deixei de verdadeiramente amá-lo e talvez ser amado por ele.

Passei por vários dias a pensar que meu pai era verdadeiramente uma grande pessoa e nas mais variadas vezes em que me senti menosprezado e rudemente ameaçado por ele era exatamente o momento em que meu pai me chamava atenção para a realidade e ao entendimento da minha condição de homem. Da maneira dele; ele me dizia: _ sou seu pai, quero o seu bem. O fato que eu estava sempre na defensiva e não me deixava impregnar de seus ensinamentos.

Comecei a pensar que Zacarias também não me ajudara muito neste quesito, mas dei-me conta que não havia falado sobre este assunto com ele. Foi necessário o afastamento de Leonor para que eu pudesse falar sobre este assunto que tanto me assombrava por anos a fio fazendo de meu pai um homem um tanto quanto monstruoso, aquilo só existia em minha cabeça.

Fiquei pensando que agora era muito tarde para arrepender-me de não ter perguntado mais, nem tentado entender o lado sombrio que me afastava de meu pai. Dei-me conta de que não havia crescido. Ainda continuava aquele menino de onze anos que fora estudar em Paris.

Lembro-me, que como na história de José Henrico, ele também considerou um infortúnio ter sido afastado de sua mãe. O que eu e ele considerávamos um afastamento

por desamor era, no entanto, pelo contrário; era um amor tão verdadeiro que eles preferiram nos afastar para nos tornar homens de verdade, seres com fibra e hombridade suficiente para que em nossa juventude tomássemos atitudes diferentes das que haviam tomado quando jovens. No fundo eles próprios não se perdoavam de algo do passado.

Tanto meu pai como de José Henrico tinham questões familiares não tão bem resolvidas e talvez eles quisessem nos afastar para que não sofrêssemos as conseqüências.

O universo conspira e nos põe no lugar certo na hora certa e os indesejáveis segredos vem à tona. Não saímos ilesos de nenhuma batalha.

Continuava pensando se já era tarde para tomar uma atitude verdadeira de filho até que lembrei uma frase que ouvi alguém dizer ou sonhei, o fato é que ela me veio à mente com uma força terrível: “Na natureza nunca nada se faz tarde, por pior que seja a estiagem, a chuva sempre volta para reviver e reverdejar os campos”, e isto era certo. Nunca é tarde demais desde que nos mantenhamos vivos e conscientes. Na nossa vida os momentos vão e vem, as ocasiões se renovam e devemos aproveitar o momento que se oportuniza mesmo que ele não se apresente com o mesmo propósito. Está em nós decifrá-lo.

Minha mãe retornou a Palermo. Zacarias continuava cuidando de Leonor que a cada dia ficava mais triste.

Zacarias sabia que a doença de sua mãe era fatal, então resolveu tirar umas férias e permanecer com ela enquanto fosse possível.

Os dias se passavam e Luzia sempre muito disposta. Suzane recebeu uma carta de Madame Francesca.

Após lê-la pediu para que falássemos em particular.

Fomos até a varanda e ela contou-me sem devaneios que viera para a Itália a fim de procurar o seu verdadeiro pai. Ela tinha uma noção mais ou menos de quem era ele, mas não tinha tanta certeza.

Enquanto ela falava meus pensamentos iam e vinham numa velocidade incrível. Estava ali presente uma parte de minha vida que eu não contara para Amália e muito menos para Graça. Quando da minha juventude e muito antes de conhecer Amália eu me envolvera seriamente com a mulher que eu julgava ter sido a mãe de Suzane. Eu não queria interrompê-la. Comecei a suar frio e a tremer. Eu já esperava o que ela ia me dizer, mas não tinha coragem para perguntar-lhe.

Enquanto ela relatava todas as aventuras que tivera que empreitar a procura de seu pai verdadeiro levou-me a crer que eu era o pai dela.

Minha angústia se revelava. Por várias vezes ela perguntou se me sentia bem. Eu respondia que sim, que ela podia continuar sua história. A certa altura ela levantou-se da cadeira e distendeu a carta para que eu a lesse. Naquela carta estava a revelação máxima de tudo que eu esperava. Eu era o pai daquela menina linda, meiga e muito prestativa. Era segura de si e mantinha os pés no chão.

Comecei a ler a carta de madame Francesca, sem o menor rodeio ela falava sobre o pai de Suzane. Ela o descrevia tão bem que era palpável a sua figura. Uma pena não era eu o seu pai.

Suzane já sabia. Tinha apenas solicitado a confirmação para madame Francesca. O pai era Zacarias.

Quem diria Zacarias era o pai de Suzane. Eu considerava que ele nem se interessasse muito por mulheres, apesar de ter me confessado algum sentimento por Amália. Sentimento este que nem levei em consideração, uma vez, que já estávamos separados e eu julgara que se tratasse de piedade.

Quem diria que Zacarias tivesse uma filha e nem soubesse de sua existência.

Depois de passado o susto, cálculos foram feitos para termos certeza de que madame não tivesse se enganado.

Não tinha se enganado. Ela era de fato filha de Zacarias. A carta de sua mãe, que fora entregue juntamente com a de madame Francesca, confirmava isto.

Suzane pretendia que eu a auxiliasse a contar sobre sua paternidade. A moça sentia-se envergonhada e apreensiva. Mesmo de posse da carta ela ficava nervosa.

Conversei com ela a respeito de Zacarias. Pelo que conhecia de meu irmão, a menos que houvesse algo que não pudesse ser explicado, ele ficaria agradado de saber de sua existência.

Alertei-a de que ele devia chegar dentro de pouco tempo. Ele continuava na cidade e muito preocupado com a saúde de Leonor.

Assim que Zacarias chegou conseguimos que Teresa cuidasse de Luzia. Convidei Suzane para irmos até a varanda, aquela era a hora de conversarmos com ele.

Zacarias nos ouviu atentamente sem esboçar nenhuma reação. Era como se ouvisse a história de outra pessoa e não a que lhe envolvia diretamente.

Suzane tremia e chorava enquanto ele se mantinha sereno. Ao término de todo o meu relato ele virou-se para ela e disse que já sabia de tudo.

Quando indaguei que porque nunca tinha falado do assunto ele limitou-se a dizer que nunca tivera certeza da paternidade.

Suzane se mantinha chorando o tempo todo e depois confessou que estava com medo de que mesmo através dos documentos ele ainda permanecesse com dúvidas a respeito.

Zacarias virou - se para Suzane e declarou que sabia que era pai, mas não tinha a certeza que era daquela moça tão linda.

Em tom de brincadeira salientou:

_ Assim dá gosto de ser pai.

E abraçaram-se e foi a primeira vez que vi lágrimas nos olhos de meu irmão.

Quando indaguei dele porque nunca tinha assumido a paternidade, ele contou-me que na época tivera sérias dúvidas a respeito do assunto, mas nunca deixou de ampará-las até que a mulher tivera outro romance e fugira levando a criança com ela.

Lembrei-me mesmo desta história que corria no bordel.

Leonor ficou sabendo da existência da neta e a notícia lhe agradou bastante.

Eu estava ficando preocupado, pois com esta descoberta perderia a babá de Luzia.

Ficamos acertados que por enquanto Suzane continuaria cuidando dela para mim. Afinal eram primas. Talvez fosse por isto que Luzia se afeiçoasse tão bem aos tratos de Suzane.

No primeiro dia de trabalho na reunião espiritualista do hospital daquele ano Eurico estava presente. Conversamos muito após a sessão. Eu estava feliz que a família havia se encontrado com um novo membro e ele porque sua esposa estava à espera de uma nova vida. Um bebê estava a caminho.

Contou-me que tivera um sonho com seu irmão Thomás e que o mesmo havia lhe preconizado o seu renascimento entre os familiares. Enfim, Eurico poderia resgatar sua dívida com o irmão. Eurico ainda pensava naquele acidente.

Soubemos que Marisbela era avó de uma bela menina e ambas haviam se acertado. Embora a mãe não fosse dotada de boa forma física a menina tinha nascido muito bem.

O marido de Marisbela a havia abandonado, mas ela não tinha se abalado quanto a isso.

Recebi uma carta de Benvenuto contando que se casaria dentro em breve com uma moça brasileira e de muito boa família. Fazia questão que eu e Zacarias participássemos da cerimônia.

Tereza veio falar comigo sobre sua decisão de ir morar com o filho. O rapaz estava por terminar os estudos e arranjava um emprego. Ela gostaria de estar mais atenta as atitudes do filho. Também ela recebera uma boa proposta de emprego.

Comentei que ela estava mais do que certa em aceitar.

Clara já arranjava outro namorado e se formava no curso que tinha escolhido.

Eu estava temporariamente dirigindo o hospital, mas já havia pensado que meu lugar não era aquele.

Leonor faleceu e Zacarias ficou muito comovido.

Meu pai veio para o enterro e aproveitou para ver o andamento do hospital e conhecer anova neta.

Conversei sobre a minha decisão de não continuar no posto que foi de Leonor e ele entendeu.

Depois de pensar resolveu que Clara seria um nome a indicar.

Clara relutou em aceitar, mas diante do quadro e das propostas apresentadas ela acabou se rendendo.

Ao retornar para Palermo meu pai deixou claro que suas netas estariam melhor na sua companhia, então, decidimos juntos que voltaríamos em breve a morar por lá.

Eu não queria depender de meu pai então ficou acertado que eu moraria em Monreale, na casa onde Amália havia morado.

Como Zacarias viajava muito Suzane continuaria em nossa companhia. Eu contrataria uma nova babá para Luzia.

Dois meses depois rumávamos a Palermo.

Na viagem conheci uma jovem que se chama Amália. Não tão linda como a primeira , mas me apaixonei novamente, mas espero que de agora em diante seja infinito.

Em nossa lua de mel iremos para Paris. Desejo assistir as peças de ” Vodgole”, rever Virgílio e tantos outros amigos deixados por lá .

Espero que de agora em diante sejamos de fato felizes e eu maduro o suficiente para enfrentarmos o que nos reserva a vida.

Graça, quem é? Já é passado que não retorna e se retornar não mais terá importância alguma. Ela e seus comparsas não mais procurei notícias e nem quis saber do que aconteceu a eles mais tarde. Já não mais interessava esse assunto. Procurei não me envolver e assim viver melhor.

Tinha uma certeza comigo que estivessem onde quer que fosse estariam conforme escolheram e com certeza de acordo com suas consciências.

Pode ser que minha veia artística renasça novamente em Paris, Palermo ou Monreale, ou em qualquer outro lugar, afinal, a poesia já fizera parte de minha vida e era um entretenimento juvenil do qual sinto saudades.

Novamente a felicidade batia a minha porta e eu descobri que até, quando eu me considerava infeliz, estava tendo a oportunidade de sentir e apreciar os sentimentos humanos que fazem parte do aprendizado.

Nascemos para descobrir que estamos cada dia mais e mais perto da perfeição que é o objetivo maior de nossa presença na terra.

Aprendi que não importa o que fazemos ou não. O que importa é a nossa consciência tranqüila de que pelo menos tentamos o melhor naquele momento.

Não devemos julgar nossos semelhantes pelos seus atos. Muitas vezes, aqueles que julgamos nos prejudicar são os seres que nos impulsionam na tomada de decisões e fazem movimentar nossa energia a fim de que alcancemos a perfeição com maior rapidez.

Nós também somos algozes de outros seres para que eles também alcancem os objetivos deles.

Caímos e levantamos várias vezes na vida. O que importa não é as vezes que caímos, mas as vezes que levantamos e permanecemos em pé.

Espero não ter nova recaída, mas se tiver tenho certeza que levantarei e me mantereirei em pé mais uma vez.

Decidi que vou continuar lutando para manter minha filha junto a mim, embora a primeira vista ficasse em melhores condições financeiras com os avós paternos, mas reconsiderarei. Uma criança necessita muito mais de amor e compreensão do que de bens materiais.

O dinheiro é um bem agradável, mas não é tudo.

Ia esquecendo: esta noite sonhei que Josefina e Amália andavam juntas por uma relva macia e extremamente verde. Ambas sorriam.

Não sei se voltarei para contar de meu novo casamento, mas se não voltar podem crer é porque fui muito feliz.

Mas, pensando bem, posso repartir com vocês o crescimento de minha filha e outros acontecimentos em minha vida.

Então, deixo-lhes um até breve.